



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

**Guardião da Moral, Paladino da Verdade:
Estratégias discursivas anti-gênero e anti-imprensa no Twitter de Jair
Bolsonaro no período eleitoral e pré-eleitoral de 2022**

Dandara Oliveira Lima

**BRASÍLIA – DF
2023**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

Guardião da Moral, Paladino da Verdade:
Estratégias discursivas anti-gênero e anti-imprensa no Twitter de Jair Bolsonaro
no período eleitoral e pré-eleitoral de 2022

Dandara Oliveira Lima

Trabalho apresentado à Banca Examinadora de Exame de Qualificação de Dissertação como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Comunicação.

Linha de Pesquisa: Poder e Processos Comunicacionais.

Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Liliane Maria Macedo Machado.

BRASÍLIA – DF

2023
Dandara Oliveira Lima

Guardião da Moral, Paladino da Verdade:
Estratégias discursivas anti-gênero e anti-imprensa no Twitter de Jair Bolsonaro
no período eleitoral e pré-eleitoral de 2022

Trabalho apresentado à Banca Examinadora de
Exame de Dissertação como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestra em Comunicação.

Aprovada em: 18 de dezembro de 2023

Banca examinadora:

Profa. Dra. Liliane Maria Macedo Machado – PPGCom
FAC/UnB Orientadora

Profa. Dra. Daniela Ramos Osvald – USP
Membro

Profa. Dra. Liziane Soares Guazina – PPGCom FAC/UnB
Membro

Profa. Dra. Nélia Rodrigues Del Bianco – PPGCom FAC/UnB
Membro Suplente

Dedico esta dissertação a todas as jornalistas e comunicadoras sociais que resistem às violências, constrangimentos e à desvalorização no cotidiano dessa profissão tão ingrata. Vocês me inspiram.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora que, por duas vezes - a primeira na graduação -, aturou meus tropeços e meus esforços de abraçar o mundo. Há 10 anos, a Prof^a. Dr^a. Liliane Machado foi a primeira a falar sobre comunicação e gênero em sala de aula ao ministrar a disciplina de Teorias da Comunicação II. Este foi, certamente, um dos primeiros passos para o despertar de uma pesquisadora feminista. E sabemos que é um caminho sem volta.

Sou muito grata ao meu companheiro, Fábio Martins, por cuidar e zelar por mim e por nós. Por todos os diálogos que tivemos no período de minha pesquisa, por comemorar meus trunfos como se fossem seus, por segurar minha mão quando esqueço de mim. Também agradeço à minha sogra, Sueli, por toda a energia positiva que ela sempre emana, e à minha tia Dinorá, jornalista como eu, que sempre foi um exemplo de empoderamento e determinação.

Agradeço a todas as membros - mas, principalmente, às mulheres que compõem o Grupo de Trabalho de Gênero - do Observatório da Violência Contra Jornalistas e Comunicadores Sociais, iniciativa coordenada pela Secretaria Nacional de Justiça do Ministério da Justiça e Segurança Pública (SENAJUS/MJSP). Em especial, agradeço à Lázara Carvalho, minha amiga e Secretária-Executiva do Observatório, por não ter titubeado quando expressei meu interesse em criar um Grupo de Trabalho com foco em Gênero, para endereçar as violências específicas que mulheres sofrem por serem mulheres. Cito, nominalmente, Samira de Castro, atualmente presidenta da FENAJ - Federação Nacional de Jornalistas, e à Carla Egydio, Diretora de Relações Institucionais da Ajor - Associação de Jornalismo Digital, por todas as conversas e pelo trabalho essencial que as duas entidades prestam.

Sou grata a Prof^a. Dr^a. Daniela Osvald, que conheci por acaso ao me inscrever como aluna especial em uma disciplina ministrada por ela na ECA/USP, e que me abriu os olhos para o mundo de possibilidades que a Sociologia da Violência traria para a minha pesquisa. Além disso, agradeço à Daniela pelo trabalho incansável de pesquisa, produção de dados e busca de soluções práticas para acabarmos com este problema grave que é a violência contra jornalistas e comunicadores, especialmente mulheres.

Agradeço aos meus colegas do Grupo de Pesquisa “Madalenas em Ação: Estudos Feministas e de Gênero em Comunicação”, coordenado por minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Liliane Machado, onde encontramos abrigo para as incertezas e orientação para as dúvidas, além de debates provocadores, inteligentes e que, certamente, enriqueceram esta pesquisa. Em especial, agradeço aos meus irmãos de orientação, os mestres Lucas Jansen e Aline Czezacki.

Também sou muito grata à minha melhor amiga, Wemily Queiroz, que há 15 anos é meu refúgio, mas que, em 2022, superou-se e deu à luz o bebê mais amado do mundo, meu afilhado Chico. Agradeço à minha sócia e amiga, Bárbara Rodarte; à Isabela Farinha, Carlos Victor Loos, Ana Júlia Melo, Bruna Carolli, Aline Hack, com quem tive conversas, nestes dois anos, que serviram como combustível para que eu continuasse.

Agradeço ainda às minhas colegas de trabalho do Ministério das Mulheres com quem dividi a maioria dos meus dias nos últimos 10 meses. Especialmente, agradeço à Eliane Barros pelo coração gigante, pelos ouvidos atentos e por sua solidariedade.

Por último e também mais importante, agradeço aos meus pais, Maria do Carmo e Marco Antônio, por formarem uma soma improvável que nos momentos de desmoronamento revela-se, sempre, a matemática perfeita para uma estrutura sólida. Em vocês, sempre encontro amor, solidariedade e confiança. Admiro-os com todas as partes de mim, hoje mais que ontem e amanhã muito mais que hoje.

Obrigada.

RESUMO

Essa dissertação trata das estratégias discursivas do ex-presidente da República Jair Bolsonaro que geram efeitos de sentido anti-gênero e anti-imprensa resultando em narrativas de violência cultural contra mulheres jornalistas em seu perfil pessoal no **Twitter** durante o período pré-eleitoral e eleitoral de 2022 - ou seja, de 15 de julho a 30 de outubro. Mais especificamente, o objetivo é compreender a importância da violência contra mulheres jornalistas para a pauta bolsonarista, bem como a importância do **Twitter** como instrumento para esta violência. Justifica-se a análise em face do crescimento no número de ameaças e ofensas a estas profissionais, em grande medida impulsionadas pelo ex-mandatário do Executivo Federal, e que transitam entre *online* e *offline* com os mesmos contornos misóginos. Associamos a leitura de teóricos da Sociologia da Violência para reconhecer a tipologia das violências contra mulheres jornalistas; bem como a leitura de comunicadores e cientistas políticos que nos permitiu perceber o caráter populista reacionário do discurso bolsonarista. Por fim, associamos os estudos de plataforma e teóricas que estudam gênero e feminismos para compreender como essas ambiências tornaram-se território de ódio contra mulheres e contra a liberdade de imprensa. À luz da Análise de Discurso de vertente francesa, reconhecemos formações discursivas que buscam o controle sobre o que é moral e o que é verdade, desafiando a credibilidade do jornalismo enquanto designa às mulheres o mesmo papel social patriarcal de “ventre da nação”.

Palavras-chave: Análise de Discurso (AD) francesa; Discurso Populista Reacionário, Estudos Feministas e de Gênero; Sociologia da Violência; **Twitter**.

RESUMEM

Esta disertación aborda las estrategias discursivas del expresidente de la República Jair Bolsonaro que generan efectos antigénero y antiprensa, resultando en narrativas de violencia cultural contra mujeres periodistas en su perfil personal de **Twitter** mientras el período preelectoral y electoral de 2022 - es decir, del 15 de julio al 30 de octubre. Más específicamente, el objetivo es comprender la importancia de la violencia contra las mujeres periodistas para la agenda bolsonarista, así como la importancia de **Twitter** como instrumento para esta violencia. El análisis se justifica ante el crecimiento del número de amenazas y agravios contra estos profesionales, impulsados en gran medida por el ex representante del Ejecutivo Federal, y que se mueven entre lo *online* y lo *offline* con los mismos contornos misóginos. Asociamos la lectura de los teóricos de la Sociología de la Violencia para reconocer la tipología de la violencia contra las mujeres periodistas; así como lecturas de comunicadores y politólogos que permitieron comprender el carácter populista reaccionario del discurso bolsonarista. Finalmente, combinamos estudios de plataforma y teorías del género y feminismos para comprender cómo estas plataformas se han convertido en un territorio de odio contra las mujeres y contra la libertad de prensa. A la luz del Análisis del Discurso francés, reconocemos formaciones discursivas que buscan control sobre lo que es moral y lo que es verdad, desafiando la credibilidad del periodismo mientras asignan a las mujeres el mismo papel social patriarcal como “útero de la nación”.

Palabras clave: Análisis del Discurso (DA) francés; Discurso Populista Reaccionario, Estudios Feministas y de Género; Sociología de la Violencia; **Twitter**.

ABSTRACT

This dissertation deals with the discursive strategies of former President of the Republic of Brazil Jair Bolsonaro that generate anti-gender and anti-press effects, resulting in narratives of cultural violence against women journalists on his personal **Twitter** profile during the pre-election and electoral period of 2022 - from July 15th to October 30th. More specifically, the objective is to understand the importance of violence against women journalists for the agenda of Jair Bolsonaro, as well as the importance of **Twitter** as an instrument for this violence. The analysis is justified taking into account the growth in the number of threats and offenses against these professionals, largely driven by the former representative of the Federal Executive, and which move between *online* and *offline* with the same misogynistic contours. We associate the reading of Sociology of Violence theorists to recognize the typology of violence against women journalists; as well as reading communicators and political scientists that allowed us to understand the reactionary populist character of the bolsonarist discourse. Finally, we combine platform studies and theories that study gender and feminisms to understand how these environments have become a territory of hatred against women and against freedom of the press. In light of French Discourse Analysis, we recognize discursive formations that seek control over what is moral and what is true, challenging the credibility of journalism while assigning women the same patriarchal social role as “womb of the nation”.

Keywords: French Discourse Analysis (DA); Reactionary Populist Discourse, Feminist and Gender Studies; Sociology of Violence; **Twitter**.

ÍNDICE DE FIGURAS, TABELAS, GRÁFICOS E IMAGENS

Figura 1 - A Tipologia da Violência Manifesta - GALTUNG, 1969 -----	27
Figura 2 - Triângulo da Violência adaptado ao contexto brasileiro a partir de 2018 - RAMOS E SAAD, 2022 -----	31
Figura 3 - Triângulo da Violência adaptado ao contexto da violência contra mulheres jornalistas - LIMA (Autora), 2023 -----	36
Quadro 1 - Primeira tipologia da violência - GALTUNG, 1981 -----	28
Quadro 2 - Necessidades básicas, materiais e não-materiais - GALTUNG, 1981 - 29	
Quadro 3 - Violência Direta - O'CONNOR, 2020 -----	32
Quadro 4 - Violência Estrutural - O'CONNOR, 2020 -----	33
Quadro 5 - Violência Cultural - O'CONNOR, 2020 -----	35
Quadro 6 - Registros de violência direta de Jair Bolsonaro contra mulheres jornalistas em 2022 - FENAJ, 2023 -----	56
Quadro 7 - Vetores de expressão das desigualdades de gênero no jornalismo - LELO, 2019 -----	62
Quadro 8 - Parte dos ataques cometidos pelo então presidente Jair Bolsonaro classificados como "descredibilização da imprensa" e lista de narrativas de violência cultural - FENAJ, 2023; O'CONNOR, 2020 -----	65
Gráfico 1: Totalidade de tuítes do <i>corpus</i> após primeira categorização - LIMA (Autora), 2023 -----	107
Gráfico 2: Proporção por categoria de discurso populista reacionário na pré-campanha - LIMA (Autora), 2023 -----	109
Gráfico 3: Proporção por ocorrência de cada Formação Discursiva (FD) encontrada nos tuítes publicados entre 15 de julho e 30 de outubro - LIMA (Autora), 2023 ---	110
Gráfico 4: Tuítes da pré-campanha após primeira categorização - LIMA (Autora), 2023 -----	111
Gráfico 5: Proporção por categoria publicados na pré-campanha - LIMA (Autora), 2023 -----	112
Gráfico 6: Proporção por Formação Discursiva encontrada na pré-campanha - LIMA (Autora), 2023 -----	114
Gráfico 7: Tuítes do primeiro turno após primeira categorização - LIMA (Autora), 2023 -----	115
Gráfico 8: Proporção por categoria nos tuítes publicados no primeiro turno - LIMA (Autora), 2023 -----	116
Gráfico 9: Proporção por Formação Discursiva encontrada no primeiro turno - LIMA (Autora), 2023 -----	117
Gráfico 10: Tuítes do segundo turno após primeira categorização - LIMA (Autora), 2023 -----	118
Gráfico 11: Proporção por categoria nos tuítes publicados no segundo turno - LIMA (Autora), 2023 -----	119

Gráfico 12: Comparação por período das principais categorias - LIMA (Autora), 2023 -----	120
Gráfico 13: Proporção por Formação Discursiva encontrada no segundo turno - LIMA (Autora), 2023 -----	121
Imagens 1 a 18: Tuítes de @jairbolsonaro de 26 de julho de 2022 -----	128
Imagem 19: Tuíte de @jairbolsonaro de 14 de agosto de 2022 -----	138
Imagem 20: Tuíte de @jairbolsonaro de 26 de agosto de 2022 -----	139
Imagens 21 a 24: Exemplos de tuítes que reforçam a performatividade de gênero de Jair Bolsonaro -----	141
Imagens 25 a 27: Tuítes sobre linguagem neutra que reforçam performatividade masculinista -----	145
Imagens 28 a 30: Tuítes sobre “caminhos opostos” em que Jair Bolsonaro posiciona-se como a favor de sistemas que reproduzem desigualdades -----	146
Imagem 31: Tuíte com o uso de paráfrase -----	148
Imagens 32 e 33: Tuítes com discurso desinformativo de 19 de julho de 2022 -	150
Imagens 34 e 35: Tuítes em que Jair Bolsonaro captura o gênero jornalístico para questionar o próprio jornalismo -----	153
Imagem 36: Tuíte em que Jair Bolsonaro captura a imprensa para descredibilizá-la, publicado na véspera do segundo turno, em 29 de outubro de 2022 -----	156
Imagem 37: Tuíte em que Jair Bolsonaro utiliza trecho da Rádio Jovem Pan para desacreditar outros canais de imprensa -----	158
Imagem 38: Tuíte sobre entrevista concedida ao Pânico na Jovem Pan -----	161
Imagem 39: Tuíte em que Jair Bolsonaro captura a imprensa falseando uma manchete do G1 -----	162
Imagem 40: Tuíte de @jairbolsonaro de 4 de agosto de 2022 em que ele mobiliza as FDs Desintermediação e Paladino da Verdade -----	164
Imagens 41 a 46: Tuítes de 3 de outubro de 2022 com cenografia da imprensa no papel de vilã -----	166
Imagens 47 a 50: Tuítes de @jairbolsonaro de 26 de agosto de 2022 em que ele critica a Rede Globo, enquanto afirma que defende a liberdade de imprensa -----	169
Imagem 51: Tuíte de 21 de outubro de 2022 em que Jair Bolsonaro encena o papel de Paladino da Verdade -----	173
Imagens 52 a 54: <i>Fio</i> de tuíte de 16 de outubro de 2022 com textos e imagens de enquadramento moral, associados a manchetes de jornais e ao pedido para que bolsonaristas possam “esclarecer a verdade” -----	174
Imagem 55: Tuíte de @jairbolsonaro de 22 de agosto de 2022 com característica de discurso populista reacionário “anti-imprensa” sobre Sabatina na Globo -----	178
Imagem 56: Tuíte de @jairbolsonaro de 22 de agosto de 2022 com característica de discurso populista reacionário “anti-imprensa” sobre Sabatina na Globo -----	179
Imagem 57: Tuíte de @jairbolsonaro de 01 de setembro de 2022 com característica de discurso populista reacionário “anti-imprensa” sobre Gabriela Prioli -----	181
Imagem 58: Tuíte de 01 de setembro de 2022 com elogio aos profissionais da Rede TV. -----	184
Imagem 59: Tuíte de @jairbolsonaro com diversas características de discurso populista reacionário, como discurso de ódio contra pessoas LGBTQIAP+,	

religiosidade moralizante e binarismo entre nós <i>versus</i> eles -----	185
Imagens 60 a 64: Tuítes de 2 de setembro de 2022 com características anti-imprensa em resposta a Gabriela Prioli. -----	186
Imagem 65: Tuíte de 7 de outubro de 2022 em resposta à jornalista Madeleine Lackso -----	189
Imagens 66 e 67: Tuítes de @madeleinelacsko de 7 de outubro de 2022 para provocação da militância dos dois principais candidatos, Jair Bolsonaro e Luiz Inácio Lula da Silva -----	189

SUMÁRIO

ÍNDICE DE FIGURAS, TABELAS, GRÁFICOS E IMAGENS	10
INTRODUÇÃO	16
1. VIOLÊNCIA E PODER	22
1.1 Mobilidade da categoria violência	24
1.2 Tipologia da violência	26
1.3 Violência Cultural	30
2. GÊNERO E PATRIARCADO	37
2.1 O conceito de gênero	40
2.2 O conceito de patriarcado	44
2.3 Gênero e violência	47
3. SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES JORNALISTAS	50
3.1 Como acontecimento	56
3.2 Como estrutura	59
3.3 Como narrativa cultural	64
4. O DISCURSO BOLSONARISTA	79
4.1 Sobre a extrema direita e o populismo reacionário	81
4.2 O que entendemos por discurso	85
4.3 Método do discurso populista reacionário	86
4.3.1 <i>Shareability</i> e a instrumentalização do fazer jornalístico	87
4.3.2 Discurso de ódio e misoginia online	91
4.4 Meio para o discurso populista reacionário	94
4.4.1 Reflexões sobre a autonomia da tecnologia	96
4.4.2 Por dentro do Twitter	98
5. METODOLOGIA	101
5.1 Contexto e jogos de cena	104
5.2 Caminho metodológico	106
5.2.1 Pré-campanha	110
5.2.2 Primeiro Turno	114
5.2.3 Segundo Turno	117
5.3 Formações discursivas	121
5.3.1 Guardiã da Moral	122
5.3.2 Paladino da Verdade	123
5.3.3 Desintermediação	124
5.3.4 Imprensa Capturada	125
6. ANÁLISE DISCURSIVA	126

6.1 Eu, Guardião da Moral -----	127
6.1.1 Um Messias -----	127
6.1.2 Homem com H -----	136
6.1.3 Ventres da Nação -----	145
6.2 Captura e Desintermediação -----	149
6.3 Paladino da Verdade -----	165
6.4 Enquadrando mulheres jornalistas -----	178
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	192
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	196
LISTA DE TUÍTES CITADOS -----	213

INTRODUÇÃO

Exatos dez anos separam a entrega do meu trabalho de conclusão de curso em Jornalismo desta dissertação¹. Neste meio-tempo, dediquei-me quase integralmente à comunicação política, seja em redação cobrindo pautas setorializadas ou do outro lado, atuando junto a políticos e partidos em seus mandatos ou em campanhas eleitorais. Acompanhei o crescimento no uso de redes sociais para fins eleitorais nesta década com interesse e assombro. Interesse porque a promessa de uma comunicação mais barata e acessível para o público era muito tentadora e assombro porque, aos poucos, fui notando as possibilidades nunca antes exploradas pela comunicação eleitoral, como a utilização de *microtargeting*² a partir de interesses e o uso de *big data*³ para a previsão de comportamentos.

Em 2018, ano em que o ex-presidente Jair Bolsonaro foi eleito, eu coordenei uma campanha ao Senado Federal no Maranhão⁴ e outras duas campanhas de deputados federais em Brasília (DF). Foi o primeiro ano em que as campanhas políticas puderam fazer anúncios nas redes sociais, utilizando de *microtargeting* e com pouco escrutínio do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Apesar de minha experiência na área, também fui pega de surpresa.

Assisti boquiaberta a vitória de "um homem que declarou abertamente sua misoginia, sua homofobia, sua negrofobia, seu desprezo pelos povos indígenas, sua vontade de vender o Brasil ao melhor pagador" (VERGÉS, 2020, p. 29). Posicionamentos que continuariam em voga mesmo depois de sua posse. Todos os dedos apontavam para as redes sociais. "Culpadas!", diziam jornalistas, especialistas, pesquisadores. Era apenas o começo de um relacionamento duradouro e profícuo entre política e Plataformas no contexto brasileiro.

A centralidade das redes sociais transformou-se em estratégia de governo. "Jair Bolsonaro transformou o mundo analógico em um grande estúdio de produção de

¹ Nesta introdução optamos pela voz ativa na primeira pessoa do singular para explorar os motivos pessoais que levaram a autora a realizar esta pesquisa. Nos demais capítulos, optamos pela terceira pessoa do plural conforme é de praxe.

² *Microtargeting* ou microsegmentação é uma estratégia de marketing possibilitada pelas Plataformas Digitais em que o profissional consegue definir um público alvo a partir de informações específicas baseadas em características demográficas, geográficas ou de interesses. Essas características são mapeadas pelas Plataformas a partir de sistemas de algoritmos de previsão de comportamento. Isso ajuda anúncios a impactarem especificamente pessoas que possam se interessar neles. Este tipo de estratégia passou a ser permitida em anúncios eleitorais no Brasil a partir das eleições de 2018. Para saber mais: A Intrincada Face do Marketing Político Digital: um estudo sobre o direcionamento de propagandas políticas por meio de plataformas digitais, de Artur Guimarães. Disponível em: <https://static.casperlibero.edu.br/uploads/2022/08/Arthur-Guimara%CC%83es.pdf> Acesso em: 26 de out. 2023.

³ Abordaremos algoritmos mais detalhadamente no Capítulo 4.

⁴ À época, a campanha de Alexandre Almeida (PSDB/MA) foi destaque em notícia da Revista Piauí sobre os gastos dos candidatos com anúncios em redes sociais nas primeiras duas semanas de campanha. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/muito-gasto-para-pouca-curtida/>. Acesso em: 26 de out. 2023.

conteúdo para essas plataformas" (LAGO, 2022, p. 52). A imprensa revelou a criação de um "Gabinete do Ódio"⁵ dentro do Palácio do Planalto que organizava a atuação de milícias digitais para ataques coordenados a adversários do ex-presidente Jair Bolsonaro.

Foram banidos os instrumentos de diálogo com a imprensa e jornalistas foram obrigados a processos de reinvenção na atividade profissional uma vez que deixaram de ter acesso às declarações oficiais para contentar-se com o uso excessivo da conta de Twitter pessoal do ex-mandatário⁶. Em média, Bolsonaro tuitava **sete**⁷ vezes por dia, segundo levantamento da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI, 2021). Vale o adendo sobre a definição do que é Twitter, segundo a própria Plataforma:

Um serviço por meio do qual amigos, familiares e colegas de trabalho podem se comunicar e se manter conectados, trocando mensagens rápidas e frequentes. As pessoas publicam *posts*, que podem conter fotos, vídeos, *links* e texto. Essas mensagens são publicadas em seu perfil e enviadas a seus seguidores, podendo ser encontradas por meio da busca do *Twitter*.⁸

Para Paulino e Waisbord (2020), a afinidade com as redes sociais é uma característica fundamental para compreender a estratégia de comunicação de políticos que seguem a cartilha do "populismo reacionário contemporâneo"⁹. Não raro, tuítes de Jair Bolsonaro ganharam valor-notícia até mesmo para pautar manchetes em grandes jornais. Ao utilizar o Twitter para anunciar informações que, de outra feita, estariam nos órgãos oficiais e seriam compartilhadas para os jornalistas em releases, avisos de pauta e coletivas; a comunicação pública foi restringida por decisão monocrática do ex-presidente.

Além disso, em seu primeiro ano de governo, Jair Bolsonaro passou a figurar como o principal autor de ataques a veículos de comunicação e a jornalistas, segundo a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ)¹⁰. De 430 ocorrências de violência

⁵ Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/bolsonaro-e-o-gabinete-do-odio-entenda-as-investigacoes-da-pf/> Acesso em: 26 de out. 2023.

⁶ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/bolsonaro-faz-do-twitter-seu-palanque-virtual-23572419>. Acesso em: 4 de mai. 2022.

⁷ Disponível em: <https://abraji.org.br/noticias/mais-de-98-dos-tweets-do-presidente-sao-de-interesse-publico> Acesso em: 16 de jul. 2022.

⁸ Essa e outras definições básicas sobre termos como *tweet* (ou tuíte) e *retweet* podem ser encontradas no FAQ da Plataforma, disponível em: <https://help.twitter.com/pt/resources/new-user-faq>. Acesso em: 16 de jul. 2022. Cabe notar que desde julho de 2023, a Plataforma Twitter foi rebatizada de X. Uma vez que esta pesquisa já estava em andamento, optamos por continuar chamando-a de Twitter, bem como suas postagens de tuítes.

⁹ Retomaremos o debate sobre o discurso populista reacionário no Capítulo 4.

¹⁰ Optamos por utilizar esse material como referência por conta da atualidade dos dados apresentados desde 1990 e por se tratar de uma entidade que atua na representação trabalhista de jornalistas tanto na esfera cível quanto na criminal, exatamente onde convergem as denúncias de violência.

contra jornalistas registradas em 2021, 147 foram cometidas por Jair Bolsonaro¹¹. Ou seja, o ex-presidente foi o autor de 34,19% das ocorrências.

Neste contexto, o crescimento dos ataques contra mulheres jornalistas chamava minha atenção. Primeiro por ocorrerem majoritariamente no ambiente online (68%) e principalmente no Twitter, e depois porque a maioria das agressões foram desencadeadas pela cobertura jornalística de pautas políticas (ABRAJI e UNESCO, 2022, p. 34-36)¹². Mas foi a partir da leitura do livro "*A máquina do ódio: Notas de uma repórter sobre fake news e violência digital*" (2020) de Patrícia Campos Mello que surgiu a inquietação para o desenvolvimento desta pesquisa.

Mello é alvo de grupos bolsonaristas e do próprio Jair Bolsonaro desde 2018¹³. Para a repórter da Folha de SP, os episódios em que o ex-presidente ofendia ou atacava jornalistas tinham o objetivo de funcionar como uma censura informal e as vítimas preferenciais eram as mulheres jornalistas em razão de seu gênero (2020, p. 79). Ao escancarar as características das violências que sofreu, Mello despertou em mim a curiosidade de entender o método por trás dessas violências que me incomodavam tanto por seu caráter misógino e pelo uso das redes sociais, especialmente o Twitter.

Diante do exposto, todas as postagens de Jair Bolsonaro na Plataforma Twitter, principal rede onde ocorrem os episódios de violência contra mulheres jornalistas (ABRAJI e UNESCO, 2022, p. 34), publicadas durante o período pré-eleitoral e eleitoral de 2022, ou seja, de 15 de julho a 30 de outubro, foram capturadas, mapeadas e analisadas. O intuito é observar como o então presidente da República se referia ao jornalismo e, especialmente, às mulheres jornalistas? Será o Twitter uma ambiência relevante para o discurso anti-gênero e anti-imprensa de Jair Bolsonaro? Continuaram, no período analisado, os ataques à imprensa e ao trabalho das jornalistas? O gênero dessas profissionais é relevante para a escolha ou método de Jair Bolsonaro ao promover tais ataques?

Buscar essas respostas é relevante porque o uso do Twitter garante uma "sofisticação das práticas de violência contra jornalistas" (BRONOSKY e RIOS, 2020, p. 103), gerando um "acirramento social que, gradativamente, amplia os riscos para o exercício da profissão" (*Ibid.*, p. 99). O Brasil é um dos países que receberam maior destaque no Relatório **Varieties of Democracy (V-Dem)** de 2021

¹¹ Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2022/01/FENAJ-Relat%C3%B3rio-da-Viol%C3%Aancia-Contra-Jornalistas-e-Liberdade-de-Imprensa-2021.pdf>. Acesso em: 16 de jul. 2022.

¹² Disponível em: https://abraji-bucket-001.s3.sa-east-1.amazonaws.com/uploads/publication_info/details_file/fd562733-fde3-42d5-b763-0974253a3207/Relat_rio_Viol_ncia_de_g_nero_contra_jornalistas_PT.pdf Acesso em: 16 de jul. 2022.

¹³ Guazina, Leite e Santos (2021, p. 55) pontuam que o episódio envolvendo Patrícia "personalizou" um hábito que já era comum na vida pública de Jair Bolsonaro: o discurso anti-gênero.

publicado pelo Departamento de Ciência Política da Universidade de Gothenburg. O material analisou 30 milhões de pontos sobre qualidade democrática referentes a dados de 202 países de 1789 a 2020.

Segundo o relatório, que cita o crescimento da hostilidade de Jair Bolsonaro com a imprensa e o hábito do Governo em divulgar informações falsas (LINDBERG *et al*, 2021, p. 23), há um padrão para o processo de transformação de um País de uma democracia para uma autocracia. "Os governos dominantes primeiro atacam a mídia e a sociedade civil, e polarizam a sociedade desrespeitando os oponentes e espalhando informações falsas, apenas para então minar as instituições formais" (*Ibid.*, p. 7)¹⁴.

O discurso anti-imprensa de Jair Bolsonaro gera consequências como uma ofensiva pela baixa qualidade da oferta noticiosa, o comprometimento da fruição ao direito à informação e o prejuízo ao acesso a informações credíveis, o que, ao final, pode interferir na qualidade da democracia (BRONOSKY e RIOS, 2020, p. 99).

O objetivo principal desta pesquisa é estudar os efeitos de sentido nos tuítes da conta pessoal de Twitter do ex-presidente da República, Jair Bolsonaro, quando este se refere às mulheres jornalistas e ao jornalismo, de maneira geral, entre o período de 15 de julho de 2022 a 30 de outubro do mesmo ano.

Já os objetivos específicos são: a) compreender qual a importância da violência contra jornalistas para a pauta bolsonarista, bem como a importância do Twitter; b) relacionar os episódios de violência com as notícias ou coberturas publicadas/realizadas pelas profissionais vítimas dos ataques; c) apresentar os principais conceitos sobre poder, violência, gênero, extrema-direita, populismo reacionário, formação discursiva, plataformização e valores-notícia x valores-algoritmo; d) investigar as formações discursivas mobilizadas para referir-se aos jornalistas e ao jornalismo enquanto instituição, e sobre as mulheres jornalistas, em especial; e) analisar estas formações discursivas com base nos conceitos foucaultianos de poder, vontade de verdade e formações discursivas, além da análise de discurso francesa orientada por Eni Puccinelli Orlandi e Dominique Maingueneau.

Para alcançar estes objetivos, o aporte teórico/metodológico será a análise de discurso de vertente francesa, pois ela permite a compreensão sobre o funcionamento da linguagem para além daquilo que é dito, uma vez que entende o discurso a partir da associação entre texto e contexto, entre a linguagem e sua materialidade. Estas reflexões serão associadas à perspectiva foucaultiana sobre formações discursivas e exercício do poder. Como explicam Machado e Moraes,

¹⁴ Em livre tradução: "Ruling governments first attack the media and civil society, and polarize societies by disrespecting opponents and spreading false information, only to then undermine formal institutions".

"nos termos foucaultianos, o poder é do tipo disciplinar, que organiza o espaço e controla o tempo. [...] É percebido nas normas e nos constrangimentos do discurso, nos saberes privilegiados e nos processos de validação da verdade que formatam mensagens" (2019, p. 109).

O corpus foi consolidado através da ferramenta de monitoramento de ocorrências em redes sociais, **KnewIn Social**, uma plataforma de Inteligência Artificial (IA) onde é possível monitorar palavras chaves ou menções sobre produtos ou personalidades e - naquilo que interessa ao presente trabalho - em perfis abertos, como é o caso da conta @jairbolsonaro. No total, a conta @jairbolsonaro publicou **789** tuítes de 15 de julho a 30 de outubro de 2022 e todos foram analisados nesta pesquisa.

A categorização dos tuítes foi realizada de acordo com as sete características de discurso populista reacionário, com especial destaque para as características anti-imprensa e desinformação. Esta categorização possibilitou o reconhecimento de quatro formações discursivas que geram efeitos de sentido anti-imprensa e/ou anti-gênero.

Seguindo a sugestão de Michel Foucault, o discurso foi observado levando em conta a "cultura e as condições históricas, as condições econômicas, as condições políticas de seu aparecimento e de sua formação" (2006, p. 49). Assim, para complementar a análise, as reportagens das jornalistas e jornais citados para compreender a causa e o efeito entre o agendamento que cada profissional estava realizando em sua atividade laboral e os ataques que Jair Bolsonaro realizou em resposta foram buscadas.

Esta dissertação foi estruturada em seis capítulos. No capítulo **Violência e Poder** busca-se compreender a forma como a violência se relaciona com o poder, já que é comum que os dois termos sejam associados. Para isto, foi feita a leitura da filósofa Hannah Arendt sobre violência, totalitarismo e sobre verdade fatural. Como este trabalho propõe uma análise discursiva, também há referências a Michel Foucault para compreender como o poder atravessa ou se faz no discurso. Com autores da Sociologia da Violência, apresentada pela perspectiva de Johan Galtung, Michel Wieviorka e Taylor O'Connor, concluiu-se o capítulo apresentando uma sugestão de tipologia e como a violência contra mulheres jornalistas sustenta-se em três vetores: violência direta, estrutural e cultural.

No capítulo **Gênero e Patriarcado** são apresentados os instrumentos necessários para a compreensão dos conceitos de gênero, sistemas patriarcais e hegemônicos, e a permanência da violência contra mulheres como base para a performatividade de gênero, em que mulheres sofrem a violência enquanto homens a administram. As autoras utilizadas neste capítulo são as historiadoras Joan Scott, a cientista política Françoise Vergès; as brasileiras teóricas do feminismo negro, Lélia

Gonzalez, Sueli Carneiro e Djamila Ribeiro; as filósofas Judith Butler e Cinzia Aruzza; e as sociólogas Jules Falquet, Heleith Saffioti e Lourdes Bandeira.

Já no capítulo **Sobre a violência contra mulheres jornalistas**, foi apresentado o panorama desse fenômeno nos diferentes relatórios e pesquisas desenvolvidos no Brasil e no exterior. Depois de apresentar esse estado da arte, o Triângulo da Violência de Johan Galtung foi colocado à prova com a descrição da violência contra as mulheres jornalistas em três vetores, como manifestação direta, estrutural e cultural.

O capítulo **O Discurso Bolsonarista** busca compreender a natureza do discurso bolsonarista, partindo do entendimento sobre o movimento político a que Jair Bolsonaro faz parte, o populismo reacionário. Depois disso, a reflexão lançou luz sobre o método do discurso bolsonarista cuja centralidade está na instrumentalização da imprensa, no discurso de ódio e na misoginia; e as características do meio para o discurso bolsonarista, especialmente o Twitter, pela visada dos Estudos de Plataforma. Este é o Capítulo mais multidisciplinar da dissertação, uma vez que reúne a visão tanto de cientistas políticos como Cass Mudde, Miguel Lago, Paulo Henrique Cassimiro e Christian Lynch sobre extrema direita e populismo reacionário; como dos comunicadores Liziane Guazina, Fernando Paulino e Silvio Waisbord, Julio Cesar Lemes de Castro, Camilo Aggio, Raquel Longhi; e a historiadora Heloisa Murgel Starling. Além de teóricos do Jornalismo, como Tony Harcup e Deirdre O'Neill e Mauro Wolf; pesquisadores de Tecnologia e Plataformização, como Tarleton Gillespie, William Araújo e Mozart Silva, Frank Pasquale, Carlos D'Andrea, Andrew Feenberg, Simone Natale, Evgevy Morozov, Sivaldo Silva, Nina Santos, Raquel Recuero e Mariana Valente; e dos sociólogos Sérgio Amadeu, Jessie Daniels, Brian Ott e Luiz Valério Trindade.

No capítulo **Metodologia** os conceitos da Análise de Discurso francesa foram aprofundados, especialmente formações discursivas, jogo de cena e efeitos de sentido. Isso foi feito a partir da leitura de teóricos como Michel Foucault, Eni Puccinelli Orlandi e Dominique Maingueneau. Também foi apresentado o caminho metodológico que permitiu reconhecer as formações discursivas que foram colocadas sob análise no último capítulo. A categorização foi iniciada a partir do uso de método quantitativo. Todos os tuítes foram categorizados em uma ou mais das sete características de discurso populista reacionário, conforme leitura dos cientistas políticos citados no parágrafo anterior.

Por fim, no capítulo **Análise Discursiva** são apresentados os tuítes que permitem notar as quatro formações discursivas reconhecidas na metodologia: Guardiã da Moral, Paladino da Verdade, Desintermediação e Imprensa Capturada. Também é abordado o "Enquadramento sobre Mulheres Jornalistas" com a análise, caso a caso, dos tuítes que se referem às cinco jornalistas citadas ou expostas pelo ex-presidente no Twitter no período compreendido no *corpus*.

CAPÍTULO 1 – VIOLÊNCIA E PODER

Neste capítulo buscamos compreender a forma como a violência se relaciona com o poder, já que é comum que os dois termos estejam associados. Concluímos o capítulo apresentando uma sugestão de tipologia e como a violência contra mulheres jornalistas sustenta-se em três vetores: violência direta, estrutural e cultural.

É comum que a noção de violência seja associada à noção de poder ou, na seara dos debates sobre poder, seja naturalizada como parte intrínseca ao poder. Hannah Arendt¹⁵ propõe uma diferenciação relevante entre os dois conceitos. Segundo ela, o poder "é um instrumento de domínio, enquanto o domínio [...] deve sua existência a um instinto de dominação" (ARENDR, 2022, p. 48). Sendo assim, a vontade de poder e, por outro lado, a vontade de obedecer estão necessariamente interligadas. Isso desloca a questão do poder para as mãos da sociedade. Ou seja,

é o apoio do povo que confere poder às instituições de um país, e esse apoio não é mais do que a continuação do consentimento do que trouxe as leis à existência. Sob condições de um governo representativo, supõe-se que o povo domina aqueles que o governam. Todas as instituições políticas são manifestações e materializações do poder; elas se petrificam e decaem tão logo o poder vivo do povo deixa de sustentá-las (ARENDR, 2022, p. 53).

Esta alegação nos parece adequada na medida em que notamos a disputa em torno da legitimidade da categoria "povo" quando evocado em discursos do ex-presidente Jair Bolsonaro, especialmente durante o período eleitoral e pré-eleitoral de 2022. Por exemplo, em tuíte de 26 de julho de 2022, o presidente afirmou que "somos um só povo, uma só nação [...] Entre nós há brasileiros, (sic) que temem a Deus, que defendem a nossa Pátria amada chamada Brasil, que respeitam a família e que amam a liberdade!" (BOLSONARO, 2022)¹⁶.

O cientista político Miguel Lago resume afirmando que "a ficção bolsonarista seria a de reduzir a pluralidade e a imensa diversidade da população brasileira em uma identidade única de povo brasileiro" (LAGO, 2022, p. 62). Como se o "nosso povo" fosse uma massa homogênea que professa uma só fé e que é movida pelos mesmos valores. Como veremos, advogar por uma categoria unívoca de povo é

¹⁵ Cabe notar que Hannah Arendt teorizou sobre a relação poder-violência em um período muito específico. Era 1969, ano seguinte às revoluções culturais que mobilizaram estudantes do norte global. Também acontecia a Guerra do Vietnã e a discussão calorosa na chamada "nova esquerda" sobre o papel que a violência deveria ter na resistência à opressão do sistema capitalista global que estava em expansão.

¹⁶ BOLSONARO, Jair. 26, jul., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1552095192035086336>. Acesso em: 14 de out. 2023.

característica central do discurso populista reacionário¹⁷, utilizado por muitos políticos na contemporaneidade.

Portanto, para avançarmos, nos parece importante reconhecer a competência político-eleitoral de Jair Bolsonaro que, para Miguel Lago (2022, p. 35), se dá, fundamentalmente, na habilidade de discurso do referido político que é potencializada nas conversações via redes sociais. De forma irônica, Lago (2022, p. 48) afirma que a extrema direita brasileira, cujo representante principal é o ex-presidente, parece ter lido Michel Foucault uma vez que entendeu que o poder não está concentrado nas instituições políticas. Ao contrário, está distribuído e presente em todas as interações sociais.

O discurso bolsonarista é feito visando essa fronteira entre o indivíduo e as construções sociais que limitam os seus micropoderes no dia a dia. [...] É a promessa de gozo pleno para todos aqueles que detêm algum nível de poder no país (LAGO, 2022, p. 49-50).

Por essa razão, notamos uma aproximação do pensamento de Hannah Arendt ao proposto por Michel Foucault quando ela advoga por um "corpo político e suas leis" que não sejam "superestruturas meramente coercitivas" (ARENDR, 2022, p. 48). Para sustentar isso, Arendt diferencia poder e violência. Enquanto poder não é propriedade individual, mas pertencente a um grupo e com a duração que equivale ao mesmo tempo em que esse grupo se mantém unido; a violência distingue-se por seu caráter *instrumental* (2022, p. 54-57 - grifo nosso).

Foucault também acredita que o poder é socialmente compartilhado e que não é violento. Para ele, a linguagem é o local principal da disputa¹⁸ e o controle do discurso é, *per se*, o próprio objeto do poder. O discurso

não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é também aquilo que é o objeto do desejo; visto que - isto a história não cessa de nos ensinar - o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (FOUCAULT, 2014, p. 10).

Inferimos que o poder seja negociado e manifestado através e no interior do discurso. Perder o controle do discurso, portanto, representa perder a autoridade intrínseca ao poder. Similarmente, Judith Butler defende que é através da linguagem que o Estado busca "manter o monopólio da violência" e, por isso, "será necessário compreender e avaliar os modos como a violência é constituída e atribuída no interior de um campo de poder discursivo, social e estatal" (BUTLER, 2021, p. 25).

¹⁷ Cass Mudde (2019) define o populismo como "uma ideologia rasa que vislumbra a sociedade separada fundamentalmente em dois grupos homogêneos e antagônicos - o povo imaculado e a elite corrupta" (p. 23). Voltaremos a este tema no Capítulo 4.

¹⁸ Na fase mais tardia da obra de Michel Foucault, o autor amplia este posicionamento quando dedica-se a pesquisar o "biopoder", um conjunto de mecanismos, entre eles a linguagem, que busca uma normatização dos corpos "para distinguir o normal e o anormal" (2008, p. 74-75).

Ao diferenciar poder e violência, compreendemos que o problema central decorre de identificar quem tem legitimidade para nomear o que é ou não violento. É em busca dessa resposta que analisaremos a seguir a mobilidade desta categoria e as suas diferentes tipologias pela perspectiva da Sociologia da Violência.

1.1 Mobilidade da categoria violência

Por ser um construto histórico, a percepção do que é ou não violento passou por mudanças substanciais, o que demanda um alargamento em relação a definição de Hannah Arendt (1969). Conforme demonstrado pelo sociólogo Michel Wieviorka (1997), "a violência não é a mesma de um período a outro" (1997, p. 5) e as mudanças ocorreram, principalmente, nas percepções e representações que descrevem o que é violência (1997, p. 8).

Um exemplo é a posição do Estado brasileiro quanto à violência doméstica desde a aprovação da Lei Maria da Penha (11.340/2006). Enquanto em 2001, segundo Heleieth Saffioti, através do "velho adágio 'em briga de marido e mulher não se mete a colher'" (p. 134), o Estado justificava sua não-intervenção no espaço privado¹⁹. Hoje, ainda que a estimativa para 2022 seja de que 18,6 milhões de mulheres de 16 anos ou mais tenham sofrido alguma forma de violência (BUENO *et al*, 2023, p. 23), a Lei 11.340 reconhece que é dever do poder público desenvolver

políticas que visem garantir os direitos humanos das mulheres no âmbito das relações domésticas e familiares no sentido de resguardá-las de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 2006, online).

Para Butler, "*a violência é sempre interpretada*" (2021, p. 33 - grifo nosso). Assim, acreditamos que tanto a realidade histórica como a representação da violência na contemporaneidade demandam "um espaço teórico complexo, capaz de integrar o campo do conflito e da crise" (WIEVIORKA, 1997, p. 14) e, ainda, o sujeito que faz uso da violência como afirmação de si mesmo (WIEVIORKA, 1997, p. 12).

É nessa preocupação com a dimensão individual do sujeito que Wieviorka propõe um novo paradigma sobre a violência. Ao acrescentar este quarto nível, o do indivíduo, o autor lança luz sobre "um fenômeno contemporâneo da maior importância, que tem um peso enorme sobre a produção da violência contemporânea: o crescimento do individualismo moderno" (WIEVIORKA, 1997, p. 15). Arendt, de certa forma, também aborda o individualismo quando teoriza sobre o "homem da massa", cuja principal característica é "o seu isolamento e a falta de relações sociais normais" (ARENDR, 2013, p. 367).

¹⁹ "Note-se que este espaço privado é concebido não apenas territorialmente, como também simbolicamente, o que confere aos homens o direito de exercer seu poder sobre as mulheres" (SAFFIOTI, 2001, p. 134). Trataremos especialmente de violência de gênero no próximo capítulo.

Fugindo da categoria "*massa*" ou da definição do que podem ser "relações sociais normais", entendemos que o individualismo é resultado da "degradação do experimento democrático" (STARLING, 2022, p. 93) que pode ser exemplificado com o episódio de 8 de janeiro de 2023, quando uma multidão de apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro invadiram a sede dos três poderes da República (Palácio do Planalto, Congresso Nacional e Supremo Tribunal Federal) exigindo um golpe de estado.

O individualismo impede que as pessoas tomem consciência sobre a condição de interdependência em que vivemos todos nós. Judith Butler (2021) propõe uma "reconsideração dos laços sociais" para que possamos conceber uma nova versão de "igualdade social que independe da reprodução do individualismo" (p. 155). Porém, a dificuldade reside no fato de que o individualismo dá sustentação ao neoliberalismo que, por sua vez, fundamenta a violência contemporânea (WIEVIORKA, 1997, p. 17).

O neoliberalismo não para de "minar as conquistas sociais" (VERGÈS, 2021, p. 11) tornando a "reconsideração dos laços sociais" uma aparente miragem. Afinal, a "economia gera sua cota de violências" (Ibid.), seja contra os indivíduos, com o exaurimento dos seus corpos - principalmente de mulheres racializadas e emigrantes -, seja com a expropriação da força de trabalho ou contra a natureza com a exploração da terra, da floresta e dos mares em benefício do lucro.

Em resumo, "a mundialização da economia e suas ligações diretas com a fragmentação cultural e social, contribui para a mundialização da violência, com suas formas fragmentárias" (WIEVIORKA, 1997, p. 17-18). As mudanças nas quatro dimensões de violência listadas por Wieviorka (internacional, nacional, sociedade e indivíduo) estão imbricadas, gerando as condições favoráveis para que a violência preencha o espaço vazio deixado por relações sociais, culturais e políticas enfraquecidas (WIEVIORKA, 1997, p. 25).

Na dimensão dos Estados, a fórmula weberiana da "violência legítima" já não se sustenta²⁰ (WIEVIORKA, 1997, p. 19). Especialmente porque, isto as notícias não cansam de nos mostrar, o Estado é muito mais violento com "os corpos racializados, os corpos femininos, os corpos pobres ou os corpos jovens" (VERGÈS, 2021, p. 10). Também há certo consenso entre os autores consultados para este trabalho de que, na dimensão interna à sociedade, a violência surge em meio às carências e às promessas não cumpridas.

²⁰ Hannah Arendt defende que a violência só é legítima em casos de autodefesa (ARENDR, 2022, p. 63). Para saber mais sobre autodefesa, sugerimos a leitura de Elsa Dorlin (2020), "Autodefesa: Uma filosofia da violência".

A raiva e o ódio dos jovens exprimem-se certamente tendo por trás um cenário marcado por dificuldades sociais, mas correspondem acima de tudo a sentimentos fortes de injustiça e de não reconhecimento, de discriminação cultural e racial. (WIEVIORKA, 1997, p. 22).

Michel Foucault chama práticas discriminatórias de racismo biológico-social (FOUCAULT, 2005). Um comportamento que se ancora no sentimento de que determinado grupo é superior a outro por sua condição biológica. Mas podemos pensar o racismo, a misoginia ou outras formas de discriminação que se dão nas práticas discriminatórias presentes nos discursos como **violência**? Para Judith Butler, sim. "Sem contestar a violência da agressão física", a autora afirma "que as estruturas ou os sistemas sociais, inclusive o racismo sistêmico, são violentos" (BUTLER, 2021, p. 22).

Percebe-se que por sua gama de ramificações, um estudo sobre a violência e, em nosso caso, sobre o discurso violento de Jair Bolsonaro contra as mulheres jornalistas durante as eleições de 2022, exige que levemos em consideração as mudanças sociais, políticas e culturais provocadas pelo neoliberalismo e pelo individualismo na contemporaneidade e que colocam em risco as necessidades básicas de cada ser humano, bem como a vida em coletividade.

Por esta razão, recorremos à Johan Galtung (2018, 1981, 1990), sociólogo norueguês que fundou o The Peace Research Institute Oslo (PRIO), em busca de uma tipologia da violência que dê conta das problemáticas levantadas e do *corpus* que analisamos onde a violência não opera em nível explícito mas é, como vimos, instrumental para o poder (ARENDR, 2022, p. 57).

1.2 Tipologia da violência

Para Johan Galtung (2018)²¹, a definição de violência não é o mais crucial. Segundo ele, "é mais importante indicar teoricamente as dimensões significativas da violência que possam orientar o pensamento, a investigação e, potencialmente, a ação, frente aos problemas mais importantes" (GALTUNG, 2018, p. 36)²². Ainda assim, como ponto de partida, Johan Galtung afirma que "a violência está presente quando os seres humanos estão sob influência que faz com que suas realizações físicas e mentais estejam abaixo de seu potencial" (2018, p. 36)²³.

Na definição de 1969 apresentada acima, o autor aponta que são necessárias diferenciações entre violência física e psicológica; violência pessoal (direta) ou estrutural (indireta); violência intencional ou não-intencional e, por fim, violência

²¹ Originalmente, o texto "Violence, peace and peace research" foi publicado em 1969, ainda que a referência utilizada neste trabalho seja da revista ORGANICOM de 2018.

²² Em livre tradução, "more important is to indicate theoretically significant dimensions of violence that can lead thinking, research and, potentially, action, towards the most important problems".

²³ Em livre tradução, "violence is present when human beings are being influenced so that their actual somatic and mental realizations are below their potential realizations".

latente ou manifesta. Assim, o autor chega a proposta conceitual da **Figura 1**, a seguir.

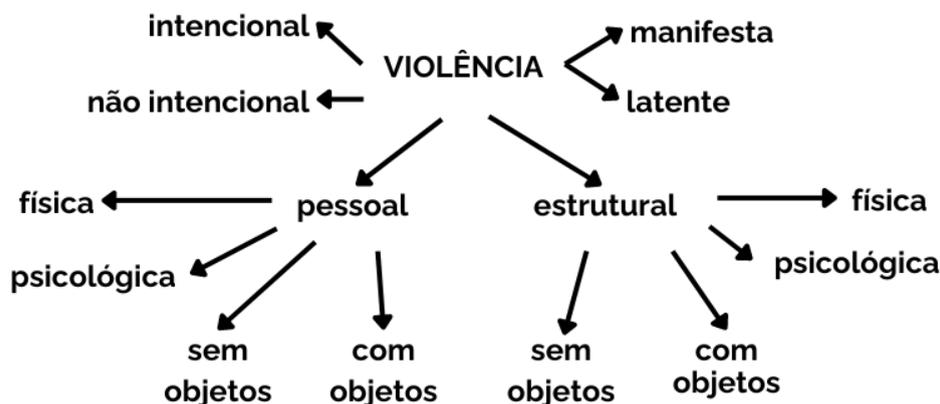


Figura 1 - A Tipologia da Violência Manifesta, livre tradução
Fonte: GALTUNG (1969), 2018, p. 41

Tradicionalmente, é comum que as pessoas pensem sobre a violência apenas no âmbito da tipologia de violência direta/pessoal. Para o autor (2018, p. 41), isso ocorre porque este tipo de violência é aparente, enquanto a estrutural é silenciosa. Por esta classificação, entendemos que a violência de Jair Bolsonaro contra mulheres jornalistas é de ordem pessoal e, portanto, direta, uma vez que ele é o autor de ataques contra repórteres específicas, à exemplo de Vera Magalhães e Patrícia Campos Mello; mas também se baseia em outras violências de ordem indireta e estrutural, como a violência do estado contra o direito à liberdade de imprensa e da sociedade contra a potencialidade de mulheres se expressarem como jornalistas - ou em outros ofícios da esfera pública - e em seu máximo potencial²⁴.

Posteriormente, em 1981, Galtung propôs a definição da violência como "algo evitável que impõem obstáculos à autorrealização humana" (1981, p. 91)²⁵ e apresenta outros quadros conceituais úteis a este trabalho. No **Quadro 1**, nomeado de "Primeira Tipologia", o autor preocupa-se em diferenciar a violência como acontecimento daquela permanente e a violência como ação da violência por omissão ou não-ação.

²⁴ Discutiremos a violência no âmbito dos Estudos Feministas e de Gênero no Capítulo 2 e as especificidades da violência contra mulheres jornalistas no Capítulo 3.

²⁵ Em livre tradução, violência como "algo evitable que obstaculiza la autorrealización humana". O autor entende 'autorrealização humana' como um estado de satisfação a todas as necessidades de um ser humano, que podem ser divididas entre necessidades básicas, materiais e não materiais, conforme veremos no Quadro 2.

	Violência como acontecimento	Violência como algo permanente
Violência como ação	Tipo 1 - Violência direta	Tipo 2 - Estado permanente
Violência como não-ação	Tipo 3 - Golpeia subitamente	Tipo 4 - Violência estrutural

Quadro 1 - Primeira tipologia, livre tradução
 Fonte: GALTUNG, 1981, p. 94

Cabe notar que a "Violência Direta", de Tipo I, equivale à violência pessoal presente na **Figura 1**, e que pode ser agressiva ou defensiva, voluntária ou involuntária. Já a violência de Tipo IV, a "Violência Estrutural", é definida pelo autor como aquela em que não há um único responsável, porque reflete um estado permanente de violência mas que não pode ser definida como "natural", uma vez que ela é evitável. Ou seja, é um tipo de violência "inerente à estrutura social" (GALTUNG, 1981, p. 94)²⁶, como o *continuum*²⁷ da violência contra mulheres, por exemplo.

Esta tipologia é importante porque, ao centrar-se em apenas uma dessas classificações, podemos chegar a conclusões insuficientes. Por exemplo, pesquisas centradas no Tipo I - Violência Direta, orientam-se mais para os sujeitos do que para os objetivos da violência, mais nos autores do que nas vítimas, centrando-se na culpa e na motivação do autor ao invés do âmbito e do alcance da destruição das vítimas (GALTUNG, 1981, p. 95).

Para possibilitar uma análise mais completa, Johan Galtung propõe no **Quadro 2** exemplos de necessidades e direitos que deveriam ser assegurados aos seres humanos. O autor orienta que esta lista não pretende ser exaustiva e que serve apenas para orientar o significado do que é "fazer dano" a alguém ou limitar as potencialidades do outro. Alguns dos tópicos listados, mais do que necessidades, figuram também no âmbito dos direitos humanos.

²⁶ Em livre tradução, "inerente a la estructura social".

²⁷ Sobre este tema, a socióloga francesa Jules Falquet defende que a violência contra mulheres "pode ser lida como uma prática estrutural - de certa maneira sistemática - que visa a polarização de uma totalidade social, dividindo-a em duas partes inimigas, mutuamente excludentes e assimétricas (aqui, de acordo com sexo), de modo a produzir a desmoralização e a desorganização durável do grupo alvejado pela violência" (2022, p. 14). Voltaremos a este tópico no Capítulo 2.

Categoria	Necessidade e/ou direito	Bem
Sobrevivência	Individual: frente a homicídios, acidentes	Segurança
	Coletiva, frente a ataques e à guerra	
Fisiologia	Interna: alimentos, oxigênio, água, dormir	Alimento e água
	Externa: movimentar-se, excreções	
Ecologia	Climática: proteção contra intempéries	Habitação, vestimenta
	Somática: proteção contra enfermidades	Medicação, saúde pública.
Social	Comunidade: amor, sexo, filhos	
	Cultura: expressão, diálogo, educação	Escolaridade
Liberdade	Direito a viajar e a acolher viajantes	Transporte
	Direito de expressão e de impressão	Comunicação
Política	Direito de formação de consciência	Reunião, informação
	Direito de mobilização	Partido, sindicato
	Direito de confrontação	Eleições
Jurídica	Direito de defesa	Tribunais, advogados
Trabalho	Direito ao trabalho	Postos de trabalho
	Necessidade de criatividade e autoexpressão no trabalho	
	Necessidade de compreender as condições da própria vida	
Relação com a sociedade	Necessidade de atividade, de ser um sujeito e não apenas um objeto ou um cliente	
	Necessidade de tempo livre, de novas experiências, necessidades intelectuais e estéticas	
Relação com outros	Necessidade de comunidade, companheirismo, amizade, solidariedade, apoio	
	Necessidade de bem-estar, felicidade, alegria	
Relação com si mesmo	Necessidade de protagonismo, de realizar o seu potencial	
	Necessidade de dar a vida algum significado, sentido ou finalidade	
Relação com a natureza	Necessidade de algum tipo de comunicação com a natureza	

Quadro 2 - Em livre tradução, "Necessidades básicas, materiais e não-materiais"
 Fonte: GALTUNG, 1981, p. 97

Para os fins desta pesquisa, o quadro possibilitou inferirmos que o discurso anti-imprensa de Jair Bolsonaro contra mulheres jornalistas é violento porque causa dano à autorrealização destas profissionais, afetando o seu direito à liberdade, direito de expressão, direito de confrontação, direito ao exercício do trabalho e à necessidade de autoexpressão no trabalho.

Assim, trata-se de Violência Direta (Tipo I), de um homem contra uma mulher e, também por seu componente de gênero, sustenta-se em uma Violência Estrutural (Tipo IV), que é o *continuum* da violência contra a mulher e da misoginia, o ódio contra mulheres²⁸. Porém, há uma terceira dimensão que diz respeito à violência contra toda a sociedade pela violação ao direito coletivo de acesso à informação. Conforme sustenta Marisol Cano Busquets (2018), "quando se comete uma agressão contra o trabalho jornalístico, a deliberação pública é empobrecida e a sociedade perde os benefícios que outorgam a possibilidade de participar de um debate sem coerção" (p. 43)²⁹.

1.3 Violência Cultural

As tipologias de Johan Galtung foram revisitadas em trabalho mais recente, da década de 1990, quando o autor propôs o conceito de "violência cultural", ou seja,

aqueles aspectos da cultura, a esfera simbólica da nossa existência - exemplificado pela religião e ideologia, linguagem e arte, ciência empírica e ciência formal (lógica, matemática) - que pode ser usado para justificar ou legitimar a violência estrutural (GALTUNG, 1990, p. 291)³⁰.

O autor mantém os conceitos de "Violência Direta", anteriormente chamada de Tipo I, e "Violência Estrutural", anteriormente chamada de Tipo IV, como categorias mais abrangentes ou '*super-types*' (GALTUNG, 1990, p. 294) e adiciona a "Violência Cultural" como uma terceira categoria abrangente. Estas três categorias formam o que o autor nomeou como "*triângulo vicioso da violência*" (*Ibid.*).

A diferença entre elas é que a Violência Direta ocorre como um evento, um acontecimento; a Violência Estrutural é resultado de um processo, com altos e baixos; já a Violência Cultural não sofre variações, ela é permanente, atravessando

²⁸ Trataremos sobre violência de gênero no próximo Capítulo e sobre misoginia online no Capítulo 4.

²⁹ Em livre tradução, "cuando se comete una agresión contra el trabajo periodístico, se empobrece la deliberación pública y las sociedades pierden los beneficios que otorga la posibilidad de participar en un debate sin coerción".

³⁰ Em livre tradução, "those aspects of culture, the symbolic sphere of our existence - exemplified by religion and ideology, language and art, empirical science and formal science (logic, mathematics) - that can be used to justify or legitimize direct or structural violence".

longos períodos de tempo. Nas palavras de Ramos e Saad, a "violência cultural" pode ser definida como aquela que

emerge quando processos deliberados, manifestos e estruturais ocorrem simultaneamente no tecido social, indicando um status de enraizamento comportamental violento (podendo ser físico e/ou psicológico) para com objetos – indivíduos, instituições, organizações, informações, acontecimentos e ideologias, entre outros – que manifestam o contraditório ao *status-quo* vigente (2022, p. 42).

Há registros de perseguições e atentados contra jornalistas e redações no Brasil até mesmo antes da declaração de independência de Portugal, em 1821, quando começou a circular o Diário Constitucional; passando pela Primeira República; o Estado Novo; o período democrático entre os ex-presidentes Juscelino Kubitschek e João Goulart; a Ditadura Militar (1964-1984) e após a redemocratização até os dias de hoje. O que acontece de diferente agora, é que "a digitalização ganha protagonismo social sem qualquer distinção de grupos e ideários" (RAMOS E SAAD, p. 38, 2022). A violência contra jornalistas, em 2022, viveu um cenário de maior "escala, volume e velocidade" (Ibid.) e isso foi um dos aspectos que "deu condições para a deterioração acelerada da liberdade de imprensa desde 2018" (RAMOS E SAAD, p. 4, 2022).

Com base no conceito de "violência cultural" e do quadro da *violencia stracta* de Johan Galtung (1990, p. 294), as autoras Daniela Osvald Ramos e Elizabeth Saad propõem o "Triângulo da Violência" adaptado ao contexto brasileiro da violência contra jornalistas, conforme **Figura 2**.



Figura 2 - "Triângulo da Violência adaptado ao contexto brasileiro a partir de 2018"

Fonte: RAMOS E SAAD, p. 7, 2022

Segundo as autoras, essa aproximação do campo do Jornalismo ao da Sociologia da Violência dá conta da complexidade do fenômeno atual de violência contra jornalistas em que estes são tratados pelo ex-presidente da República, Jair Bolsonaro, como verdadeiros inimigos. Percebemos que há uma latente conjunção

de acontecimentos violentos contra jornalistas³¹; em um contexto de permanência de violências simbólicas e físicas contra mulheres e acumulado às "violências e assédios contra jornalistas de maneira cultural e estrutural desde ao menos o final do Século XIX" (RAMOS E SAAD, 2022, p. 8).

Analisando a **Figura 2**, as autoras explicam que a violência direta, que aqui remete aos episódios de violência isolados, é sempre a mais visível. Já a violência cultural e estrutural são menos explícitas, mas são elas que "dão condições para a manifestação e ampliação da violência direta" (*Ibid.*).

Taylor O'Connor (2020, online), sociólogo norte-americano, também avançou no proposto por Galtung para produzir um mapa que diferencie a violência direta, estrutural e a violência cultural (**Quadros 3, 4 e 5**). Este autor chama atenção para as forças que produzem a violência sistemática, como a desigualdade social, o racismo e a misoginia, por exemplo. "Certamente, isso não acontece em um vácuo. Eles são produto das estruturas que formam a nossa sociedade e das forças culturais que dão sustentação a isso. Se elas produzem violência, são uma forma de violência" (O'CONNOR, 2020, online)³².

Pessoal	Interpessoal	Comunidade/Sociedade
Suicídio; Abuso de drogas; Comportamento de auto-flagelação.	Violência de gênero: violência doméstica, estupro, violência sexual, casamento forçado, etc. Abuso infantil e negligência; Abuso verbal e emocional; coerção e ameaças contra indivíduos; Abuso psicológico e manipulação; Bullying e intimidação; Homicídio ou ataque físico; Isolamento forçado, exclusão e negligência.	Guerra e conflito armado; Violência sexual na guerra e conflito; Violência em multidões ou violência comunitária; Coerção e ameaça a grupos; Crimes violentos e em gangues; Chacina, terrorismo; Violência em massa e genocídio; Tortura; Violência na aplicação da Lei e outras formas de violência do Estado.

Quadro 3 - "Violência Direta", em livre tradução
Fonte: O'Connor, 2020, online.

A partir do **Quadro 3**, inferimos que os casos de violência em que Jair Bolsonaro cita jornalistas em suas redes sociais ou os casos em que ele faz ataques pessoalmente, são exemplos de violência direta de ordem interpessoal e que podem ser caracterizados como "abuso verbal e emocional ou coerção e ameaça"³³.

³¹ Voltaremos a este tema no Capítulo 3, quando vamos tratar sobre os dados de violência contra jornalistas, principalmente mulheres, em pesquisas nacionais.

³² Em tradução livre, "Certainly, these do not occur in a vacuum. They are a product of the structures that form our society and the cultural forces that uphold them. If they produce violence, they are a form of violence".

³³ Analisaremos os casos de violência direta no Capítulo 3, subtópico 3.1, quando falaremos sobre a violência contra mulheres jornalistas enquanto acontecimento.

Resultados da Violência Estrutural	Violência estrutural produz: <ul style="list-style-type: none"> ● Guerra e violência do Estado (e como elas afetam algumas populações e não outras); ● Desigualdade econômica, pobreza e desigualdade salarial; ● Menor expectativa de vida para alguns grupos em relação a outros; ● Menor nível de escolaridade de alguns grupos em relação a outros; ● Encarceramento desproporcional de alguns grupos em relação a outros; ● O fato de alguns grupos sofrerem mais com poluição, perigos relacionados à destruição ambiental ou desastres naturais; ● Distribuição desigual de poder, privilégio e oportunidade; ● Chance de qualidade de vida desigual de alguns grupos para outros. 	
Operação de Estruturas	As estruturas que produzem os resultados listados acima comumente compartilham das seguintes características: <ul style="list-style-type: none"> ● Representação desproporcional nas estruturas e instituições (proporção entre gêneros, etnia, minorias culturais ou linguísticas que não são suficientemente representadas); ● Falta de transparência, accountability, corrupção; ● Mecanismos verticais de decisão, ambientes autoritários. 	
Estruturas, políticas e práticas que produzem guerra ou violência	Estruturas, políticas e práticas que produzem guerra ou violência são aquelas que: <ul style="list-style-type: none"> ● Contribuem para a militarização e expansão militar (alto gasto com forças militares, produção de armas); ● Alimenta o comércio de armas e a proliferação de armas; ● Militariza as polícias; ● Permite uso excessivo da violência pela polícia ou para segurança pessoal; ● Protege militares e policiais de perseguição criminal; ● Investe desproporcionalmente em forças policiais enquanto negligencia as necessidades da comunidade. 	Produzidas por uma extensa gama de atores, mostrados a seguir. Ministérios e departamentos governamentais, incluindo: <ul style="list-style-type: none"> ● O gabinete do presidente ou primeiro-ministro; ● Congresso ou Parlamento; ● Poder Judiciário; ● Bolsa de Valores; ● Cultura e Mídia; ● Educação; ● Serviço de saúde e bem-estar; ● Relações exteriores e desenvolvimento internacional; ● Transporte; ● Assuntos de minorias e de indígenas.
Estruturas, políticas e práticas que produzem injustiça ou desigualdade	Estruturas, políticas e práticas que produzem injustiça ou desigualdade são aquelas que: <ul style="list-style-type: none"> ● Promovem um acesso desigual à educação, saúde, habitação e outros serviços sociais; ou obstrui o acesso a esses serviços; ● Limita a habilidade de alguns grupos de conquistarem seu bem-estar físico e financeiro expandindo as desigualdades; ● Produz segregação; ● Nega acesso a imigrantes, minorias e grupos marginalizados a direitos humanos básicos; 	Militares e policiais, incluindo: <ul style="list-style-type: none"> ● Forças Armadas; ● Polícia Federal; ● Polícia civil e municipal; ● Agências de Inteligência; ● Oficiais de imigração ou alfandegários; ● Sistema de justiça criminal e prisões. Sistemas educacionais, incluindo:

	<ul style="list-style-type: none"> • Coloca pessoas, comunidades ou regiões em lugares de maior risco de desastres ambientais; • Suprime a influência política de grupos marginalizados (supressão de voto, interferência nas eleições); • Nega acesso ou impõe barreiras à itens e serviços para populações específicas; • Nega acesso ou impõe barreiras à crédito ou empréstimos para populações específicas; • Explora populações marginalizadas; • Produz encarceramento em massa; • Causa destruição ambiental/poluição (desproporcionalmente afetando algumas populações mais do que outras); • Replica padrões e práticas neocoloniais; • Emprega vieses na proteção e conservação de sites artísticos, culturais ou sobre história; • Provêm melhores oportunidades para pessoas privilegiadas ou cria barreiras para o acesso de populações marginalizadas à oportunidades. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ensino primário e médio; • Escolas particulares; • Faculdades e Universidades. <p>Entidades internacionais, incluindo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Entidades e agências das Nações Unidas (ONU); • Instituições financeiras internacionais (Banco Mundial, etc.); • Indústria de ajuda internacional. <p>E também:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Partidos políticos; • Bancos; • Corporações e empresas; • Organizações não-governamentais e filantrópicas, organizações de caridade; • Organizações comunitárias; • Associações e afiliações; • Think tanks e instituições de pesquisa.
--	---	--

Quadro 4 - "Violência Estrutural", em livre tradução
 Fonte: O'Connor, 2020, online.

Com o descrito no **Quadro 4**, compreendemos que mulheres jornalistas sofrem com estruturas onde é possível encontrar características como desproporcionalidade entre gêneros, falta de transparência e ambientes autoritários ou mecanismos verticais de decisão no interior das redações de jornalismo. Essas características ocasionam "desigualdade econômica e salarial" e "distribuição desigual de poder, privilégio e oportunidade" entre mulheres e homens no exercício da profissão.

Já no contato com Jair Bolsonaro enquanto fonte jornalística, a Violência Estrutural está na falta de transparência e na promoção de um acesso desigual à informação, uma vez que ele age pela supressão do exercício profissional de alguns jornalistas e canais, enquanto beneficia outros.

Narrativas que justificam a guerra e a violência	Narrativas que <ul style="list-style-type: none"> ● Amplificam ameaças; ● Criam inimigos, desumanizam um inimigo alvo; ● Distorcem fatos para construir um episódio de guerra; ● Atacam o sentimento patriótico (para mobilizar para a guerra), atacam as pessoas que são críticas a guerra; ● Diminuem ou escondem o sofrimento das vítimas da guerra; ● Promovem a mentira de que a vitória na guerra será fácil e que irá resultar em paz; ● Distorcem a linguagem para esconder a realidade da guerra (danos colaterais, defensores da liberdade x terroristas, etc). 	Narrativas de Violência Cultural podem ser propagadas por: <ul style="list-style-type: none"> ● Organizações de Mídia; ● Líderes políticos; ● Think tanks e lobistas; ● Currículo educacional formal ou informal; ● Líderes religiosos e culturais; ● Líderes comunitários; ● Influenciadores digitais; ● Escolas, professores e famílias; ● Associações formais ou informais; ● Grupos de ódio (e outros que adotam os ideais e narrativas de grupos de ódio); ● Trolls da internet; ● Ou qualquer pessoa.
Narrativas que promovem a injustiça e a desigualdade	Narrativas que: <ul style="list-style-type: none"> ● Relativizam o racismo e a desigualdade sistêmica (culpar pessoas pobres ou marginalizadas por sua condição ou 'destino'); ● Escondem o legado de injustiças históricas; ● Distorcem a percepção pública das estruturas/políticas que produzem desigualdade; ● Escondem o sofrimento de pessoas marginalizadas; ● Rejeitam a perspectiva e a contribuição de grupos minorizados; ● Desumanizam, criminalizam ou usam de bode expiatório grupos minorizados; ● Criam/reforçam estereótipos de gênero e raça ou estereótipos de qualquer grupo; ● Atacam o nacionalismo e o patriotismo; ● Promovem uma identidade nacional excludente; ● Comunicam através de discurso de ódio ou intolerância religiosa. 	
Ideologias	<ul style="list-style-type: none"> ● Fundamentalismo, extremismo ou outras ideologias que promovam a intolerância; ● Nacionalismo, patriotismo e demagogia; ● Supremacia branca (ou outros tipos de supremacia étnica) e dominação cultural. 	
Elementos da Cultura	<p>Educação, filmes/mídias, art ou eventos/feriados que:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Glorificam a guerra (deturpam a realidade da guerra); ● Escondem a injustiça e as desigualdades históricas; ● Excluem a perspectiva e a contribuição de grupos marginalizados; ● Excluem ou deturpam a história dos movimentos que lutam pela paz e pela justiça. <p>Monumentos que celebram crimes de guerra, heróis de guerra ou símbolos de ódio e injustiça. Normas culturais discriminatórias (racismo, sexismo, etarismo, etc). Uso de símbolos ou imagens de ódio ou nacionalistas (bandeira confederada)</p>	

Quadro 5 - "Violência Cultural", em livre tradução
 Fonte: O'Connor, 2020, online.

A partir do **Quadro 5** sobre Violência Cultural, notamos que, no Twitter e durante o período eleitoral e pré-eleitoral de 2022, Jair Bolsonaro fez uso de narrativas para criar inimigos, amplificar ameaças, distorcer fatos, atizar o sentimento patriótico para mobilizar seus apoiadores contra aqueles que eram críticos ao seu governo, distorcer a linguagem, reforçar estereótipos de gênero, atizar o nacionalismo, promover uma identidade nacional excludente, com discurso de ódio ou por intolerância religiosa.

De acordo com Ramos e Saad (2022, p. 8), O'Connor desdobra a violência direta de Galtung em ocorrências pessoais, interpessoais e comunitárias; já o vértice de violência estrutural é mais difícil de ser compreendido na sociedade por estar embutido nas estruturas políticas, econômicas, organizações e grupos sociais. Por fim, o vértice da violência cultural, configura-se por meio de elementos como a linguagem e a literatura.

À exemplo de Ramos e Saad, notamos que a correlação entre o proposto por Galtung com os quadros referenciais de Violência Direta, Estrutural e Cultural de O'Connor traz uma visão contemporânea de como a violência foi naturalizada no Brasil, tornando-se um elemento comum no dia-a-dia da sociedade brasileira e uma característica base do discurso de Jair Bolsonaro e de seus apoiadores.

A contribuição de O'Connor possibilitou que criássemos a **Figura 3**, a seguir, com nossa proposta de "Triângulo da Violência", mas cujo enfoque é a violência contra mulheres jornalistas.



Figura 3 - "Triângulo da Violência adaptado ao contexto da violência contra mulheres jornalistas"
 Fonte: Autora, 2023

Diferentemente do "Triângulo da Violência" de Ramos e Saad (p. 7, 2022), o nosso enfoque na dimensão de gênero das vítimas nos leva a um olhar mais atento sobre o contexto social, cultural e material a que mulheres jornalistas estão submetidas, tanto por serem mulheres como pela rotina laboral nas redações.

No próximo capítulo, faremos considerações sobre as dimensões de violência cultural e estrutural a que mulheres estão submetidas na sociedade por sua identidade de gênero. Em seguida, no Capítulo 3, analisaremos especificamente a violência contra mulheres jornalistas a partir dos três vetores de violência. Ou seja, na violência direta como acontecimento, na violência estrutural e na violência cultural. Isso dará corpo e servirá de base para a análise de discurso dos tuítes do ex-presidente Jair Bolsonaro contra jornalistas em seu Twitter.

CAPÍTULO 2 – GÊNERO E PATRIARCADO

Neste capítulo buscaremos nos Estudos Feministas e de Gênero maneiras para compreender o que entendemos por "gênero" e como a violência de gênero se dá de forma contínua nas sociedades ocidentais e no Brasil, através de sistemas hegemônicos e, em especial, um sistema patriarcal.

Em uma sociedade como a brasileira, o homem branco pode ser entendido como "aquele que detém o poder e é titular da norma" (FOUCAULT, 2005, p. 72-73), diferentemente dos "corpos sacrificáveis" (VERGÈS, 2022, p. 10) - como é o caso das mulheres, das pessoas negras, dos povos indígenas, dentre outros.

Jair Bolsonaro sabe disso e é para este sujeito "titular da norma" a que ele se dirige. O indivíduo do bolsonarismo é pensado "a partir de uma imagem eurocêntrica, branca, masculina e heteronormativa" (LAGO, 2022, p. 50). Do discurso do ex-presidente emerge uma agenda flagrantemente anti-gênero, através do uso de "símbolos e representações alinhadas a uma linguagem hegemônica masculina" (GUAZINA, LEITE e SANTOS, p. 45, 2021).

Antes de seguirmos, nos parece relevante a conceitualização do que entendemos por "gênero" e como o sentido dessa palavra foi se modificando nas últimas décadas. Os Estudos Feministas e de Gênero tomaram uso da palavra como "maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos" (SCOTT, 2019, p. 50). Porém, como resume Joan Scott, "as palavras, assim como as ideias e as coisas que elas significam, têm uma história" (p. 49) e é à ela que vamos ater-nos, a seguir.

Para facilitar a compreensão histórica dos Estudos Feministas e de Gênero, foi convencionalizado por feministas estadunidenses o uso da metáfora das ondas, "com seus grandes fluxos e refluxos, para significar os movimentos de mulheres lutando por cidadania e igualdade de direitos em relação aos homens" (MARTINEZ, LAGO e

LAGO, 2016, p.3). Apesar da importância de compreender o significado das ondas, neste trabalho nos esforçamos para não suprimir a história plural dos movimentos feministas, trazendo também a perspectiva dos feminismos negro, interseccional e do Sul Global, que trabalham com clivagens específicas - resultado das opressões coloniais - e que dizem respeito à sistemas em atuação anteriores ao contexto das ondas, como é ressaltado por Djamila Ribeiro (2017).

A primeira onda do feminismo data do final do século XIX e início do XX, especialmente em países europeus. Naquele momento, o movimento de mulheres lutava pela garantia de direitos fundamentais, como o direito ao voto e à educação (MARTINEZ, LAGO e LAGO, 2016). No Brasil, o final do século XIX coincide com a assinatura da Lei Áurea (1888), que marca a abolição da escravidão, e com a criação da República cuja primeira Constituição data de 1891 (SCHUMACHER e CEVA, 2015, p. 36-37).

Neste contexto, poucas brasileiras tinham acesso à educação. As exceções eram quase exclusivamente mulheres brancas de classe média e alta que tiveram acesso à educação superior nas Escolas Normais, responsáveis por formar professoras, ou que viajaram ao exterior em busca de formação, especialmente aos Estados Unidos ou Europa. Entre elas, destacou-se a botânica Bertha Lutz que fundou, em 1918, a Liga para Emancipação Intelectual da Mulher (SCHUMACHER e CEVA, 2015, p. 58)³⁴.

A ausência de mulheres negras³⁵ remete à transição do modelo colonial que fazia uso da mão de obra escravizada negra para o modelo capitalista. Uma vez que a Lei Áurea não ofereceu qualquer reparação às pessoas que foram escravizadas, "surgiu uma superpopulação relativa de seres humanos – especificamente pretos e pardos - caracterizados como desclassificados sociais [...] e que, diante das circunstâncias, estariam fadados ao subemprego e ao quase-assalariamento" (CARVALHO, 2021, p. 3). Condição que, por sua vez, resultou em uma proletarização tardia da população negra no Brasil.

Apesar disso, cabe notar que a Assembleia Constitucional de 1933 teve como única mulher a advogada e feminista Almerinda Gama. A foto de Almerinda "introduzindo o voto na urna [...] teve grande repercussão na imprensa e é até hoje uma imagem referencial. Assim, a datilógrafa é considerada uma das primeiras mulheres negras a ingressarem na política brasileira" (SCHUMACHER e CEVA, 2015, p. 88).

³⁴ Bertha Lutz estudou em Paris no mesmo período em que o movimento sufragista explodiu na Europa. Além de ter criado e presidido a Liga e a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), candidatou-se a deputada federal e, como suplente, assumiu o cargo em 1936. Cabe notar que outras mulheres também foram relevantes para o movimento sufragista no Brasil, como a educadora e ativista Leolinda Daltro; a primeira prefeita da América Latina, Alzira Soriano; a primeira eleitora do País, Celina Guimarães Viana; entre outras. (SCHUMACHER e CEVA, 2015, p. 53-63).

³⁵ Falaremos sobre a perspectiva de teóricas negras brasileiras no próximo subtópico.

A segunda onda feminista data de meados da década de 1960 com os movimentos de liberação sexual e social. Neste meio-tempo, cabe notar a relevância da filósofa francesa Simone de Beauvoir (1908-1986), com “O Segundo Sexo”³⁶. A obra “quebrou um paradigma, uma vez que os aspectos socioculturais sobrepuseram aos biológicos [...] e colocaram em xeque a teoria da suposta 'natureza feminina'” (SCHUMAHER e CEVA, 2015, p. 113).

Até a década de 1980, os estudos foram impulsionados por pesquisadoras mulheres que se dedicaram a “refletir sobre as questões femininas, sobre os próprios movimentos e sobre as ciências nas quais foram educadas e com as quais trabalhavam” (MARTINEZ, LAGO e LAGO, 2016, p.4). Elas teorizaram, principalmente, na busca pela não discriminação das mulheres e pelo seu direito à igualdade.

Em um segundo momento, ainda na segunda onda do feminismo, caracterizou-se o que ficou conhecido como *feminismo da diferença*, cujo objetivo era ir além da igualdade entre homens e mulheres, para tratar também das diferenças entre mulheres. O feminismo da diferença arrou o terreno para problematizações relacionadas a outras clivagens de opressão que ocorrem em decorrência de outros signos de diferença, como classe social, raça/etnia, sexualidade, identidade de gênero e desejo. À saber, o pensamento pós-estruturalista, decolonial, a teoria *queer* e o feminismo interseccional partem deste ponto.

“É nesse momento de inflexão que começa a ser adotado o conceito de gênero” (MARTINEZ, LAGO e LAGO, 2016, p.6). Joan Scott (1986) chama atenção para as três posições teóricas até então assumidas:

A primeira, um esforço inteiramente feminista que tenta explicar as origens do patriarcado³⁷. A segunda se situa no seio da tradição marxista e procura um compromisso com as críticas feministas. A terceira, fundamentalmente dividida entre o pós-estruturalismo francês e as teorias anglo-americanas das relações do objeto, inspira-se nas várias escolas de psicanálise para explicar a produção e a reprodução da identidade de gênero do sujeito (SCOTT, 2019, p. 55).

A adoção do termo “gênero” desestabiliza categorias epistemológicas até então fixas, principalmente no interior de cursos de ciências humanas e sociais. O homem branco, “titular da norma” (FOUCAULT, 2005, p. 72), é desafiado na medida em que deixa o lugar de sujeito universal.

³⁶ Não nos alongaremos nesta obra pois apesar de Beauvoir “ressaltar a construção histórica e cultural de homens e mulheres nas diferentes sociedades humanas”, ainda tendia à naturalização de papéis femininos e masculinos, “ligando os homens à cultura e ao mundo público, e as mulheres ao mundo doméstico, privado, e à natureza, em função de suas atribuições na reprodução biológica” (MARTINEZ, LAGO e LAGO, 2016, p.4).

³⁷ Retornaremos a essas distinções e ao conceito de patriarcado logo a seguir.

No Brasil, a segunda onda do feminismo só teve início na década de 1970 com os movimentos de resistência à Ditadura Militar (1964-1978). A Organização das Nações Unidas (ONU) inaugurou em 1975 a década da mulher (no singular) que perdurou até 1985. Segundo Schuma Schumacher e Antonio Ceva (2015), é também neste ano que a delegada Therezinha Zerbini fundou o Movimento Feminino pela Anistia - posteriormente chamado de "Anistia e Liberdade Democrática" (p. 126).

Na década seguinte, no Brasil, os movimentos feministas lutaram em prol da redemocratização, por direitos à cidadania, à igualdade, pelo acesso a creches e contra a violência. "Mulheres negras, lésbicas, trabalhadoras urbanas e rurais, prostitutas, empresárias, produtoras culturais, educadoras populares e donas de casa" são grupos que foram garantindo uma multiplicidade de formas de organização (SCHUMACHER e CEVA, 2015, p. 143).

No final dos anos 1980 até os anos 2000, tem início a terceira onda do feminismo, com forte influência do pensamento de Michel Foucault (1926-1984), para quem o gênero não é uma propriedade de corpos ou algo que existe na natureza humana, *a priori*. É "o conjunto de efeitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais", através de "*uma complexa tecnologia política*" (FOUCAULT, 2021, p. 29).

O pensamento foucaultiano é reverenciado por muitas autoras feministas, mas é também criticado por sua cegueira em relação aos sujeitos gentrificados como "mulheres". Teresa de Laurentis (1986) afirma que as feministas "caminharam para além de Foucault" (2019, p. 123), uma vez que este autor ao teorizar sobre as tecnologias sociais e os aparatos biomédicos, produtores de verdade sobre os corpos, ignorou os "investimentos conflitantes de homens e mulheres nos discursos e nas práticas da sexualidade" (Ibid.). Ou seja, para Laurentis, Foucault não inviabilizou o debate de gênero, mas o desconsiderou.

2.1 O conceito de gênero

A historiadora norte-americana Joan Scott (1986), no artigo basilar "Gênero: uma categoria útil para a análise histórica", define que gênero é o "elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças entre os sexos" (SCOTT, 2019, p. 67) e é a "forma primária de dar significado às relações de poder" (SCOTT, 2019, p. 67). Além disso, a palavra "gênero" atendeu a duas necessidades: inferir sobre as diferenças baseadas no sexo e atender a busca das pesquisadoras por uma palavra que reivindicasse a "erudição e a seriedade de um trabalho" (SCOTT, 2019, p. 53).

Com a adoção da categoria gênero, "o campo se consolida como interdisciplinar" e "se debruça sobre inúmeros temas, entre eles a questão do trabalho e também a relação com a mídia" (MARTINEZ, LAGO e LAGO, 2016, p.6). Porém, ainda na década de 1980 começaram a surgir críticas à própria utilização do termo "*gênero*". Elas partiam da negação à unificação das experiências de mulheres em uma única

categoria, uma "mulher universal", demonstrando que para além da máxima "o pessoal é político", este "pessoal" não é neutro.

Pela perspectiva de Teresa de Lauretis (1987), o conceito de "gênero" assume o masculino como ponto de partida e, desta forma, mantém o binarismo entre homens e mulheres e a existência da mulher como oposição ao homem, ignorando as diferenças entre as próprias mulheres.

Uma vez que aceitamos o conceito fundamental do feminismo de que o pessoal é político, [...] não mais podemos afirmar que existem duas esferas da realidade social: a privada ou doméstica, da família, sexualidade e afetividade; e a esfera pública do trabalho e da produtividade. Invés disso, poderíamos colocar vários conjuntos interrelacionados de relações sociais - relações de trabalho, classe, raça e sexo-gênero [...] Os homens e mulheres não só se posicionam diferentemente nessas relações, mas as mulheres são **diferentemente** afetadas nos diferentes conjuntos", (LAURENTIS, 2019, p. 130).

Aspectos como a situação de mulheres negras, que sofrem mais com a violência sexual e com a objetificação de seus corpos, foram impulsionados pelos debates do Feminismo Negro. Para citar algumas dessas problematizações, em 1981, Angela Davis publicou a obra "Mulheres, raça e classe" (2016) em que aborda as particularidades da vida das mulheres negras norte-americanas, preteridas no mercado de trabalho, vítimas de racismo no interior do movimento sufragista e da política de segregação racial que as obrigou a um acesso tardio à educação e consequente empoderamento.

Kimberlé Crenshaw (1989), advogada norte-americana e estudiosa da Teoria Crítica da Raça, cunhou o termo "interseccionalidade", que tem por objetivo identificar "as várias maneiras pelas quais raça e gênero interagem, para moldar as múltiplas dimensões da experiência de mulheres negras no mercado de trabalho"³⁸ (1991, p. 1244). O feminismo interseccional, portanto, é o feminismo que pensa criticamente sobre este cruzamento de marcadores de identidade.

Seja no Brasil ou nos EUA, as mulheres negras são as mais atingidas pela pobreza, o que impossibilita a percepção de uma mulher universal. Concordamos com Sueli Carneiro quando ela advoga por "enegrecer o feminismo" (2003) e reconhecemos que

a origem branca e ocidental do feminismo estabeleceu sua hegemonia na equação das diferenças de gênero e tem determinado que as mulheres não brancas e pobres, de todas as partes do mundo, lutem para integrar em seu ideário as especificidades raciais, étnicas, culturais, religiosas e de classe social (CARNEIRO, 2003, p. 6).

³⁸ Em livre tradução, "various ways in which race and gender interact to shape the multiple dimensions of black women's employment experience".

Existe um olhar colonizador refletido em nossos saberes e produções (RIBEIRO, 2017, p. 35). Por esta razão, reforçamos que a brasileira Lélia Gonzalez (1935-1994) não cunhou o termo "interseccionalidade", mas já teorizava sobre o tema *avant la lettre* em textos publicados entre 1983 e 1988. A ideia de "amefricanidade" trata justamente da relação interligada entre gênero, raça e classe social, denunciando ainda a força do colonialismo e do imperialismo sobre as experiências de mulheres da "AMÉRICA como um todo (Sul, Central, Norte e insular)" (2019, p. 349). Lélia Gonzalez designa toda uma descendência, "não apenas a dos africanos trazidos pelo tráfico negreiro, como a daqueles que chegaram à América muito antes de Colombo" (*Ibid.*).

Cabe destacar a contribuição da socióloga marxista brasileira Heleieth Saffioti, a quem vamos recorrer novamente no próximo subcapítulo. Similarmente, Saffioti e Almeida ressaltam o fato dos sujeitos serem, necessariamente, multifacetados e fruto de várias subjetividades. "Em outras palavras, a constituição dos sujeitos não se faz exclusivamente pelo gênero, mas também pela classe social e pela raça/etnia" (1995, p. 9).

Judith Butler (2003), filósofa contemporânea, defende que gênero não é nem "o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo" (p. 22) e esta compreensão, somada a de Saffioti e ao pensamento interseccional, nos parece a mais adequada. Nos afastamos de qualquer percepção essencialista manifesta na ideia de uma mulher universal ou de uma expressão de gênero fixa e não hierarquizamos o gênero ignorando outras clivagens relevantes às mulheres amefricanas (GONZALEZ, 2019).

Após o impacto da publicação do livro "Problemas de Gênero", originalmente de 1990, Judith Butler publicou o artigo "Atos performativos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista" (1998) em que reforça a ideia de *performatividade de gênero* e responde às críticas recebidas no começo da década de 1990. Performatividade de gênero retrata "a ideia de que o gênero não é algo que nós somos, mas sim algo que nós constantemente fazemos, colocando o gênero diretamente em relação a determinadas *temporalidades sociais*" (HOLLANDA, 2019, p. 12).

"Qualquer gênero é uma situação histórica e não um fato natural" (BUTLER, 2019, p. 215). Como resume Louro (1997), "a nomeação do gênero não é, simplesmente, a descrição de um corpo, mas aquilo que efetivamente faz existir esse corpo – em outras palavras, o corpo só se tornaria inteligível no âmbito da cultura e da linguagem" (p. 209).

Esta noção permite percebermos como o gênero é construído na linguagem e através da linguagem, o que aponta caminhos para a análise discursiva dos tuítes de Jair Bolsonaro, durante a pré-campanha e as eleições de 2022, que criam efeitos

de sentido anti-gênero. Mais do que apenas utilizar as referências do ex-presidente às mulheres, vamos nos atentar à nomeação do gênero como uma tentativa de regulação das *performatividades de gênero*.

Para Judith Butler (1998), a máxima do "pessoal é político" passa uma concepção equivocada de que o gênero é formado por atos individuais concretos dentro de uma estrutura predeterminada. Para a filósofa, essa noção pode ter boas intenções, no sentido de buscar solidificar laços de solidariedade entre mulheres. Porém, também permite o uso da categoria "mulher" como resultado de uma suposta experiência universal que, como vimos, não se sustenta.

Analogamente, Teresa de Lauretis (1987) defende que o feminismo deve buscar o "*outro lugar*", um ponto-cego do próprio discurso hegemônico, seja nas resistências diárias ou nas produções culturais que cruzam e recruzam fronteiras e limites.

Este 'outro lugar' não é um distante e mítico passado, nem uma história de um futuro utópico: é o '*outro lugar do discurso*' aqui e agora. [...] Eu o imagino como espaços nas margens dos discursos hegemônicos, espaços sociais entalhados nos interstícios das instituições e nas fendas e brechas dos aparelhos de poder-conhecimento" (LAURETIS, 2019, p. 155).

Dessa forma, entendemos que a diferença sexual não é o que explica ou autoriza a manutenção da opressão contra mulheres e que as categorias de identidade, como raça/etnia, classe social e gênero não podem ser tratadas isoladamente pois não dão conta de, sozinhas, nos ajudar a compreender os estigmas fruto da confluência de diferentes marcadores. Além disso, "apesar de atos individuais funcionarem como formas de manutenção e reprodução de sistemas de opressão [...]. A opressão não pode ser uma consequência direta de tais atos" (BUTLER, 2019, p. 221).

Ou seja, a construção do gênero é histórica e coletiva, sua aceitação e reprodução ocorre em atos individuais e performativos. Entretanto, a manutenção de mulheres em condições de opressão não é resultado desses atos individuais e sim das condições sociais dos sistemas hegemônicos como o racismo, a eugenia, o eurocentrismo, o patriarcado e o capitalismo neoliberal. Quando Jair Bolsonaro constrói enunciados que regulam o papel da "mulher" ou quando é violento contra mulheres jornalistas, este ato individual - ainda que de um vetor privilegiado - só se sustenta porque há vários sistemas hegemônicos que dão sustentação a ele.

Há uma flagrante similaridade com o que é defendido por Johan Galtung (1981) em sua diferenciação quanto a violência estrutural da violência direta e, posteriormente, da violência cultural (1990)³⁹. Na busca pela raiz das opressões e violências, "não deve-se buscar somente as raízes da violência direta, mas também as raízes da

³⁹ Conforme vimos no Capítulo 1.

violência estrutural: instintos, pulsões, inclinações à dominação e à destruição" (GALTUNG, 1981, p. 104)⁴⁰.

Segundo o autor, o problema da procedência da violência tende a um reducionismo que pretendemos evitar e que notamos ser recorrente em parte da produção dos Estudos Feministas e de Gênero, principalmente entre as autoras que tratam sobre o patriarcado. Galtung critica a teoria do disparador, segundo a qual as inclinações para a destruição e para a dominação estão latentes no homem e podem ser disparadas de acordo com determinado estímulo. As raízes da violência, nessa concepção, são mais profundas e, talvez, não possam ser arrancadas. Para o sociólogo, ao entender a violência como uma condição da natureza humana, esse ponto de vista conduz à passividade e ao fatalismo (*Ibid.*). No que concerne à violência de gênero, sabemos que mulheres

podem oferecer resistência ao processo de exploração-dominação que sobre elas se abate e milhões delas têm procedido desta forma. Não apenas no que concerne às relações de gênero, mas também atingindo as interétnicas e as de classes, pode-se afirmar que mecanismos de resistência estão sempre presentes, alcançando maior ou menor êxito. (SAFFIOTI, 2001, p. 120).

O objetivo prioritário de qualquer vertente do feminismo é a ressignificação das relações de poder (*Ibid.*, p. 125) mas, se a violência é uma condição da natureza humana e, mais especificamente, se a violência de gênero é uma condição da natureza dos sujeitos gentrificadas como homens, como será possível a ressignificação das relações de poder?

Para Saffioti, "a postura vitimista é também essencialista social" (*Ibid.*). Inferimos que, tanto a violência de um homem contra uma mulher quanto a violência (seja direta, estrutural ou cultural) de Jair Bolsonaro contra uma mulher jornalista são fruto de expressões de poder ou resistência no interior de um processo de exploração-dominação, em especial (mas não somente), o patriarcado.

2.2 O conceito de patriarcado

Assim como "gênero", o conceito de "patriarcado" sofreu interpelações de diferentes autoras e autores, pelo risco de apresentar um reducionismo a partir da ideia de um "patriarcado universal" - o que ignoraria as diferentes opressões e os sistemas de reação e resistência a que mulheres foram submetidas em diferentes sociedades. As críticas ao termo partem, principalmente, de feministas marxistas e pós-marxistas e do feminismo negro e decolonial.

A filósofa Cinzia Aruzza (2015) explica que o termo patriarcado é comumente

⁴⁰ Em livre tradução, "no deben buscarse sólo las raíces de la violencia directa, sino también las raíces de la violencia estructural: instintos, pulsiones, inclinaciones hacia la dominación tanto como hacia la destrucción".

utilizado para abordar a opressão e/ou a desigualdade de gênero, reforçando como essas não são ocorrências esporádicas. "Ao contrário, são questões que atravessam toda a sociedade, fundamentalmente reproduzidas através de mecanismos que não podem ser explicados no nível individual" (2015, p. 35). Ou seja, analogamente ao já discutido sobre a identidade de gênero - e demais subjetividades que compõem o "sujeito multifacetado" (SAFFIOTI, 1995, p. 9)-, a opressão de gênero, ou "o patriarcado", possui um "caráter e consistência societal" (ARUZZA, 2015, p. 35).

As interpelações iniciaram-se entre as décadas de 1970 e 1980, com um embate sobre a hierarquização entre patriarcado e capitalismo - e de qual teria maior impacto sobre o outro. Por mais que esta discussão tenha "saído de moda" (ARUZZA, 2015, p. 35), as complicações atuais frente à crise econômica e social do sistema neoliberal incluem, como nunca, as "relações estruturais entre a opressão de gênero e o capitalismo" (*Ibid.*). Aruzza exemplifica algumas destas complicações:

feminização do trabalho; o impacto da política neoliberal na vida e condições de trabalho das mulheres; a intersecção entre opressão de gênero, raça e classe; ou a relação entre as construções diferentes de identidade sexual e os regimes capitalistas de acumulação (*Ibid.*).

Adicionamos aqui o crescimento dos casos e a naturalização da violência contra mulheres jornalistas, tema de pesquisa do presente trabalho. Cinzia Aruzza apresenta uma proposta de conceito para os "sistemas patriarcais", fugindo, portanto, da ideia de "patriarcado universal". Segundo ela, é

entendido como um sistema de relações, tanto materiais como culturais, de dominação e exploração de mulheres por homens. Este é um sistema com sua própria lógica, que é ao mesmo tempo maleável a mudanças históricas, em uma relação de continuidade com o capitalismo. (2015, p. 39).

Recorrendo novamente ao artigo "Gênero: uma categoria útil para a análise histórica", Joan Scott (1986) resume que "as teóricas do patriarcado concentraram sua atenção na subordinação das mulheres e encontraram a explicação na 'necessidade' do *macho* dominar as mulheres" uma vez que eles dependem delas para ter acesso aos "meios de reprodução da espécie" (SCOTT, 2019, p. 56). Já outras autoras, deixando de lado a reprodução, acreditavam que a origem do patriarcado estava no controle da sexualidade das mulheres. Scott enumera os problemas que estas teorias apresentam:

Primeiro, enquanto propõem uma análise interna ao sistema de gênero, afirmam igualmente a primazia desse sistema em relação à organização social no seu conjunto. Mas as teorias do patriarcado não explicam o que a desigualdade de gênero tem a ver com as outras desigualdades. Segundo, afirmam que a dominação vem na forma da apropriação masculina do labor reprodutivo da mulher ou que ela vem pela reificação sexual das mulheres pelos homens, a análise baseia-se na diferença física. Toda diferença física

tem um caráter universal e imutável, mesmo quando as teóricas do patriarcado levam em consideração a existência de mudanças nas formas e nos sistemas de desigualdade no gênero. Uma teoria que se baseia na variável única da diferença física é problemática [...], ela pressupõe um sentido coerente ou inerente ao corpo humano – fora qualquer construção sociocultural – e, portanto, a não historicidade do gênero em si. De certo ponto de vista, a história se torna um epifenômeno que oferece variações intermináveis sobre o tema imutável de uma desigualdade de gênero fixa (SCOTT, 2019, p. 56-57).

Apesar de tais críticas, neste trabalho, não negaremos a existência ou a relevância do conceito de patriarcado. Acreditamos, ao revés, que é necessário alargar a compreensão de "patriarcado" para além do ambiente privado, entendendo que "o direito patriarcal perpassa não apenas a sociedade civil, mas impregna também o Estado" (SAFFIOTI, 2015, p. 57). Ou seja, o patriarcado é o responsável por converter a diferença sexual em uma diferença política e "colocar o nome da dominação masculina - o patriarcado - na sombra significa operar segundo a ideologia patriarcal, que torna natural essa dominação-exploração" (SAFFIOTI, 2015, p. 59).

Assim, compreendemos a validade do conceito de patriarcado não como algo dado e universal, ou necessariamente submetido ao capitalismo ou superior a ele - bem como ao colonialismo -, e não apenas como, no sentido literal do termo, "o regime paterno"; mas como o nome que designa o contrato social-sexual (PATEMAN, 2020, p. 15-16) que foi firmado entre homens mas cujo objeto são as mulheres.

Analogamente a Saffioti (2015), entendemos que o "patriarcado" ainda é uma categoria útil por se tratar da desigualdade da relação civil entre homem e mulher, não apenas a relação privada; porque é o patriarcado que

dá direitos sexuais aos homens sobre as mulheres⁴¹ [...]; configura um tipo hierárquico de relação que invade todos os espaços sociais; tem uma base material; corporifica-se e representa uma estrutura de poder baseada tanto na ideologia quanto na violência (p. 60).

Não cabe a este trabalho dar conta dos desencontros entre feministas marxistas e socialistas e teóricas do patriarcado; nem quanto a qualquer outra linha teórica dos Estudos Feministas e de Gênero que possam estar em desacordo entre si. O que propomos é a busca conceitual dos termos úteis à pesquisa, como gênero e

⁴¹ Muitos exemplos no Código Legal brasileiro podem servir, como a Lei da Virgindade que esteve em voga até 2003 e que dava direito ao marido de pedir o divórcio caso constatasse que a esposa não era virgem no momento da noite de núpcias. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/foha/especial/2003/codigocivil/familia-1.shtml>. Ou, o exemplo mais recente, a obrigatoriedade de autorização formal do cônjuge para que uma mulher solicitasse o procedimento de laqueadura que caiu apenas em 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2022/08/10/senado-acaba-com-autorizacao-obrigatoria-d-o-conjuge-para-laqueadura> Acesso em: 25 de jun. 2023.

patriarcado, para chegarmos à relação imbricada que resulta no *continuum* da violência contra as mulheres⁴², que trataremos a seguir.

2.3 Gênero e violência

Como vimos, "não existe sistema binário de gênero que esteja dado" (BUTLER, 2019, p. 229). Ao revés, o gênero está sempre em negociação com a cultura e com a história. Isso não ocorre de forma passiva ou pré-determinada "pela natureza, pela língua, pelo simbólico ou pela esmagadora história do patriarcado" (*Ibid.*). As performatividades de gênero que fogem ao *script* patriarcal, como as existências *queer*, ou também as diferentes estratégias de resistência das mulheres negras brasileiras que cotidianamente enfrentam o "racismo de denegação" (GONZALEZ, 2019, p. 344) - aquele disfarçado pelo mito da democracia racial - colocam em xeque a persistência da violência de gênero.

É justamente a percepção de gênero como processo ou performance que permitiu a diversas feministas questionarem a naturalização da violência contra a mulher ou o atributo da violência como uma marca da masculinidade. A grosso modo, se a docilidade não é uma característica da "natureza feminina", a violência também não é própria à natureza dos homens.

"Para a discussão conceitual, este ponto é extremamente relevante, uma vez que *gênero* deixa aberta a possibilidade do vetor da dominação-exploração" (SAFFIOTI, 2015, p. 74). Ou seja, também inserem-se nos Estudos de Gênero as relações homem-homem e mulher-mulher. Portanto, isso nos permite inferir que nas relações entre homens e mulheres a desigualdade de gênero é construída no caldo cultural que sustenta os sistemas patriarcais.

Em uma perspectiva transnacional, outra socióloga, a francesa Jules Falquet (2022, p. 9-10), analisa como a violência contra as mulheres desempenha um papel central na reorganização neoliberal colocando em evidência o caráter de continuidade do fenômeno e sua importância social, política e econômica.

De modo mais geral, é preciso notar, naquilo que diz respeito à 'equação pessoal' da violência masculina contra as mulheres, que desde a tenra infância, tanto a educação quanto os papéis sociais masculinos e femininos criam e confortam, dentro de mulheres e homens, duas atitudes opostas perante a violência. Às mulheres, desde cedo, tenta-se inculcar a passividade e a submissão, restringindo drasticamente o seu uso da violência e das armas; aos homens, em quem se forma e se valoriza a agressividade ao tempo que se armam abundantemente, ensina-se que

⁴² Trataremos sobre a violência que vitima mulheres jornalistas no próximo capítulo quando analisaremos a violência direta a que elas foram submetidas no contato com Jair Bolsonaro, mas também as violências de gênero e classe que sustentam-se tanto em questões estruturais como a naturalização do assédio nas redações e a desigualdade de gênero nas remunerações, como em questões culturais, como a desvalorização do jornalismo.

violentar 'sua' mulher é um sinal indubitável de masculinidade (FALQUET, 2022, p. 55)

Para esta autora, a violência contra mulheres têm efeitos políticos e sociais na medida em que não afetam apenas as vítimas, mas também às famílias e a sociedade em geral, permitindo uma "economia relativa de meios" (p. 58) que gera uma reação em cadeia de medo e autocensura. Ou seja, "não é necessário violar ou espancar todas as mulheres todos os dias", porque só a tomada de conhecimento de alguns casos já é o suficiente para manter as mulheres preocupadas e com medo de "infringir as normas que supostamente a protegem de tal sorte" (Ibid.). Este efeito, em última instância, desmobiliza e desencoraja que mulheres reajam de forma organizada.

Portanto, para Jules Falquet, a violência contra mulheres parte de um *continuum* cujos efeitos garantem a submissão de umas, enquanto forja a identidade de um grupo social, os homens, garantindo-lhes certos privilégios (2022, p. 70). Esta formação da identidade dos homens não é dada de forma indolor, uma vez que eles são submetidos, em sua socialização, a rituais violentos como o serviço militar - obrigatório em muitos países -, a iniciação sexual forçada, entre outros. Mas, como resultado, configura um acordo tácito cujo pertencimento comum está baseado na exclusão sistemática de "outros" - neste caso, outras, as mulheres.

Em outras palavras, os homens passam por um "verdadeiro treinamento para sofrer" (p. 87), mas estão conscientes que, depois, isso os levará a "infligir violência e, sobretudo, controlar sua administração" (Ibid.) contra as mulheres. Analogamente, para Lourdes Bandeira (2014), a violência interpessoal entre homens e mulheres é aquela que "ocorre como uma das formas de sociabilidade ancorada na desvalorização de um paradigmático 'feminino'" (p. 450).

Portanto, a violência contra mulheres é uma "questão central do cotidiano, uma vez que o volume de denúncias das mais variadas formas de violência contra as mulheres têm persistência como um relevante fenômeno social" (BANDEIRA, 2014, p. 449). Basta notar os dados recentes do Fórum Brasileiro de Segurança Pública na 4ª Edição da pesquisa "Visível e Invisível: a Vitimização de Mulheres no Brasil" cuja principal conclusão é que "todas as formas de violência contra a mulher apresentaram crescimento acentuado em 2022" (BUENO *et al*, 2023, p. 8).

Os fatores para este crescimento são muitos: a falta de investimento público nas políticas de enfrentamento à violência contra a mulher por parte do Governo Federal sob a gestão de Jair Bolsonaro⁴³; a pandemia de Covid-19 que comprometeu o funcionamento de serviços de acolhimento às mulheres em situação de violência; e

⁴³ Nota técnica produzida pelo Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc) e citada pela pesquisa em questão demonstrou que em 2022 ocorreu a menor alocação orçamentária para o enfrentamento da violência contra mulheres em uma década.

a ação política de movimentos ultraconservadores que se intensificaram na última década e colocaram a igualdade de gênero como um tema a ser combatido em nome da família e da moral.

Dado que, como defende Lourdes Bandeira, a persistência da violência de gênero centra-se na argumentação de que "a mulher não está cumprindo bem seus papéis de mãe, dona de casa e esposa por estar voltada ao trabalho" (BANDEIRA, 2014, p. 456), é especialmente adequado a Jair Bolsonaro conduzir seu arsenal discursivo contra mulheres jornalistas em razão de seu gênero - aliado a outros marcadores sociais como raça e orientação sexual - e sua profissão. Afinal, a ascensão de um reacionário como Jair Bolsonaro não ocorre sem um contexto.

Um homem branco apoiado por grandes proprietários de terra, pelo mundo dos negócios e por Igrejas evangélicas; um homem que declarou abertamente sua misoginia, sua homofobia, sua negrofobia, seu desprezo pelos povos indígenas, sua vontade de vender o Brasil ao melhor pagador, de violar as leis sociais voltadas às classes mais pobres e as leis de proteção à natureza, de voltar atrás nos acordos assinados com povos indígenas, e tudo isso alguns meses após o assassinato da vereadora *queer* e negra Marielle Franco. (VERGÉS, 2020, p. 29-30)

Enfraquecer o papel da imprensa enquanto reafirma os compromissos com as características acima apontadas por Françoise Vergés (2020), é como matar dois coelhos com uma cajadada só.

Cabe notar que Lourdes Bandeira defende que a ressignificação das relações de poder é o objetivo prioritário do feminismo, independentemente das distintas matrizes teóricas sobre gênero que possam ser adotadas (BANDEIRA, 2014, p. 455) - algumas das quais abordamos aqui. Agregamos a isto a contribuição de Françoise Vergès, para quem o feminismo "não pode isolar as 'violências contra as mulheres' [...] de um estado global das violências" (VERGÉS, 2022, p. 12) uma vez que "a violência é um componente estruturante do patriarcado e do capitalismo, não uma especificidade masculina" (2022, p. 13).

No caso brasileiro, a política nacional é historicamente marcada por golpes, militarização e barreiras impostas à participação de mulheres, seja pelas heranças do colonialismo cristão, seja pela permanência de dificuldades econômicas e sociais para que mulheres consigam se candidatar e se eleger - como salários mais baixos e divisão sexual do trabalho. Atualmente, apenas 16% das cadeiras da Câmara dos Deputados e do Senado Federal são ocupadas por mulheres.

À época em que Jair Bolsonaro foi eleito presidente, em outubro de 2018, o país atravessava uma instabilidade política após o *impeachment* da primeira presidenta mulher eleita, Dilma Rousseff, e a prisão do candidato favorito nas pesquisas de intenção de voto, Luiz Inácio Lula da Silva. Ao mesmo tempo, as ideias reacionárias

do bolsonarismo encontravam muitos apoiadores e muitas apoiadoras no Legislativo.

CAPÍTULO 3 – SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES JORNALISTAS

Como vimos no **Capítulo 1**, a partir da leitura de Hannah Arendt e Michel Foucault, a violência é instrumental para o poder e o poder se manifesta no controle do discurso. Além disso, na perspectiva de Johan Galtung e Taylor O'Connor, a violência deve ser analisada a partir do "triângulo vicioso" em que a violência direta - ou seja, a violência como acontecimento - é sustentada pela violência estrutural, muito mais difícil de se notar; e a violência cultural. No capítulo anterior notamos como a violência de gênero é uma violência estrutural e contínua, naturalizada por sistemas patriarcais que, por sua vez, são sustentados pela relação de dominação-exploração que perpassa performatividades de gênero.

Neste capítulo trataremos especificamente da violência contra mulheres jornalistas - como acontecimento, nos casos registrados pela FENAJ (2023) em que uma mulher foi diretamente vítima de Jair Bolsonaro em 2022; como estrutura no exercício profissional de mulheres jornalistas, seja nas rotinas da redação, seja no contato com as fontes; e como narrativa cultural, estratégia de Governo de Jair Bolsonaro a que a FENAJ chama de "descredibilização". Antes, entretanto, faremos um apanhado do contexto a que as mulheres jornalistas estão submetidas nos últimos anos.

"*Ela queria dar o furo dela*", foi assim que o então presidente Jair Bolsonaro fez referência à repórter da *Folha de São Paulo*, Patrícia Campos Mello, depois que essa foi acusada por uma fonte de trocar informações por sexo. O episódio aconteceu em 18 de fevereiro de 2020 e Jair Bolsonaro fez essa afirmação em frente às câmeras de TV de veículos diversos, durante coletiva improvisada na frente do Palácio da Alvorada⁴⁴.

A fonte em questão foi Hans Nascimento, ex-funcionário da Yacows, empresa investigada pela jornalista como suspeita de ser uma das contratadas em um esquema de disseminação de notícias falsas que teria ocorrido durante as eleições de 2018. Hans fez tais acusações em seu depoimento à Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) das Fake News no dia 12 de fevereiro de 2020. A Comissão foi instalada em julho de 2019 por políticos de oposição a Bolsonaro com o objetivo de investigar o uso de perfis falsos para influenciar os resultados das eleições; mesmo tema de uma reportagem assinada por Patrícia Campos Mello de

⁴⁴ Bolsonaro insulta repórter da Folha com insinuação sexual. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/02/bolsonaro-insulta-reporter-da-folha-com-insinuacao-sexual.shtml>. Acesso em: 20 de out. 2023.

18 de outubro de 2018⁴⁵. Depois desta, Patrícia ainda publicou outras suítes sobre o assunto, entre elas a reportagem sobre a *Yacows*⁴⁶.

Sete dias após a declaração de Hans Nascimento ter sido desmentida por reportagem da *Folha de São Paulo*, Bolsonaro fez a insinuação sexual descrita acima. Em março de 2021, a Justiça deu ganho de causa à Patrícia Campos Mello e condenou o presidente a pagar R\$ 20 mil por danos morais. A decisão, entretanto, não impede os episódios de violência a que Patrícia foi submetida após tais declarações. Os ataques online ocorrem desde as eleições de 2018, conforme relata o livro “*A máquina do ódio*” (2020), de autoria da jornalista.

Desde 18 outubro de 2018 vivo num mundo bizarro. Naquela quinta-feira, publiquei na *Folha de São Paulo*, jornal onde trabalho há nove anos, uma reportagem sobre o disparo em massa de mensagens por *WhatsApp* contra Fernando Haddad, na ocasião candidato do PT à Presidência. Faltavam dez dias para o segundo turno da eleição, marcado para 28 de outubro. [...] A reportagem foi publicada no site do jornal às duas horas da manhã. Pouco depois, comecei a sofrer um processo de desconstrução nas redes sociais. (MELLO, p. 8, 2020)

Patrícia relata que encontraram um vídeo dela de 2013 em que declarava voto no *Partido dos Trabalhadores (PT)* para alunos de jornalismo em uma Universidade. A fala foi retirada de contexto, editada e distribuída nas redes sociais. Segundo ela, em poucos minutos, robôs⁴⁷ distribuíram estas e outras mensagens pelo *Twitter*. Além do vídeo editado, utilizaram fotos de outras mulheres, atribuindo-as à Patrícia, para montar imagens vexatórias ou sexuais que também circularam em grupos no *Facebook* e no *WhatsApp*. Seu filho, com seis anos à época, sofreu ameaças. Apoiadores de Jair Bolsonaro começaram a se organizar para aparecer nos eventos em que Patrícia participaria. Até que, por fim, a *Folha de São Paulo* designou um guarda-costas para proteger a repórter.

Em alguns dias, deixei de ser conhecida só no meu meio [...] e passei a ser uma pessoa odiada e xingada. [...] Aquela dinâmica se transformou em padrão — toda vez que eu publicava alguma reportagem incômoda, destampava-se a panela do ódio. (MELLO, p. 11, 2020)

Guazina, Leite e Santos afirmam que o episódio envolvendo Patrícia Campos Mello acabou personalizando na figura da repórter da *Folha de São Paulo* o discurso

⁴⁵ Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml> Acesso em: 20 de out. 2023.

⁴⁶ Fraude com CPF viabilizou disparo de mensagens de WhatsApp na eleição. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/12/fraude-com-cpf-viabilizou-disparo-de-mensagens-de-whatsapp-na-eleicao.shtml> Acesso em: 20 de out. 2023.

⁴⁷ *Bots* são robôs utilizados em redes sociais, especialmente no *Twitter*, para contribuir com o espalhamento de desinformação. Segundo Recuero e Grudz (2019, p. 34-35), o uso de *bots* pode criar falsas percepções de consenso. "As redes de bots operam de modo a (1) aumentar rapidamente a visibilidade de uma informação falsa e (2) a inflar o 'status' de alguns usuários, fazendo perceber determinada informação falsa como crível".

anti-gênero que já era utilizado por Jair Bolsonaro em toda a sua vida pública (2021, p. 55). Porém, infelizmente, Patrícia não é a única jornalista que passou por uma situação dessa natureza.

Ao contrário, os relatórios anuais publicados pela *Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ)* demonstram que o ex-presidente Jair Bolsonaro foi o principal autor de ataques a veículos de comunicação e a jornalistas de 2019 a 2022.

Em 2022, repetindo a mesma posição ocupada nos três anos anteriores, ele foi o responsável pessoal por 104 ocorrências (27,66% do total), a maioria delas, tentativas de Descredibilização da imprensa (80), mas também por 24 casos de agressões diretas a jornalistas. Bolsonaro, no ano em que era candidato à reeleição, diminuiu os ataques à liberdade de imprensa. Foram 43 casos a menos (29,25%), que os 147 ataques registrados em 2021. Mas ele manteve-se no topo da lista dos agressores, posição que assumiu em 2019. O ex-presidente foi seguido de perto nas violações à liberdade de imprensa por seus apoiadores que, especialmente durante manifestações antidemocráticas, foram os responsáveis por 80 episódios de agressões diretas a jornalistas. Em comparação com 2021, quando ocorreram 20 agressões por parte dos bolsonaristas, foram 60 casos a mais, um crescimento de 300% (FENAJ, 2023, p. 13).

Cabe notar que o crescimento da violência contra jornalistas, especialmente mulheres, não é um fenômeno localizado apenas no Brasil. Michelle Ferrier (2019) aponta que cerca de 63% das mulheres jornalistas já foram ameaçadas ou assediadas na internet e que 40% delas passaram a evitar certas matérias e pautas após estes episódios.

O ambiente online foi transformado em uma arma e usa velocidade e redes distribuídas para montar ataques sofisticados que amplificam a misoginia [...]. Contas e tuítes falsos semeiam desinformação. Como produtores e amplificadores culturais, jornalistas fazem parte de uma luta de poder contra ideologias odiosas, misoginia violenta e narrativas falsas. Tanto online quanto offline, o mundo se tornou muito mais perigoso para jornalistas nos últimos cinco anos (FERRIER, 2019, p. 11)⁴⁸.

Em abril de 2021, em co-autoria com a *Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco)*, o *International Center for Journalists (ICFJ)* publicou o relatório "*The Chilling: Global trends in online violence against women journalists*" que realizou entrevistas com mais de 900 jornalistas mulheres, em 125 países, entre eles o Brasil. A pesquisa foi coordenada por Julie Posetti que, em sua conclusão, afirma:

A violência online contra mulheres jornalistas é um fenômeno global, embora com impactos desiguais que são intensificados em vários pontos de

⁴⁸ Tradução livre: "The online environment has been weaponized and uses speed and distributed networks to mount sophisticated attacks that amplify misogyny [...]. Imposter accounts and fake tweets sow misinformation. As cultural producers and cultural amplifiers, journalists are part of a larger power struggle over hateful ideologies, violent misogyny, and false narratives. Both online and off, the world has become much more dangerous for journalists in the past five years".

intersecção, incluindo racismo, preconceito religioso, sectarismo, homofobia e desinformação. Existe um clima de impunidade em torno dos ataques online a jornalistas mulheres que deve ser enfrentado de forma mais urgente e eficaz, porque a impunidade encoraja os perpetradores, desmoraliza a vítima, corrói as bases do jornalismo e mina a liberdade de expressão (POSETTI *et al*, p. 89, 2021)⁴⁹.

No ano seguinte, em 2022, a pesquisa foi publicada em edição completa, com três novos apêndices. Em um deles, há uma sessão dedicada ao caso brasileiro, assinado pelas jornalistas Luisa Ortiz Pérez, Carolina Oms, Eunice Remondini e Kate Kingsford (2022, p. 250). O apêndice apresenta o resultado de entrevistas em profundidade com 14 jornalistas brasileiras. Além do cenário apresentado anteriormente pela FENAJ, o relatório informa que as respostas institucionais são insuficientes, uma vez que há evidências de que a violência online contra jornalistas é tratada como pouco importante pela política e pelo sistema judiciário brasileiros. Além disso,

as jornalistas ainda podem ser desencorajadas a buscar reparação legal para ataques online porque algumas investigações são abandonadas devido à pressão de diferentes tipos de perpetradores. Outro impedimento é a natureza longa e cara do processo legal. Em resposta, as mulheres jornalistas formaram coletivos para se apoiarem psicologicamente e com conselhos práticos enquanto enfrentam batalhas legais. Várias organizações da sociedade civil no Brasil realizam pesquisas e participam de ativismo para combater a violência online. (POSETTI *et al*, 2022, p. 251)⁵⁰

No Brasil, cabe notar, o relatório “*Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil*” (FENAJ, 2023), assim como outras iniciativas similares, não se aprofunda quanto ao gênero dos jornalistas vítimas de ataques, já que em muitos registros não há identificação de nomes e tão pouco classificação por gênero. Nesse sentido, em 2022, a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), com financiamento da UNESCO, desenvolveu o primeiro monitoramento específico dos casos de violência de gênero contra jornalistas, “incluindo ataques contra profissionais mulheres ou meios de comunicação com viés feminista” (2022, p. 10).

O Projeto *Violência de gênero contra jornalistas* trouxe conclusões relevantes. Por exemplo, dos ataques registrados em 2021, 68% deles ocorreram no ambiente

⁴⁹ Livre tradução: “online violence against women journalists is a global phenomenon, albeit one with uneven impacts that are heightened at various intersectional points, including racism, religious bigotry, sectarianism, homophobia and disinformation. There is a climate of impunity surrounding online attacks on women journalists which must be more urgently and effectively addressed because impunity emboldens the perpetrators, demoralizes the victim, erodes the foundations of journalism, and undermines freedom of expression”.

⁵⁰ Em livre tradução: “journalists may still be discouraged from seeking legal redress for online attacks because some investigations are dropped due to pressure from different types of perpetrators. Another impediment is the long and costly nature of the legal process. In response, women journalists have formed collectives to support each other both psychologically and with practical advice as they endure legal battles. A number of civil society organizations in Brazil carry out research and take part in activism to counter online violence”.

online e 3,4% ocorreram fora do ambiente digital, mas reverberaram dentro dele, com especial destaque para a Plataforma *Twitter* em que ocorreu a grande maioria (ABRAJI, 2022, p. 34-35). Outra conclusão é que "a maioria das agressões desencadeadas por uma cobertura jornalística específica estão ligadas a pautas políticas" (Ibid., p. 36).

O Projeto da ABRAJI continuou coletando dados da violência de gênero durante o ano de 2022 - e segue em 2023. Ainda que não tenham publicado relatório exclusivo para o recorte de gênero como no ano anterior⁵¹, os dados do ano eleitoral estão disponíveis em plataforma *open source*⁵² e foram resumidos no *Monitoramento de Ataques a Jornalistas no Brasil*, relatório anual publicado pela Associação.

No total, a ABRAJI listou nove⁵³ episódios de violência de gênero cometidos pelo ex-presidente Jair Bolsonaro, quase a totalidade deles ocorreram durante o período de pré-eleição e de campanha eleitoral, entre junho e setembro de 2022. Além disso, seis dos nove episódios ocorreram enquanto as profissionais faziam coberturas relacionadas à política e às eleições. Outras duas tratavam de economia e em uma não há registro da temática. Mais da metade delas tiveram origem no ambiente digital (cinco) e três delas tiveram repercussão no meio online. Ou seja, apenas uma ocorrência não teve qualquer relação ou efeito nas redes sociais. Além disso, das oito ocorrências que se relacionam com o ambiente digital, cinco ocorreram no *Twitter* e duas no *YouTube*.

"As agressões mais comuns no monitoramento de gênero foram os discursos estigmatizantes (74 casos, 51% do total)" (ABRAJI, 2023, p. 34). Nos registros da ABRAJI, dos nove episódios envolvendo o ex-presidente, estão todos classificados dentro dessa categoria. Além disso, a violência contra mulheres jornalistas triplicou no *Twitter* durante o período pós-eleições⁵⁴, entre 30 de outubro e 8 de dezembro.

Também de 2022, o relatório *Como operações de influência entre plataformas são usadas para atacar jornalistas e enfraquecer democracias?*, é fruto de uma parceria do InternetLab com o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital (INCT.DD), o Laboratório de Pesquisa Digital Forense do Conselho Atlântico

⁵¹ Pelo menos até julho de 2023, a ABRAJI não publicou novo relatório com recorte de gênero. O material publicado neste ano dá conta do *Monitoramento de Ataques a Jornalistas no Brasil*, publicação realizada anualmente desde 2013. Disponível em: <https://abraji.org.br/projetos/monitoramento-de-ataques-a-jornalistas> Acesso em: 9 de jul. 2023.

⁵² Todos os dados do Projeto podem ser acessados pelo link: <https://violenciagenerojornalismo.org.br/>. O link de acesso direto ao banco de dados é: <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1wligHW5klbVbNKEI0Bw87z-RQyk5b9IY/edit?usp=sharing&oid=109607885035551979102&rtpof=true&sd=true> Acesso em: 9 de jul. 2023.

⁵³ Este também foi o número registrado pelo relatório da FENAJ, conforme veremos adiante.

⁵⁴ Disponível pelo link: <https://abraji.org.br/noticias/ataques-misoginos-a-mulheres-jornalistas-triplica-no-periodo-pos-eleicao> Acesso em: 10 de jul. 2023.

(DFRLab), o Instituto VERO, AzMina e VOLT DATA LAB. A pesquisa fez uso de uma abordagem multimétodos com realização de entrevistas, análise de dados e de redes do Twitter, YouTube e WhatsApp e análise lexical para diferenciar os ataques online contra jornalistas de acordo com raça e gênero.

"O objetivo principal da pesquisa foi demonstrar concretamente como esses ataques impactaram as vidas de jornalistas por meio de diferentes plataformas e como discursos violentos ganham espaço nas redes sociais no contexto brasileiro" (INTERNETLAB *et al*, 2022, p. 5). As conclusões no que diz respeito às mulheres jornalistas dão conta de que os ataques contra jornalistas são "fortemente marcados pelo gênero" (*Ibid.*, p. 66), inclusive com ameaças misóginas.

Mais especificamente, os temas dos ataques variaram de acordo com o gênero da vítima. Seja em tweets ou comentários no YouTube, ofensas dirigidas a mulheres trouxeram muitos termos sexuais e mais frequentemente questionaram sua capacidade de exercer sua profissão. Os homens brancos, por outro lado, recebiam mais ofensas dirigidas à sua profissão e menos como pessoa (considerando os Tweets analisados qualitativamente) (INTERNETLAB *et al*, 2022, p. 65-66).

Ainda de acordo com a pesquisa, mulheres jornalistas recebem mais que o dobro de ofensas que os colegas homens no *Twitter*⁵⁵. As características dos ataques também são diferentes. Os termos mais usados contra elas sugerem que elas são incapazes e/ou abordam características físicas e moralizantes. "Ridícula", "canalha", "louca", "mulherzinha", "descontrolada", "jumenta", "puta" são apenas alguns dos termos mapeados.

Percebe-se, portanto, que não apenas os ataques são marcados pelo gênero como as consequências também. Segundo relatório da agência de notícias Gênero e Número e Repórter Sem Fronteiras, *O impacto da desinformação e da violência online contra jornalistas, comunicadoras e LGBT+*, em 2022, 53% das mulheres e pessoas LGBT+ entrevistadas revelaram que a violência sofrida no ambiente online impactou sua rotina laboral com consequências para a vida pessoal. 31% diminuíram ou mudaram a forma como utilizam as redes sociais e 25% precisaram fechar as contas em redes sociais após os ataques.

Para Patrícia Campos Mello, essa tática funciona como uma espécie de censura informal prejudicando, de forma específica, mulheres jornalistas.

A era da perseguição voltou, por meio das redes sociais e milícias virtuais. Trata-se de uma forma nova de censura, terceirizada para exércitos de trolls patrióticos repercutidos por robôs no *Twitter*, *Facebook*, *Instagram* e

⁵⁵ Detalhes sobre o recorte de gênero da pesquisa podem ser encontrados em reportagem especial da *Revista AzMina*, disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/mulheres-jornalistas-recebem-mais-que-o-dobro-de-ofensas-que-olegas-homens-no-twitter/> Acesso em: 9 de jul. 2023.

WhatsApp. E as jornalistas mulheres são as vítimas preferenciais. À diferença de nossos colegas homens, é muito mais corriqueiro termos dados pessoais expostos na internet, sofrermos comentários jocosos sobre nosso aspecto físico, ofensas a nossa honra e ameaças online que muitas vezes migram para o mundo real (MELLO, 2020, p. 79).

Relembrando o "Triângulo da Violência" (**Figura 3**) que propusemos no **Capítulo 1** e com os dados do panorama da violência de gênero contra mulheres jornalistas em mente, a seguir vamos analisar o fenômeno da violência contra mulheres jornalistas enquanto violência direta, nos casos específicos de agressões, ataques e hostilização registrados pela FENAJ em 2022 em que o autor foi Jair Bolsonaro. Depois, veremos a violência estrutural no exercício da profissão e, por fim, a violência cultural manifesta na narrativa da imprensa como inimiga.

3.1 - Como acontecimento

Segundo Johan Galtung (2018, p. 41), a "violência direta" é aquela que é aparente. Ela só é possível porque sustenta-se nas violências cultural e estrutural que são silenciosas e "menos explícitas" (RAMOS E SAAD, 2022, p. 8). Além disso, o **Quadro 3**, com as contribuições de Taylor O'Connor (2020, online) sobre a violência direta, nos permite inferir que os casos registrados em 2022 de violência cometida por Jair Bolsonaro contra jornalistas são de ordem interpessoal.

Dentre os registros da FENAJ do ano de 2022, há 19 agressões verbais, ataques virtuais ou hostilização cometidas pelo ex-presidente Jair Bolsonaro contra jornalistas específicos. Estes termos são uma escolha da própria FENAJ. Dentre os 19 registros, nove são casos envolvendo jornalistas mulheres, apresentados na tabela a seguir (**Quadro 6**):

Data	Período	Vítima	Tipo	Descrição da ocorrência
10/01	Não eleitoral	Miriam Leitão	Agressão verbal	<p>Durante entrevista ao programa "Os Pingos nos Is", da Rádio Jovem Pan, Bolsonaro disse: "Se ela fosse tão boa, seria lembrada por alguém para ocupar ministério da economia, secretaria. Nunca foi lembrada para isso. Qual é a acusação contra mim? Que Fake News tenho praticado nas minhas mídias? Não existe. Quando acontece equívoco, a gente se retrata. Coisa que não acontece com a Globo nem com essa comentarista econômica." (...)</p> <p>E continuou: "Lula fala que vai regular mídia, ela não tem qualquer crítica ao Lula. Paciência, Miriam Leitão. Você perdeu essa daí. Trabalhe melhor, comece a mostrar a verdade, que você tem credibilidade e pode me derrotar no futuro, já que você age partidariamente na sua televisão."</p>

07/04	Não eleitoral	Miriam Leitão	Ataque virtual	No Twitter, Bolsonaro utilizou trecho de um vídeo da jornalista para ironicamente afirmar que a ela falta isenção: “Com vocês, a isenta imprensa brasileira” , escreveu.
11/07	Não eleitoral	Não informado	Hostilização	Uma jornalista foi hostilizada e intimidada ao questionar Jair Bolsonaro sobre sua afirmação “vamos fuzilar a petralhada”, feita com um fuzil nas mãos, em 2018: “Você sabe o que é sentido figurado? Você estudou português na sua faculdade ou não?” , disse.
11/07	Não eleitoral	Miriam Leitão	Hostilização	Depois de Miriam publicar um artigo crítico ao governo, Bolsonaro publicou em seu perfil no Twitter: “Será que o segredo para ganhar sua simpatia é aplaudir ataques violentos a opositores ao invés de rejeitar esse tipo de apoio como fiz? Há 2 dias seu candidato literalmente agradeceu e elogiou um vereador do PT pela tentativa de homicídio de um opositor e você não falou nada...”
22/07	Pré-eleitoral	Não informado	Agressão verbal	Uma repórter foi agredida verbalmente por Jair Bolsonaro, candidato à reeleição, ao questioná-lo se ele passaria a faixa presidencial a seu sucessor, caso perdesse a eleição: “Você está louca para que eu fale não, né? Tá louca. Manchete! (...) Acabou tua cota de entrevista aí.”
28/08	Eleitoral	Vera Magalhães	Agressão verbal	Durante o primeiro debate entre os candidatos à Presidência, realizado por um conjunto de veículos de Comunicação (Band TV, TV Cultura, jornal Folha de S. Paulo e portal UOL), Vera fez uma pergunta ao então candidato Ciro Gomes (PDT) sobre a queda da cobertura vacinal no Brasil. Bolsonaro, ao ter a palavra, acusou Vera de estar mentindo e de ser parcial. “Vera, não podia esperar outra coisa de você. Eu acho que você dorme pensando em mim, você tem alguma paixão por mim. Você não pode tomar partido num debate como este, fazer acusações mentirosas a meu respeito. Você é uma vergonha para o jornalismo brasileiro” , disse.
06/07	Eleitoral	Amanda Klein	Agressão verbal	A jornalista Amanda Klein questionou Jair Bolsonaro sobre a origem do dinheiro para a compra de 51 imóveis em dinheiro vivo, por membros de sua família. Em resposta, Bolsonaro falou da vida pessoal da jornalista e disse que a acusação era leviana: “Amanda, você é casada com uma pessoa que vota em mim. Eu não sei como é o teu convívio na tua casa com ele, mas eu não tenho nada a ver com isso. (...) Você não pode me acusar de uma coisa. Amanda,

				respeitosamente essa acusação tua é leviana. É leviana, tá?!”
22/07	Eleitoral	Não informado	Hostilização	<p>Em entrevista coletiva concedida em São Paulo, uma repórter questionou Bolsonaro sobre a compra de imóveis em dinheiro vivo por membros de sua família.</p> <p>Ele respondeu: “Não é em dinheiro, você sabe o que é moeda corrente? Me responda, o que é moeda corrente. Não, não, não. Não, pelo amor de Deus, não tô aqui pra explicar, se você não sabe o que é moeda corrente, por favor não faça pergunta pra mim. A senhora é uma mulher, merece respeito, como os homens também merecem. Mas não faça uma pergunta. Se a senhora não sabe o que é moeda corrente, não faça pergunta. Se eu fosse entrevistar, não sou jornalista, mas se eu fosse entrevistar qualquer pessoa, eu ia estudar o assunto com profundidade. Eu acho que é da UOL, só pode ser, ou é simpática a UOL.”</p>
10/10	Eleitoral	Júlia Afonso	Hostilização	<p>A jornalista Júlia Afonso questionou Jair Bolsonaro sobre o recuo dele quanto ao veto ao chamado orçamento secreto. Irritado, Bolsonaro interrompeu a jornalista: “Por favor! Você não aprendeu sobre orçamento secreto ainda; que não é meu? Pelo amor de Deus, para com isso. O orçamento secreto é uma decisão do Legislativo, que eu vetei e, depois, derrubaram o veto”.</p>

Quadro 6 - Registros de violência direta (agressões verbais, ataques virtuais e hostilização) de Jair Bolsonaro contra mulheres jornalistas em 2022.

Fonte: FENAJ, 2023.

Notamos que, de acordo com os registros da FENAJ (2023) sobre os episódios ocorridos em 2022, nenhuma das agressões ou hostilizações ocorreram no Twitter no período compreendido em nosso *corpus*, 15 de julho a 30 de outubro de 2022. Estes são os episódios explícitos de violência direta contra mulheres jornalistas e há uma clara consonância com os resultados de diferentes pesquisas sobre as características mais comuns dos ataques quando há clivagem de gênero. Ou seja, Jair Bolsonaro, exatamente como demais internautas, utiliza de termos similares para ofendê-las e hostilizá-las. O relatório da INTERNETLAB *et al*, de 2022, analisou manualmente 4.997⁵⁶ tweets, dos quais 15,93% (796) eram ofensivos contra jornalistas mulheres e, nestes, Vera Magalhães e Miriam Leitão também figuram entre as profissionais mais atacadas. Além disso,

⁵⁶ No total, a pesquisa coletou 7.082.946 tweets e retweets direcionados a jornalistas homens e mulheres. Os pesquisadores escolheram analisar apenas os tweets que tinham pelo menos cinco likes e/ou retweets como engajamento, resultando em uma análise manual de 4.997 tweets citando mulheres jornalistas e 4.187 tweets citando homens jornalistas.

ao compararmos jornalistas homens e mulheres, percebemos que as ofensas dirigidas a mulheres foram relacionadas mais agressivamente a suas ideologias e sua intelectualidade e questionaram com mais frequência sua habilidade de exercício da profissão. Homens, por outro lado, mesmo quando fizeram análises de eventos políticos, receberam mais ofensas dirigidas à sua profissão e menos a eles próprios. (INTERNETLAB *et al*, 2022, p. 35).

"Trabalhe melhor"; "você estudou português?"; "você sabe o que é?"; "você não aprendeu?", são reações que questionam a habilidade de exercício da profissão das jornalistas. Já os casos em que o ex-presidente diz "você dorme pensando em mim", "você é casada com uma pessoa que vota em mim" e "o segredo para ganhar sua simpatia" refletem uma postura misógina que associa questões íntimas ao trabalho desenvolvido pela repórter.

Compreendemos, a exemplo de Daniela Osvald Ramos e Elizabeth Saad (2022), que estes casos de violência direta contra jornalistas, especialmente jornalistas mulheres, "têm raízes culturais profundas" (p. 6). Assim, partiremos para uma análise de enquadramento do fenômeno de maneira estrutural, seguindo o proposto pela tipologia de Johan Galtung (1990, p. 294-296).

3.2 - Como estrutura

Galtung define a violência estrutural como aquela caracterizada como permanente e fruto de uma não-ação. Ou seja, não há um único responsável mas também não pode ser compreendida como algo "natural" ou inevitável (GALTUNG, 1981, p. 94). Este é o caso, como vimos, do *continuum* da violência contra mulheres. A violência contra mulheres é sistemática para que seja possível a "polarização de uma totalidade social, dividindo-a em duas partes inimigas, mutuamente excludentes e assimétricas" (FALQUET, 2022, p. 14). Em outras palavras, a violência contra mulheres (re)força o binarismo entre homens e mulheres, é central nas formas de sociabilidade de homens (BANDEIRA, 2014, p. 450) e mantém o vetor da dominação-exploração para que eles administrem o poder e a norma (SAFFIOTI, 2015, p. 74).

Porém, no caso específico de mulheres jornalistas, há baixa produção sobre a violência estrutural que ocorre no interior da atividade laboral e em que, ao mesmo tempo, seja abordada a dimensão do gênero como uma categoria carregada de sentido histórico-político (LELO, 2019). Além disso,

o número [de pesquisas] também é muito incipiente se levarmos em conta a proeminência da Mídia na construção das representações de gênero e sexualidades, aspectos fundamentais no campo de estudos de gênero. Mais ainda, os estudos que tomam a Mídia como objeto, pensando a construção das representações de gênero em veículos jornalísticos, por

exemplo, ocorrem a partir de espaços não dedicados especificamente à pesquisa em Comunicação ou em Jornalismo. (MARTINEZ, LAGO e LAGO, 2016, p. 10).

O gênero em pesquisas desenvolvidas na Comunicação é normalmente utilizado apenas como um marcador em análises que, geralmente, tratam do fenômeno da “feminização”⁵⁷ da profissão (LELO, 2019; MARTINEZ, LAGO e LAGO, 2016). Vamos nos atentar a este conceito conferindo os resultados do relatório *Perfil do Jornalista Brasileiro 2021: Características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho*, desenvolvida pelos pesquisadores da Rede de Estudos Trabalho e Identidade dos Jornalistas (RETIJ/SBPJOR) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Eles apontam que o jornalismo é uma atividade em retração e reconfiguração (LIMA e MICK *et al*, 2022, p. 11).

Este cenário crítico, somado ao fenômeno da feminização, nos ajuda a compreender a violência estrutural a que mulheres jornalistas são submetidas e o crescimento dos casos de violência direta registrados pelas associações de proteção à liberdade de imprensa.

A partir da análise dos registros profissionais de 2000 a 2019, percebe-se que houve uma tendência de queda de novos registros entre 2011 e 2014, estabilizando-se no patamar médio de 7.500 registros por ano (LIMA e MICK *et al*, 2022, p. 12). Conforme explicam os pesquisadores, esta "constitui numa das poucas bases de dados de referência para estimar o universo da categoria", ainda que "uma parcela de jornalistas atue sem registro" (2022, p. 13) e que também não seja possível conferir a baixa daqueles que desistiram da profissão, aposentaram-se ou faleceram. Além disso, os autores utilizaram as informações sobre a quantidade de cursos de jornalismo disponíveis no mercado.

Em dezembro de 2010, havia 317 cursos para a formação de jornalistas, total que subiu para 327 em dezembro de 2020. Houve incremento no número de cursos, a despeito do fechamento de instituições pelo excesso de oferta, pelo encolhimento do mercado tradicional de jornalismo ou ainda pelo movimento de capitais privados no setor de ensino (conglomeramento, fusões, aquisições, entre outros fatores). A variação do número de escolas de jornalismo é relevante porque, no seu conjunto, tais cursos continuam a formar a cada ano alguns milhares de jovens jornalistas, impactando o mercado em fenômenos fora do alcance da capacidade de observação dos sindicatos da categoria e do Estado brasileiro (LIMA e MICK *et al*, 2022, p. 13-14).

Frente a estes problemas, os pesquisadores da RETIJ realizaram uma enquete em rede (*online survey*) repetindo a mesma metodologia de pesquisa do *Perfil do Jornalista Brasileiro 2012* para estimar a dimensão atual da categoria e,

⁵⁷ Nos referimos à “feminização” em consonância com o entendimento de Guazina *et al* (2018) de que este é o processo que engloba a possível transformação do campo profissional a partir da presença de mais mulheres. Portanto, “feminização” é diferente de “feminilização”, termo que compreende o aumento quantitativo de mulheres em determinada profissão. (p. 234).

principalmente, examinar o impacto da precarização da profissão e refletir sobre os efeitos da "crise do jornalismo" na configuração profissional (p. 14-15).

Com a coleta de 7.029 respostas, o novo relatório apontou que "nos últimos 20 anos, as rotinas profissionais se diversificaram e intensificaram. Ao mesmo tempo, o número de trabalhadores da mídia diminuiu significativamente e o mercado laboral passou a apresentar sinais de intensa precarização" (LIMA e MICK *et al*, 2022, p. 21). São consequências disso as demissões em massa, o enxugamento das redações, multifuncionalidade, longas jornadas de trabalho, baixa remuneração, informalidade, instabilidade, juvenilização e feminização. "Elas [mulheres] são maioria nas redações, porém ocupam menos cargos de gestão, saem mais cedo da profissão e ganham menos" (*Ibid.*, p. 22).

Neste cenário, também é relevante o aumento da sensação de insegurança por parte dos jornalistas, que "afeta a sociabilidade, a identidade, expõe à violência e ao assédio e gera adoecimento psíquico e físico" (*Ibid.*, p. 24). A maior parte dos jornalistas participantes revelaram sentir estresse por resultado do trabalho (66,2%), pouco mais de um terço (34,1%) teve o estresse diagnosticado e o consumo de antidepressivos foi indicado para 31,4% dos respondentes (*Ibid.*, p. 96); mas a pesquisa é insuficiente quando se aprofunda em dados sobre a segurança pessoal, o assédio moral e sexual, ameaça e agressão no exercício da profissão porque não é possível conferir os resultados de acordo com o gênero dos respondentes.

O estudo constata que jornalistas no Brasil ainda são majoritariamente mulheres (58%), brancas (68%), solteiras (53%), com até 40 anos, um perfil que mudou pouco em relação ao levantamento de nove anos antes. Contudo, se a profissão continua majoritariamente feminina, a participação de mulheres se reduziu em seis pontos em comparação ao estudo anterior (64%): a presença masculina cresceu de 36% para 42%, revertendo em parte o movimento de feminização da profissão constatado em pesquisas anteriores. (LIMA e MICK *et al*, 2022, p. 207)

Apesar desse decréscimo, acreditamos que o fenômeno da feminização é relevante tendo em vista o cenário de violência contra mulheres jornalistas. Porém, conforme lamenta Thales Lelo, este fenômeno não acompanha na mesma medida uma sensibilização quanto aos marcadores sociais de diferença nas pesquisas em jornalismo em curso (2019, p. 2). Lelo parece justamente se referir ao tipo de pesquisa do RETIJ quando afirma que

nas investidas de escopo sociodemográfico que perfilam as condições de trabalho dos profissionais da imprensa e nas excursões que idealizam a emergência de uma "perspectiva feminina" *pari passu* à progressiva contratação de comunicadoras nas empresas de mídia, o gênero é tão somente um marcador de diferença dicotomicamente naturalizado por traços biológicos e sociais, circunscrito a um indicador no primeiro caso e recurso para a naturalização de papéis sociais no segundo (p. 3).

Para pensar a desigualdade de gênero na profissão, Lelo propõe a análise de quatro vetores (**Quadro 7**): (1) a divisão sexual do trabalho, (2) das culturas organizacional e (3) profissional, e no plano das (4) rotinas produtivas. Ao abordar este último, o autor adentra dois pontos que dialogam diretamente com a nossa pesquisa: o relacionamento com as fontes e o relacionamento com os leitores.

1) Divisão sexual do trabalho	<ul style="list-style-type: none"> a) Dupla jornada de trabalho inconciliável com a intensificação dos fluxos de produção jornalística; b) Predominância de profissionais jovens, solteiras e sem dependentes; c) Discriminação sofrida por mulheres casadas e com filhos; d) Tendência de flexibilização dos contratos de trabalho no intuito de conciliar a dupla jornada; e) Abandono precoce da carreira e dificuldade de posterior reintegração aos quadros funcionais.
2) Cultura organizacional	<ul style="list-style-type: none"> a) Cultura organizacional que idealiza a figura masculina; b) Segregação vertical; c) Desigualdade salarial (a despeito de maior formação escolar); d) Homossocialidade masculina; e) Exercício de “rituais de reparação” em cargos de chefia; f) Avaliação do desempenho tacitamente ancorada em gênero; g) Avaliação profissional baseada em padrões estéticos, em produtos audiovisuais; h) Intimidação, assédio e violência sexual; i) Ausência de políticas para coibir casos de assédio nas empresas de comunicação.
3) Cultura profissional	<ul style="list-style-type: none"> a) Valores profissionais atrelados ao universo masculino; b) Maior prestígio atribuído aos profissionais do gênero masculino; c) Segregação horizontal (por pautas, editorias, estilo de escrita); d) “Neutralização” da expressão de gênero por mulheres que almejam não serem avaliadas em função de suposta “feminilidade” intrínseca.
4) Rotinas produtivas	<ul style="list-style-type: none"> a) Reprodução de binarismos de gênero nas redações; b) Intimidação, descrédito profissional, assédio e violência perpetrados por fontes de informação e entrevistados (sobretudo autoridades públicas, membros das elites financeiras e celebridades); c) Hipersexualização na relação com as fontes; d) Acesso restrito a determinados espaços e maior risco de sofrer violência na cobertura de acontecimentos públicos; e) Intimidação e ameaça na interlocução com a audiência (sobretudo na cobertura de temas supostamente ligados ao universo masculino e em reportagens sobre questões de gênero e sexualidade); f) Silenciamento de profissionais vítimas de assédio; g) Ausência de políticas nas empresas incumbidas de oferecerem amparo psicológico e jurídico às profissionais.

Quadro 7 - Vetores de expressão das desigualdades de gênero no jornalismo

Fonte: LELO, 2019, p. 5

Se cruzarmos estes vetores apresentados por Thales Lelo no **Quadro 7** com o **Quadro 2** das "*Necessidades básicas, materiais e não-materiais*" de Johan Galtung (1981, p. 97), percebemos que os vetores de desigualdade no interior das redações

atuam no limiar daquilo que Galtung entende por violência, ou seja "algo evitável que impõem obstáculos à autorrealização humana" (1981, p. 91)⁵⁸.

A divisão sexual do trabalho, por exemplo, impõe obstáculos à necessidade humana de descanso e, ao mesmo tempo, limita as potencialidades de mulheres realizarem o seu pleno potencial. Assim, "inserir a divisão sexual do trabalho como um componente adicional de precariedade no setor é fundamental para refletir sobre obstáculos exclusivos às mulheres que paulatinamente se aventuram na profissão". (LELO, 2019, p. 4).

Os vetores de desigualdade relacionados à cultura organizacional e profissional também servem para ilustrar a dimensão estrutural da violência contra mulheres jornalistas. Artigo de Liziane Guazina *et al* (2018), por exemplo, analisa a produção de desigualdades de gênero no jornalismo a partir da estrutura interna do *Jornal Correio Braziliense* com foco na reação à crônica publicada pelo diário em setembro de 2017: "*A estagiária: O primeiro dia de trabalho de Melissinha*". O cronista retratou em pormenores inclusive características físicas da "nova estagiária":

Decotinho perverso, coxas de fora, pezinhos docemente acomodados em sandalinhas rasteiras. Como se estivesse em uma passarela, a mocinha de 19 anos — recém-feitos — desfilou pela redação, a balançar os quadris, para lá e para cá, para cá e para lá. Escondia o nervosismo com o andar tão leve e brilhante quanto pluma e paetê (GOULART, 2017a; *apud* GUAZINA *et al*, 2018, p. 237).

A estagiária "Melissinha" está longe de ser um caso isolado, uma vez que outras pesquisas demonstram a naturalização do assédio contra mulheres jornalistas no interior das redações e no exercício da profissão (LELO, 2019; 2021; RIOS E BRONOSKY, 2020; CAMPAGNA E KUTZKE, 2019).

É possível inferir ainda que outro vetor de violência estrutural é o fato da feminização e feminilização da profissão de jornalista ser também fruto de um paradoxo. Mulheres, ainda que sejam a maioria nas redações, não conquistaram igualdade de gênero nos postos de comando dos jornais e nem tão pouco venceram a desigualdade salarial (GUAZINA *et al*, 2018, p. 235).

Quanto à cultura profissional, destacamos a segregação horizontal com a alocação de mulheres jornalistas em pautas e editorias "consideradas mais 'brandas' (também nomeadas de *soft news*)" (LELO, 2019, p. 9). Estes temas são relacionados aos aspectos estereotípicos da feminilidade, como beleza, gastronomia, moda, entretenimento e comportamento, assuntos "notadamente de menor impacto na opinião pública" (*Ibid.*). Paralelamente, os relatórios indicam que as mulheres jornalistas que mais sofrem violência são as que cobrem assuntos como política e economia (ABRAJI e UNESCO, 2022) - justamente os assuntos de *hard news*.

⁵⁸ Em livre tradução: "algo evitable que obstaculiza la autorealización humana".

Assim, chegamos aos vetores de desigualdade presentes na rotina produtiva do trabalho jornalístico, em especial o relacionamento de repórteres com as fontes (LELO, 2019, p. 9). Analisando pesquisas internacionais, Thales Lelo informa que a recorrência dos casos de violência contra mulheres jornalistas é tamanha e tão bem documentada que não admira que muitas das participantes de questionários internacionais relatassem que "o assédio era inevitável em sua rotina de trabalho" (*Ibid.*).

"Ao entrevistar autoridades públicas, as mulheres jornalistas são desqualificadas, ouvem piadas machistas, são enquadradas em estereótipos de gênero, e, por vezes, precisam ocultar seus atributos físicos para serem respeitadas" (LEITE, 2017, *apud* LELO, 2019, p. 9).

3.3 - Como narrativa cultural

Como vimos, após a vitória do ex-presidente Jair Bolsonaro, que sistematicamente utiliza de um discurso misógino para comunicar suas ideias ou disputar narrativas (GUAZINA, LEITE e SANTOS, 2021), a "descrédibilização da imprensa" passou a ser uma estratégia de Governo (FENAJ, 2023, p. 7) e, dentro dessa categoria, estão inscritos a maior parte dos casos de violência contra jornalistas registrados no levantamento anual da Federação.

"Dos 376 casos, 87 (23,14%) foram de ataques genéricos e generalizados que buscaram desqualificar a informação jornalística". Ou seja, estes são os casos em que o ataque é direcionado à atividade jornalística em seu conjunto (FENAJ, 2023, p. 6). Eles ilustram aquilo que Taylor O'Connor (2020, online) chama de "narrativas que justificam a violência" ou que "promovem a injustiça e a desigualdade". Cabe lembrar que "se elas produzem violência, são uma forma de violência" (*Ibid.*).

Resumindo o **Quadro 5** de Taylor O'Connor sobre a Violência Cultural, entendemos que a descrédibilização que Jair Bolsonaro fez e faz de jornalistas e da imprensa serve para criar um inimigo que seja um alvo comum para seus apoiadores; mas também é possível perceber, em paralelo, narrativas que promovem a injustiça e a desigualdade, como a relativização de violências estruturais e o reforço de estereótipos de gênero e raça/etnia, enquanto promove ideologias fundamentalistas.

A seguir, montamos o quadro com os registros de descrédibilização da imprensa levantados pela FENAJ que foram realizados por Jair Bolsonaro em 2022 e que demonstram a construção de uma narrativa cultural anti-imprensa⁵⁹. Cabe notar que a interseção entre o discurso anti-imprensa e o discurso anti-gênero será tratada

⁵⁹ No próximo capítulo nos aprofundaremos sobre a característica anti-imprensa do discurso de Jair Bolsonaro a luz da literatura sobre discurso populista reacionário.

posteriormente, na etapa de análise discursiva dos tuítes do ex-presidente selecionados no *corpus*.

Ataques cometidos pelo então presidente Jair Bolsonaro classificados como "descrédibilização da imprensa" pela FENAJ (2023)			
Data	Meio ou situação	Descrição	Narrativa (O'Connor, 2020)
11/01/2022	Telegram	"Inscreva-se gratuitamente em mais este canal de informações que você lamentavelmente não verá em grande parte da imprensa ".	Cria um inimigo.
14/01/2022	Discurso	"Estive no meio de vocês, senti o problema de cada um. Não me amedrontei, não me acovardei diante dos ataques da grande mídia brasileira . Mostrei, como general em combate, eu deveria me comportar num momento difícil da pandemia"	Cria um inimigo; distorce fatos; atíça o sentimento patriótico.
31/01/2022	Para apoiadores	"A competência e o respeito para com a população falou mais alto. E nós conseguimos mudar o destino do Brasil. E, olha, que nós temos contra nós uma parte considerável da imprensa, que não tem olhos, não tem imagem, não tem papel, para mostrar o que nós fazemos por toda essa Pátria maravilhosa . (SIC)"	Cria um inimigo; distorce fatos; atíça o sentimento patriótico.
02/02/2022	Discurso	"Sistema Globo, falar que eu e meus filhos gastamos mais com cartão corporativo que Lula e Dilma. Canalhice, se bem que falar canalhice para a Globo, é pleonasmo abusivo ".	Cria um inimigo.
07/02/2022	Para apoiadores	" A imprensa pega isso aqui e vai falar que eu tô contra o Fies . A esquerda...esquerda não, a imprensa canalha ".	Cria um inimigo.
12/02/2022	Anúncio em redes sociais	"Baixe nosso aplicativo e obtenha muito mais informações que grande parte da mídia omite diária e propositalmente"	Cria um inimigo
12/02/2022	Entrevista em rádio ou podcast	"Eu fui muito mais perseguido que você Garotinho. Com todo respeito, eu sou um herói nacional. Sempre disseram que ninguém resiste a dois meses de Globo . Eu estou resistindo."	Cria um inimigo; atíça o sentimento patriótico
26/02/2022	Twitter	"Infelizmente, mesmo em um momento sensível, em que estão em jogo vidas humanas, princípios inegociáveis das relações internacionais, e recursos importantes para a vida dos brasileiros,	Cria um inimigo; atíça o sentimento patriótico; demagogia.

		parte da imprensa insiste em gerar ruído e em desinformar os brasileiros em troca de cliques.”	
28/02/2022	Twitter	“Não procede a informação que eu teria falado com o Presidente Putin no dia de ontem. Conversei com ele apenas por ocasião da minha visita à Rússia em 16 de fevereiro. A imprensa se supera nas fakenews a cada dia passado! ”	Cria um inimigo.
28/02/2022	Twitter	"Saiba mais detalhes que você não verá na imprensa : https://bityli.com/aMqlx . Balanço dos dias de atuação das FFAA no local. http://dlvr.it/SKjGK2 . COMPARTILHE A VERDADE! "	Cria um inimigo; atíça o sentimento patriótico.
02/03/2022	WhatsApp	"Só existem a Rússia, a China e a Liga Árabe capazes de enfrentar a NOM (Nova Ordem Mundial). O Brasil está no radar da NOM e de toda a esquerda. Três ministros do STF e a mídia brasileira (via fraude eleitoral) estão prontos a entregá-lo pela metade do preço que o presidente da Ucrânia entregou seu país."	Cria um inimigo; distorce fatos; atíça o sentimento patriótico
09/03/2022	Twitter	“É vergonhoso que o empenho de parte da mídia esteja mais voltado a desmerecer nosso trabalho do que celebrar os resultados históricos, assumindo mais o papel de militantes do que de profissionais. Porém, sabemos que se a violência tivesse aumentado, esses culpariam o Governo.”	Cria um inimigo; distorce fatos; atíça o sentimento patriótico.
31/03/2022	Discurso	“Por onde estava ainda nossa educação, como há poucos anos: única vantagem de Paulo Freire, ministro da educação do governo de 2003 a 2015 aqui é que não podia piorar mais. Na prova do Pisa nós éramos os últimos lugares, em matemática, interpretação de texto e ciência. Parabéns, não tem como piorar mais. Era um septuagésimo lugar de 70. Pobres jovens crescem, muitos indo para a imprensa sendo militantes, só veem defeito, não veem virtude em nada. Tudo tem um "mas", tudo tem "ah". Para que serve essa juventude?”	Cria um inimigo; distorce fatos; relativiza a desigualdade.
04/04/2022	Discurso	“Se não fosse Ele, o nosso Deus, como resistiríamos a tantas adversidades com grande parte da imprensa contra nós? É a fé. É um país com, aproximadamente, noventa por cento de cristãos. Este momento de alegria, de paz, de reencontro também bem demonstra, na	Cria um inimigo; ideologia fundamentalista.

		prática, que é um governo que ajuda, colabora e teme ao seu Deus.”	
04/04/2022	Discurso	“Quando assumi, já sob fogos da Globo, falaram: ‘Você não aguenta 3 meses’. Estamos há 3 anos e 3 meses. Se a Globo acusasse com razão, tudo bem. Agora, vocês que são anunciantes, ajudariam muito o Brasil. <i>Eu peço a vocês: órgãos de imprensa que mentem o tempo todo, não anunciem nesses órgãos de imprensa.</i> É a maneira que nós temos de, realmente, começar a mudar o destino do Brasil”	Amplifica ataques; cria um inimigo; atíça sentimento patriótico;
05/04/2022	Discurso	“ <i>A gente lamenta, por parte da nossa imprensa, ataques descomunais.</i> Estamos há três anos e três meses com fogos de inquietação, mas quem tem a consciência tranquila e tem Deus ao seu lado vence a esses obstáculos.”	Cria um inimigo; ideologia fundamentalista.
07/04/2022	Discurso	"Ah, o governo informa mal", <i>a gente faz o que pode nas mídias sociais, a gente não pode contar com a mídia tradicional, é zero.</i> (...) E também usar aqui, o ministro Juca, o país que 2/3 do território é preservado. Se vocês forem levar em conta toda vez que a imprensa fala que desmatou e queimou tantas coisas no Amazonas, pegar os últimos 20 anos, já se queimou a Amazônia duas vezes, então algo está errado, algo está errado.”	Cria um inimigo; distorce fatos.
08/04/2022	Discurso	Permita-me discordar, <i>lixo é reciclável. Essa porcaria dessa Globo não serve para nada.</i> ”	Cria um inimigo.
10/04/2022	Entrevista em rádio ou podcast	“Quando falam em orçamento secreto é <i>falta de caráter da imprensa</i> porque é publicado no Diário Oficial da União. Eles têm acesso a tudo o que é feito praticamente com esses aproximadamente R\$ 15 bilhões”.	Cria um inimigo; distorce fatos.
12/04/2022	Discurso	“Hoje em dia nós já temos, aproximadamente, 500 pontos de internet em aldeias indígenas. Ou seja, hoje a gente, com cuidado, já consegue ver vídeos de indígenas pelo Brasil todo <i>mostrando a realidade e não fake news, e não mentiras, como em grande parte da mídia nossa tradicional,</i> e a de fora do Brasil também, faz aqui no Brasil.”	Cria um inimigo.
13/04/2022	Discurso	"Então, <i>a gente apanha todo dia de uma imprensa que tem muita má-fé e ignorância,</i>	Cria um inimigo.

		não procura saber por que comprou os seus 50 mil comprimidos de Viagra. Mas faz parte."	
14/04/2022	Live	"Fiquei chateado, não como capitão do exército, mas como cidadão brasileiro. Parte da mídia atacar as Forças Armadas dizendo 'compraram Viagra, compraram 30 mil comprimidos de Viagra'... Pô, jornalistas, pelo amor de Deus, dizem que são jornalistas investigativos e escrevem uma besteira dessa".	Cria um inimigo.
27/04/2022	Discurso	"Eu acredito que tem parlamentar que está receoso de falar qualquer coisa, até mesmo comparecer aqui. Qual vai ser a conotação da imprensa com a presença de vocês? Eu estou me lixando para o que essa imprensa vai falar e, mesmo assim, eu nunca falei em controlar as mídias sociais ou a imprensa tradicional. (...)"	Cria um inimigo.
11/05/2022	Discurso	"Somente os ditadores temem o povo armado. Eu quero que todo cidadão de bem possua sua arma de fogo para resistir, se for o caso, à tentação de um ditador de plantão. Ninguém mais do que esse presidente, diferentemente do que a grande mídia diz , é defensor da nossa Constituição e da nossa liberdade."	Amplifica ameaça; cria um inimigo; atíça o sentimento patriótico
13/05/2022	Discurso	" A imprensa toda me crucificou , mas não erramos em nenhum momento, mas do que estudos e fora do Brasil, as medidas restritivas prejudicaram em muito a economia, não salvaram vidas e deram um duro golpe também na educação do mundo todo. (...) Ora, meu Deus do céu, que imprensa é essa? Sem querer generalizar, mas meus senhores, todos nós temos uma missão aqui na terra, todos nós vamos para o mesmo lugar em dia e hora diferente, com toda certeza, e o nosso currículo lá para cima, é o que nós fazemos aqui na terra."	Amplifica a ameaça; cria um inimigo; distorce os fatos; atíça o sentimento patriótico; ideologia fundamentalista
16/05/2022	Discurso	"Fui à Rússia, levei uma pancada da nossa querida imprensa . Conversar com o Putin, fui conversar com o quê com Putin? Quase 03 horas de conversa, o que eu posso falar? Uma das coisas é fertilizantes. (SIC) Eu tenho o poder para decidir a guerra? Acabou, agora, acabou, não tenho poder para isso. Somos pela neutralidade e equilíbrio, no que depender de nós, obviamente, a paz. (...) A nossa imprensa que está ali. Eu não tenho problema com a imprensa, mas por favor, a verdade. Eu vi a Veja, agora, a matéria de capa: "Temos que discutir	Amplifica ameaça; cria um inimigo; distorce fatos; ideologia fundamentalista; reforço de estereótipos de pessoas marginalizadas

		<p>aborto. Não deixarmos nas mãos de ativistas religiosos". A imprensa tem que mostrar a matéria. Nós, pro lado de cá, vamos decidir se somos contra ou a favor, e não tomar uma posição já favorável de um lado ou para outro. Que imprensa é essa? O Estado de São Paulo, ontem comecei a ler, para ver, até uma matéria bacana. Eu acho que o cara não leu o nal. Um editorial lindo do Estado de São Paulo falando as verdades do Lula, chega no nal, ele fala: "Bolsonaro e Lula são a mesma coisa para 22". Ah, pra ponta da praia, pô. Porra. Procura o nome do editor, e vou ligar para dar os parabéns. E termina com uma cagada dessa. Acha que sou igual a aquele cara? Esse cara que falou agora há pouco, o pessoal da Polícia Militar aí, que vai acabar com os clubes de tiro, vai criar clube de leitura. Um analfabeto daquele falar em criar clube de leitura."</p>	
24/05/2022	Twitter	<p>"Lamentamos pela vítima inocente, bem como pela inversão de valores de parte da mídia, que isenta o bandido de qualquer responsabilidade, seja pela escravidão da droga, seja por aterrorizar famílias, seja por seus crimes cruéis. Boa noite a todos!"</p>	<p>Cria um inimigo; distorce fatos; ideologia fundamentalista</p>
25/05/2022	Twitter	<p>"Por outro lado, nossos agentes das forças de segurança arriscam suas vidas diariamente para o total oposto: combater o crime e proteger inocentes. É para cumprir a lei, não por diversão, que eles enfrentam todos os tipos de obstáculos, inclusive a demonização de parte da mídia."</p>	<p>Cria um inimigo</p>
27/05/2022	Live	<p>"A manchete aqui: 'Evangélicos se dividem entre Lula e Bolsonaro'. Isso não é fake news, é canalhice. Eu sei que não sou unanimidade em lugar nenhum. Mas, se fizer pesquisa séria nas Forças Armadas, não vai dizer que os militares estão divididos."</p>	<p>Cria um inimigo; atíça sentimento patriótico; ideologia fundamentalista.</p>
30/05/2022	Twitter	<p>"Entre todas as ações de apoio que estamos realizando, a Globo, ao invés de informar, escolhe inflamar as pessoas contra nós, se alimentando de mais uma tragédia para fazer política. E não ache que estão pensando nelas, o que querem é a volta das gordas verbas de publicidade."</p>	<p>Cria um inimigo.</p>
30/05/2022	Twitter	<p>"Tenho certeza, será feito justiça, né? Todos nós queremos isso aí, sem exageros e sem pressão por parte da mídia, que sempre tem</p>	<p>Cria um inimigo</p>

		um lado: o lado da bandidagem. Como, lamentavelmente, grande parte de vocês se comportam, sempre tomam as dores do outro lado. Lamentamos o ocorrido, vamos com serenidade fazer o devido processo legal para não cometermos injustiça e fazermos, de fato, justiça" (SIC).	
07/06/2022	Discurso	“Não existe tipificação penal para fake news. Se for para punir fake news com a derrubada de páginas, fecha a imprensa brasileira, que é uma fábrica de fake news . Em especial, O Globo, Folha.”	Cria um inimigo
07/06/2022	Twitter	“Mentira! Foi justamente o contrário. Defendi que se fosse para prender e punir alguém por algo tão subjetivo como "Fake News", O QUE EU SOU CONTRA E TODOS SABEM, teria que começar pela própria imprensa, que frequentemente publica mentiras e informações distorcidas , como essa.” “Impressiona o esforço de parte da mídia para encontrar esse desejo de minha parte, que não existe, enquanto ignora declarações abertas do descondenado prometendo controlar a mídia e a internet. Parece que topam tudo por dinheiro, até perder a própria voz e a própria liberdade.”	Cria um inimigo; distorce fatos
10/06/2022	Twitter	“Trabalhamos duro para viabilizar nossa entrada na entidade, reunimos apoio de todos os países membros e estamos finalmente sendo reconhecidos. Este avanço, que cresceu no meu governo, demonstra mais uma vez a discrepância entre as narrativas de parte da imprensa e a realidade. ”	Cria um inimigo; distorce fatos
18/06/2022	Discurso	“Olha, uma revelação para vocês, vocês lembram do 7 setembro do ano passado. Eu não quei sabendo de nenhuma lixeira revirada, uma vidraça quebrada, alguém que foi à delegacia, nada. Muito de vocês, pessoal simpático a minha pessoa, vai na rua com a esposa, com a vovó, com o lho, com o bebê. O que a imprensa falou? Um ato violento, atentatório à democracia, 7 de Setembro.”	Cria um inimigo; distorce fatos; ideologia fundamentalista
25/06/2022	Discurso	“Hoje é um evento religioso, como eu tenho participado em outros pelo Brasil, como estive ontem e anteontem em Caruaru e também em Campina Grande. Vocês não viram uma só linha na imprensa tradicional , porque não	Cria um inimigo; ideologia fundamentalista

		houve nenhuma vaia, muito pelo contrário, o povo humilde.”	
28/06/2022	Twitter	“Esses resultados estão sendo alcançados apesar de todo o empenho da esquerda e de parte da imprensa em gerar caos no Brasil através do "fica em casa que a economia vê depois", que só foi eficiente para tirar do povo o direito de trabalhar e levar comida pra mesa de suas casas.”	Cria um inimigo; distorce fatos
06/07/2022	Twitter	“Se nada fosse feito para aliviar os brasileiros dos impactos do "fica em casa que a economia vê depois" e da guerra, a esquerda e a imprensa reclamariam de omissão . Como estamos fazendo, reclamam de eleitoreiro. É simples: quanto pior for para o povo, melhor para se promoverem.”	Cria um inimigo; distorce fatos; distorce a percepção pública das estruturas que produzem desigualdade;
08/07/2022	Twitter	“Sem falar daqueles que na pandemia, além de tratar como bandido quem tinha que trabalhar para sobreviver, aproveitaram para AUMENTAR IMPOSTOS. A tragédia era anunciada, mas parte da imprensa preferiu ser parceira na demagogia . A consequência para alguns foi voltar pra privada.”	Cria um inimigo; distorce fatos.
18/07/2022	Twitter	“O fecha tudo irracional e irresponsável defendido pela esquerda só foi eficiente para destruir a renda de trabalhadores e causar outros problemas graves e previsíveis omitidos pela velha imprensa, sua grande aliada . Cada dia fica mais claro que o caos foi buscado e premeditado.”	Cria um inimigo; distorce fatos
26/07/2022	Twitter	“Seria mais fácil, como outros fizeram, dar para parte da imprensa o que ela sempre quis em troca de afagos e elogios para mim e para meu governo. Mas escolhi "apenas" defender gratuitamente a sua liberdade, algo que só não tem valor para quem não possui o menor apreço por ela.”	Cria um inimigo; distorce fatos; atíça sentimento patriótico
03/08/2022	Twitter	“Com saudades do ladrão e disposta a jogar fora a sua própria liberdade em troca do que todos sabem, parte da imprensa tornou-se incapaz de divulgar avanços do Brasil sem minimizá-los . Apesar dessa lamentável postura, seguiremos defendendo a sua liberdade e independência.”	Cria um inimigo; distorce fatos, atíça sentimento patriótico.

08/08/2022	Entrevista em rádio ou podcast	"Não digo ajudar, mas tem alguns. Se eu puder falar aqui... A Jovem Pan, por exemplo. Tem 'Os Pingos Nos Is'. A Jovem Pan como um todo. Tem matérias também que entram na Record, no SBT. Agora, naquela grande imprensa não existe boa notícia . Quando tem uma boa notícia, tem uma vírgula, uma conjunção adversativa 'mas' depois. (...) Se eu fosse esperar a imprensa tradicional mostrar a verdade, eu estava morto . (...) "Não é um decreto ditatorial meu. A lei me garante isso. O que a imprensa começou a perturbar: eu tenho a minha agenda que é pública lá no Palácio da Presidência. Se for me visitar, está lá. Aí começaram a querer ter acesso a quem ia me visitar no Palácio da Alvorada. E de acordo com as pessoas que me visitam no Alvorada, a imprensa faz uma matéria sobre aquilo. Quem eu recebo na minha casa, eu não devo satisfação a ninguém".	Cria um inimigo.
18/08/2022	Entrevista coletiva	"Que empresários? Qual é o nome deles? Chega de fake news . Qual jornalista? Toda semana quase vocês demitem um ministro meu citando fontes palaciana".	Cria um inimigo.
19/08/2022	Twitter	"Não adianta. Se zerarmos os homicídios - que em nosso Governo já foram reduzidos ao menor índice em mais de uma década - parte da mídia reclamará do prejuízo causado à Associação dos Assassinos e Matadores de Aluguel ".	Cria um inimigo.
22/08/2022	Twitter	"Se a mídia divulgasse amplamente as reduções de impostos que promovemos desde 2019 ao invés de omitir pra me prejudicar, talvez o autor da charge saberia que nós já reduzimos e zeramos os impostos sobre itens da cesta básica há meses. Ou ele sabe, mas prefere enganar inocentes".	Cria um inimigo.
26/08/2022	Twitter	"Compreendo perfeitamente a Globo tratar melhor aqueles que estão dispostos a pagar mais. Eles são a esperança de dias melhores para a emissora. Estranho seria comigo, que fechei a torneira. (...) A garantia que a Globo e a imprensa de forma geral sempre terá comigo é de jamais defender o seu controle, como pretende o outro lado. Para quem ama e defende a liberdade, isso não tem preço. Mas hoje, infelizmente, muitos são capazes de entregá-la por algumas moedas de prata. (...) Hoje a emissora pode até continuar promovendo perversidades como o aborto, as drogas, a	Cria um inimigo; distorce fatos; ideologia fundamentalista.

		ideologia de gênero, a inversão de valores e a destruição da família se assim desejar, só que não mais sustentada com rios de dinheiro público. (...) Talvez se tivéssemos dado o que queriam, as boas notícias não seriam acompanhadas por um 'mas' e sobriariam aplausos ao meu governo. Mas escolhemos investir no Brasil e não em elogios."	
30/08/2022	Entrevista coletiva	"Não vai ter, porque quem tá fazendo a matéria é um órgão de imprensa que não tem mais qualquer credibilidade no Brasil."	Cria um inimigo.
01/09/2022	Live	"Botam até minha mãe agora como compradora e vendedora de imóvel. E vai embora. E quem faz isso? Folha, UOL. Uma imprensa sem credibilidade nenhuma! E faz essas besteiras por aí, pra culpar, sacanear, agora peguei o cara é corrupto, não prova nada! Como lá atrás tentaram a questão de uma senhora lá que vendia açai lá em Angra, minha vida é revirada o tempo todo, e vamo tocando o barco aí."	Cria um inimigo; distorce fatos.
06/09/2022	Sabatina	"Covardia por parte da Folha/ UOL, em segundo a matéria car 7 meses investigando, pra um mês antes das eleições apresentar isso. Qual o indício de... a origem desse dinheiro de corrupção? Qual a origem? E pegam imóveis desde 1990, ou seja, 32 anos atrás. Como não têm nada contra mim, cam ao redor dos meus familiares."	Cria um inimigo.
10/09/2022	Twitter	"Quando se coloca junto as cenas que predominaram no último 7 de setembro, mais forçado se mostra o tom apocalíptico e dramático adotado pela rede Globo para causar medo e manipular as pessoas. O que deveria ser um jornalismo sério e imparcial se tornou uma linha auxiliar do PT."	Cria um inimigo; distorce fatos.
10/09/2022	Discurso	"A imprensa sempre leva para a maldade. Eu falei há poucos dias: 'compare as primeiras-damas'. Não foi no tocante à estética, maquiagem, altura ou outro atributo qualquer apenas de visualizar. Eu disse o que está no coração da primeira-dama, a minha esposa, (e o) que esteve no coração de outras primeiras-damas pelo Brasil. O que elas promoviam, o que elas falavam. Qual era a dedicação de cada uma."	Cria ou reforça estereótipos de gênero.

20/09/2022	Discurso	“Dois terços de todo o território brasileiro permanecem com vegetação nativa, que se encontra exatamente como estava quando o Brasil foi descoberto, em 1500. Na Amazônia brasileira, área equivalente à Europa Ocidental, mais de 80% da floresta continua intocada, ao contrário do que é divulgado pela grande mídia nacional e internacional.”	Distorce fatos.
23/09/2022	Entrevista para rádio ou podcast	"As pesquisas nunca foram conáveis no Brasil. Geralmente são compradas. O Datafolha é uma prova disso: errou tudo em 2018 e continua errando, ele faz pesquisa para quem paga. O grupo Folha/UOL a gente sabe bem o que que eles fazem, tentam o tempo todo me desgastar. Eu não sou contra a imprensa, muito pelo contrário, sempre preguei a liberdade de imprensa.”	Cria um inimigo.
23/09/2022	Discurso	"Covardia. Covardia com a minha família, com a minha mãe já falecida. Esperar o que do grupo Folha/UOL? A não ser mentira, calúnia. Eles perderam bastante com o Pix criado pelo nosso governo. Eu defendo a liberdade de imprensa mesmo sendo atacado. O outro lado quer controlar a mídia.”	Cria um inimigo; distorce fatos.
24/09/2022	Entrevista coletiva	“A UOL fez um trabalho sujo! Sujo! É o que eu tenho pra falar aqui. Pegando principalmente 11 familiares meus, e desde 1990 levantou os imóveis que eles compraram, e não pegou os que eles venderam! (...) “Botaram nesse rol de imóveis um imóvel comprado pela minha falecida mãe. UOL, que trabalho sujo vocês zeram, tentando me desgastar 30 dias antes das eleições.”	Distorce os fatos.
30/09/2022	Live	"Eles inventam nomes, fazem a matéria, tentam me afastar das Forças Armadas, mas existe uma coisa que a imprensa não sabe, chama-se lealdade, confiança, respeito, consideração, a imprensa não sabe o que é isso, isso existe entre eu e os comandantes militares"	Cria um inimigo; atíça o sentimento patriótico
30/09/2022	Twitter	“É compreensível a Rede Globo torcer e trabalhar pela volta do Ladrão. Quem é roubado é o povo, não ela, e quem fatura é ela, não o povo. Comigo, gastos com publicidade nesses veículos, que chegavam a bilhões, caíram drasticamente! A preocupação não é com democracia, é com \$\$\$”.	Cria um inimigo; distorce fatos.

03/10/2022	Entrevista coletiva	<p>“Eu pretendo quando não for mais eleito cuidar da minha vida. Estou com 67 anos. Não não queira imaginar você na minha situação de três anos e oito meses como presidente da República, com todos os problemas que nós atravessamos além de interferência de outro poder, além da mais, quase toda a imprensa só vendo coisa de errado o tempo todo, acusações em grande parte infundadas, eu quero o bem da população. Eu queria até, quem não queria estar com a minha idade, eu tenho direito a duas aposentadorias né, uma de deputado, uma capitão do Exército, estar cuidando da minha vida né.(...) Eu espero que vocês comecem a mostrar coisa boa do governo, né? E não apenas críticas. Se a imprensa fosse isenta de verdade, o resultado seria outro nessa eleição. Pode ter certeza disso. Pessoal, eu aguentei todos vocês! Eu aguentei todos vocês com raras exceções! É o tempo todo massacre! Até uma palavrinha minha, incansável por exemplo, é um escândalo!”</p>	Cria um inimigo.
04/10/2022	Discurso	<p>“A grande imprensa, os institutos de pesquisa e parte dos magistrados togados da Praça dos Três Poderes estão contra mim. (...) Queria pedir, nós todos temos parentes no Nordeste, que ligue para seu parente no nordeste e diga para quem ele deve votar para presidente. Porque muitos nordestinos estão mal informados porque não têm uma imprensa boa para se informar. E vamos pedir também para aqueles que não votaram. Vamos levar aos nossos idosos, que não saíram de casa, vamos levá-los para votar.”</p>	Cria um inimigo; cria ou reforça estereótipos
09/10/2022	Entrevista	<p>“A outra questão ideológica, eu tenho conversado com alguns donos de televisões por aí, né? E eles falam da dificuldade pra contratar jornalistas que tem uma cabeça despoluída, eles já chegam da universidade acostumado a só fazer maldade. A só procurar defeito no outro lado. E ser de esquerda, ser de esquerda passou a ser bonito. Tá? Com libertinagem. Eh e nós não aceitamos isso. Né? Então esse lado ideológico também pesou pro pessoal dar pancada na gente. Porque aqui você aprendeu no Brasil, Paulinho, o que vende jornal, o que vende matéria é notícia ruim. E como não tem notícia ruim da gente, raramente acontece, né, os caras vão pra deturpar boas notícias. (...) “A proposta do PT é a la Nicarágua, que cortou o sinal da CNN lá. A CNN daqui podia se preocupar com isso, né? É o sinal deles.</p>	Cria um inimigo; distorce fatos; cria ou reforça estereótipos.

		<p>Começar a agir de maneira diferente aqui no Brasil. Começar a ser mais isento. Mas como eu sei, há muita dificuldade de encontrar jornalista por aí com viés voltado pra honestidade e para a verdade. “Agora o que eu não consigo entender, Paulinho talvez você entenda, que você entende mais de mídia do que eu. Como é que aí essa grande imprensa, jornalistas continua apoiando o Lula? É o eu falar pra você por exemplo que eu vou pegar teus cavalos na tua fazenda, e vou vender pro açougue. E você vive de criar cavalo e você continua apoiando a mim. Não tem cabimento isso, eu não consigo entender até que ponto foi essa lavagem cerebral em cima dos jornalistas.”</p>	
21/10/2022	Entrevista	<p>“Costumo dizer, e pese as críticas que eu recebo da imprensa brasileira, nunca tomei uma medida de força contra qualquer repórter no Brasil. Nunca tentei derrubar páginas de quem quer que seja, desmonetizar página de quem quer que seja, e sempre aceito isso, muitas vezes sofrendo fake news, inverdades, calúnias, mas não busquei atingir o que é a alma da democracia, que é a liberdade, que é a alma de vocês, que é a liberdade de imprensa.”</p>	Distorce fatos.
23/10/2022	Entrevista	<p>“Por ocasião da votação da Dilma Rousseff já tinha uma certa notoriedade no Brasil e fiquei mais conhecido ainda. Obviamente a imprensa bateu muito em mim aqui. Mas eu fiquei mais conhecido ainda e já tinha decidido disputar as eleições em dois mil e dezoito. (...) Então tudo eles potencializam. Quando eu defendo o homem do campo, eles dizem que eu sou destruidor da natureza. Quando eu defendo o legítimo direito a defesa, no caso a liberdade, algum critério para a pessoa ter uma arma de fogo em casa, eles me acusam de querer armar a população pra causar o caos aqui dentro. E grande parte da mídia, quase totalidade, são de esquerda. Os próprios institutos de pesquisa são comprados, a esquerda tem dinheiro, eu jamais compraria um institutos de pesquisa. Então nós temos o trabalho de mídia feito pelo PT, temos a grande imprensa nossa de esquerda como é diferente, muito diferente até dos Estados Unidos, e a gente enfrenta tudo isso com verdade.”</p>	Distorce fatos; reforça estereótipos
28/10/2022	Live	<p>“O UOL, a Folha, o Estadão, O Globo não me dão paz desde antes de eu assumir a</p>	Cria um inimigo.

		Presidência. <i>Eles querem me tirar daqui, fazem parte do sistema.</i> Sistema que integra também nosso TSE, que me ataca o tempo todo, haja vista o tratamento dispensado a mim e ao Lula".	
--	--	--	--

Quadro 8 - Parte dos ataques cometidos pelo então presidente Jair Bolsonaro classificados como "descredibilização da imprensa" pela FENAJ e lista de narrativas de violência cultural de acordo com o proposto por Taylor O'Connor.

Fonte: FENAJ, 2023, p. 49-60; O'CONNOR, 2020, online.

Optamos por apresentar parte desses registros para reforçar o caráter de narrativa cultural dos ataques que Jair Bolsonaro faz ao desqualificar a imprensa enquanto instituição, uma vez que ele utiliza de artifícios similares em diferentes situações, para diferentes públicos e em diferentes meios de veiculação. Os registros de descredibilização do jornalismo em que o ex-presidente não utilizou nenhuma das narrativas listadas no Quadro de Violência Cultural de Taylor O'Connor (2020, online) não foram levados em consideração.

Além disso, não fizemos a explanação completa de todos os episódios registrados pela FENAJ como "descredibilização da imprensa" por compreendermos que alguns deles entram no limiar entre o que é um ataque, propriamente dito, e o que é apenas uma crítica. Por exemplo, em 11 de junho de 2022, Jair Bolsonaro tuitou

Rebater matérias enviesadas não é atacar a imprensa, é se defender. Atacá-la é controlar, prender e censurar como uns fazem e outros desejam. Se crítica for ataque, alguns jornalistas fazem pior, pois mentem, inventam e distorcem informações para manipular e enganar as pessoas. (BOLSONARO, 2022, *online*)⁶⁰.

Este exemplo acima demonstra uma crítica ao jornalismo e, principalmente, aos jornais de maior circulação nacional, mas essa crítica não evolui para ofensas generalizadas. Afinal de contas, é sabido que o jornalismo produz narrativas que são submetidas a operações específicas e também a pressões sociais e econômicas. Criticar isso não implica em uma violência contra o jornalismo ou contra a liberdade de expressão.

Segundo Mauro Wolf (1995), os critérios⁶¹ próprios ao jornalismo não são óbvios ou instintivos. Pelo contrário, a definição de qual fato será transformado em notícia e como ele será narrado está relacionada ao próprio produto e ao meio do jornalismo, sem contar os critérios relacionados à concorrência e ao lucro dos veículos de comunicação. Exatamente por essas particularidades na produção de notícias é que a controvérsia sobre quão verdadeira ou próxima da realidade é uma notícia sempre teve e terá seu espaço nos debates teóricos do campo da comunicação.

⁶⁰ BOLSONARO, Jair. 11, jun., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1535723406364233728>. Acesso em: 25 de out. 2023.

⁶¹ Trataremos sobre valor-notícia no jornalismo e a sua instrumentalização por Jair Bolsonaro via Twitter no próximo Capítulo quando abordaremos o método do discurso bolsonarista.

Assim, não ignoramos as críticas que o ex-presidente direcionou à imprensa, mas notamos que a narrativa sistemática de descredibilização nos exemplos listados no **Quadro 8** mantém o caráter de "verdade" sempre em suspeição o que, ao final, representa um risco para a democracia. Para Hannah Arendt (2013, p. 290), "fatos necessitam de testemunhos confiáveis a serem oficializados de modo a encontrar um lugar seguro para habitar o domínio dos interesses".

A análise sobre a "verdade factual" de Hannah Arendt (1972) aponta para a importância da função política da imprensa. A filósofa analisa o "assalto do poder político" contra as verdades factuais, tão caras ao fazer jornalístico.

A marca distintiva da verdade de facto está em que o seu contrário não é nem o erro e nem a ilusão, nem a opinião, nenhuma delas tendo a ver com a boa fé pessoal, mas a falsidade deliberada ou a mentira. [...] Por outras palavras, o resultado de uma substituição coerente e total de mentiras à verdade de facto não é as mentiras passarem a ser aceites como verdade, nem que a verdade seja difamada como mentira, mas que o sentido através do qual nos orientamos no mundo real - e a categoria da verdade relativamente à falsidade conta-se entre os recursos mentais para prosseguir esse objetivo - fique destruído (ARENDR, 1972, p 315).

Entre as possíveis consequências da violência contra jornalistas estão o impedimento do exercício profissional, a baixa qualidade da oferta noticiosa, o comprometimento do exercício da profissão e da fruição ao direito à informação pelos cidadãos e prejuízos ao acesso à informações credíveis o que também tem consequências para a qualidade da democracia (RIOS e BRONOSKY, p. 99, 2020).

Conforme Rios e Bronosky (2020), entendemos que as violências contra os jornalistas são também violências contra a sociedade, uma vez que representam prejuízos para a "verdade factual" (ARENDR, 1972). A suspeição da verdade e as maneiras descorteses do ex-presidente servem para chamar atenção dos eleitores e da mídia⁶² (GUAZINA, LEITE e SANTOS, 2021, p. 45), mas também são sintomas de uma democracia frágil (ROSADO e SILVA, 2020, p. 2052).

Para Rosado e Silva (2020, p. 2053), o discurso anti-imprensa - que, como vimos, está manifesto tanto como acontecimento nos casos de violência direta, como pela violência cultural que promove a descredibilização constante - e o discurso anti-gênero - sustentado em violência estrutural na sociedade e no interior das redações - representam um movimento regulatório consciente. Um jogo em que o troféu é a vontade de verdade.

⁶² Podemos dizer que essa estratégia funciona. Afinal, tanto o uso do discurso anti-gênero garantiu espaço de mídia para Bolsonaro durante os quase 30 anos em que ocupou o cargo de deputado federal (GUAZINA, LEITE e SANTOS, 2021, p. 45), como após sua eleição como presidente, as suas postagens no *Twitter* que mais reverberam na imprensa são justamente as que tratam de conflitos, ataques ou mensagens preconceituosas (MITOZO, 2020).

Nesse jogo, o que se depreende é que o discurso de gênero surge como espécie de antídoto ao discurso jornalístico, em meio à disputa pela verdade. Atacou-se a repórter a partir de discursividades com efeitos de sentidos machistas presentes na cultura brasileira [...] No Brasil, embora a Carta Magna assegure a igualdade de todos perante a lei, sem distinção de qualquer espécie, o machismo estrutural dificulta o acesso das mulheres ao exercício pleno da cidadania. Os enunciados com efeitos de sentidos sexuais e as agressões dirigidas a Patrícia Campos Mello são um retrato dessa realidade. Se bem observadas, as estratégias discursivas miram a mulher, em razão do gênero, com o objetivo de desacreditar a profissional. (ROSADO e SILVA, p. 2066, 2020).

Em outras palavras, as estratégias discursivas de Jair Bolsonaro miram mulheres jornalistas em razão de seu gênero porque estão sustentadas tanto em violências estruturais como em narrativas de violência cultural. O objetivo é desacreditá-las e, ao mesmo tempo, designar “o lugar de cada um na sociedade” (ROSADO e SILVA, 2020, p. 2066). Agora, nos cabe o desafio de compreender o método e o meio do discurso de Jair Bolsonaro na construção dos mecanismos de poder e de produção de verdade contra mulheres jornalistas e contra o jornalismo.

CAPÍTULO 4 – O DISCURSO BOLSONARISTA

Neste capítulo buscamos compreender a natureza do discurso bolsonarista, partindo do entendimento sobre o movimento político a que Jair Bolsonaro faz parte, o populismo reacionário. Depois disso, vamos refletir sobre o método para o discurso bolsonarista e as características do meio aqui em análise, o Twitter.

Como vimos no **Capítulo 1**, para Hannah Arendt, o uso da violência como justificativa em si mesma resulta em impotência e o seu emprego terá como consequência nada mais do que um mundo mais violento.

Onde a violência não mais está escorada e restringida pelo poder, a tão conhecida inversão no cálculo dos meios e fins faz-se presente. Os meios da destruição agora determinam o fim - com a consequência de que o fim será a destruição de todo o poder (ARENDR, 2022, p. 65).

É dessa "destruição de todo o poder" que, para a autora, desemboca-se no terror do totalitarismo (*Ibid.*). Segundo ela, "movimentos totalitários são organizações maciças de indivíduos atomizados e isolados" (ARENDR, 2013, p. 371) que orientam-se pela sensação de pertencimento de tal maneira que é possível notar uma "banalização do mal" - conceito mais conhecido da vasta obra da autora.

No início de 2017, um ano após a vitória de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos, o livro "As origens do totalitarismo" (1951), da filósofa Hannah Arendt, começou a ser vendido 16 vezes mais do que o comum. Novas edições foram impressas, chamando atenção da imprensa norte-americana. O totalitarismo e a banalização do mal pautaram a mídia e o debate público na busca por entender

o fenômeno do *trumpismo*. "Quando ela descreve a ascensão do ditador, que necessita de um movimento de massa, poderia ser a leitura de uma tese sociológica sobre os apoiadores de Trump"⁶³, afirmou a colunista Zoe Williams em análise para o *The Guardian*.

Há controvérsias. Ao iniciar nossa pesquisa, buscamos um caminho similar no intuito de entender o "Trump à brasileira"⁶⁴ e, mais precisamente, o discurso que foi capaz de encantar milhões de brasileiros e que era marcado pela violência. Notamos que a descrição de Hannah Arendt (1959) do totalitarismo não dá conta do fenômeno bolsonarista, como veremos a seguir.

Há vasta bibliografia sobre as diferenças e similaridades entre totalitarismo, fascismo e populismo e como o bolsonarismo pode ser inserido entre elas. No livro *Linguagem da Destruição: A democracia brasileira em crise* (2022), o filósofo Newton Bignotto, o cientista político Miguel Lago e a historiadora Heloisa Murgel Starling, propondo um diálogo multidisciplinar sobre o fenômeno bolsonarista, sugerem que a experiência brasileira com Jair Bolsonaro é singular por dois fatores: o objetivo dele parecia ser a "destruição do Estado administrativo brasileiro" e a "transformação da esfera pública em império da opinião" (LAGO, 2022, p. 52). Em outras palavras, inferimos que o discurso do bolsonarismo se diferencia pela linguagem que exerce (da *destruição*) e pelo meio que utiliza, as redes sociais (*império da opinião*).

Trata-se de um "concentrado das propriedades, recursos, papel e funcionamento de uma língua específica", um discurso cuja característica é ser "capaz de reciclar e modificar acontecimentos à vontade, dando-lhes novo formato e sentido de conclusão" (STARLING, 2022, p. 73). Chamaremos essa capacidade de método do discurso bolsonarista. As características desse método, se tomadas isoladamente, também são recursos próprios ao populismo de direita radical, caracterizado por

uma imaginação moralista da política na sociedade, [...] não mediada por partidos ou instituições políticas, entre um líder forte que entende e sabe do que o país precisa e o 'povo', considerado como uma totalidade, moralmente puro e plenamente unido (STARLING, 2022, p. 75).

Especialista em extrema-direita, Cas Mudde (2019) define o populismo⁶⁵ como "uma

⁶³ Em livre tradução: "When she describes the rise of the dictator, which requires a mass not a mob, you could be reading a sociologist's thesis about Trump supporters". Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2017/feb/01/totalitarianism-in-age-donald-trump-lessons-from-hannah-arendt-protests> Acesso em: 20 de out. 2023.

⁶⁴ As comparações entre Donald Trump e Jair Bolsonaro foram comuns justamente pela similaridade no discurso utilizado por ambos que, como veremos, pertencem ao grupo de extrema-direita radical e podem ser descritos como populistas reacionários. Ao buscar a expressão "Trump à brasileira" no Google há mais de 4 mil ocorrências, incluindo análises em veículos de imprensa profissional, como UOL, IstoÉ, Exame, Band News e Revista Veja.

⁶⁵ Importante destacar que não há consenso quanto a esta terminologia, pelo contrário. O cientista político argentino Ernesto Laclau (2005) defende que o populismo não é uma ideologia, mas um discurso emancipatório, descartando o sentido pejorativo do termo (p. 21). Analogamente, Chantal

ideologia rasa que vislumbra a sociedade separada fundamentalmente em dois grupos homogêneos e antagônicos - o povo imaculado e a elite corrupta" (p. 23). Por essa superficialidade, o populismo "tem uma morfologia restrita, que necessariamente aparece ligada – e às vezes até assimilada – a outras ideologias" (KALTWASSER e MUDDE, 2017, p. 709, livre tradução)⁶⁶.

Para Liziane Guazina (2020), essa definição de populismo "ajuda a compreender a maleabilidade do conceito e, ao mesmo tempo, permite que o populismo possa ser ligado a outros elementos ideológicos [...] tais como fascismo, liberalismo ou socialismo" (p. 53). Além disso, permite a articulação entre populismo e outros fenômenos geograficamente localizados, como é o caso do clientelismo e do patrimonialismo, comuns nos estudos de Ciência Política da América Latina (p. 53).

O debate sobre o conceito de populismo na seara da Ciência Política é profícuo. Mas, para este trabalho, optamos por abordá-lo de acordo com a definição de Cass Mudde (2019) e Kaltwasser e Mudde (2017), em diálogo com as pesquisas de teóricos brasileiros de diferentes áreas de conhecimento, como os comunicadores Guazina (2020), Paulino e Waisbord (2020); os cientistas políticos Cassimiro e Lynch (2022) e Lago (2022), além da historiadora Starling (2022).

Já que o populismo "necessariamente aparece ligado a outras ideologias" (KALTWASSER e MUDDE, 2017, p. 709), os autores consultados buscam essa identificação dentre os diferentes movimentos políticos de direita radical que possam ser associados ao populismo propriamente dito e que reflitam o método discursivo bolsonarista.

Starling rejeita a possibilidade de nomear Jair Bolsonaro como um populista "*conservador*", já que o conservadorismo pretende "preservar a ordem social estabelecida e suas instituições" (2022, p. 76). Ao contrário, Bolsonaro não se propunha a buscar estabilidade e previsibilidade, como faria um conservador e "não opera(va) com nenhum modelo de governo capaz de estabelecer diretrizes administrativas e manter a aparência de funcionalidade" (STARLING, 2022, p. 77).

4.1 - Sobre a extrema direita e o populismo reacionário

Similarmente ao que fizemos no **Capítulo 2** quando explicamos as ondas do feminismo, a literatura sobre a extrema-direita também utiliza esta mesma metáfora, dividindo os movimentos de extrema-direita em três ondas historicamente definidas e uma quarta onda que teve início nos anos 2000 - e que permanece na atualidade

Mouffe (2020) advoga por um populismo de esquerda, que "procura recuperar a democracia para aprofundá-la e ampliá-la" (p. 460, Kindle). Em outra perspectiva, Norris e Inglehart (2019) propõem que se trata de um estilo retórico de comunicação (p. 66).

⁶⁶ No original: "have a restricted morphology, which necessarily appears attached to — and sometimes is even assimilated into — other ideologies. In fact, populism almost always appears attached to other ideological elements" (KALTWASSER e MUDDE, 2017, Kindle).

(MUDDE, 2022, p. 26-34).

Porém, antes de adentrarmos nessas ondas e a exemplo do cientista político Cas Mudde (2022), vamos brevemente deter-nos sobre as terminologias que trataremos a seguir. Segundo este autor, os termos "direita" e "esquerda" têm origem na Revolução Francesa (1789-1799) "quando os apoiadores do rei se sentavam à direita no parlamento e os opositores à esquerda" (p. 21). Ou seja, os de direita, naquele período, defendiam a permanência do Antigo Regime. Já os de esquerda, defendiam a democratização e a soberania popular.

Depois da Revolução Industrial (1760-1840), essa divisão entre direita e esquerda passou a se referir a aspectos socioeconômicos, "com a direita apoiando o livre-mercado e a esquerda um papel mais ativo do Estado" (MUDDE, 2022, p. 22). Foi somente nas últimas décadas que os termos direita e esquerda passaram a referir-se mais diretamente às questões socioculturais. Mudde cita a explicação do filósofo italiano Norberto Bobbio (1997) como a mais precisa:

ao definir a separação-chave entre esquerda e direita com base nas suas respectivas visões sobre o problema da (des)igualdade: a esquerda considera negativa e artificiais as desigualdades entre pessoas, enquanto a direita acredita que as desigualdades são naturais e positivas, e devem ser defendidas ou deixadas inalteradas pelo Estado. Essas desigualdades podem ser de fundo cultural, econômico, racial, religioso ou qualquer outro. (MUDDE, 2022, p. 22).

Dessa divisão, ainda há outras: a direita pode ser tradicional ou antisistema. É sobre a direita antisistema que Cas Mudde (2022) insere o político Jair Bolsonaro. Para ele, a direita antisistema pode ser ultraradical - quando rejeita a essência da democracia; ou pode ser radical, ou seja, aquela que "aceita a essência da democracia, mas se opõe a elementos fundamentais da democracia liberal, notadamente os direitos das minorias, o Estado do Direito e a separação entre poderes" (p. 22)⁶⁷.

Cassimiro e Lynch (2022, p. 17) propõem ainda outras divisões, separando a noção de populismo entre direita e esquerda, radical ou moderado. Em diálogo com as definições de Cas Mudde (2022) sobre a direita radical, entendemos que o populismo de direita radical é aquele que

resiste ao avanço da igualdade social em nome de um culturalismo supostamente representativo do 'povo verdadeiro', que justifica a manutenção ou restauração de uma ordem caracterizada pela hierarquia no âmbito do trabalho e da vida privada. Essa ideia reacionária de 'restauração da ordem' organiza o mundo entre bons nacionalistas conservadores (o 'povo') e maus cosmopolitas e progressistas (os 'antipovo'), e prega uma cruzada apocalíptica para a salvação de uma 'civilização judaico cristã ocidental'. (CASSIMIRO e LYNCH, 2022, p. 21).

⁶⁷ Todas essas características foram encontradas nos tuítes que compõem o nosso corpus de pesquisa, como veremos mais à frente em nossa análise.

Em nosso *corpus*, que será submetido a análise discursiva no **Capítulo 6**, a divisão entre bons e maus ocorre em quase todos os enunciados. Por exemplo, o primeiro enunciado do *corpus*, um tuíte publicado às 09h22 do dia 15 de julho de 2022, diz:

Nossa linda bandeira verde e amarela, que representa, acima de tudo, a soberania e os valores de nosso povo, não foi tomada por "um lado", ela foi RESGATADA. Nós lutamos durante todos esses anos para reviver o amor pelo Brasil, enquanto o "outro lado" seguia destrudindo-o (sic) (BOLSONARO, 2022, online)⁶⁸.

A ideia de dividir os movimentos de extrema-direita em ondas partiu do cientista político alemão Klaus von Beyme (1988). Ele reconheceu três ondas de extrema direita na Europa ocidental depois da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). No período imediato posterior à guerra deu-se início ao Neofascismo (1945-1955) quando "a extrema-direita foi quase que universalmente rejeitada" (MUDDE, 2022, p. 26-27) e um "pequeno grupo de fascistas [...] trabalhou basicamente às margens da política" (*Ibid.*).

A segunda onda de extrema-direita é marcada pela ascensão do Populismo de Direita (1955-1980). Tratava-se de uma miríade de políticos e partidos cuja posição principal era a oposição às elites do pós-guerra. Segundo Mudde, "esses partidos manifestaram revolta contra a conjuntura política e econômica do pós-guerra, notadamente a marginalização das periferias rurais e o desenvolvimento do Estado de bem-estar social" (2022, p. 29). É deste período a eleição do político francês Jean-Marie Le Pen, parlamentar mais jovem da história pós-guerra francesa, em 1956.

Já a terceira onda de extrema-direita é marcada pelo surgimento e por vitórias de partidos de Direita Radical entre as décadas de 1980-2000 que alimentavam-se do discurso anti-imigração e anti-comunismo pós-queda do muro de Berlim (1989).

Na virada do século, o populismo radical havia se tornado a ideologia dominante da extrema direita europeia. [...] Quase todos os partidos relevantes da extrema direita exibiam alguma combinação de nativismo, autoritarismo e populismo. Esses partidos mobilizavam-se tanto contra imigrantes e/ou povos nativos minoritários quanto contra as elites nacionais e europeias, ao mesmo tempo em que se intitulam representantes e porta-vozes do povo. (MUDDE, 2022, p. 32).

Por fim, a quarta onda de extrema-direita tem início no século XXI e marca a naturalização da extrema-direita nos sistemas políticos. Para Cas Mudde (2022), isso foi possível pela capitalização de três crises: os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, a recessão econômica de 2008 e a crise de refugiados a partir de 2015. Neste período, cresce o discurso xenofóbico e ideias de direita radical começam a ser abertamente debatidas nos veículos tradicionais de opinião pública.

⁶⁸ BOLSONARO, Jair. 15, jul., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/154791959227782528>. Acesso em: 25 de out. 2023.

Além do sucesso eleitoral e dos vínculos que os partidos de extrema-direita conseguem fazer, de forma inédita, com a direita tradicional, Mudde (2022, p. 36) chama atenção ao fato da quarta onda ser marcada pela vitória de políticos de extrema-direita para além do continente europeu. O autor inglês cita Jair Bolsonaro, no Brasil, Donald Trump, nos EUA, Naendra Modi, na Índia e Benjamin Netanyahu, em Israel.

O populista de direita radical, segundo Cassimiro e Lynch (2022, p. 19), apresenta-se como um herói antisistema, menos preocupado em governar o país ou forjar consensos. Ao contrário, busca polarizar o debate ampliando o mal-estar que tornou possível sua projeção política. Já o populista de direita radical que também é reacionário distingue-se de um conservador tradicional justamente por sua radicalização (Ibid., p. 23). Segundo os autores,

no conservadorismo, a sociedade deve preservar suas instituições e valores fundamentais, de modo que, se a mudança social for inevitável, ela deve ser produzida e conduzida 'dentro da ordem', preservando as instituições e evitando rupturas. Já o horizonte do reacionarismo aponta para a possibilidade de *regeneração* de uma ordem perdida, por meio de uma aceleração da ruptura com a ordem vigente, capaz de reconstruir no futuro uma sociedade equivalente àquela perdida no passado. (Ibid., p. 23-24).

Ou seja, o reacionário age por "uma utopia regressiva de restauração" (Ibid., p. 74). Na Europa, por exemplo, reacionários remetem ao imaginário de uma "república cristã", época de nobres cavaleiros e em que a autoridade religiosa era respeitada. Nos Estados Unidos, a época mítica dos reacionários remete ao período posterior à Guerra Civil, em que homens brancos e "viris" celebravam "vínculos de cristianismo e solidariedade", enquanto desbravavam o desconhecido em busca de terra e ouro. Para Cassimiro e Lynch (2022, p. 76), os reacionários brasileiros "foram *obrigados* a se referir a uma época mais recente, a ditadura militar". Em resumo, o conceito de reacionarismo explica perfeitamente o tipo de

movimento político interessado em capturar o sentimento de que, daquele ponto em diante, só existe chance de conserto para os estragos que se desenrolaram na sociedade brasileira caso ocorra uma investida drástica de volta ao passado (STARLING, 2022, p. 76-77).

Jair Bolsonaro "vive obcecado pelo propósito de executar uma ação destrutiva, violenta e robusta" (Ibid., p. 78) contra a linguagem dos direitos humanos que "deslocaram a titularidade do poder do soberano para o conjunto dos cidadãos" (Ibid., p. 80).

Definida nossa posição sobre o populismo reacionário de Jair Bolsonaro, cabe descrever nosso entendimento do que é discurso, daquilo que chamamos de método do discurso bolsonarista e da grande "novidade" utilizada pelo populismo

reacionário na quarta onda da extrema-direita, o meio digital e a consequente tentativa de criação de um "império da opinião" (LAGO, 2022, p. 52).

4.2 - O que entendemos por discurso

Orientadas pela Análise do Discurso de vertente francesa (AD), entendemos que discurso é o "espaço, o lugar ou a instância da linguagem em que emergem as significações, ou ainda, os efeitos de sentido" (GARCIA, 2003, p.134). Discurso, portanto, articula texto e contexto, linguagem e materialidade. Seguindo a metodologia da AD, como veremos em mais detalhes no próximo capítulo, buscamos reconhecer o jogo de cena e categorizar as formações discursivas que podem configurar exemplos de violência direta, estrutural ou cultural contra mulheres jornalistas no **Twitter** de Jair Bolsonaro, então candidato à reeleição em 2022.

Cabe ilustrar que "formação discursiva" é um conceito foucaultiano que trata das regularidades na produção de sentido (FOUCAULT, 2020, p. 43). Em outras palavras, são as "correlações em sua simultaneidade, posições assinaláveis em um espaço comum, funcionamento recíproco, transformações ligadas e hierarquizadas" (2020, p. 42). Na perspectiva de Eni P. Orlandi (2018), a língua deve ser concebida como materialidade, "um lugar das relações de forças e de sentidos" porque é nesta "relação regulada historicamente entre as muitas formações discursivas que se constituem os diferentes efeitos de sentido" (2018, p. 21).

Por sua vez, Maingueneau (2002) propõe que o "sentido se constrói no interior das fronteiras" (p. 81), no interdiscurso, aquilo que é dizível e que exerce um primado sobre o discurso. Ou seja, o discurso só pode ser produzido se for materializado a partir de um outro já-dito. Por esta razão, a AD

se interessa por funcionamentos discursivos e não é tentada a adotar uma posição definitiva. Ela não pretende reduzir a unidade todas as formações discursivas de uma conjuntura, definindo uma invariante universal, nem visa a multiplicar infinitamente e sem hierarquia as relações entre os campos. Em um dado momento, uma formação discursiva é associada a certos trajetos interdiscursivos e não a outros, e *isto faz parte integrante de sua especificidade*. (MAINGUENEAU, 1997, p. 118)

Portanto, a produção de sentidos passa por procedimentos estratégicos, que "buscam captar e direcionar interesses" (MACHADO e MORAES, 2019, p. 77). Cabe ao analista de discurso reconhecer essas estratégias, "a fim de um processo de significação que extrapole o nível meramente semântico" (Ibid.). O procedimento metodológico da AD submete o discurso a uma análise que contemple a "cultura e as condições históricas, as condições econômicas, as condições políticas de seu aparecimento e de sua formação" (FOUCAULT, 2006, p. 49).

Buscando a compreensão dessas condições de produção, encontramos na literatura

sobre o discurso populista as características que fabulam o método do discurso bolsonarista - que, como vimos há pouco, é um político de extrema-direita radical e orienta-se pela ideologia do populismo reacionário.

4.3 - Método do discurso populista reacionário

Paulino e Waisbord (2020) listam as características discursivas do populismo reacionário: visão binária da política dividida entre povo *versus* elite e nós *versus* eles; exacerbação de discursos nacionalistas; disseminação de teorias conspiratórias; discurso de ódio contra grupos minorizados; críticas ao saber científico e defesa de uma religiosidade moralizante (p. 40). A mais interessante para nossa pesquisa é a busca pelo enfraquecimento do papel e da credibilidade da imprensa.

Esta última característica, como vimos no **Capítulo 3**, tornou-se uma estratégia de Governo (FENAJ, 2023, p. 7) que também pode ser classificada como violência cultural, uma vez que reforça aquilo que Taylor O'Connor (2020, online) chama de "narrativas que justificam a violência" ou que "promovem a injustiça e a desigualdade" impedindo a livre expressão, a liberdade de imprensa e a autorealização de profissionais jornalistas, especialmente as mulheres.

O **Twitter** @jairbolsonaro funcionava como uma miríade onde ele emitia opiniões pessoais, abordava assuntos de interesse público, ofendia a opositores, exaltava mensagens religiosas e moralizantes. O uso intensivo tornou seu perfil na Plataforma uma fonte de informações para a imprensa e um local privilegiado de agendamento para o discurso de seus leitores-eleitores.

Em paralelo, como presidente, Jair Bolsonaro enfraqueceu os mecanismos de transparência do Governo Federal para que jornalistas não tivessem acesso a dados (LIPPELT, 2022); recusava-se a manter uma agenda de entrevistas coletivas e, em eventos públicos, atacava com frequência o trabalho dos profissionais de imprensa que o abordavam (ESTADO DE SP, 2021).

Segundo o Relatório *Digital News Report* (NEWMAN, 2023), os últimos anos aceleraram mudanças estruturais para o jornalismo tornando-o mais digital, mais voltado para dispositivos móveis e mais dominado pelas mídias de plataformas, o que gera impactos nos modelos de negócios e nos formatos de produção (p. 10). A situação também é complexa na medida em que públicos mais jovens preferem acessar informações fora dos canais de mídia tradicionais, como uma ampla variedade de redes sociais (*Ibid.*). Outros indicativos do Relatório apontam que menos da metade dos entrevistados (48%) se dizem "muito ou extremamente" interessados em notícias, enquanto este número era de 63% em 2017.

Para Michel Foucault (2014), o discurso vai além da linguagem e é controlado, selecionado, organizado e redistribuído “por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes” (p. 8). O controle do discurso é, nesta perspectiva, o próprio poder (p. 10).

Notamos que Jair Bolsonaro estava constantemente disputando este controle através de suas redes sociais, especialmente pelo **Twitter**, na medida em que o utilizava para anunciar informações que, de outra feita, estariam nos órgãos oficiais de Governo. Aproveitando-se da mudança de comportamento dos brasileiros que estão cada vez informando-se mais por plataformas sociais enquanto também alienam-se e perdem o interesse pelo noticiário, Jair Bolsonaro atuava ativamente para descredibilizar jornalistas e canais da imprensa profissional.

Na prática, o **Twitter** de Jair Bolsonaro era utilizado para capturar a função de agendamento inerente à atividade jornalística ao disseminar conteúdos apoiados tanto em valores-notícias como também beneficiados pelos valores-algoritmos, tornando suas mensagens, por um lado, relevantes para o compartilhamento entre seus eleitores, e, por outro lado, relevantes para a pauta jornalística do dia. O objetivo é “enquadrar seus próprios discursos, sem ser apenas uma fonte para veículos de comunicação” (MITOZO, p. 162, 2020).

Em resumo, inferimos que o método do discurso bolsonarista opera através da instrumentalização do fazer jornalístico tornando suas redes sociais espaços de informação oficial ao tempo que atua ativamente para descredibilizar a imprensa; a compreensão da arquitetura da informação e uso eficiente das plataformas de redes sociais na medida em que modula suas mensagens de acordo com as características de cada rede; emprego de uma linguagem hegemônica masculina, reacionária, contrária aos direitos humanos (discurso de ódio) e misógina. Um caldeirão de elementos que dão sustentação à violência cultural contra jornalistas, à violência estrutural contra mulheres e a violência direta e interpessoal contra profissionais de imprensa específicas.

4.3.1 - *Shareability* e a instrumentalização do fazer jornalístico

Uma das noções mais intrínsecas à cultura profissional dos jornalistas é o reconhecimento dos critérios de noticiabilidade - valor-notícia - que um determinado acontecimento possa ter para que ele deixe de ser isso, apenas um acontecimento, e torne-se uma notícia. Em outras palavras, valores-notícia autorizam a noticiabilidade de um tema. Para Wolf (1995), o emprego de valores-notícia ocorre como uma convenção profissional pactuada na organização do trabalho (p. 170).

Os jornalistas não podem, obviamente, decidir sempre *ex novo* como devem selecionar os fatos que surgiram: isso tornaria o seu trabalho impraticável. A principal exigência é, por conseguinte, rotinizar tal tarefa, de

forma a torná-la exequível e gerível. Os valores-notícia servem, exatamente, para este fim. (*Ibid.*, p. 176)

Trata-se de um conceito já bastante explorado nas Teorias do Jornalismo, mas que segue relevante uma vez que são estes critérios que servem como guia para a produção do “mundo midiático” que é apresentado para leitores e demais audiências através das notícias (HARCUP e O’NEILL, 2016, p. 1). É neste mesmo mundo midiático onde os discursos de maior visibilidade circulam, gerando impressões e reações que são interessantes ao exercício e à manutenção do poder. Harcup e O’Neill defendem que,

apesar [dos valores-notícia] oferecerem somente uma explicação incompleta dos processos de trabalho da produção de notícias jornalísticas, o estudo dos valores-notícia é uma importante área de exploração para os estudos acadêmicos de jornalismo porque é uma maneira de tornar mais transparente uma gama de práticas e julgamentos que, de outra feita, estariam opacos (2009, p. 163)⁶⁹.

Há uma vasta quantidade de propostas de listas de valores-notícia segundo diversas análises empíricas, mas o artigo de Johan Galtung e Mari Ruge, de 1965, “*The Structure of Foreign News*”, é considerado um marco inicial para este debate. Estes autores listaram 12 fatores de valor-notícia. São eles: frequência, limite, não-ambiguidade, importância, consonância, surpresa, continuidade, composição, notícias negativas, referência aos países da elite, às pessoas da elite ou a grupos específicos.

Por sua vez, Harcup e O’Neill dedicaram-se a revisar esta literatura em ao menos duas ocasiões diferentes. Primeiro, em 2001, quando propuseram a inclusão da “agenda do jornal” – seus interesses políticos e econômicos – como um valor-notícia crucial a ser considerado (p. 278-279). Outros valores-notícia sugeridos para além dos já listados por Galtung e Ruge (1965) são: celebridades, notícias de entretenimento e notícias boas (“*good news*”), aquelas com “enquadramento particularmente positivo, como resgates e curas” (HARCUP e O’NEILL, 2001, p. 279).

Depois, os autores retomam este trabalho assumindo a necessidade de reconhecer a diferença entre a seleção de notícias e o tratamento que é dado à elas nas rotinas da redação. Harcup e O’Neill citam a pesquisa de Caple e Bednarek (2015, p. 8-11, *apud* 2017, p. 5) sobre a abordagem discursiva que jornalistas constroem de acordo com valores de semiótica uma vez que, cada vez mais, as notícias vêm se tornando “produtos visualmente ricos” com imagens, interação, infográficos e outras formas de aumentar o seu apelo estético.

⁶⁹ No original, “Yet, despite offering only an incomplete explanation of the processes at work in news journalism, the study of news values is regarded as an important area of exploration within journalism studies scholarship because it is a way of making more transparent a set of practices and judgements which are otherwise shrouded in opacity”.

Além disso, levando em consideração o rápido desenvolvimento dos contextos sociais nas mídias digitais, os autores concluem que um valor-notícia que não pode ser ignorado é a capacidade de compartilhamento de uma notícia em determinada rede social (HARCUP e O'NEILL, 2016, p. 11) ou, no original em inglês, "*shareability*". O reconhecimento dessa capacidade influencia tanto a seleção como a apresentação das notícias nas rotinas da redação (*Ibid.*).

O capítulo sobre o Brasil no Relatório *Digital News Report* (NEWMAN, 2023, p. 112-113) demonstrou que, em média, 42% dos brasileiros entrevistados compartilham notícias por aplicativos de mensagens e por redes sociais, e que 43% deles consomem notícias pelo WhatsApp, 41% pelo YouTube, 39% pelo Instagram e 35% pelo Facebook. Inferimos que considerar o valor de "*shareability*" ao selecionar se um evento tem valor-notícia ou não é relevante para o contexto brasileiro, principalmente tendo em conta a necessidade de gerar tráfego desde as redes sociais para os canais de notícias. Porém, conforme Julio Cesar Lemes de Castro (2022),

enquanto os órgãos jornalísticos operam com base em uma curadoria editorial, nas plataformas a curadoria está a cargo dos algoritmos, os quais decidem o que será mostrado a cada usuário e em que ordem. [...] Assim como o valor-notícia se subordina aos critérios de noticiabilidade adotados em cada veículo, o valor-algoritmo de um conteúdo varia para cada usuário em cada plataforma (p. 92).

Por outro lado, a literatura consultada sobre Estudos de Plataforma nos orienta que a capacidade de "*shareability*" não depende apenas da seleção do tema, mas, principalmente, dos processos tecnológicos e de aprendizado de máquina desenvolvidos por algoritmos.

Fazendo uma analogia com o conceito de valor-notícia, Julio Cesar Lemes de Castro (2022) teorizou sobre o conceito de valor-algoritmo, um critério de avaliação automatizado e de ordem pecuniária, inteiramente econômica (CASTRO, 2022, p. 93). Os algoritmos⁷⁰ funcionam hoje como "lógica central que controla os fluxos de informação dos quais dependemos" (GILLESPIE, 2018, p. 97). Afinal, eles "não só nos ajudam a encontrar informações, mas nos fornecem meios para saber o que há para ser conhecido e como fazê-lo" (*Ibid.*).

O critério de "*shareability*" entra, portanto, em uma zona cinzenta onde coexiste a experiência profissional do jornalista ao priorizar este valor-notícia com o objetivo de gerar mais cliques em determinada reportagem e, ao mesmo tempo, o valor-algoritmo em que os critérios não são determinados por um jornalista ou editor de jornal e sim por uma máquina através de algoritmos.

⁷⁰ "Algoritmo é um método para solucionar um problema" (AMADEU, 2019, p. 82) e trata-se de um conceito central da computação. Algoritmos "não são simples e muito menos neutros" (*Ibid.*). Pelo contrário, "são performativos e engendram reações, geram alterações nos espaços e naqueles que nem sempre percebem sua presença" (*Ibid.*). Falaremos mais aprofundadamente sobre isto ao final deste capítulo.

Colocando os conceitos de valor-notícia e valor-algoritmo em diálogo, percebemos que o **Twitter** potencializou o discurso populista reacionário de Jair Bolsonaro, uma vez que o valor-notícia/algoritmo de *shareability* é basilar na forma como ele se comunicava, pautando a imprensa profissional e seus eleitores.

Como afirmaram Willian Araújo e Mozart da Silva (2020), aconteceu uma ascensão dos algoritmos no debate público por conta "das transformações na estrutura da internet na última década, que colocaram técnicas algorítmicas de classificação como mediadores de nossas experiências online" (p. 7). Segundo estes autores,

nos usos das tecnologias digitais que contemporaneamente permeiam nosso cotidiano, estamos intensamente em relação com essas lógicas computacionais, os algoritmos, que atuam ao classificar, filtrar, sugerir e recomendar conteúdos de acordo com parâmetros pré-definidos (*Ibid.*).

Porém, por mais que o público consumidor de notícias esteja cada vez mais consciente e cético em relação aos algoritmos usados para selecionar aquilo que vêm online⁷¹, "em média, os usuários ainda preferem notícias selecionadas dessa maneira àquelas escolhidas por editores ou jornalistas (27%)" (NEWMAN, 2023, p. 10). No capítulo sobre o Brasil, o Relatório informou que a confiança geral nas notícias continuou caindo em 2023, de 48% um ano antes para 43%, e que as críticas a jornalistas são altas: quase dois terços dos entrevistados brasileiros afirmaram que ouvem ou veem pessoas criticando a imprensa com frequência (*Ibid.* p. 112).

Nos Estados Unidos, onde 31% dos entrevistados pela *Reuters* compartilham notícias via redes sociais e 32% confiam nas notícias (NEWMAN, 2023, p. 109), pesquisas dessa natureza já estão em andamento motivadas, principalmente, pela eleição de Donald Trump em 2016. Por exemplo, Jessie Daniels (2018) pesquisou o uso estratégico das redes sociais pelo movimento supremacista branco norte-americano, apontando caminhos que parecem ser os mesmos que foram trilhados para a ascensão de Jair Bolsonaro nas eleições nacionais de 2018 no Brasil.

Segundo Daniels (2018), o radicalismo (re)emergiu porque os supremacistas souberam se aproveitar da narrativa de que a tecnologia é neutra e porque enxergaram na inovação algorítmica das redes sociais uma oportunidade de expandir a quantidade de tópicos que seriam tolerados no debate público.

Por sua vez, Brian Ott (2017) dedicou-se a compreender e expor a relação imbricada entre o sucesso de Donald Trump em 2016 e o uso que este político fazia

⁷¹ De acordo com o *Digital News Report* da Reuters (NEWMAN, 2023), apenas 30% dos entrevistados disseram que ter histórias selecionadas com base no consumo anterior é uma boa maneira de obter notícias (p. 10).

do **Twitter**, especificamente. Segundo este autor, o **Twitter**⁷² "promove um discurso público que é simples, impetuoso e frequentemente denegridor e desumanizador [...] Destrói o diálogo e a deliberação, fomenta a farsa e o fanatismo e contribui para a insensibilidade e o desprezo" (p. 60, livre tradução)⁷³.

Ou seja, nos EUA, Donald Trump e os supremacistas brancos "estão tendo sucesso no uso das mídias sociais e da tecnologia para tornar a sua mensagem o discurso dominante" (DANIELS, 2018, p. 158, livre tradução)⁷⁴, com destaque para o **Twitter** cuja lógica algorítmica prioriza discursos simplistas, impulsivos e incivilizados (OTT, 2017, p. 60).

4.3.2 - Discurso de ódio e misoginia online

Assim como a capacidade de compartilhamento de suas mensagens e a instrumentalização do fazer jornalístico são elementos do método discursivo bolsonarista, também chama atenção o enquadramento violento, reacionário e misógino com que Jair Bolsonaro se comunica dentro e fora das redes sociais.

Através da "religiosidade moralizante" - uma das características de discurso populista reacionário apontadas por Paulino e Waisbord (2022, p. 40) - o discurso bolsonarista encontra sua faceta mais violenta. Como alerta Wieviorka (1997, p. 7), referências a uma identidade étnica ou religiosa são um recurso cultural potente que é eventualmente mobilizado de maneira violenta para fins políticos. A "religiosidade moralizante" de Jair Bolsonaro fica mais explícita em sua obsessão pela temática do gênero e do lugar da mulher, junto ao "lar e a família" (GUAZINA, LEITE e SANTOS, p. 44, 2021).

Mas isso não é feito gratuitamente. Afinal, esse "enquadramento moral" possibilitou "a revitalização do ativismo religioso na política nacional" (GUAZINA, LEITE e SANTOS, 2021, p. 45) e promoveu "coalizões entre novos e velhos grupos políticos conservadores, reacionários ou extremistas" (*Ibid.*, 2021, p. 45) que deram sustentação ao projeto político do bolsonarismo.

Dois conceitos interligados são úteis neste momento, o de discurso de ódio de forma abrangente, e a misoginia, de forma específica. Luiz Valério Trindade sustenta que o

discurso de ódio se caracteriza pelas manifestações de pensamentos, valores e ideologias que visam inferiorizar, desacreditar e humilhar uma pessoa ou grupo social, em função de características como gênero, orientação sexual, filiação religiosa, raça, lugar de origem ou classe. Tais

⁷² Voltaremos a falar sobre as características da arquitetura do Twitter no próximo subcapítulo quando vamos abordar o meio para o discurso populista.

⁷³ No original, "Twitter promotes public discourse that is simple, impetuous, and frequently denigrating and dehumanizing [...] It destroys dialog and deliberation, fosters farce and fanaticism, and contributes to callousness and contempt".

⁷⁴ No original, "are succeeding at using media and technology to take their message mainstream".

discursos podem ser manifestados verbalmente ou por escrito, como tem sido cada vez mais frequente nas plataformas de redes sociais (TRINDADE, 2022, p. 14).

Cassimiro e Lynch (2022, p. 81) e Valente (2023, p. 70) citam o crescimento de Olavo de Carvalho (1947-2022) nas redes sociais como ponto de partida e efervescência para a "emergência das novas direitas no Brasil nos anos de 2010" (Valente, *Ibid.*). O olavismo é a expressão brasileira do ideário civilizatório reacionário que tomaria a dianteira nas eleições presidenciais de 2018. Ao menos quatro características do discurso olavista são comuns às novas direitas no Brasil: "a retórica apocalíptica de fim dos tempos (o decadentismo); o receio de elites cosmopolitas (o globalismo); a distinção entre amigos e inimigos (a luta pela vida); e a noção de metapolítica (precedência da luta política pela cultura)" (CASSIMIRO e LYNCH, 2022, p. 77).

Lembrar Olavo de Carvalho é importante porque foi ele a principal voz em defesa do discurso de ódio como uma estratégia política. Para Carvalho, citado por Cassimiro e Lynch (2022, p. 81), "a gentileza, o pacifismo ou a educação não passariam de ardis para a infiltração do veneno corrosivo do cosmopolitismo". Ou seja, o discurso de ódio

serviria para despertar o conservador adormecido e intimidar o 'comunista' - epíteto empregado para descrever qualquer tipo de progressista, liberal ou socialista. O discurso público de ódio serviria ainda para diferenciar o novo estilo conservador como popular, em contraposição ao famigerado 'politicamente correto' dos progressistas. (CASSIMIRO e LYNCH, 2022, p. 81).

Inegavelmente, Olavo de Carvalho foi um fenômeno digital no Brasil, alcançando milhões de pessoas - inicialmente no Orkut e posteriormente no Youtube e Facebook -, em sua maioria jovens em busca de alguma orientação para enfrentar o contexto crescente de individualismo (WIEVIORKA, 1997, p. 15) e a sensação de "degradação do experimento democrático" (STARLING, 2022, p. 93).

Não é surpresa pra ninguém, portanto, que os principais expoentes do reacionarismo no governo Bolsonaro tenham se recomendado aos cargos de direção administrativa como amigos de seus filhos e discípulos de Olavo, e que eles tenham, ao menos em um primeiro momento, buscado balizar suas ações observando as diretrizes de seu pensamento no campo intelectual e dado continuidade, no governo, à necessidade de mover uma 'guerra cultural' (CASSIMIRO e LYNCH, 2022, p. 81).

A extrema-direita, lembra Cas Mudde (2022, p. 161), é historicamente e "profundamente marcada por uma dinâmica sexista" de valorização do passado em que os direitos das mulheres eram poucos ou inexistentes. Uma das hipóteses sustentadas pelos autores consultados (BIROLI, MACHADO e VAGGIONE, 2020; VALENTE, 2023; MUDDE, 2022) é que a centralidade do gênero para o discurso de ódio usual à extrema-direita é uma resposta às conquistas sociais e políticas de determinados grupos e configura-se como um fenômeno transnacional.

No caso do Brasil, após a redemocratização, grupos conservadores deslocaram o discurso anticomunista para o combate às agendas feministas, de pessoas LGBTQIAP+, antirracistas e indígenas. Mariana Valente (2023, p. 71) chama de "choque progressista" o primeiro mandato da ex-presidenta Dilma Rousseff, quando ocorreu a legalização do relacionamento homoafetivo, a implementação de cotas raciais nas universidades públicas, a permissão para o aborto legal em casos de anencefalia e a proibição de castigos físicos em crianças.

"Ideologia e iniciativas conservadoras tendem a aparecer quando segmentos minoritários que desafiam a ordem estabelecida se fortalecem ao ponto de ameaçar os fundamentos ideais e materiais das instituições" (BIROLI, MACHADO e VAGGIONE, 2020, p. 24). Apesar de variadas terminologias - como familismo, fundamentalismo, contramovimento, entre outros -, há dimensões semelhantes na reação destes grupos que buscam uma "ordem sexual e familiar" (*Ibid.*) "exclusivamente heterossexual" (*Ibid.*, p. 25) em que o ato sexual seja realizado apenas para fins reprodutivos em nome da manutenção das famílias.

O encontro do conservadorismo com a ideologia neoliberal orientada pelo individualismo configura-se como "uma lógica normativa e disciplinadora" (BIROLI, MACHADO e VAGGIONE, 2020, p. 26) que encontra sua máxima expressão quando populistas reacionários como Jair Bolsonaro atingem o cargo máximo do Executivo. Para a maioria deles, "mais do que qualquer coisa, a mulher é o 'ventre da nação'" (MUDDE, 2022, p. 163) e àquelas que fogem a este estigma enfrentam a fúria hostil do "império da opinião" (LAGO, 2022, p. 52), principalmente da "machosfera" que é atuante no meio virtual (MUDDE, 2022, p. 163).

Uma junção da masculinidade tóxica - na qual a masculinidade se define em termos de violência, proeza sexual, status e agressividade - e misoginia - o ódio às mulheres, que é onipresente não somente no mundo virtual, mas também na vida cotidiana (MUDDE, 2022, p. 164)

Assim como várias das terminologias utilizadas neste trabalho, o conceito de misoginia também é alvo de disputas. Em concordância com Kate Manne, citada por Mariana Valente, acreditamos que a ideia de misoginia apenas como "ódio às mulheres" é insuficiente para dar conta do caráter político deste fenômeno. Afinal, misoginia não é apenas uma característica de agentes individuais que sentem ódio, medo, nojo ou desprezo por mulheres - ainda que possam existir e existam vários indivíduos assim. O conceito de misoginia de Manne é o de um "sistema que opera dentro de uma ordem social patriarcal para vigiar e fazer valer a subordinação das mulheres e para manter a dominância masculina" (MANNE *apud* VALENTE, 2023, p. 10).

Ou seja, a misoginia é vista aqui como uma característica de um sistema social - notadamente capitalista, patriarcal e colonial - em que a subordinação de mulheres

encontra eco na cultura, nos valores e nas instituições. A misoginia também representa a hostilidade que algumas mulheres sofrem por não cumprirem os papéis de gênero patriarcais como mãe, esposa, funcionária dedicada e afável.

O termo misoginia vem sendo associado com mais frequência às ambiências digitais porque as subcomunidades virtuais que compõem a machosfera - recentemente expostas pelo episódio de ameaça de um influenciador digital conhecido como *Red Pill* contra uma comedianta - criam fóruns onde o ódio contra mulheres é abertamente explorado, incluindo "fantasias politizadas de estupro" (MUDDE, 2022, p. 164).

Como vimos no **Capítulo 3**, mulheres jornalistas são as vítimas preferenciais de críticas em ambiência online. As críticas são marcadas pela misoginia uma vez que abordam aspectos físicos e íntimos das vítimas. A internet aumenta a rapidez e o alcance dos conteúdos que são nela veiculados.

Por isso, para concluir este tópico, lançamos luz sobre a importância de compreender violência on-line ou off-line como um *continuum* em que os efeitos trafegam de um ao outro. "A noção de violência, em si, é contextual, relacional e mutável. [...] Mas há um efeito performativo em nomear algo como violência: chama-se atenção para o fato e se conecta o acontecimento com outros atos, com noções de proibido e transgressão" (VALENTE, 2023, p. 25).

4.4 - Meio para o discurso populista reacionário

O discurso populista reacionário de Jair Bolsonaro beneficia-se sobremaneira da lógica implícita às Plataformas de redes sociais, em especial do **Twitter**. Retomando Hannah Arendt, diferentemente do poder, vimos que a violência necessita de **implementos** para efetivar-se (ARENDR, 2022, p. 18). No contexto em que teorizou sobre o tema, Arendt falava especialmente da corrida armamentista que, segundo ela, gerou "uma revolução na fabricação dos instrumentos" voltados para a violência (ARENDR, 2022, p. 18).

Porém, atualizando este debate para a contemporaneidade - em que, como sugere Wieviorka, as violências ocorrem, principalmente, nas percepções e representações (WIEVIORKA, 1997, p. 8); inferimos que as redes sociais servem como um implemento para a violência discursiva de populistas radicais, já que se tornaram uma "poderosa caixa de ressonância de ódio" (TRINDADE, 2022, p. 19), posição endossada por Miguel Lago.

Entramos aí no âmago da estratégia política de Bolsonaro. Seus comportamentos se explicam não pela lógica da ação política, mas pela dinâmica das redes sociais. Ao contrário da maioria da classe política, que usa as redes como instrumento de comunicação a serviço do jogo político, o presidente inverte essa lógica. O jogo político, o mundo analógico, as

instituições, os atos administrativos, as declarações, os gestos estão todos a serviço da dinâmica das redes sociais. Bolsonaro transformou o mundo analógico em um grande estúdio de produção de conteúdo para essas plataformas (LAGO, 2022, p. 52)

No **Twitter**, Bolsonaro tanto criticava jornalistas como anunciava informações oficiais, restringindo monocriticamente a esfera pública - que já vem sofrendo "transformações estruturais" (HABERMAS *apud* PASQUALE, 2017, p. 4). A concepção de esfera pública para Jürgen Habermas (1962) detalha a situação ideal de deliberação como aquela em que "todos seriam capazes de expressar seus próprios pontos de vista e aprender com os outros" (HABERMAS *apud* PASQUALE, 2017, p. 17, livre tradução)⁷⁵. Porém, como vimos, empresas como **Facebook** (Meta), **Google** e **Twitter** automatizam e polarizam o debate através da lógica do valor-algoritmo.

Sérgio Amadeu (2022) e Frank Pasquale (2017) nomeiam este processo de "esfera pública automatizada", que utiliza métodos para selecionar e organizar os *feeds* de notícias que são secretos e invisibilizados (SANTOS, 2022; AMADEU, 2021; PASQUALE, 2017). Conseqüentemente, os limites entre "o que é de interesse comum e o que é, acima de tudo, um negócio muito lucrativo" (D'ANDREA, 2020) se tornam incertos.

Em outras palavras, a esfera pública automatizada tende a "reduzir pelo menos um bom tipo de pluralismo de mídia" e "promover um tipo muito destrutivo de diversidade" (PASQUALE, 2017, p. 2, livre tradução)⁷⁶. Plataformas como **Facebook** e **Twitter**

fazem da 'viralização' a métrica do sucesso online, promovendo material que recebeu muita atenção ou parece corresponder ao perfil de personalização de um sub-público, independentemente de ser verdadeiro ou minimamente decente. Isso reduz o pluralismo ao elevar as considerações de lucro sobre as funções democratizantes do discurso público [...]. Decisões que, antes, eram tomadas por humanos com objetivos e aspirações plurais, agora são feitas por algoritmos de maximização de lucros, todos muito propensos a lógicas auto-reforçadas de disseminação viral rápida e insípida (*Ibid.*, p. 3-4, livre tradução)⁷⁷

Resta pontuar que o conceito de esfera pública automatizada não é consenso entre os autores consultados para o presente trabalho. Julio Cesar Lemes de Castro (2022) defende que o modelo habermasiano de "esfera pública" não é aplicável às Plataformas geridas por algoritmos (p. 96) e que o próprio Habermas se mostrou

⁷⁵ No original, "everyone would either be able to voice their own views, and learn from others".

⁷⁶ No original, "large online intermediaries tend to reduce at least one good type of media pluralism, and tend to promote a very destructive type of diversity".

⁷⁷ No original, "They make the metric of success online 'virality,' promoting material that has received a good deal of attention or seems to match a sub-public's personalisation profile, regardless of whether it is true or even minimally decent. That reduces pluralism by elevating profit considerations over the democratizing functions of public discourse [...]. Decisions that once were made by humans with plural aims and aspirations are now made by profit-maximizing algorithms, all too prone to self-reinforcing logics of rapid, vapid, viral dissemination".

reticente quanto ao debate de esfera pública no ambiente digital no começo da década de 1990.

No contexto de regimes liberais, a ascensão de milhões de salas de bate-papo fragmentadas em todo o mundo [...] tende a levar à fragmentação de audiências de massa amplas mas politicamente direcionadas em um enorme número de públicos em torno de questões isoladas (2006, p. 423, *apud* CASTRO, 2022, p. 96).

Castro sugere que as Plataformas funcionam como arenas de atenção, onde "amalgamam-se numa espécie de liquidificador interesses variados" (2022, p. 96). O pesquisador brasileiro aponta para "hibridização de itens públicos e privados" (*Ibid.*) e diferencia a esfera pública de Habermas - território para a argumentação racional que busca o entendimento entre diferentes atores e a democratização do exercício do poder - e a arena da atenção, onde são as emoções o trunfo na batalha (*Ibid.*).

De um ponto de vista feminista, outra crítica à esfera pública de Jurgen Habermas parte de Nancy Fraser (1990), para quem a esfera pública nunca sequer existiu e nem poderia, já que é um conceito que exclui grupos subalternizados e seus contradiscursos (FRASER *apud* VALENTE, 2023, p. 55). Parte desta autora a ideia de "contrapúblicos", "campos discursivos de ação" de grupos marginalizados criados para o desenvolvimento de suas identidades, construção de comunidades e formulação de estratégias e narrativas de impacto.

Uma proposta de diálogo do conceito de contrapúblicos com o de campo discursivo é que o campo discursivo foca no imbricamento crescente entre públicos dominantes e contrapúblicos subalternos, enquanto contrapúblicos focam na produção dos últimos como esfera própria (VALENTE, 2023, p. 55).

Os contrapúblicos feministas e dos movimentos de mulheres organizam-se para criação de suas esferas há muito tempo, como vimos pela breve história das ondas do feminismo no **Capítulo 2**. Mas, para os fins de nossa pesquisa, importa saber sobre os meandros da tecnologia que sustenta a "esfera pública automatizada", a "arena da atenção" ou a esfera própria aos públicos dominantes, especialmente, aqueles que apoiaram o candidato Jair Bolsonaro.

4.4.1 - Reflexões sobre a autonomia da tecnologia

Antes de avançarmos para a arquitetura do Twitter, faremos uma breve reflexão sobre a autonomia da tecnologia. Entendemos que esse debate serve de sustentáculo para diversos fenômenos, como o desenvolvimento de espaços com pouca ou nenhuma intervenção estatal, orientados para o lucro de empresas transnacionais que comandam as ferramentas onde as conversações ocorrem nas sociedades contemporâneas.

Segundo Andrew Feenberg (2003), a dimensão ética da tecnologia começou a ser questionada durante o Iluminismo Europeu. Neste período, a ciência e a tecnologia

se tornaram onipresentes na vida cotidiana, servindo de base para novas crenças (*Ibid*, epub.). Entre elas, destacamos duas crenças que ainda são muito comuns: (1) a compreensão de que a tecnologia é algo "puramente instrumental e isenta de valores" (FEENBERG, 2003, p. 5) e (2) a defesa de que máquinas são "tão inteligentes ou até mais inteligentes do que as pessoas" (NATALE, 2021, p. 12).

A visão de tecnologia neutra orientada para o progresso (1) é "irrefletidamente assumida pela maioria das pessoas" (FEENBERG, 2003, p. 5). Já a percepção de tecnologia autônoma (2) entende que ela é carregada de valores, mas que não pode ser humanamente controlada.

Como vimos, Jessie Daniels (2018) apontou que a crença na tecnologia "neutra" foi crucial para a naturalização do discurso da extrema direita norte-americana (*alt-right*) flagrantemente racista e anti-direitos humanos. No Brasil, há um profícuo debate sobre os vieses racistas implícitos nas diferentes plataformas (ARAÚJO e SILVA, 2020), levando-nos a optar por uma oposição às duas crenças apresentadas no parágrafo anterior. Em outras palavras, neste trabalho entendemos a tecnologia como **carregada de valores e humanamente controlada**.

Tomamos cuidado, entretanto, para não promovermos uma "tecnofobia" (MOROZOV, 2018, p. 10) já que a crítica emancipatória da tecnologia deve apontar que "o verdadeiro inimigo não é a tecnologia, mas o atual regime político e econômico" (*Ibid.*, p. 30) em que ela se encontra. Sérgio Amadeu (2019) reforçou que "as tecnologias podem incorporar formas específicas de poder e autoridade" (p. 73) e, por serem "construções sociais que alteram e reconfiguram a própria sociedade" (p. 251), elas estão criando novas sujeições que afetam a economia, o capital e, conseqüentemente, as democracias.

As críticas de Morozov (2018) e Amadeu (2019) são válidas, mas é importante ressaltar que a relação humano-máquina "é moldada pela agência de cientistas, designers, empreendedores, usuários e formuladores de políticas" (NATALE, 2021, p. 12). Ou seja, uma abordagem crítica reconhece, necessariamente, "a natureza relacional, contingente e contextual desses sistemas" (ARAÚJO e SILVA, 2020, p. 7).

Conforme a Teoria Crítica da Tecnologia, reconhecemos "as conseqüências catastróficas do desenvolvimento tecnológico" (FEENBERG, 2003, epub.) mas também acreditamos na promessa de maior liberdade através dela. Afinal, "o problema não está na tecnologia como tal, senão em nosso fracasso até agora em inventar instituições apropriadas para exercer o controle humano dela" (*Ibid.*).

Estas instituições apropriadas ainda estão em debate⁷⁸ e não são objeto desta pesquisa, mas está claro que precisarão ser criadas por nós, humanos - e não por máquinas. Afinal, como resumiu Sivaldo Silva (2020), não estamos falando de algo que pensa, mas de uma máquina "que resolve problemas lógicos e é treinada neste sentido a partir da experiência (dados) que recebe" (p. 228). A questão nuclear agora é o papel desempenhado pelos algoritmos e pela arquitetura das Plataformas, especialmente o Twitter.

4.4.2 - Por dentro do Twitter

A tecnologia exerce hoje um protagonismo cada vez maior em nossas vidas na medida em que nós sujeitamos discursos, conhecimento e até a política à uma lógica algorítmica (GILLESPIE, 2018, p. 95). Mas, para que um algoritmo funcione, ele depende de instruções e regras que sejam inequívocas e logicamente encadeadas. Quem define essas instruções e regras é um humano, razão de porque as tecnologias não são - e não podem ser - isentas ou neutras.

Definidos os procedimentos, os algoritmos passarão a tratar os dados (*inputs*) buscando por padrões que possam se tornar previsões (*outputs*). Em outras palavras, "algoritmos tratam os dados de entrada que serão processados conforme os procedimentos definidos e geram resultados expressos em outros dados" (AMADEU, 2019, p. 151).

Hoje, a junção de complexos sistemas algorítmicos permite o tratamento de um grande volume de dados em escala global (*Big Data*). Mas, para que a tecnologia chegasse até este ponto, duas ideias foram essenciais: o automatismo nas máquinas de calcular, proposto por Charles Babbage no século XIX, e que abriu precedente para o desenvolvimento do primeiro computador que seria lançado no século seguinte; e a inteligência de máquina (*machine intelligence*) que, segundo Alan Turing (1950), "dizia respeito à solução de problemas lógicos e matemáticos através da automatização em sistemas eletrônicos binários" (TURING *apud* SILVA, 2020, p. 3).

Turing propôs um "Jogo da Imitação". Ou seja, a possibilidade de se construir máquinas capazes de aprender com a experiência e imitar as decisões de um ser-humano (*Ibid.*). No Jogo da Imitação, essas decisões ocorrem de acordo com probabilidades estatísticas e aquilo que é percebido pela máquina como um padrão majoritário passa a ser reforçado pelos algoritmos.

⁷⁸ Para aprofundar neste tema, sugerimos: SILVA, S. P.. *Democracia, Inteligência Artificial e desafios regulatórios: direitos, dilemas e poder em sociedades datificadas*. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação da Câmara dos Deputados, v. 13, p. 226-248, 2020.

O Jogo da Imitação em Plataformas como o **Twitter** “inclui algoritmos, infraestruturas, produção de dados e formas de monetização variadas” (D'ANDREA, 2022, online). Por isso, trata-se de um modelo de negócios muito controverso. Para dar um exemplo, Nina Santos (2021) apontou que o funcionamento dos algoritmos nas Plataformas ocorre sob regras propositadamente opacas, uma “estratégia para fazer com que sejam menos expostos ao escrutínio público” (p. 115).

Afinal, são os algoritmos os responsáveis por reconhecer o padrão no comportamento do usuário e, a partir disso, garantir a antecipação dos seus interesses cruzando dados como o “conhecimento sobre o usuário adquirido naquele instante, o conhecimento de escolhas anteriores do usuário e o conhecimento estimado estatística e demograficamente sobre usuários semelhantes” (GILLESPIE, 2014, p. 176).

As Plataformas precisam das técnicas algorítmicas para manter seu modelo de negócio e estes algoritmos, por sua vez, funcionam como um "meio para projetar e implementar complexas técnicas de condução de condutas" (ARAÚJO e SILVA, 2020, p. 8). Valério Trindade (2022) explica que as funcionalidades das Plataformas colocam o usuário sempre na posição de endossar e disseminar conteúdos (p. 65). No caso do **Twitter**, temos a (1) produção, postagem de novos conteúdos, (2) redistribuição com as opções de *retweet* ou retweet com novo comentário (*quote retweet*), (3) interação com a opção de *reply* e, por fim, (4) reconhecimento, com a possibilidade de curtir (*like*) a publicação.

Selecionamos o **Twitter** como *locus* de pesquisa por ser apontado por pesquisadores como a "arena preferencial para os ataques contra jornalistas" e pelo fato de esta ser a rede social de maior "simbiose entre os profissionais e os veículos de mídia" (INTERNETLAB et al, 2022, p. 65).

Para Brian Ott (2017), o **Twitter** treina a consciência do usuário de maneiras particulares, uma vez que oferece as condições e reforça discursos que têm por objetivo desvalorizar os outros (Ibid., p. 60). Ao impor um limite curto para a quantidade de caracteres por postagem, o **Twitter** demanda simplicidade discursiva. Como efeito, essa característica "prejudica nossa capacidade de discutir e, posteriormente, de pensar sobre questões e eventos de maneiras mais complexas" (OTT, 2017, p. 61, livre tradução)⁷⁹ especialmente quando nos tornamos usuários assíduos da Plataforma.

Além disso, o **Twitter** promove a impulsividade porque não requer esforço. A facilidade do ato de *tuítar*, "requer pouca premeditação, reflexão ou consideração das consequências" (Ibid., livre tradução)⁸⁰. Por fim, ainda para Ott (2017), o **Twitter**

⁷⁹ No original, "undermines our capacity to discuss and, subsequently, to think about issues and events in more complex ways".

⁸⁰ No original, "it requires little forethought, reflection, or consideration of consequences".

favorece discursos indelicados, insultuosos ou ofensivos, na medida em que propicia um ambiente informal que despersonaliza as pessoas (Ibid., p. 62).

Por demandar um discurso simples, por exigir pouco esforço dos usuários e por oferecer um ambiente informal, entendemos que o **Twitter** é "um terreno fértil para a propagação de discursos de ódio, preconceito e uma grande variedade de conteúdo impróprio" (TRINDADE, 2022, p. 59). Mas, em que medida isso ocorre porque os algoritmos assim incentivam?

Isso implica que quem cria e dissemina conteúdos nas plataformas – incluindo os múltiplos líderes de opinião que nelas atuam e, em última instância, cada usuário individualmente – é incitado a calcular o que potencialmente reverberaria mais, granjearia maior sucesso, faria seus conteúdos sobressaírem-se em comparação com outros (CASTRO, 2022, p. 96).

Na prática, as características da arquitetura do **Twitter** favorecem a circulação de discurso de ódio e misoginia? Inferimos que sim e para respaldar essa resposta, cabe lembrar que Jack Dorsey, antigo-CEO e fundador da Plataforma, relatou ao **The New York Times** que "pequenas escolhas fizeram usuários e empresas de mídia privilegiarem o sensacionalismo em detrimento da precisão" (DORSEY *apud* VALENTE, 2023, p. 166).

Em outras palavras, o usuário no **Twitter** é incitado a aprender a lógica do valor-algoritmo para que tenha chances na "arena de atenção", onde prevalece o tom de rivalidade e a busca pela superação dos "concorrentes" (CASTRO, 2022, p. 96). Similarmente à defesa de Ott (2017) de que o **Twitter** propicia um ambiente incivilizado onde o insulto e a ofensa fazem morada; Castro (2022) sustenta que "na arena da atenção prevalecem as conveniências dos atores em conflito" (p. 96).

A lógica algorítmica do **Twitter** tende à hemofilia, ou seja, agrupamento de indivíduos com afinidades entre si (CASTRO, 2022, p. 97). "Indivíduos com posicionamentos semelhantes se isolam do resto da sociedade e possuem acesso somente a opiniões e informações que reforçam o posicionamento do grupo" (RECUERO, SOARES e ZAGO, 2021, p. 4). Para estes autores, as "câmaras de eco" são formadas por "grupos que filtram o conteúdo que compartilham, dando preferência a informações que reforcem uma narrativa política em particular" (Ibid.).

Cabe notar que isso ocorre tanto por **opção** do usuário quanto por decorrência da arquitetura e dos algoritmos (CASTRO, 2022, p. 98). Ou seja, os usuários escolhem por endossar a uma dieta midiática restrita que, ao final, alimenta a radicalização. Nesse sentido, a ideia de "câmaras de eco" se aproxima do que Luiz Valério Trindade chama de "caixas de ressonância" de discurso de ódio (p. 66).

O **Twitter**, portanto, potencializa o alcance da desinformação (RECUERO e SOARES, 2021, p. 5) e de narrativas polarizadas tanto em sentido ideológico como também a polarização em que um grupo sente aversão ao outro.

Indivíduos isolados interagem entre si e se sentem parte integrante de um movimento mais amplo sem que sofram censura por suas ideias e posturas, uma vez que podem se manifestar de forma anônima e operar dentro de espaços homogêneos [...]. (Esses espaços) funcionam como verdadeiras câmaras de eco, amplificando tanto a intensidade quanto o alcance da mensagem transmitida, atraindo novos seguidores e radicalizando aqueles que já integram o grupo (MUDDE, 2019, p. 125).

Com o **Twitter**, populistas reacionários como Jair Bolsonaro e Donald Trump se comunicam diretamente com o público que mais é interessante para eles, seus eleitores, que são agrupados sem a interferência de intermediários. Estes usuários têm seus comportamentos *online* datificados pelos algoritmos que passarão a restringir os conteúdos oferecidos de acordo com os interesses prévios - manifestados pelo comportamento de endossar e disseminar (curtir e compartilhar) determinados conteúdos e narrativas.

Recuero, Soares e Zago apontam que a “recirculação” de um determinado conteúdo resulta em um efeito constante de propagação (2021, p. 5) que, no *Twitter*, é potencializado pela função retuíte (*retweet*). Segundo os autores, este trata-se de “um espaço onde acontecimentos sociais e políticos são, muitas vezes, ressignificados em função da interpretação e da discussão entre usuários” (*Ibid.*).

Trata-se, portanto, de um laboratório comportamental que impulsionou a naturalização da extrema direita que é hoje predominantemente populista (MUDDE, 2019, p. 19). Jair Bolsonaro e sua equipe compreenderam essa lógica, fazendo da crise uma constante (STARLING, 2022, p. 88). Lógica que, por sua vez, “têm incidido em reconfigurações e dificuldades para diversas instituições” (PAGOTO e LONGHI, 2021, p. 183), com destaque para a imprensa, que sofre com um processo de “desintermediação” (AGGIO, 2020) - ou seja, deixa de ser a fonte de informações para as pessoas.

Com o implemento das redes sociais à serviço da violência, a preocupação recai no fato de essas mesmas plataformas auferirem lucro enquanto potencializam a propagação de conteúdos que, como vimos, podem ser especialmente violentos, estigmatizantes, radicalizados e/ou apoiados na polarização.

CAPÍTULO 5 – METODOLOGIA

Para a Análise de Discurso francesa, “um texto não é um conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso em que a fala é encenada” (MAINGUENEAU, 2002, p. 85). Assim, a cena de enunciação é fruto de um contexto e um processo

que “não deve ser concebida como um quadro preestabelecido” (*Ibid.*, 2000, p. 21). Portanto, é importante compreender a cena de enunciação desta pesquisa.

Há uma tripla interpretação, segundo Maingueneau (2002, p. 85), quanto às cenas de enunciação⁸¹ descritas como cena englobante, cena genérica e cenografia. Primeiro, quanto a cena englobante, que diz respeito ao tipo de discurso, é a de discurso acadêmico. Afinal, a finalidade é a obtenção do grau de dissertação em uma instituição acadêmica brasileira de pesquisa em Comunicação Social. Este é o quadro espaço-temporal a que a cena de enunciação deste trabalho está inserida.

Reforçamos que essa é uma pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília – PPGCom FAC/UnB e está situada na linha de pesquisa Poder e Processos Comunicacionais. Esta linha “concentra seus interesses de pesquisa nas relações contenciosas, dialéticas, colaborativas, simétricas ou assimétricas de poder em relação a processos, práticas comunicacionais e papéis desempenhados por diferentes atores sociais” (PPGCom, *online*)⁸².

A instituição também orienta que a linha de pesquisa utilizará de metodologias “quantitativas, qualitativas, entre outras” para analisar as diferentes interfaces entre “Mídias, Estado, Sociedade, Organizações, Grupos, Redes, Cidadãos e Consumidores” referente à temáticas como “Democracia, Direitos Humanos, Gênero, Raça, Etnia e Orientação Sexual; Governança Digital; Jornalismo, Movimentos Sociais, Mundo do Trabalho e Organizações, Poder e Sociedade; Políticas de Comunicação e Cultura; Consumo e Cultura Material”.

Seguindo a tradição do PPG a que faz parte, esta pesquisa interessa-se pela relação contenciosa manifesta na prática comunicacional do uso do Twitter do ex-presidente da República, Jair Bolsonaro, em momento em que ele ainda ocupava o posto máximo de comando no Estado brasileiro, quando este se referia ao jornalismo e às jornalistas mulheres. Como vimos nos capítulos precedentes, associamos as temáticas de Democracia pela perspectiva filosófica e sociológica na diferenciação entre Violência e Poder e na Categorização do Discurso Populista Reacionário tanto pela ótica da Comunicação como da Ciência Política; Estudos Feministas e de Gênero; e Teorias do Jornalismo.

Já em relação à cena genérica do discurso aqui utilizado, sabemos que o gênero do discurso é de dissertação. Portanto, o quadro cênico está delimitado pelo tipo de discurso e pelo gênero discursivo. Este quadro cênico de cena englobante e cena genérica não se propõe ao desenvolvimento de uma cenografia, uma vez que todo o

⁸¹ A cena de enunciação encontrada nos tuítes de Jair Bolsonaro serão melhor detalhadas a seguir, neste capítulo.

⁸² Disponível em: <http://ppgcom.fac.unb.br/poder-e-processos-comunicacionais/> Acesso em: 8 de set. 2023.

discurso aqui descrito apoia-se em referencial teórico e metodológico validado por pares e cientistas das diferentes áreas citadas acima.

Ao revés, como veremos em seguida, Jair Bolsonaro busca constantemente a construção de uma cenografia que jogue para o segundo plano o quadro cênico de discurso político/eleitoral e gênero discursivo de publicação em rede social com objetivos eleitorais para que seus leitores-eleitores praticamente esqueçam do contexto de eleições e que pensem no candidato como um salvador da pátria e dos bons costumes. Afinal, "enunciar não é somente expressar ideias, é também construir e legitimar o quadro de sua enunciação" (MAINGUENEAU, 2002, p. 93).

Optamos pelo método da Análise de Discurso (AD) francesa, de ordem qualitativa, uma vez que o objetivo geral é reconhecer as estratégias discursivas de Jair Bolsonaro na construção de efeitos de sentido anti-gênero e anti-imprensa em sua conta pessoal no Twitter durante o período pré-eleitoral e eleitoral de 2022. Porém, a complexidade do tema e o tamanho do *corpus* levaram-nos a um caminho metodológico que percorreu também uma prévia categorização quantitativa⁸³ para que fosse possível o reconhecimento das formações discursivas que orientarão a análise.

Compreendemos a pesquisa em Comunicação como necessariamente interdisciplinar e é dessa característica que advém sua peculiaridade. Por esta razão, passamos ao largo da disputa epistemológica entre o positivismo e o pós-positivismo de um lado *versus* o interpretativismo ou pós-construtivismo do outro (OLIVEIRA, 2015, p. 135). Seguiremos aqui uma terceira via, entendendo

que a divisão entre métodos quantitativos x qualitativos é inerentemente ambígua e, portanto, uma distração dos propósitos da pesquisa em Ciências Sociais, defendendo a integração desses métodos, em uma abordagem pluralista, mais comumente chamada de *multimétodo* (*Ibid.*, p. 136 - *grifo da autora*).

A combinação da análise de dados capturados por Inteligência Artificial, associada à análise discursiva do *corpus* permitiu uma complementaridade e amplitude para as indagações apresentadas na introdução. José Braga (2019) chama atenção para a necessidade do pesquisador ou da pesquisadora refletir sobre o que as teorias fazem em sua gênese e em sua formulação (p. 50).

As teorias fazem as coisas mais diversas: propõem questões, perspectivas, hipóteses, elaboram raciocínios dedutivos e indutivos, fazem inferências abduativas, apresentam percepções, desenvolvem conceitos, estabelecem relações entre fatos, entre conceitos, entre conceitos e fatos, fazem distinções, explicam, demonstram, argumentam. Essas ações são desenvolvidas no processo propositivo das teorias e nos textos e encaminhamentos que as expressam. (BRAGA, 2019, p. 15)

⁸³ Este trajeto será explorado neste capítulo, no subtópico "Caminho metodológico".

As teorias mobilizadas por esta pesquisa nos ajudaram a elaborar os raciocínios que colocam em relação conceitos da AD francesa com a categorização de discurso populista reacionário que abordamos no capítulo anterior. Foi a partir da análise de dados capturados pela IA da **Knewln Social** que encontramos regularidades que também indicaram caminhos para as formações discursivas⁸⁴ que utilizaremos na análise.

Reforçamos que esta pesquisa não está isenta da posição política de sua autora que, durante as eleições de 2022, estava diretamente envolvida com os temas aqui tratados trabalhando na gestão de redes sociais na campanha eleitoral do candidato à eleição do Governo de São Paulo (SP) Fernando Haddad (PT), que coincidentemente perdeu as eleições presidenciais de 2018 para o candidato Jair Bolsonaro. Porém, nos esforçamos para tomar decisões críticas e orientadas pelo rigor metodológico que servissem para fundamentar a pesquisa, ao invés de reforçar nossa visão ou, como diria Braga (2019, p. 55), "aprisionar o objeto".

5.1 - Contexto e jogos de cena

Como vimos no **Capítulo 4**, a discursividade pode ser compreendida através da articulação entre o discurso e suas condições de produção. "Designa-se, geralmente, o 'contexto social' que 'envolve' um *corpus*, isto é, um conjunto desconexo de fatores entre os quais são selecionados previamente os elementos que permitem descrever uma 'conjuntura'" (MAINGUENEAU, 1997, p. 53).

Para expor as condições de produção dos tuítes de Jair Bolsonaro durante a pré-campanha e a campanha de 2022, relembramos a seguir o cenário político, econômico e social em questão. Também faremos a discussão teórica sobre o jogo de cena, conceito da Análise de Discurso francesa (AD), que apresentou-se como basilar na medida em que foi possível reconhecer, cada vez mais, as características de discurso populista reacionário do ex-presidente.

Além das eleições majoritárias, 2022 pode ser associado ao contexto da pandemia de Covid-19 que marca uma crise sanitária sem precedentes no mundo e, particularmente, no Brasil, com o registro de quase 700 mil pessoas mortas em razão da doença⁸⁵. A guerra entre Rússia e Ucrânia abalou a economia mundial gerando consequências para o Brasil, como a inflação nos combustíveis e alimentos. Estes dois temas - guerra e pandemia - foram constantemente utilizados pelo candidato à reeleição, Jair Bolsonaro, como razões que justificariam os resultados pífios da política econômica do Governo e o agravamento da miséria no

⁸⁴ Explicaremos o conceito e cada uma das Formações Discursivas analisadas ao final deste capítulo.

⁸⁵ De acordo com o Consórcio de Veículos que compilou dados referentes à transmissão de Covid-19 e que deixaram de ser atualizados em 28 de janeiro de 2023, o Brasil registrava 696.809 mortes naquele momento. Disponível em: <http://bit.ly/3Dejll8>. Acesso em: 8 de set. 2023.

país. Em 2021, "o contingente de pessoas com renda domiciliar per capita de até R\$ 497 mensais atingiu 62,9 milhões de brasileiros" (NERI, 2022, p. 7).

Por sua vez, Luiz Inácio Lula da Silva, adversário de Bolsonaro, deu preferência aos temas: economia e desigualdades sociais. Mas, enquanto isso, seus apoiadores também lançaram luz sobre assuntos que não diziam respeito aos resultados do Governo, mas que tratavam da moralidade e da ética de Jair Bolsonaro e de sua família. Esse fato obrigou o candidato da situação a uma construção permanente de contra-narrativas.

Em nosso *corpus*, encontramos, por exemplo, vídeos de Jair Bolsonaro rebatendo as acusações de pedofilia⁸⁶ contra meninas venezuelanas refugiadas⁸⁷, entre outros temas. Cabe ressaltar que não temos o intuito de dar qualquer valor quanto a essas acusações contra o ex-presidente Jair Bolsonaro, apenas demonstrar o contexto que, em outubro de 2022, era drasticamente distinto daquele registrado nas eleições de 2018⁸⁸ quando a campanha bolsonarista não atuou em uma postura defensiva.

Como vimos, no discurso de Jair Bolsonaro é possível reconhecer características como: o desprezo pelos meios de comunicação; uma visão binária da política; e a defesa de uma religiosidade moralizante (PAULINO e WAISBORD, 2020, p. 40) que é especialmente ferrenha quando dirigida às questões de gênero e sexualidade. Pela perspectiva da AD, podemos notar nos enunciados do Twitter de Jair Bolsonaro que o discurso é político/eleitoral e, portanto, trata-se de um candidato dirigindo-se a seus potenciais eleitores com a finalidade de angariar votos e se reeleger. Porém, quando notamos o uso exacerbado das três características de discurso populista reacionário descritas acima, percebemos que o ex-presidente constrói um **jogo de cena** onde há mocinhos e vilões, cristãos e pagãos, gente de bem e gente do mau.

Jair Bolsonaro busca legitimar seu discurso instituindo posições diferentes no "sistema de lugares" (MAINGUENEAU, 1997, p. 32-33) da cena enunciativa já que há uma "preeminência e preexistência da topografia social sobre os falantes" (Ibid.). É a partir desse sistema que os discursos alcançam sua validação. Em outras palavras, "a cenografia é *ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra*" (MAINGUENEAU, 2002, p. 87 - *grifo do autor*).

⁸⁶ 2022. **Twitter:** @jairbolsonaro. Disponível em: <<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1581651114734542849>>. Acesso em: 12 de jan. 2023.

⁸⁷ Disponível em: <https://bbc.in/3XCoGQJ>. Acesso em: 20 de out. 2023.

⁸⁸ Nas eleições de 2018, o discurso desinformativo contra o candidato petista Fernando Haddad (PT/SP) e a vice, Manuela D'Ávila (PCdoB/RS), tomou conta da agenda política nacional, conforme demonstra a dissertação do cientista político Miguel Quessada, *Disinformation and the Brazilian Left: the discourse behind fake news*. Dissertation (Master Degree in Political Science) – Postgraduate Program in Political Science, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Paulo, 2022.

O jogo de cena criado pelo discurso bolsonarista durante as eleições de 2022 - e que continua sendo mobilizado por seus apoiadores até hoje - posiciona que os mocinhos são os que defendem a família, a ordem, são patriotas e tementes ao Deus cristão; já os maus, promovem mentiras e ditaduras, são a favor da legalização do aborto e pretendem destruir as famílias. Entre estes vilões, é comum que Bolsonaro inclua a imprensa explicitamente ou ironicamente.

A "competência político-eleitoral" (LAGO, 2022, p. 35) deste jogo de cena é inegável já que Jair Bolsonaro foi eleito em 2018 com 57,8 milhões de votos e, em 2022, perdeu para Luiz Inácio Lula da Silva com uma margem de apenas 2.139.645 votos, ou seja, 1,8% do total. Compreender as mudanças discursivas da campanha de 2018 para a de 2022 e quão reativa uma foi em relação a outra é, certamente, tema para uma outra pesquisa.

Porém, uma vez que entendemos o controle do discurso como o próprio poder (FOUCAULT, 2014, p. 10) e parte importante no discurso populista reacionário é manter intacto o jogo de cena do binarismo do Nós X Eles, nos arriscamos a apontar que as pautas que tratam sobre valores morais e que foram repercutidas principalmente no segundo turno das eleições de 2022 foram cruciais para o resultado nas urnas em 30 de outubro daquele ano.

Inferimos isso porque, como veremos a seguir, no momento em que as primeiras acusações de "imoralidade" atingem a família de Jair Bolsonaro, o ex-presidente também aumenta o tom para defender o seu papel de Guardião da Moral e Paladino da Verdade.

5.2 - Caminho metodológico

Nosso percurso metodológico foi dividido em três períodos de análise e três fases para cada um deles. Primeiro, coletamos todos os tuítes publicados no perfil oficial @jairbolsonaro, de 15 de julho a 30 de outubro de 2022, incluindo aqueles que foram apagados depois de postados e aqueles que são retuítes. Selecionamos este período por conter um mês de pré-campanha (15 de julho a 15 de agosto), o período de campanha (16 de agosto a 2 de outubro) e o período do segundo-turno (3 de outubro a 30 de outubro). Inferimos que a análise deve levar em consideração esses três períodos para que seja possível notar as mudanças de estratégia discursiva de um para o outro. No total, a conta @jairbolsonaro publicou **789** tuítes de 15 de julho a 30 de outubro de 2022 e todos foram analisados nesta pesquisa.

Para capturar os tuítes, fizemos uso da ferramenta de monitoramento de ocorrências em redes sociais, **KnewIn Social**, uma plataforma de Inteligência Artificial (IA) onde é possível monitorar palavras chaves ou menções sobre produtos ou personalidades e - naquilo que interessa ao presente trabalho - em perfis

abertos, como é o caso da conta @jairbolsonaro. Utilizamos a IA apenas para a coleta do *corpus*, não automatizamos nenhuma fase posterior de análise.

A partir disso, categorizamos de forma manual (**Gráfico 1**) todos os tuítes em duas categorias principais, (1) aqueles que possuíam características de discurso populista reacionário (45,9% do total); (2) e os que não tinham essas características, tuítes de interesse público, divulgação de *lives* ou entrevistas na íntegra, além dos vídeos com o resumo de agendas de rua.

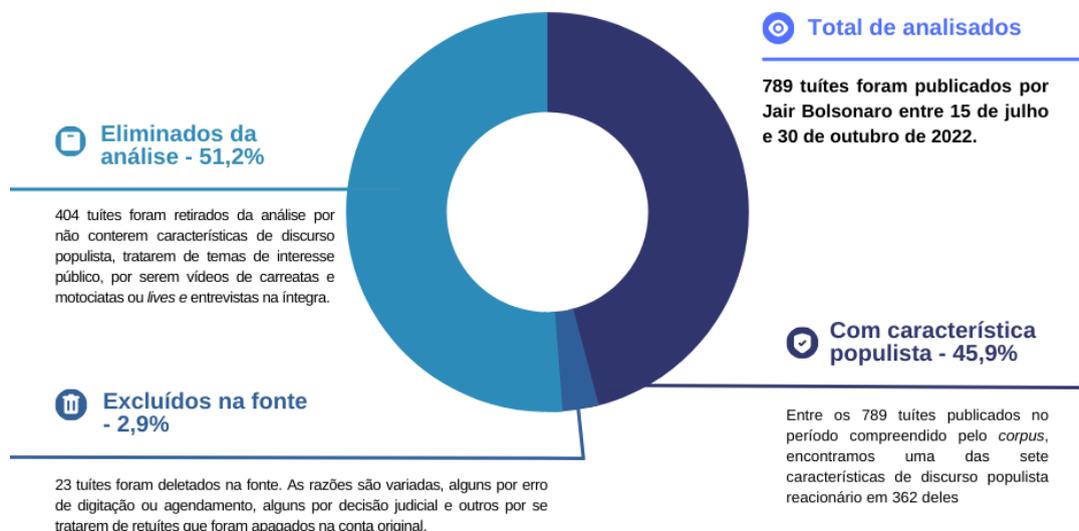


Gráfico 1 - Totalidade de tuítes do *corpus* após primeira categorização
Fonte: A autora, 2023

Todos os tuítes de interesse público não possuem característica de discurso populista porque são meramente informativos sobre ações e políticas públicas do Governo Federal. Apesar de não estarem classificados, portanto, para a análise discursiva que faremos a seguir, cabe notar que esses tuítes servem como exemplo para o propósito de transformar as redes sociais pessoais em uma fonte de informações para a imprensa e um local privilegiado de agendamento para o discurso de seus leitores-eleitores, como vimos em detalhes no **Capítulo 4** quando abordamos o método do discurso bolsonarista.

Excluimos as *lives* e entrevistas na íntegra porque, por sua duração, elas mereceriam uma outra pesquisa. Já os vídeos de resumo repetem uma fórmula específica de produção, com imagens que denotam uma multidão, trilhas sonoras épicas em volume superior ao do microfone de Jair Bolsonaro. Ainda que seja possível encontrar características de discurso populista reacionário, principalmente da promoção de valores nacionalistas, os símbolos utilizados são usuais nos materiais comunicativos do referido ex-presidente e estão presentes em toda a sua trajetória política.

Uma vez que o objetivo de nossa pesquisa é realizar a análise discursiva dos tuítes que compõem o *corpus*, compreendemos que categorizar os vídeos de campanha - de passeatas, carreatas e motocicletas - conduziria nosso olhar para a análise do que está dito e não ao interdiscurso (MAINGUENEAU, 2002, p. 81). É no interdiscurso que os efeitos de sentido anti-imprensa e anti-gênero surgem de forma mais sofisticada, como veremos.

Avançamos para uma segunda fase da categorização separando os tuítes de cunho populista reacionário de acordo com as sete características apontadas por Paulino e Waisbord (2020, p. 40) e referendadas pelos cientistas políticos consultados nesta pesquisa (CASSIMIRO e LYNCH, 2022; LAGO, 2022; MUDDE, 2022). Estas características serão, a partir de agora, tratadas como categorias com o propósito de lapidar o *corpus* e possibilitar o reconhecimento das formações discursivas interessantes à esta análise.

Há três eixos principais que caracterizam o discurso populista: (1) visão binária de nós *versus* eles; (2) promoção do nacionalismo e (3) desprezo por qualquer meio de informação que possa ser considerado como "de oposição" - doravante chamaremos esta categoria de "anti-imprensa". Além destes, Paulino e Waisbord (2020) chamam atenção às características apontados pela literatura mais recente sobre populismo e que levam em conta o contexto de pandemia; a saber, (4) teorias conspiratórias - doravante chamaremos esta categoria de "desinformação", (5) discurso de ódio, (6) crítica ao saber científico - ou seja, anti-ciência - e (7) religiosidade moralizante - onde serão inseridos os tuítes com efeito de sentido anti-gênero.

O **Gráfico 2** apresenta a frequência com que cada uma dessas características foram registradas. Cabe notar que o enunciado de um só tuíte pode conter uma ou mais categorias ao mesmo tempo.

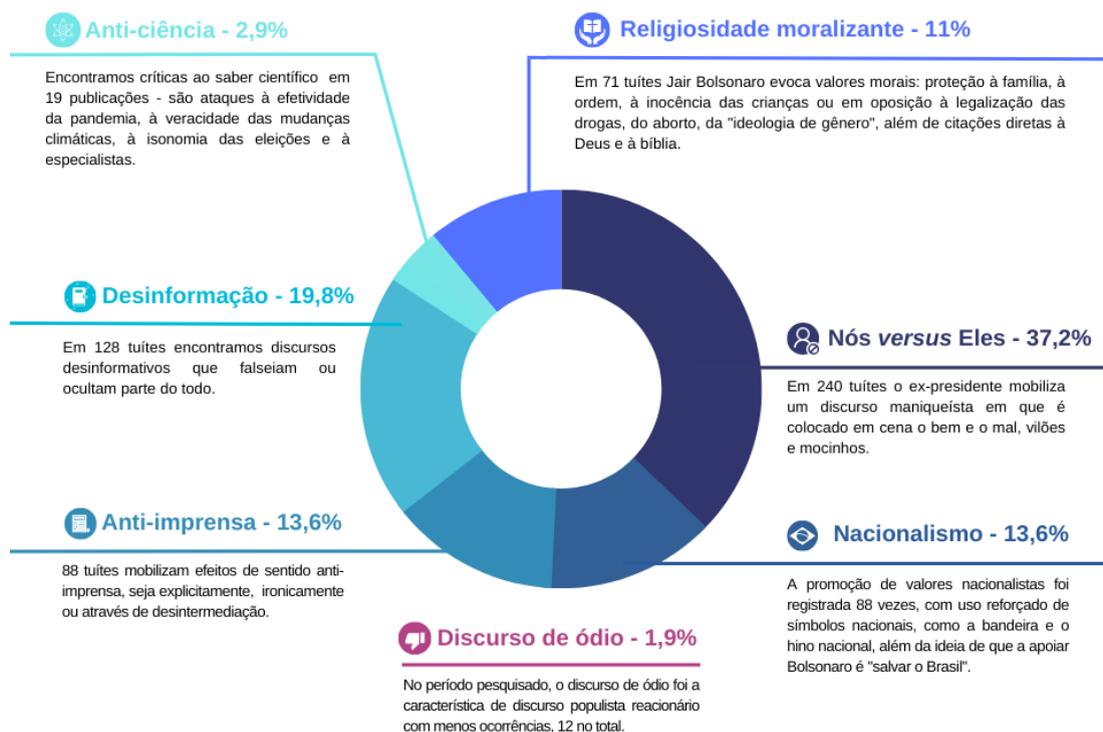


Gráfico 2 - Proporção por categoria de discurso populista reacionário na pré-campanha
Fonte: A autora

Nosso objetivo inicial era analisar apenas os tuítes em que há referência ao jornalismo ou a jornalistas. O *corpus* da análise, entretanto, demonstrou estratégias menos explícitas, com mais ironias e silenciamentos. Notamos que os efeitos de sentido anti-gênero e anti-imprensa estão presentes, mas a partir daquilo que Orlandi chama de política do silêncio (2018, p. 29). Para a autora, o silêncio tem "primazia sobre as palavras" (p. 31) e quando dizemos algo estamos necessariamente não dizendo 'outros' sentidos. "Há, pois, uma declinação política da significação que resulta no silenciamento como forma não de calar mas de fazer dizer 'uma' coisa, para não deixar dizer 'outras'" (ORLANDI, 2018, p. 53).

Por exemplo, quando Bolsonaro publica reiteradas vezes que está "restabelecendo a verdade", ele não diz que o noticiado pela imprensa é falacioso - mas, ao mesmo tempo, coloca em suspeição toda e qualquer informação que seja diferente daquela proferida por ele. Afinal, se a verdade precisa ser restabelecida, é porque está sendo negligenciada por aqueles que deveriam mediá-la.

Assim, buscamos as interseções entre as categorias (1) nós *versus* eles; (3) anti-imprensa, (4) desinformação e (7) religiosidade moralizante com foco naqueles tuítes que remetem ao gênero e à imprensa ou jornalistas. Essas correspondem a três entre as quatro características mais comuns no discurso bolsonarista, conforme demonstrado no **Gráfico 2**. Por fim, na terceira fase de nosso percurso

metodológico, em busca dos efeitos de sentido anti-gênero e anti-imprensa, encontramos regularidades discursivas que tratam da verdade, da moral, da captura do discurso jornalístico e da desintermediação de fontes (**Gráfico 3**). Algumas vezes, essas estratégias estão associadas umas às outras.

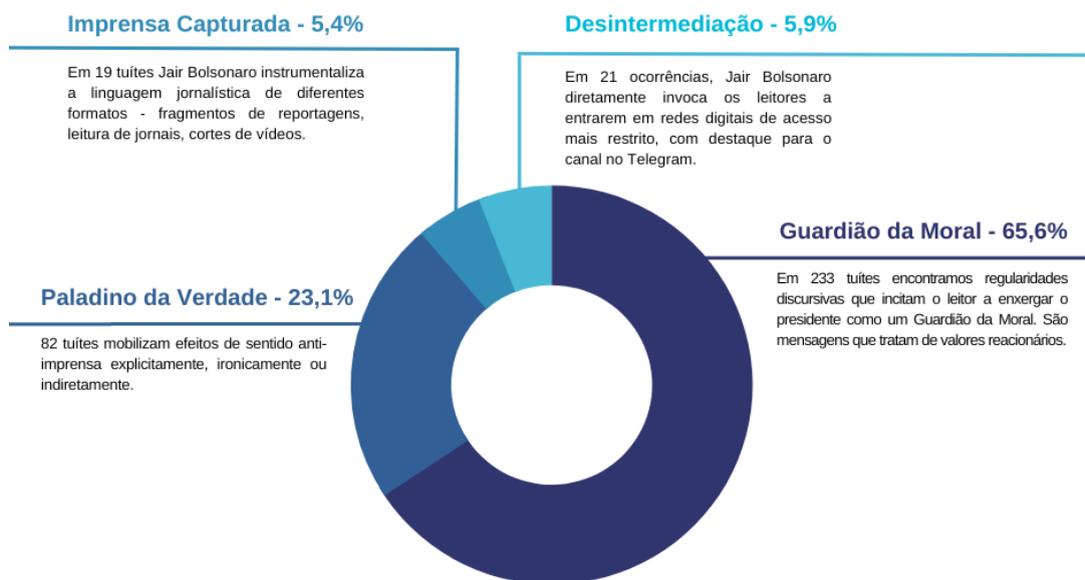


Gráfico 3 - Proporção por ocorrência de cada Formação Discursiva (FD) encontrada nos tuítes publicados entre 15 de julho e 30 de outubro.

Fonte: A autora

A seguir, fizemos o mesmo percurso dividindo os dados de acordo com os três períodos (pré-campanha, primeiro e segundo turno) para reconhecer quais estratégias mantiveram-se em voga, quais foram substituídas e quais foram ampliadas ou reforçadas.

5.2.1 - Pré-campanha

Entre 15 de julho e 15 de agosto de 2022, o ex-presidente tuitou 198 vezes, uma média de 6,3 tuítes por dia. Desse total, 123 tuítes foram eliminados da análise. 5 por terem sido apagados na fonte, em todos os casos por erros de ortografia que foram logo corrigidos em nova postagem; 18 tuítes foram eliminados por tratarem de *lives*, entrevistas externas ou vídeos de passeatas, carreatas ou motociatas e 25 foram eliminados por não conterem características de discurso populista reacionário - mas tão pouco serem de interesse público.

Por fim, 75 tuítes foram eliminados da análise por conterem informação de interesse público sobre ações do Governo Federal em temas como redução de impostos⁸⁹, economia, segurança pública - especialmente apreensão de grande volume de drogas, transposição do Rio São Francisco, redução no preço da gasolina, saneamento, infraestrutura, entre outros. Consideramos como informação de interesse público quando o conteúdo é meramente informativo, sem juízo de valor ou promoção pessoal.

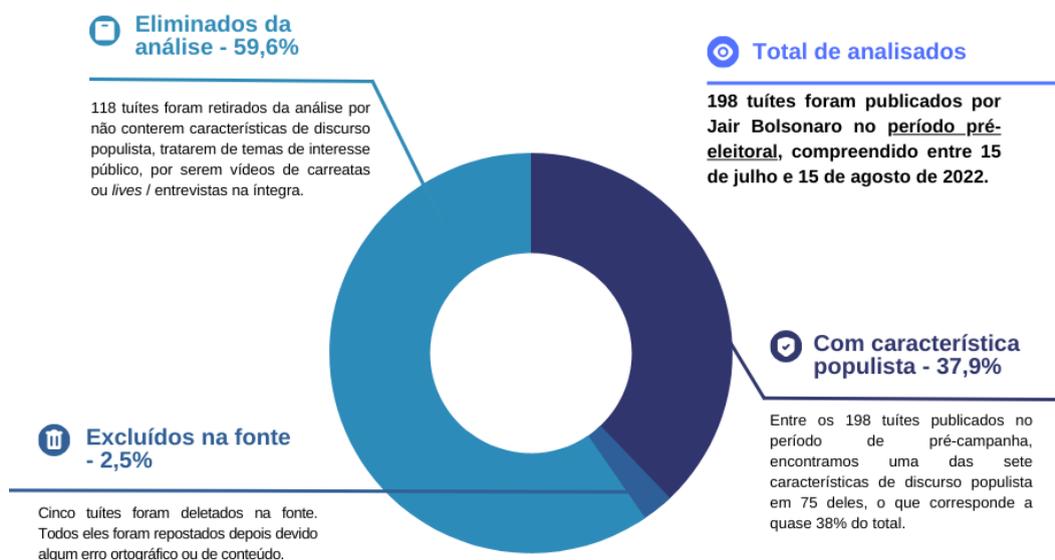


Gráfico 4 - Tuítes da pré-campanha após primeira categorização
Fonte: A autora

Chegamos ao resultado apresentado no **Gráfico 4**, em que fica demonstrado que mais de 62% do total de tuítes do período pré-eleitoral, compreendido entre 15 de julho e 15 de agosto, foram eliminados da análise. Esta tendência muda apenas no segundo turno das eleições, quando os tuítes com discurso populista reacionário são maioria entre o total de analisados no período. Já em relação à distribuição entre categorias, outros resultados chamam atenção (**Gráfico 5**).

⁸⁹ Esta pesquisa é uma análise discursiva. Desse modo, o que nos interessa são as características de discurso populista reacionário, conforme detalhado anteriormente. Caso estivesse inscrita em um Programa de Pesquisa em Ciência Política, estes anúncios de políticas públicas seriam avaliados por seu caráter populista. Entretanto, essa não é a nossa preocupação. Ou seja, não nos interessa se a diminuição de impostos cumpriu os objetivos de populismo eleitoral.

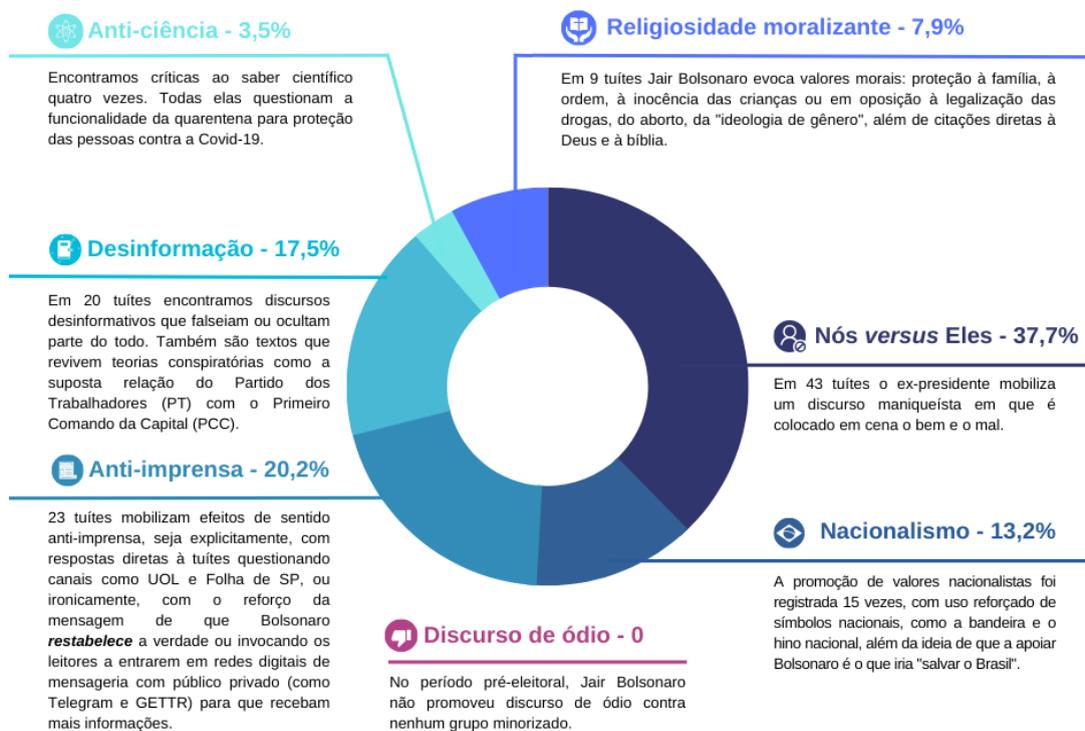


Gráfico 5 - Proporção por categoria publicados na pré-campanha
Fonte: A autora

A categoria com mais ocorrências foi aquela que também é o cerne do discurso populista, seja de orientação ideológica à direita ou à esquerda: o binarismo de Nós versus Eles (37,7%). Como veremos, essa dianteira será mantida em todo o corpus se comparados os resultados entre pré-campanha, primeiro e segundo turno.

Depois, a categoria Anti-imprensa (20,2%) surge em segundo lugar. Em todas essas ocorrências encontramos o uso de ao menos uma ou mais das Formações Discursivas que apresentaremos em detalhes no próximo subcapítulo. Neste período de pré-campanha, a FD "Paladino da Verdade" foi a mais utilizada, com 16 ocorrências dentre os 23 tuítes categorizados como anti-imprensa, seguida por Guardiã da Moral (7), Desintermediação (5) e Imprensa Capturada (2).

A terceira categoria mais utilizada no período foi a de discurso desinformativo (17,5%) em que o ex-presidente falseia ou omite parte das informações sobre o assunto tratado. Os temas de desinformação utilizados no período foram sobre a efetividade da quarentena no enfrentamento à pandemia de Covid-19, relação do Partido dos Trabalhadores (PT) com a facção criminosa Primeiro Comando da Capital (PCC) e relacionamento do PT com "ditaduras socialistas".

A quarta categoria com mais ocorrências refere-se a promoção de valores nacionalistas (13,2%) e a quinta, discurso de religiosidade moralizante (7,9%), com

9 ocorrências no total. Todas esses tuítes trabalham com a FD Guardiã da Moral e na maioria delas, 5 no total, a vigilância quanto ao gênero e o "papel da mulher" é mobilizada - proteção da família tradicional, críticas à linguagem neutra e à descriminalização do aborto.

A extrema-direita é, historicamente, "marcada por uma dinâmica sexista" (MUDDE, 2022, p. 161) de valorização de um passado em que os direitos das mulheres eram poucos ou inexistentes. A hipótese de que debate sobre gênero seja uma resposta às conquistas sociais e políticas de mulheres e pessoas LGBTQIAPN+ confirma-se nos tuítes aqui categorizados como Religiosidade Moralizante.

Chama atenção que a categoria "anti-ciência" tenha sido utilizada apenas quatro vezes e, mais ainda, que a de "discurso de ódio" não tenha sido mobilizada nenhuma vez no período pré-eleitoral. Discurso de ódio, como vimos no **Capítulo 1**, é uma estratégia utilizada para fins de violência cultural (O'Connor, 2020, online) dentre aquelas que alimentam uma narrativa que promove a injustiça e a desigualdade e faz parte do método do discurso bolsonarista, que bebeu à fonte do pensamento de Olavo de Carvalho (CASSIMIRO e LYNCH, 2022, p. 81).

Já em relação às Formações Discursivas (**Gráfico 6**), notamos que a ampla maioria apresenta regularidades discursivas com enquadramento moral reacionário (55,6%) - de valorização da família e do Deus cristão. Depois disso, nas três FDs analisadas que tratam da relação de Jair Bolsonaro com a imprensa, aquelas em que ele disputa o domínio da verdade aparece em segundo lugar (29,2%); em terceiro lugar a captura da linguagem jornalística para aquilo que o convêm (8,3%) e, por último, a desintermediação cujo objetivo é controlar o agendamento para suas comunidades discursivas (6,9%).

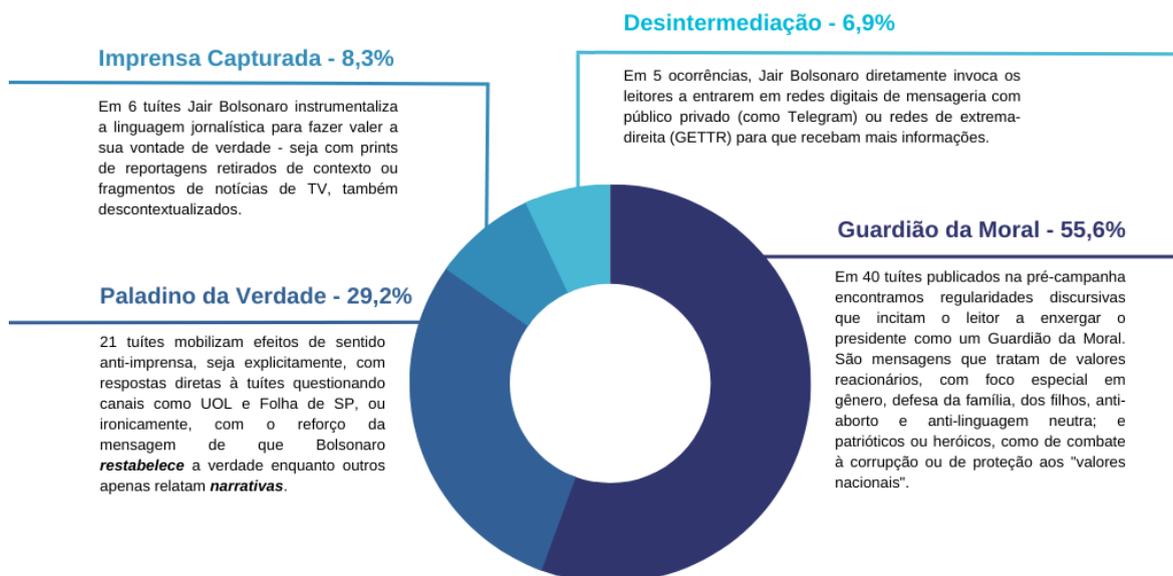


Gráfico 6 - Proporção por Formação Discursiva encontrada na pré-campanha

Fonte: A autora

5.2.2 - Primeiro turno

Entre 16 de agosto e 2 de outubro de 2022, o ex-presidente tuitou 387 vezes, uma média de 8,06 tuítes por dia. Desse total, 218 tuítes foram eliminados da análise. 13 deles foram apagados na fonte, desta vez, por razões mais diversas do que a que encontramos nos tuítes apagados da pré-campanha. Dentre os 13 apagados, 6 foram publicados no dia 7 de Setembro, ocasião em que Jair Bolsonaro foi acusado de instrumentalizar o desfile que acontece tradicionalmente todos os anos⁹⁰. 5 tuítes aparentam ser por algum erro de agendamento ou de texto, já que foram repostados posteriormente. Outros dois tuítes foram apagados por decisão judicial uma vez que, nestes textos, o ex-presidente fazia uma associação direta entre o então candidato de oposição, Lula, e o Primeiro Comando da Capital (PCC)⁹¹.

Dentre os eliminados da análise, 132 são tuítes de interesse público, com informações sobre entregas e ações do Governo Federal, sem rivalizar ou provocar

⁹⁰ O caso ainda está sob *judice*. À época, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) considerou as postagens de Jair Bolsonaro sobre o 7 de Setembro como propaganda irregular e determinou o apagamento. Porém, ainda que a grande maioria delas tenham sido apagadas, verificamos que algumas seguem no ar. Em agosto de 2023, quase um ano depois do episódio, o TSE manteve a decisão e impôs multa de R\$ 50 mil para o ex-presidente pelo descumprimento da ordem anterior. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/justica/tse-multa-bolsonaro-em-r-55-000-por-descumprir-decisao-judicial/> Acesso em: 8 de set. 2023.

⁹¹ Cabe destacar que o tema já havia sido trabalhado no período de pré-campanha. O categorizamos como discurso desinformativo que fez uso da FD de Imprensa Capturada. Os tuítes publicados na pré-campanha continuam no ar. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1549377781418655747> Acesso em: 8 de set. 2023.

opponentes. Enquanto na pré-campanha os tuítes de interesse público representaram 37,8% do total, no primeiro turno eles representaram 34,10%. Outros 50 tuítes foram eliminados por tratarem de divulgação de *lives*, entrevistas externas ou vídeos de passeatas, carreatas e motocicletas. 23 foram eliminados por não conterem características de discurso populista reacionário e tão pouco serem de interesse público, é o caso de memes e interações com apoiadores e apoiadoras.

O **Gráfico 7** demonstra um crescimento de 5,7% na proporção de conteúdo com características de discurso populista reacionário da pré-campanha para o primeiro turno. É interessante notar como este Gráfico difere-se dos resultados encontrados no segundo turno das eleições - entre 3 de outubro a 30 de outubro - quando, ao revés, mais de 57% do total de tuítes foi classificado como conteúdo com características de discurso populista reacionário.

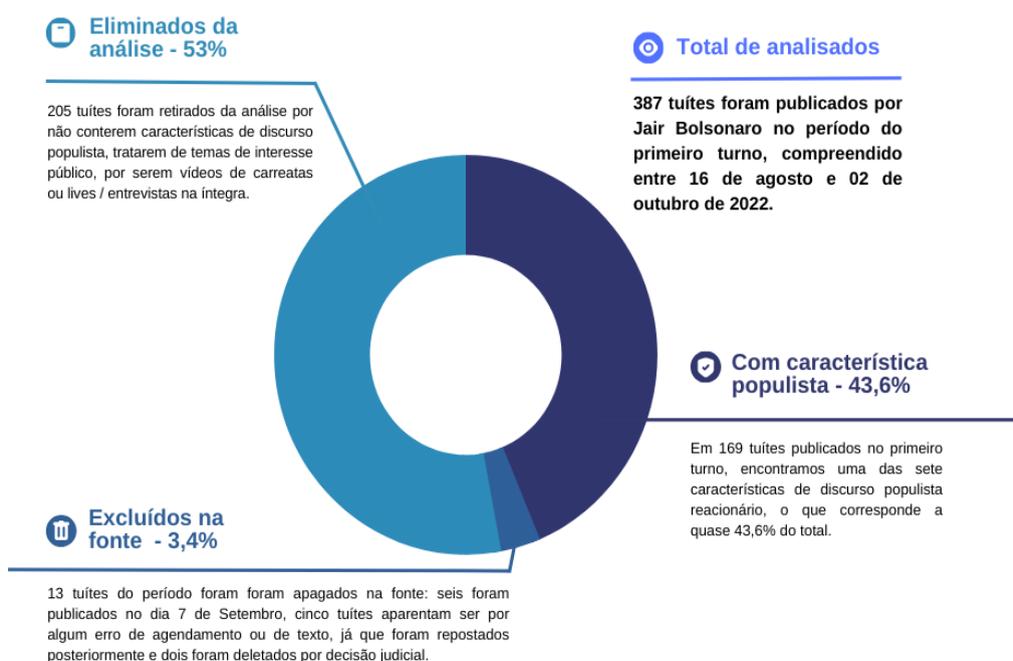


Gráfico 7 - Tuítes do primeiro turno após primeira categorização

Fonte: A autora

Já em relação à distribuição entre categorias (**Gráfico 8**) importa notar o crescimento dos discursos desinformativos, de polarização (Nós X Eles) e de religiosidade moralizante em relação à pré-campanha. Por outro lado, o discurso anti-imprensa apresenta uma queda de 20,2% na pré-campanha para 12,1% no primeiro turno.

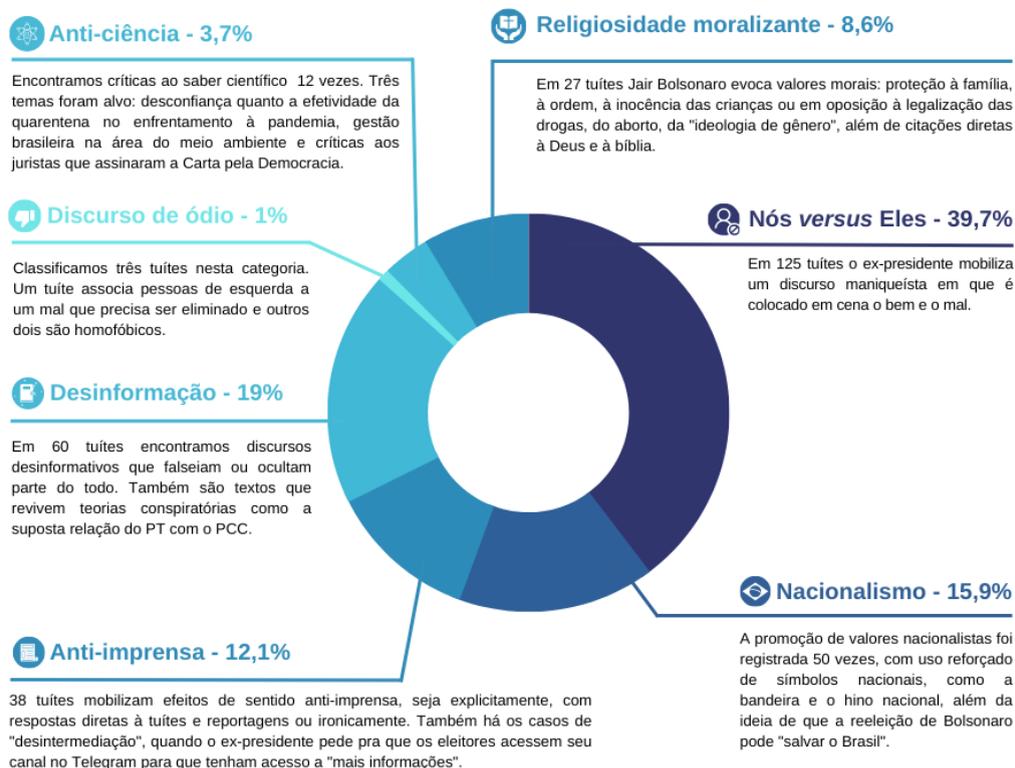


Gráfico 8 - Proporção por categoria nos tuítes publicados no primeiro turno

Fonte: A autora

Na análise das formações discursivas (**Gráfico 9**), a captura da linguagem jornalística e a desintermediação de fontes sofrem pouca alteração em relação à pré-campanha. Por outro lado, os tuítes em que Jair Bolsonaro posiciona-se como o Guardião da Moral crescem quase 10 pontos, de 55,6% na pré-campanha para 65,5% no primeiro turno. Este é um sinal do que viria a acontecer no segundo turno, quando esta FD representará mais de 72% do total.

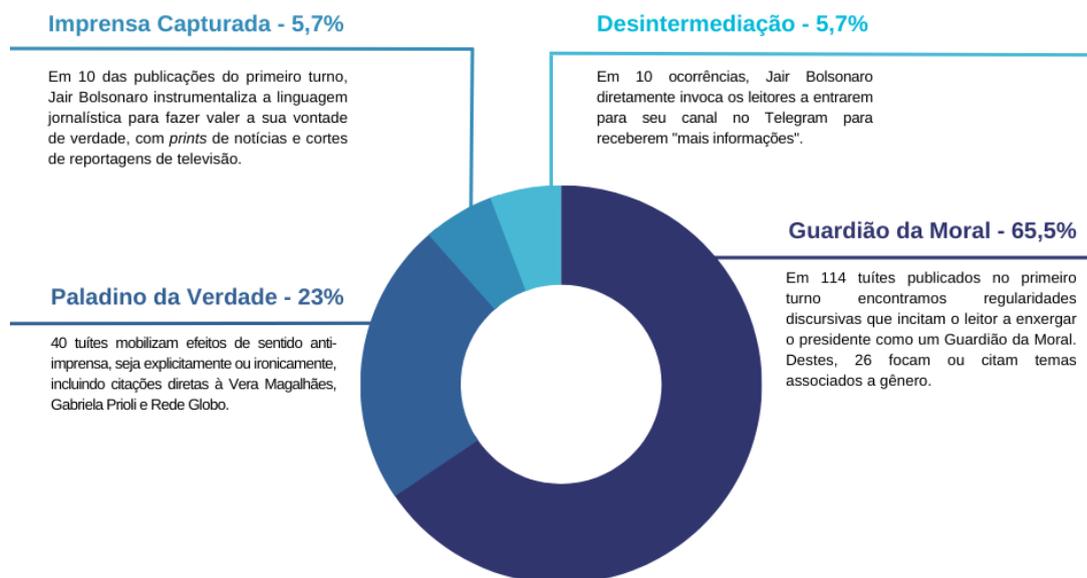


Gráfico 9 - Proporção por Formação Discursiva encontrada no primeiro turno.
Fonte: A autora

5.2.3 - Segundo turno

Entre 3 e 30 de outubro de 2022, o ex-presidente tuitou 204 vezes, uma média de 7,5 tuítes por dia. Entre eles, cinco foram deletados. Um deles por razões que não dizem respeito a Bolsonaro ou sua equipe, já que foi um retuíte do perfil @o_antagonista. Já os outros aparentam ser exclusões realizadas por um profissional *social media*, alguém responsável pela administração do **Twitter** do ex-presidente. Pressupomos que ou houve um erro no agendamento das postagens ou um erro na programação da plataforma onde foi realizado este agendamento.

O primeiro *filio* com dois tuítes foi postado de forma repetida sem alterações no texto, uma vez às 09h53 da manhã do dia 7 de outubro de 2022 e outra às 15h43. O segundo *filio* com dois tuítes, totalizando os quatro deletados, também   do dia 7 de outubro e foi publicado quase no mesmo horário, às 15h43 - com apenas segundos de diferena. Este *filio* foi apagado e repostado no dia seguinte, 8 de outubro de 2022, às 10h50 da manhã. Isso nos parece relevante porque comprova que mais de uma pessoa realizava publicaes e que estamos lidando com um discurso construído de maneira estratégica por profissionais de comunicao que dominam ferramentas de produo, gestão e análise de plataformas digitais. Os tuítes eliminados representam 27,1%, conforme o **Gráfico 10**.

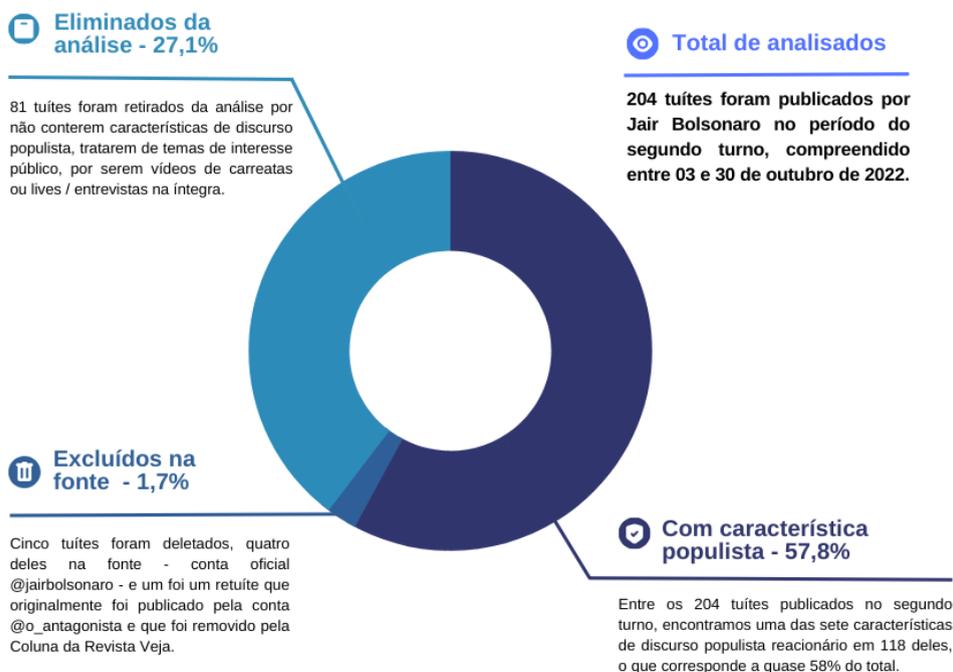


Gráfico 10 - Tuítes do segundo turno após primeira categorização

Fonte: A autora

Assim, referente ao segundo turno, analisamos 204 tuítes e 57,8% do total possui características de discurso populista reacionário (**Gráfico 10**). Chama atenção a diferença em relação ao período de pré-campanha, quando os tuítes com características de discurso populista reacionário eram minoria (37,9%) e em que havia substancial quantidade de tuítes de interesse público. O **Gráfico 11** apresenta a frequência com que cada uma das características de discurso populista reacionário foram registradas dentre os tuítes publicados no segundo turno.

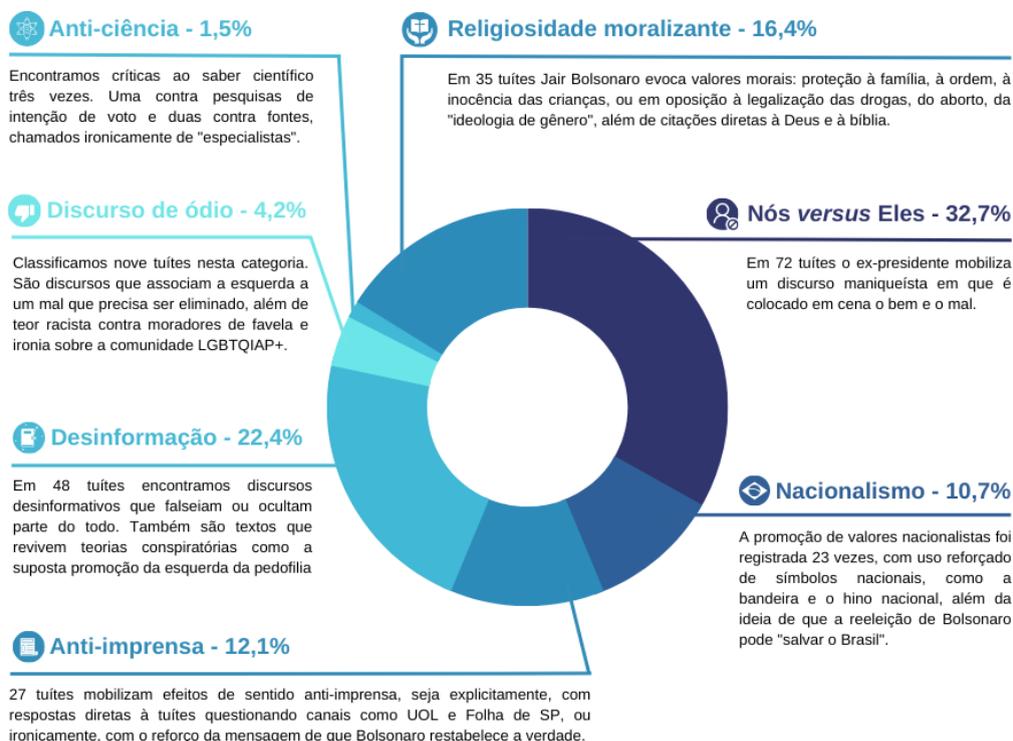


Gráfico 11 - Proporção por categoria nos tuítes publicados no segundo turno

Fonte: A autora

A categoria com mais ocorrências se manteve como *Nós versus Eles* (32,7%) ainda que tenha atingido a menor marca na comparação entre os três períodos analisados. Em segundo lugar, o discurso de desinformação (22,4%) toma à frente nesta reta final das eleições. O ex-presidente utiliza de discurso desinformativo sobre temas que já estavam em uso desde a pré-campanha, com a diferença na radicalização do tom empregado, e adiciona outros novos.

Além dos temas já abordados, como envolvimento com o PCC, com ditaduras socialistas, com a censura aos meios de comunicação, legalização das drogas e do aborto, no segundo turno surgem tuítes que questionam a validade das eleições e promovem o medo de que o Movimento Sem Terra (MST) receba a autorização de invadir terras produtivas.

A terceira categoria mais utilizada no período foi de Religiosidade Moralizante (16,4%). Chama atenção a centralidade do debate sobre gênero, uma vez que dos 35 tuítes desta categoria, 27 mobilizam questões relacionadas ao papel da mulher junto à família. Neste material encontramos regularidades textuais sobre maternidade; direitos reprodutivos; proteção à infância e sexo anal. No segundo turno a Religiosidade Moralizante foi a categoria com maior volatilidade, passando de 8,6% do total no primeiro turno para quase o dobro.

Depois, a categoria Anti-imprensa (12,1%) surge em quarto lugar mantendo uma regularidade em relação ao primeiro turno (**Gráfico 12**). Em todas as ocorrências encontramos o uso de ao menos uma ou mais das Formações Discursivas que criam efeitos de sentido anti-gênero e anti-imprensa.

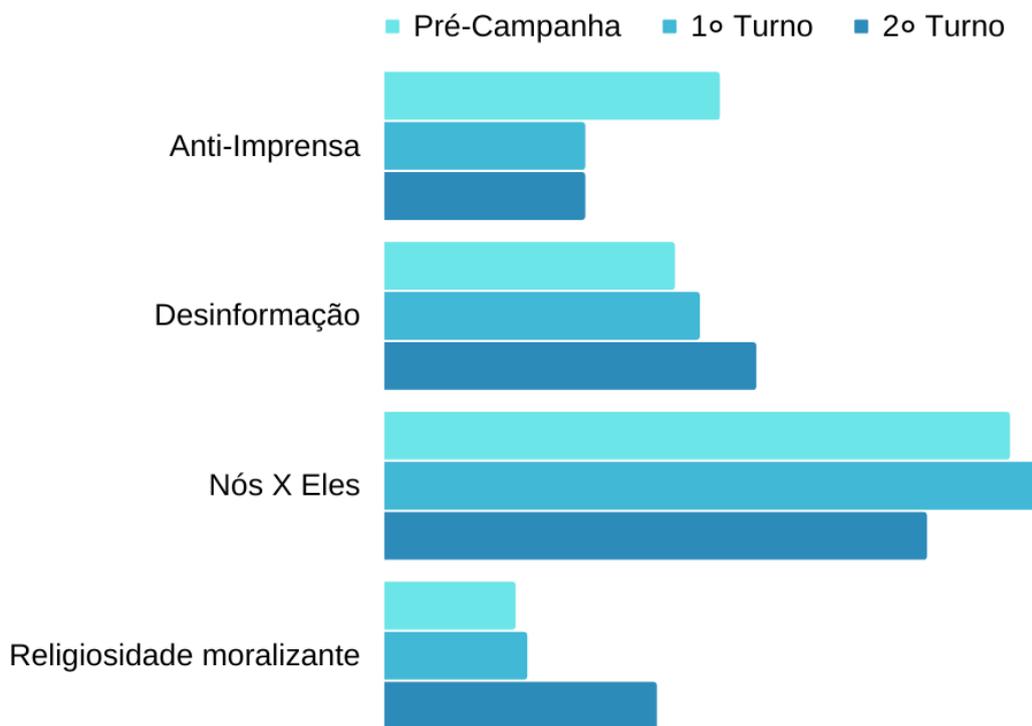


Gráfico 12 - Comparação por período das principais categorias
Fonte: A autora

Em quinto lugar, a categoria Nacionalismo (10,7%), principalmente com o objetivo de associar o voto em Jair Bolsonaro à salvação da pátria e dos valores nacionais. No último e penúltimo lugar, Discurso de Ódio (4,2%) e Anti-Ciência (1,5%). É interessante notar que, aos poucos, Jair Bolsonaro foi abandonando o uso de mensagens anti-vacina ou anti-quarentena. No segundo turno, as críticas ao saber científico se dão no sentido de colocar em suspeição institutos de pesquisa e especialistas entrevistados pela imprensa.

Partindo para a terceira fase de análise, conferimos a distribuição de Formações Discursivas (**Gráfico 13**) nos tuítes publicados no segundo turno e notamos o crescimento da FD Guardiã da Moral (72,5%) - o que condiz com o crescimento da categoria de Religiosidade Moralizante.

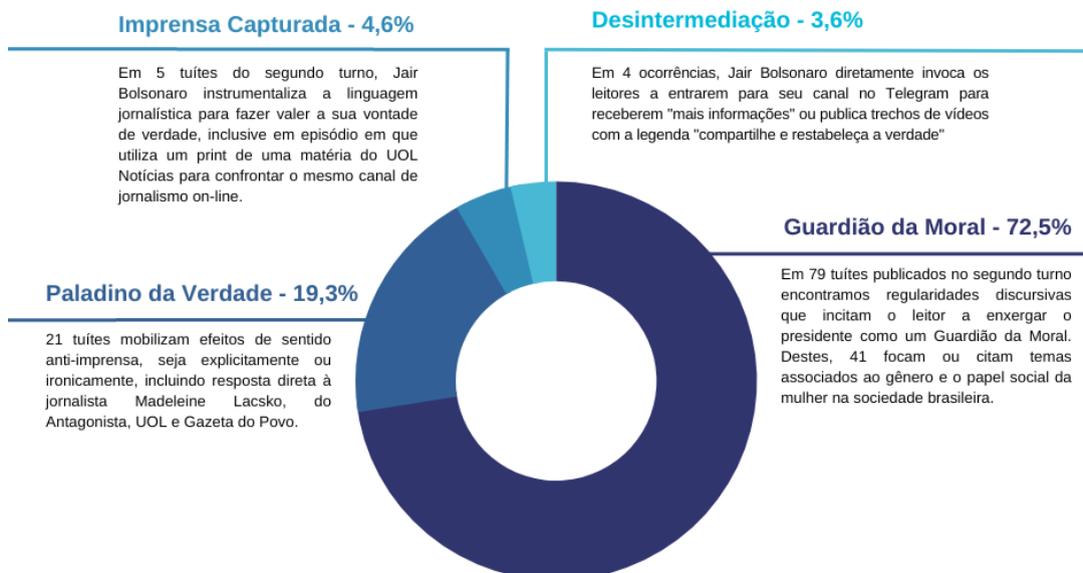


Gráfico 13 - Proporção por Formação Discursiva encontrada no segundo turno.

Fonte: A autora

5.3 - Formações discursivas

As **formações discursivas** que nos interessam são aquelas que formam um jogo de cena que posiciona a imprensa e, principalmente, as mulheres jornalistas, como vilãs. Como vimos nos **Capítulos 1 e 2**, a criação de uma narrativa que justifique ou promova a violência contra mulheres insere-se no que Johan Galtung compreende como violência cultural (1990, p. 291) - que, por sua vez, serve de sustentação para a violência direta (RAMOS e SAAD, 2022, p. 7) e para o desgaste do poder e da democracia (ARENDR, 1969, p. 65), dois valores que são socialmente orientados por decisão popular (ARENDR, 2022, p. 53).

Cabe lembrar que "formação discursiva" trata das regularidades, ou seja, das "correlações em sua simultaneidade, posições assinaláveis em um espaço comum, funcionamento recíproco, transformações ligadas e hierarquizadas" (FOUCAULT, 2020, p. 42). Estas regularidades associadas umas às outras no discurso "constituem os diferentes **efeitos de sentido**" (2018, p. 21).

O discurso é um produto histórico e relacional que só pode ser produzido se for materializado a partir de um outro já-dito (MAINGUENEAU, 2002, p. 81). Aquilo que já foi dito, o interdiscurso, para os fins de nossa pesquisa, reúne tudo aquilo que sabemos sobre Jair Bolsonaro, sobre o ofício de jornalista, sobre mulheres, sobre mulheres no mercado de trabalho, sobre as relações entre mulheres jornalistas e suas fontes, entre outros aspectos. Para Maingueneau (*Ibid.*), o interdiscurso exerce um primado sob o discurso.

Por esta razão, entendemos que, ao escolher o método da Análise de Discurso francesa, não buscamos posições definitivas ou invariantes universais, porque o que nos interessa é o funcionamento discursivo dos tuítes de Jair Bolsonaro no período aqui analisado. "Em um dado momento, uma formação discursiva é associada a certos trajetos interdiscursivos e não a outros, e *isto faz parte integrante de sua especificidade*". (MAINGUENEAU, 1997, p. 118 - *grifo do autor*).

Portanto, compreendendo as formações discursivas analisadas, entenderemos os procedimentos estratégicos por trás da produção de sentido anti-gênero e anti-imprensa que servem como combustível para a violência cultural contra jornalistas, especialmente mulheres.

5.3.1 - Guardião da Moral

Para compreender esta formação discursiva, precisamos retomar o conceito de gênero e o lugar que ele ocupa no discurso populista reacionário de Jair Bolsonaro, conforme vimos nos **Capítulos 2 e 4**. Gênero é a "forma primária de dar significado às relações de poder" (SCOTT, 2020, p. 67). São essas relações que, para a extrema-direita, estão em jogo desde o começo dos anos 2000 (MUDDE, 2022, p. 22) quando o binarismo de direita *versus* esquerda passou a referir-se diretamente às questões socioculturais como cultura, raça/etnia e, principalmente, religião.

No caso do Brasil, vivemos um "choque progressista" (VALENTE, 2023, p. 71) durante o primeiro mandato da ex-presidenta Dilma Rousseff que unificou - ou, ao menos, acelerou a unificação - de diferentes perfis dentre aqueles da extrema-direita brasileira (GUAZINA, LEITE e SANTOS, 2021, p. 45). Estes grupos buscam uma "ordem sexual e familiar" (BIROLI, MACHADO e VAGGIONE, 2020, p. 24) em que mulheres cumpram, mais do que qualquer coisa, com o seu dever como "ventre da nação" (MUDDE, 2022, p. 163). Na perspectiva da AD, foram criadas comunidades discursivas (MACHADO e MORAES, 2019, p. 93) em torno desta noção.

Cabe lembrar que, para Michel Foucault (2021) - autor que impactou sobremaneira a literatura dos Estudos de Gênero e Feministas -, o gênero não é uma propriedade da natureza humana, mas "o conjunto de efeitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais", através de "*uma complexa tecnologia política*" (p. 29). Ao alimentar a percepção essencialista da mulher como "ventre da nação", sempre associando-a à família, Jair Bolsonaro constrói seu arsenal discursivo apontando-o diretamente contra as mulheres e às demais pessoas que não seguem o *script* da "tradicional família brasileira".

Assim, os efeitos de sentido anti-gênero estão diretamente relacionados à defesa da família, dos bons, dos honestos, dos cristãos, dos soldados, enfim, dos que dizem amar o Brasil e os símbolos nacionais.

5.3.2 - Paladino da Verdade

O debate sobre a verdade perpassa todo o fazer jornalístico. Há tanto um desejo do profissional como uma expectativa da sociedade de que haja veracidade e precisão nas notícias reportadas - já que elas são utilizadas pelas pessoas como orientação no mundo (MACHADO E MORAES, 2019, p. 61-62). Porém, a atividade jornalística não deve ser confundida como um "espelho da realidade", uma vez que a notícia é submetida a processos orientados por valores⁹² tanto de ordem prática, como de ordem financeira e ideológica.

Mauro Wolf (1995) explica que os estudos de comunicação passaram por uma transição daquilo que era antes pensado como "manipulação explícita da informação para a questão da distorção inconsciente (unwitting bias)" (p. 80). Reconhece-se, nesta perspectiva, que "as notícias podem ser subtraídas devido à influência de preconceitos, de conspiração ou daqueles que possuem o poder político e comercial" (*Ibid.*). Além dessa dimensão, as rotinas de produção influenciam na representação dos acontecimentos que são tornados notícias. Nesse sentido, como as notícias da imprensa diferenciam-se dos enunciados de Jair Bolsonaro?

Primeiro porque estes mesmos elementos que definem os critérios de noticiabilidade advém de "uma série de negociações, pragmaticamente orientadas, [...] em função de fatores com diferentes graus de importância e de rigidez e em diferentes momentos do processo produtivo" (MAGISTRETTI apud WOLF, 1995, p. 84). Em resumo, as rotinas produtivas passam necessariamente por três fases: a recolha, a seleção e a apresentação (*Ibid.*, p. 96). A recolha implica o desenvolvimento de pesquisa, checagem, entrevista com diferentes fontes em busca de contrapor os fatos; a seleção, diretamente relacionada aos valores-notícia, ocorre concomitantemente e deve ser orientada pela ética profissional, em respeito aos direitos humanos e a função do jornalismo. Já a apresentação segue certo número de procedimentos como o lead, manchete, sutiã e outros elementos.

O reconhecimento de distorções inconscientes não impossibilita a compreensão do trabalho jornalístico como a melhor maneira de adquirir informações sem enveredar em preconceitos e achismos. Esta credibilidade é um contrato entre leitores e jornalistas. Sabendo disso, Jair Bolsonaro posiciona-se como Paladino da Verdade, buscando desencontros, pontuando como narrativas, ataques, meias-verdades tudo aquilo que é dito sobre ele mas que não o convém. Não há nos enunciados em que

⁹² Abordamos valores-notícia no Capítulo 4 deste trabalho.

o ex-presidente constrói efeitos de sentido anti-imprensa a preocupação nas fases de recolha, seleção ou apresentação que possam validar seu discurso. Ao contrário, existe uma "vontade de verdade" que "mascara a própria verdade" (FOUCAULT, 2014, p. 19).

A "verdade" para Michel Foucault (2014) é subjetiva já que ela passa por procedimentos de exclusão. As verdades "são sustentadas por todo um sistema de instituições que as impõem e reconduzem; [...] que não se exercem sem pressão, nem sem ao menos uma parte de violência" (FOUCAULT, 2014, p. 13). O filósofo francês propõe o conceito de "vontade de verdade" e explica que, quando apoiada em um suporte institucional, ela detém "um poder de coerção" (*Ibid.*, p. 17). Para a historiadora Heloisa Murgel Starling (2022), o bolsonarismo parte de um "concentrado das propriedades, recursos, papel e funcionamento de uma língua específica", cuja característica principal é ser "capaz de reciclar e modificar acontecimentos à vontade, dando-lhes novo formato e sentido de conclusão" (p. 73).

Inferimos que é por esta razão que a vontade de verdade tem tanto destaque nos tuítes de Jair Bolsonaro. O ex-presidente segue os caminhos a seguir: ou ironiza a imprensa - dirigindo o discurso a jornais e jornalistas específicos, bem como criticando processos de produção como a seleção de dados, de fontes e de enquadramentos -, ou valida conteúdos de apoiadores cuja narrativa é similar a sua. Ele e os seus estão sempre "restabelecendo a verdade".

5.3.3 - Desintermediação

Outra estratégia de Jair Bolsonaro em sua vontade de verdade é a de ativamente buscar a "desintermediação", que aqui trataremos também como uma FD. Desintermediação é o termo utilizado por acadêmicos do Jornalismo e que diz respeito ao uso que políticos fazem das redes sociais cujo objetivo é "enquadrar seus próprios discursos, sem ser apenas uma fonte para veículos de comunicação" (MITOZO, p. 162, 2020).

Esta desintermediação busca, também, desacreditar o jornalismo fechando arestas para qualquer comunicação diferente e solidificando ainda mais as comunidades discursivas nas quais o ex-presidente se sustenta.

O uso evidente de plataformas de mídia por figuras políticas, [...], ao lado de constantes ataques direcionados às instituições jornalísticas, também contribuiu para a solidificação de uma crise de credibilidade no campo. Em nome de comunicar a (sua) verdade aos seguidores de suas redes sociais, essas figuras hostilizam e frequentemente desacreditam o jornalismo. Usuários e seguidores, desta forma, são incentivados sistematicamente a buscar informações em fontes alternativas (PAGOTO e LONGHI, 2021, p. 186).

A FD Desintermediação trata dos casos em que notamos explícita ou implicitamente o convite para que o leitor busque uma outra fonte de informação, como um jornalista, político ou blogueiro parceiro do ex-presidente ou por uma rede social caracterizada pela dificuldade de controle, como o Canal no Telegram e o microblog de extrema-direita, GETTR⁹³.

Enquanto a FD Paladino da Verdade busca descredibilizar o jornalismo, a Desintermediação busca substituir a função de agendamento própria ao jornalismo. Como aponta Mitozo, partindo das contribuições de McCombs e Shaw (1972), o agendamento é um processo que leva em consideração questões importantes para o público. Cabe ao jornalismo categorizar e

selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e torná-los mais relevantes em um texto comunicante, como as matérias dos jornais, para, a partir disso, promover uma definição de um problema particular, interpretação causal, avaliação moral e/ou recomendação de tratamento para um item descrito. (MITOZO, 2020, p. 159)

Ao solicitar que seus apoiadores restrinjam-se à "verdade" que está disponível em redes sociais onde não será questionado ou, ao menos, sofrerá menos escrutínio público, Jair Bolsonaro tem a possibilidade de fazer o agendamento que quiser para aqueles que assim aceitarem, tornando relevantes os temas de seu interesse e pela perspectiva de seu interesse.

5.3.4 - Imprensa Capturada

Por fim, uma estratégia que também revelou-se como uma regularidade discursiva é a Imprensa Capturada. Esta FD trata dos casos em que Jair Bolsonaro utiliza da linguagem própria ao gênero discursivo jornalístico para apresentar informações negativas sobre "eles" - àqueles a que faz oposição - ou informações favoráveis sobre ele próprio e seu governo.

O gênero discursivo do jornalismo possui características próprias que incluem um modo específico de narrar os acontecimentos, tais como o uso do *lead*⁹⁴, a importância na seleção das fontes e imagens, da manchete, dentre outras singularidades. Notamos, portanto, que a credibilidade reivindicada pelo jornalismo e por jornalistas e que advém das convenções profissionais no interior das redações (WOLF, 1995, p. 176) é instrumentalizada por Jair Bolsonaro nos casos em que o

⁹³ GETTR é uma Plataforma de Rede Social pouco conhecida fora das comunidades discursivas de extrema-direita. Lançada em 2021, surgiu com a promessa de substituir o Twitter principalmente por sua "filosofia" de enfrentamento à "censura online". Ou seja, na prática, é uma ambiência digital que não pune discurso de ódio ou desinformativo. Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/como-funciona-a-rede-social-gettr/> Acesso em: 20 de out. 2023.

⁹⁴ O *lead* é uma invenção da imprensa norte-americana que começou a ser utilizada no Brasil na década de 1950. Trata-se de "um relato sintético do acontecimento logo no começo do texto, respondendo às perguntas básicas do leitor: o quê, quem, como, onde, quando e por quê" (PENA, 2005, p. 42).

discurso jornalístico sirva aos seus interesses. A dualidade daquele que defende a "liberdade da imprensa" ao mesmo tempo que promove críticas e ataques aos profissionais e aos processo de produção, está também manifesta na dicotomia de utilizar a linguagem jornalística apenas quando o convém.

A seguir, utilizando o arcabouço teórico apresentado até aqui, faremos a análise dos tuítes segundo suas Formações Discursivas: Guardiã da Moral, Desintermediação, Imprensa Capturada e Paladino da Verdade. Ao final, é abordado o "Enquadramento sobre Mulheres Jornalistas" com a análise, caso a caso, dos tuítes que se referem às cinco jornalistas citadas ou expostas pelo ex-presidente no Twitter no período compreendido no *corpus*.

CAPÍTULO 6 – ANÁLISE DISCURSIVA

Neste capítulo faremos a análise das Formações Discursivas previamente apresentadas. Cabe lembrar que, no início desta pesquisa, suspeitávamos que os ataques a jornalistas mulheres seriam facilmente reconhecidos e mapeados. Esta hipótese de trabalho, em janeiro de 2020, era coerente com o contexto. Afinal, a série histórica dos relatórios anuais da FENAJ (2023) demonstrava o crescimento dos casos de violência contra jornalistas e como o ex-presidente Jair Bolsonaro era o principal autor de tais atos desde que assumiu a presidência em 2019.

Porém, logo no período pré-eleitoral, quando iniciamos a captura dos tuítes através da Plataforma **KnewIn**, pudemos perceber que nossa hipótese estava parcialmente equivocada: o Twitter não era o principal ambiente onde a violência praticada por Jair Bolsonaro contra jornalistas ocorria. Ao menos, não explicitamente. No **Capítulo 3**, demonstramos como a violência - enquanto acontecimento - que ele cometeu contra mulheres jornalistas ocorreu, principalmente, em entrevistas coletivas em agendas de rua (FENAJ, 2023). Dos nove registros, apenas dois ocorreram no **Twitter** e ambos ocorreram em período anterior ao nosso *corpus*, em 7 de maio e em 11 de julho, contra a jornalista Miriam Leitão⁹⁵.

Frente a este desafio, tanto a tipologia da violência de Johan Galtung (1990) como o conceito de "silenciamento" de Eni Orlandi (2018) nos permitiram, por um lado, alargar a percepção de violência para além da violência como acontecimento, manifesta e direta - o que implicou também em questionar os registros da FENAJ,

⁹⁵ Miriam Leitão publicou um artigo em abril de 2022 em que dizia que o ex-presidente era um "inimigo confesso da democracia". Em resposta, Jair Bolsonaro a acusou de não ser isenta, pelo Twitter. Os apoiadores bolsonaristas, incluindo o filho e deputado federal, Eduardo Bolsonaro, mobilizaram na rede social mensagens de ódio contra a jornalista. Eduardo teve de responder a processo na Comissão de Ética da Câmara dos Deputados por um tuíte em que ele afirma sentir "pena da cobra". Miriam Leitão foi torturada durante a Ditadura Militar enquanto estava grávida e, em uma das sessões de tortura, foi deixada nua em uma cela com uma cobra. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/05/04/conselho-abre-processo-sobre-eduardo-bolsonaro-por-deboche-a-tortura-sofrida-por-miriam-leitao.ghtml> Acesso em: 12 de out. 2023.

uma vez que alguns casos de violência cultural não estão incluídos no último relatório da Federação - e, por outro, buscar na interdiscursividade as estratégias que diziam - sem dizer - que o jornalismo e as jornalistas brasileiras eram inimigas da família Bolsonaro, da verdade e da moral.

6.1. Eu, Guardião da Moral

Como vimos no **Capítulo 5**, a FD "Guardião da Moral" foi aquela com o maior número de ocorrências, 65,5% do total. Em mais de 230 publicações, no período entre 15 de julho e 30 de outubro, Jair Bolsonaro posicionou-se como o defensor da honra das mulheres, da inocência das crianças, da integridade das famílias e, tudo isso, em nome de Deus.

Primeiro, vamos conferir os exemplos em que a FD "Guardião da Moral" produziu efeitos de sentido anti-gênero entendendo que o conceito de gênero "deixa aberta a possibilidade do vetor da dominação-exploração" (SAFFIOTI, 2015, p. 74). Ou seja, não cairemos na armadilha patriarcal de falar sobre sentidos anti-gênero apenas quando o objeto dos tuítes for uma mulher.

Afinal, as relações homem-homem, mulher-mulher e todas as demais identidades de gênero que possam caber nestes extremos são importantes para compreender como as estratégias discursivas aqui analisadas posicionam-se ao lado ou ao largo das "tecnologias de gênero" (LAURETIS, 1987) que definem o papel social das mulheres.

6.1.1 Um Messias

Em um longo fio de 18 postagens (**Imagens 1 a 18**), publicado em 26 de julho de 2022 às 22h55, notamos diferentes características de discurso populista reacionário em diálogo: religiosidade moralizante; nacionalismo; o jogo de cena entre os bons e os maus; críticas à imprensa e defesa de teorias conspiratórias que colocam Jair Bolsonaro como vítima de um grande esquema de perseguição.

Chama atenção o primeiro tuíte da série em que o ex-presidente afirma que "somos um só povo, uma só nação. Entre nós não há essa ou aquela cor; não há esse ou aquele sexo; não há essa ou aquela classe social. Entre nós há brasileiros que temem a Deus [...]" (**Imagem 1**). Para Lago (2022), a ficção bolsonarista busca "reduzir a pluralidade e a imensa diversidade da população brasileira em uma identidade única de povo brasileiro" (p. 62).

No caso dos tuítes aqui analisados há uma convergência entre o discurso religioso⁹⁶ e o militar que cumprem uma função coercitiva (ORLANDI, 1999, p. 75) principalmente se os interpretamos pela perspectiva de gênero (e de outros marcadores, como raça e classe social). Como vimos no **Capítulo 2**, compreender os sujeitos como multifacetados e com diversas subjetividades afasta o "pensamento autoritário" (SAFFIOTI, 1995, p. 9).

Uma vez que gênero é a “forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 2020, p. 67), o que Jair Bolsonaro faz ao negar aos brasileiros outra identidade além de sua nacionalidade e sua religião é atuar ativamente pela manutenção de violências estruturais (GALTUNG, 1981, p. 104) como o *continuum* da violência contra mulheres (FALQUET, 2022, p. 14) e a consistência societal do patriarcado (ARUZZA, 2015, p. 35).

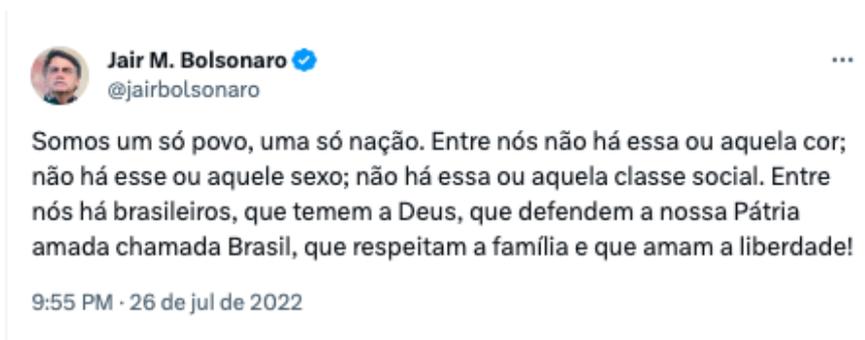


Imagem 1

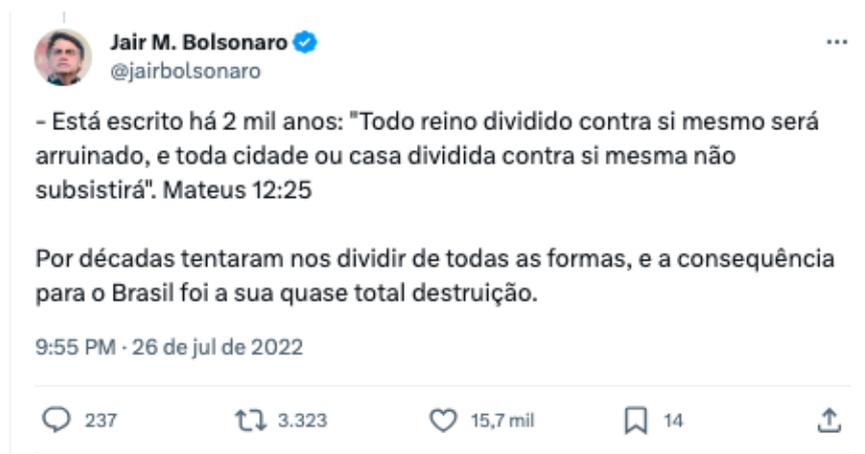


Imagem 2

⁹⁶ Em dois tuítes publicados em 12 de outubro de 2023, o discurso religioso é ancorado não apenas nas palavras de Jair Bolsonaro, mas também em uma série de depoimentos de lideranças religiosas que associam "os maus" ao aborto e à destruição da família. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1580382691572477955> Acesso em: 15 de out. 2023.

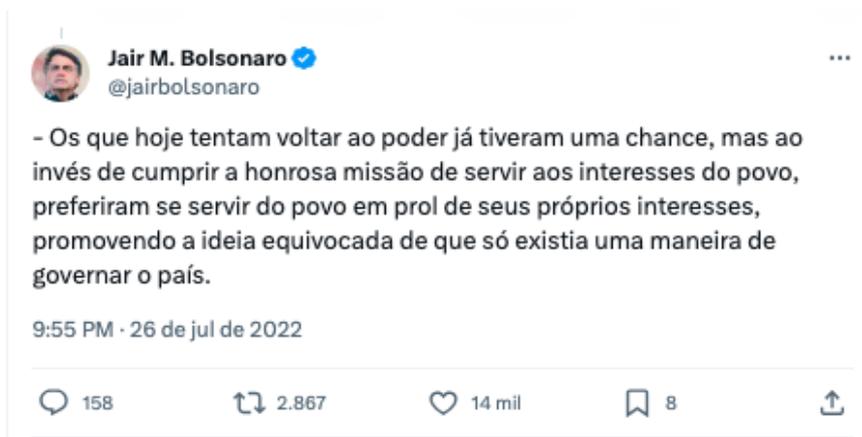


Imagem 3



Imagem 4



Imagem 5



Imagem 6



Imagem 7



Imagem 8



Imagem 9

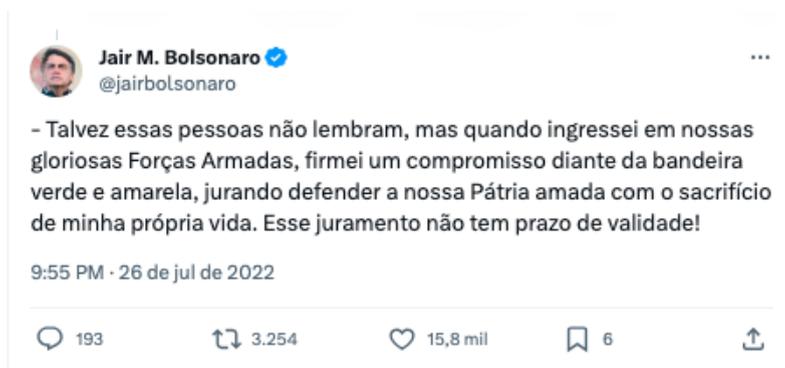


Imagem 10

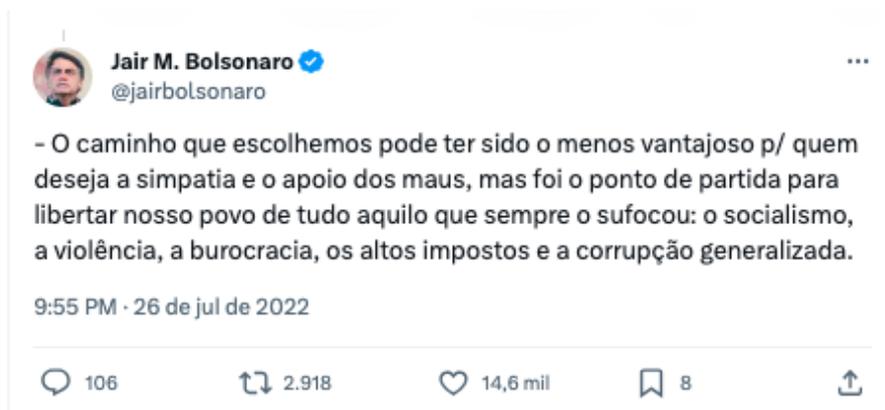


Imagem 11



Imagem 12



Imagem 13

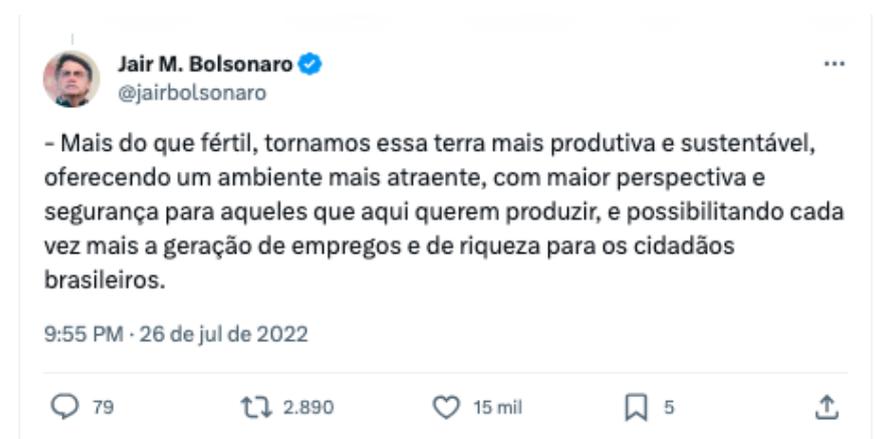


Imagem 14

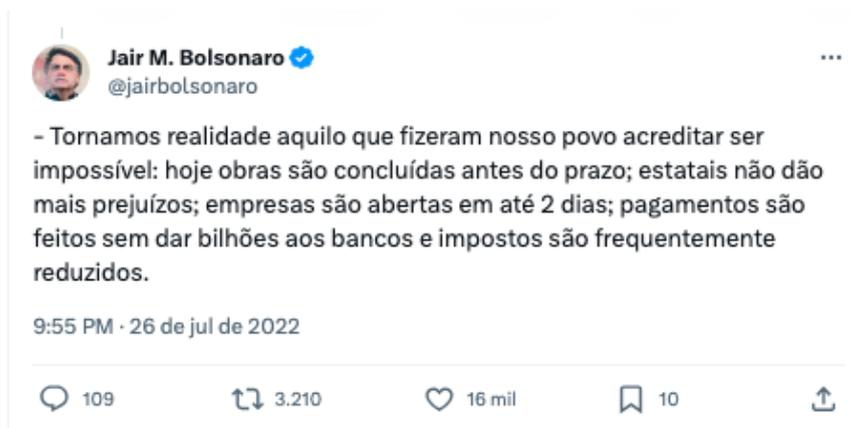


Imagem 15



Imagem 16



Imagem 17



Imagem 18

Imagens 1 a 18 - Tuítes de @jairbolsonaro de 26 de julho de 2022 com diversas características de discurso populista reacionário.

Disponíveis em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1552095192035086336>

Acesso em: 15 de out. 2023.

Em seguida, Jair Bolsonaro cita o versículo bíblico: "todo reino dividido contra si mesmo será arruinado, e toda cidade ou casa dividida contra si mesma não subsistirá" Mateus 12:25 (**Imagem 2**). A citação bíblica evoca um interdiscurso que é compartilhado entre cristãos⁹⁷. Orlandi (2005) explica que as condições de produção de um discurso incluem um contexto imediato e um contexto amplo, onde estão inscritas "história e memória" (p. 30-31). Estas compõem o interdiscurso e a memória discursiva. Ou seja, "o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível" (ORLANDI, 2005, p. 31).

Antes de abordarmos o contexto imediato, vamos nos atentar ao contexto amplo e o

⁹⁷ Aqui estão incluídos tanto aqueles que professam a fé na Igreja Católica quanto os de matriz evangélica. Segundo o IBGE, o número de evangélicos no Brasil cresceu cerca de 61,5% em dez anos quando comparado aos resultados do Censo 2010. Em 2022, 50% dos brasileiros declararam-se católicos e 31% evangélicos.

que a referência bíblica pode sugerir. Discípulo de Jesus Cristo, de acordo com a Bíblia, Mateus foi testemunha ocular de diversos milagres e, por esta razão, em algumas traduções o livro de Mateus é chamado de "Testemunho de São Mateus". O livro dirige-se ao povo judeu uma vez que faz paralelos entre as profecias messiânicas do Velho Testamento e os milagres operados por Jesus (Mateus 4:14; 8:17; 13:35; 21:4). Mateus também refere-se a Jesus Cristo como o "filho de Davi" (Mateus 1:1–3) para demonstrar o direito de Jesus de governar e cumprir com as promessas de Deus ao povo de Israel.

No versículo aqui analisado (Mateus 12:25), Jesus profetiza sobre a destruição de Jerusalém⁹⁸. Pela interdiscursividade, uma pessoa que conheça o livro de Mateus é levada a colocar em paralelo Jesus - que não foi reconhecido em vida como Messias tendo se sacrificado pela humanidade - e Jair Bolsonaro, que tem a palavra "Messias" como seu nome do meio. Os judeus são aqui substituídos pelos brasileiros, "um só povo" (**Imagem 1**) que "por décadas" (**Imagem 2**) foi dividido por um "modelo nefasto" e de "causas obscuras" (**Imagem 5**).

O Messias brasileiro, Jair Bolsonaro, também foi tentado pelos caminhos do mal já que "seria muito mais fácil ceder às muitas pressões [...] em troca de uma falsa paz e de uma bela biografia" (**Imagem 7**) e "seria mais fácil, como outros fizeram, dar para parte da imprensa o que ela sempre quis em troca de afagos e elogios" (**Imagem 8**). Porém, a exemplo de Jesus, Bolsonaro também se sacrificou para "libertar nosso povo" (**Imagem 6**) já que o "compromisso diante da bandeira verde e amarela" de defender a "Pátria amada com o sacrifício da própria vida" não tem "prazo de validade" (**Imagem 10**).

Outro paralelo entre a narrativa de Jair Bolsonaro e o livro de Mateus é relevante. Jesus Cristo afirmou aos fariseus que duvidavam de sua missão: "o homem bom tira boas coisas do bom tesouro do seu coração, e o homem mau do mau tesouro tira coisas más" (Mateus 12:35). Depois de citar a corrupção e os conchavos dos "maus", Bolsonaro também utiliza desta dicotomia e diz "se os maus não desistem de se apossar do país, os bons não podem desistir de lutar para protegê-lo" (**Imagem 17**).

O "contexto imediato" daquela semana de 26 de julho de 2022 também é relevante e a foto na **Imagem 18** nos ajuda a compreender. O Partido Liberal (PL) oficializou a candidatura de Jair Bolsonaro dois dias antes dos tuítes aqui citados, em 24 de

⁹⁸ A ideia de um povo dividido que precisa ser salvo antes de sua destruição surgirá novamente na ocasião do 7 de setembro de 2022. A ideia de uma massa hegemônica está implícita na frase: "As ruas foram tomadas pelas cores de nossa linda bandeira e nosso glorioso hino nacional foi cantado por milhões de homens e mulheres, de todas idades, classes e cores". Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1567644575027658752> E também na reta final das eleições, no dia 23 de outubro de 2023. Naquele momento, Jair citou homens e mulheres, brancos e negros, empregados e patrões, "homos" e héteros, nordestinos e sulistas. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1584367345656827905> Acesso em: 15 de out. 2023.

julho⁹⁹. Na ocasião, cerca de 10 mil pessoas reuniram-se no estádio do Maracanãzinho para ouvir Jair Bolsonaro discursar. É possível encontrar os mesmos paralelos que citamos acima entre Jesus e Bolsonaro, o povo brasileiro e o "Estado de Israel" pelo trecho:

Esse povo recarrega as minhas baterias, e eu ouço deles 3 frases, o "te amo" seria a 4ª. Primeiro: não desista. Sou imbrochável. A outra é: Deus te abençoe. Muito obrigado. Tenho certeza de que Deus está com o Brasil. E a 3ª: estamos orando por vocês. Esse é um país cristão, um país de valores, um país do presente e do futuro, um país que nos orgulha. E eu faço uma comparação sempre com outro país que tem a ver tudo conosco pela sua história, que está na Bíblia Sagrada: o Estado de Israel. Olhem o que Israel não tem: eles não têm nada. Eles não têm recursos minerais, não têm água potável, não têm terras agricultáveis, não têm as nossas belezas naturais. Mas olha o que eles são. Voltem seus olhos para o seu Brasil: nós temos tudo. Temos água potável, reservas minerais, biodiversidade, terras agricultáveis, uma paisagem maravilhosa, um clima fantástico, e olha o que nós não somos. Onde erramos nas nossas escolhas?¹⁰⁰

O pré-candidato Jair Bolsonaro foi repreendido por seus advogados¹⁰¹. No período pré-eleitoral é proibido que pré-candidatos realizem comícios e o evento do PL acirrou o embate entre o ex-presidente e o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) - especialmente com o ministro Alexandre de Moraes¹⁰². "Não desista", dizem os brasileiros. "Sou imbrochável", responde Jair Bolsonaro.

6.1.2 Homem com H¹⁰³

Miguel Lago (2022) defende que o indivíduo do bolsonarismo é pensado "a partir de uma imagem eurocêntrica, branca, masculina e heteronormativa" (p. 50). Em muitos tuítes do corpus encontramos os "símbolos e representações alinhadas a uma linguagem hegemônica masculina" (GUAZINA, LEITE e SANTOS, p. 45, 2021). Desde comentários de conotação sexual até comportamentos de masculinidade tóxica, ou seja, a masculinidade que "se define em termos de violência, proeza sexual, status e agressividade" (MUDDE, 2022, p. 164).

⁹⁹ Mais informações em: <https://www.poder360.com.br/governo/veja-fotos-e-ideos-da-convencao-do-pl-de-bolsonaro-no-rio/> Acesso em: 15 de out. 2023.

¹⁰⁰ Disponível na íntegra em: <https://www.poder360.com.br/eleicoes/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-no-maracanazinho/> Acesso em: 15 de out. 2023.

¹⁰¹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/03/bolsonaro-anuncia-evento-de-pre-candidatura-mesmo-a-pos-alerta-de-crime-eleitoral.shtml> Acesso em: 15 de out. 2023.

¹⁰² Os pormenores da relação conturbada entre Jair Bolsonaro e o ministro Alexandre de Moraes podem ser conferidos em: <https://piaui.folha.uol.com.br/radio-piaui/alexandre/> Acesso em: 15 de out. 2023.

¹⁰³ Nomeamos este tópico em referência à música de mesmo nome, de autoria de Antônio Barros e que ficou famosa na voz de Ney Matogrosso. "Homem com H" é uma sátira com a expressão nordestina "cabra macho" e com os estereótipos de masculinidade. Confira a música aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=Kw-6mm6Uu7c> Acesso em: 15 de out. 2023.

Um episódio marcante ocorreu durante o tradicional evento de 7 de setembro de 2022 e que teve repercussão na imprensa¹⁰⁴ e nas redes sociais¹⁰⁵. Depois de comparar a esposa, Michelle Bolsonaro, com a esposa do então candidato Lula, Janja Lula da Silva, o ex-presidente puxou um coro de vozes e gritou cinco vezes a palavra "imbrochável"¹⁰⁶.

Chama atenção que o discurso hipersexualizado caminhe lado a lado da defesa de valores reacionários. Em uma das últimas publicações que compõem o *corpus*, feita às 19h14 do dia 29 de outubro de 2022, véspera do segundo turno das eleições, o candidato divulgou uma lista com 22 motivos para o leitor/eleitor votar nele. O número 8 é: "Implementar uma Política Nacional de Fortalecimento dos Laços Familiares, um conjunto de medidas e diretrizes que visam incentivar a criação e preservação das famílias"¹⁰⁷.

Por exemplo, em tuíte de 14 de agosto de 2022, Dia dos Pais, o ex-presidente publicou um vídeo caseiro com cenas do seu pai comendo. A semelhança física com Jair Bolsonaro é notável. As imagens são comuns do cotidiano, não há diálogos, apenas sons de ambiente. O texto que acompanha a postagem vale uma análise mais atenta (**Imagem 19**).

¹⁰⁴ Em tuíte de 8 de setembro de 2023, Jair Bolsonaro ironiza a ironia e agradece ao comentário do âncora da CNN, William Waack. O trecho com a fala descontextualizada de Waack tem apenas 21 segundos. O jornalista diz: "O país não precisa se preocupar, se é que muita gente com isso se preocupou com a irrigação sanguínea do pênis de Bolsonaro. Ela está plenamente normal e satisfatória": <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1567729791800836096> Acesso em: 15 de out. 2023.

¹⁰⁵ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/virou-viral/broxonaro-os-memes-que-viralizaram-no-7-de-setembro> Acesso em: 15 de out. 2023.

¹⁰⁶ Essa não foi a única ocasião em que Jair Bolsonaro disse que é imbrochável. Em fevereiro de 2020 ele também afirmou o mesmo para jornalistas. Em maio de 2021, foi além, disse que era "imbrochável, imorrível e incomível". Recomendamos a análise do psicanalista Christian Dunker em entrevista para a BBC Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62795997> Acesso em: 15 de out. 2023.

¹⁰⁷ Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1586481706739154946> Outro exemplo dessa ideiação do pai e da mãe pode ser encontrado em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1569525523185020929> Acesso em: 15 de out. 2023.



Imagem 19: Tuíte de @jairbolsonaro de 14 de agosto de 2022 com interdiscurso religioso.
Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1558988652193218566>
Acesso em: 15 de out. 2023

O versículo bíblico citado aqui (Êxodo 20:12) é o quinto entre os 10 Mandamentos que Deus deu a Moisés. São 10 regras, por assim dizer, para que seja possível seguir o caminho de Deus e ter acesso ao Reino dos Céus. Chama atenção que as duas "regras" seguintes (não matarás e não cometerás adultério) digam respeito à violência e à sexualidade. Há uma mobilidade na interpretação destes dois Mandamentos - assim como vimos na análise de Michel Wieviorka (1997) para quem "a violência não é a mesma de um período a outro" (p. 5), o adultério da Bíblia referia-se à castidade (Mateus 5:28, Hebreus 13:4), à toda "imoralidade sexual" (Coríntios 6:9-10) e, em alguns casos, à renúncia a fé (Números 25:1-3; Jeremias 3:6-10; Ezequiel 16:15-59; Oseias 4).

É possível dizer que tais interpretações do sexto e do sétimo Mandamento não são mais as que Jair Bolsonaro aparenta seguir e, talvez, isso ocorra porque o processo de significação é aberto, mas também é administrado e sujeito "à determinação, à institucionalização, à estabilização e à cristalização" (ORLANDI, 1999, p. 52).

Em termos teóricos, isso significa que trabalhamos continuamente a articulação entre estrutura e acontecimento: nem o exatamente fixado, nem a liberdade do ato. Sujeitos, ao mesmo tempo, à língua e à história, ao

estabilizado, ao irrealizado, os homens e os sentidos fazem seus percursos, mantêm a linha, se detêm junto às margens, ultrapassam limites, transbordam, refluem. (Ibid., p. 53)

Inferimos que o discurso de Jair Bolsonaro "se significa" (*Ibid.*) pela regra e também pela falha, hora em "repetição empírica/efeito papagaio" dos discursos religiosos e reacionários, hora em "repetição formal" e, para os casos que mais o interessam, em "repetição histórica", quando desloca a falha e irrompe o já estabelecido (ORLANDI, 1999, p. 54).

A força do pai como figura que impõe a ordem também reverbera nas maneiras com que Jair Bolsonaro performa o seu gênero de Homem. Como vimos no **Capítulo 2**, nós constantemente "fazemos o gênero em determinadas temporalidades sociais" (HOLLANDA, 2019, p. 12) e os corpos só se tornam inteligíveis "no âmbito da cultura e da linguagem" (LOURO, 1997, p. 209). Além do mais, os atos performativos de gênero são conformados em uma estrutura hegemônica predeterminada (BUTLER, 1998).

Jair Bolsonaro "vive obcecado pelo propósito de executar uma ação destrutiva, violenta e robusta" (STARLING, 2022, p. 78). Em tuíte de 26 de agosto de 2022 (**Imagem 20**), o ex-presidente publicou o trecho de uma entrevista com Rodrigo Constantino na Jovem Pan em que dá pistas sobre como desenvolveu a sua performance de gênero.



Descrição do vídeo:

O vídeo tem a duração de 1 minuto e 21 segundos e começa com a pergunta de Rodrigo Constantino (RC). O jornalista é um declarado apoiador de Jair Bolsonaro (JB) e está vestido com a camisa verde e a amarela, símbolo das manifestações patrióticas.

RC: "Tem uma certa aversão à sua candidatura por questões muito mais estéticas. Não gostaram da sua postura ou de alguns comentários que tiraram de contexto".

Corte de edição seco.

RC: "Então, o senhor acha que poderia ter sido um comunicador melhor?"

JB: "Eu não sou comunicador. Eu sou um cara meio tosco, pô! Eu não vou negar pra você isso aí. Não dá pra mudar".

RC, interrompendo e sorrindo: "Somos todos".

JB: "Eu lembro do meu pai, por exemplo. Meu pai católico. Minha mãe católica. A molecada

botou umas mesas assim em casa junto com os vizinhos. Igual esse aqui. Daí começamos a andar de quatro, imitando o carro. Meu pai chegou e, o braço forte e a mão pesada, *plaff!* Porradão. 'Aí é onde se come o pão e se vela o corpo. Respeito com a mesa'. É esse o tipo de educação que eu tive e eu não acho que ele estava errado não. Dez certo".

Corte de edição seco.

JB: "Eu passei em um concurso para a Academia Militar Agulhas Negras. Cheguei em 74 lá e na primeira aula de geometria descritiva, o professor botou uma linha assim com dois traços embaixo [*desenha uma linha imaginária com a mão*]. 'É uma linha de terra'. Que *porra* é essa? Eu não sabia descritiva. Eu pedi uma autorização, o capitão lá quebrou meu galho, eu cheguei em casa: 'Pai, eu não vou para a academia. Eu vou ficar estudando mais aqui mesmo porque eu vou ser reprovado em descritiva'. Ele olhou pra minha cara: 'Cometão amanhã no Petropen, lá perto de Registro, vai voltar e vai passar de ano'. Acabou o papo. Voltei e fui um dos melhores alunos de descritiva na Academia Militar dos Agulhas Negras. É uma educação diferente. Não adianta você ensinar seu filho a ser um covardão".

Imagem 20: Tuíte de 26 de agosto de 2022 em que ele cita exemplos de como era sua relação com o pai. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1563328742423793665>
Acesso em: 15 de out. 2023.

A performance de gênero de Jair Bolsonaro está, portanto, descrita por ele mesmo como: um homem tosco, que utiliza da violência como forma de disciplina, que respeita a religião, a hierarquia e que rejeita a possibilidade de ser um covarde ou, nas palavras dele, "um covardão". Essas características foram reforçadas por imagens que remetem a força e a virilidade (**Imagem 21**), como um Jair Bolsonaro musculoso e que anda com fisiculturistas (**Imagem 22**), que faz motocicletas (**Imagem 23**), que monta em cavalos tal qual um *cowboy* moderno (**Imagem 24**) - em referência à fantasia mítica dos reacionários norte-americanos (CASSIMIRO e LYNCH, 2022, p. 74) - e que se autointitula, como vimos, um "imbrochável".



Imagem 21



Imagem 22



Imagem 23



Imagem 24

Imagens 21 a 24: Exemplos de tuítes que reforçam a performatividade de gênero de Jair Bolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1560589356548636672>,

<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1560289705987641344>,
<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1563304345768054785>,
<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1563367721416683527>

Acesso em: 15 de out. 2023.

Pensando o controle da linguagem como poder (FOUCAULT, 2014, p. 10) e a esfera simbólica como local principal para o exercício da violência cultural (GALTUNG, 1990, p. 291), é interessante notar que Jair Bolsonaro "se significa" como "Homem" seguindo os parâmetros de seu pai e também atua ativamente para a desqualificação de pessoas LGBTQIAPN+ e de mulheres.

Um exemplo é o fio de Twitter publicado ainda na pré-campanha, em 2 de agosto de 2023 (**Imagens 25 a 27**), em que critica o uso da linguagem neutra, entre aspas, pelo Governo argentino. O contexto argentino importa para esta análise já que o debate sobre a "linguagem neutra" tornou-se um palco privilegiado para a guerra cultural da metapolítica olavista (CASSIMIRO e LYNCH, 2022, p. 77) na América Latina¹⁰⁸ e em alguns países europeus.

No dia 22 de julho de 2022, a cidade de Buenos Aires, capital do país, proibiu os professores e as professoras de usarem palavras de gênero neutro durante as aulas afirmando que isto viola as regras do espanhol¹⁰⁹. Poucos dias depois, em 28 de julho de 2022, o Ministério de Obras Públicas da Argentina publicou uma Resolução no Diário Oficial informando que passaria a usar oficialmente a linguagem e a comunicação não sexista nos documentos, registros e atos administrativos¹¹⁰. É sobre isso que Jair Bolsonaro comentou nos tuítes a seguir.

¹⁰⁸ Menine, meninx ou menin@: os países onde linguagem neutra enfrenta resistência. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-62025281>. Acesso em: 15 de out. 2023.

¹⁰⁹ Saiba mais acessando: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/07/buenos-aires-proibe-linguagem-de-genero-neutro-em-e-scolas-e-abre-batalha-com-ativistas.shtml> Acesso em: 15 de out. 2023.

¹¹⁰ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/08/03/bolsonaro-ironiza-uso-de-linguagem-neutra-na-argentina-agora-ha-pobreze.htm> Acesso em: 15 de out. 2023.

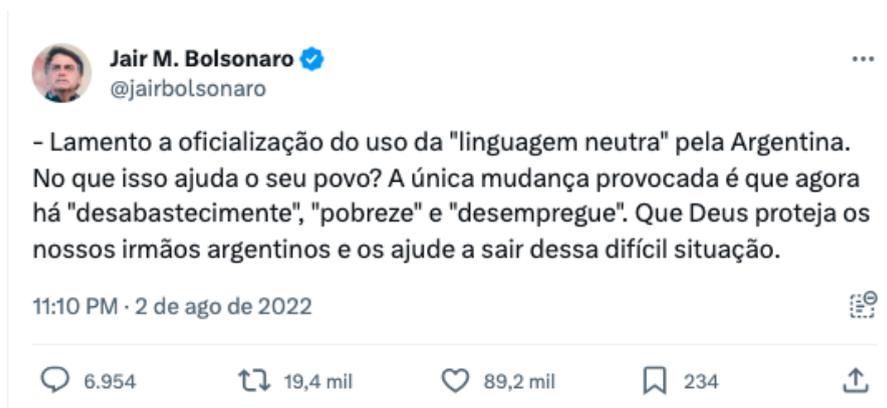


Imagem 25



Imagem 26

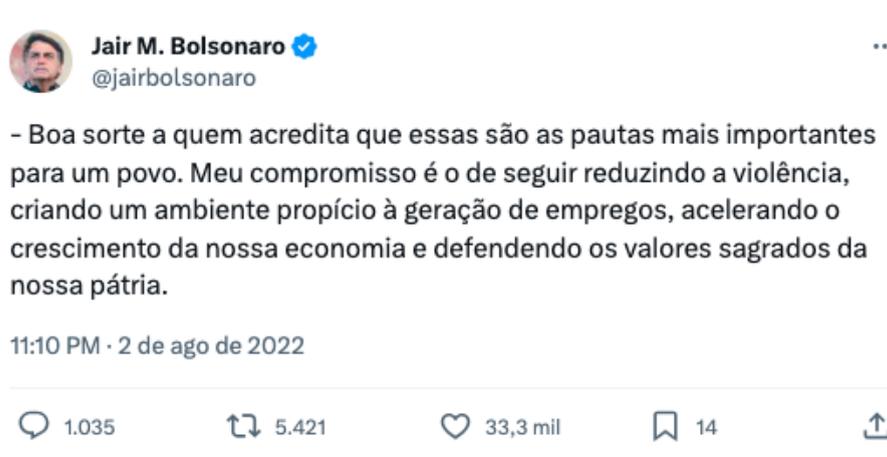


Imagem 27

Imagens 25 a 27: Tuites sobre linguagem neutra que reforçam performatividade masculinista.
Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1554650786260475906>
Acesso em: 15 de out. 2023.

O ex-presidente inicia o texto já utilizando de discurso desinformativo. Ele afirma que a Argentina oficializou o uso da linguagem neutra - e não que trata-se de uma Resolução de um único Ministério. Em seguida, utilizou novamente do artifício da ironia com objetivo de ridicularização (MAINGUENEAU, 1997, p. 100) ao utilizar o gênero neutro para palavras como "desabastecimento", "pobreze" e "desempregue". O enunciado evoca a Deus para que Ele proteja os "irmãos argentinos" (**Imagem 25**) e afirma, categoricamente, que o uso de linguagem neutra representa a destruição dos "símbolos nacionais", da "cultura" e das "tradições" (**Imagem 26**).

Não vamos nos alongar neste tema por não ser o objetivo deste trabalho, mas cabe o comentário de que, para a AD francesa, a linguagem é movimento e "os sistemas de poder têm por objetivo a normatização" (MACHADO e MORAES, 2019, p. 108). O discurso exerce a disciplina e hierarquiza segundo as oposições de "proibido/permitido, adequado/inadequado, conveniente/inconveniente" (*Ibid.*).

Entendemos, portanto, que a defesa da convenção da língua em nome da "tradição" busca a conformação de grupos minorizados - como mulheres e pessoas LGBTQIAPN+ - justamente por sentirem que a ordem estabelecida está sob ameaça (BIROLI, MACHADO e VAGGIONE, 2020, p. 24).

Como vimos no **Capítulo 5**, ao contrário do que Jair Bolsonaro afirma no tuíte (**Imagem 27**), a economia do país não estava em crescimento e, tão pouco, a violência estava em redução. Em 2021, por exemplo, "o contingente de pessoas com renda domiciliar per capita de até R\$ 497 mensais atingiu 62,9 milhões de brasileiros" (NERI, 2022, p. 7), recolocando o Brasil no Mapa da Fome mundial. Além disso, todos os tipos de violência contra a mulher aumentaram em 2022, segundo o relatório anual do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (BUENO *et al*, 2023).

Não entraremos no debate de cada um dos elementos de discurso desinformativo, que falseia ou ignora parte da verdade, porque este não é o ponto de interesse da análise, mas acreditamos que o tema renderia no futuro um artigo.

6.1.3. Ventres da Nação

Além do componente religioso e da performatividade de gênero de Jair Bolsonaro, um terceiro traço da FD "Guardião da Moral" está relacionado diretamente à forma como Jair Bolsonaro refere-se às mulheres.

Segundo Cass Mudde (2022), políticos populistas de extrema direita têm em comum a percepção de que, "mais do que qualquer coisa, a mulher é o 'ventre da nação'" (MUDDE, 2022, p. 163). Por isso, eles buscam uma "ordem sexual e familiar" (BIROLI, MACHADO e VAGGIONE, 2020, p. 24) que é "exclusivamente

heterossexual" (*Ibid.*, p. 25) para que o ato sexual seja realizado apenas para fins reprodutivos.

Como vimos no **Capítulo 2**, segundo Joan Scott (2019, p. 56), as teóricas que se debruçaram sobre a explicação da noção de patriarcado utilizavam os “meios de reprodução da espécie” como explicação para a “necessidade” que os homens sentem de subordinar mulheres. Percebemos que o discurso de Jair Bolsonaro opera para o fortalecimento de um sistema patriarcal (ARUZZA, 2015, p. 39) em que o aborto está sempre relacionado com outros temas que referem-se à outros sistemas que produzem desigualdades¹¹¹.

Por exemplo, em fio de Twitter publicado na véspera do primeiro turno, às 00h04 do dia 2 de outubro de 2022 (**Imagens 28 a 30**), Jair Bolsonaro diz que, aqueles que escolherem o “seu caminho” escolherão “a defesa da liberdade e da propriedade privada, o direito à legítima defesa, o combate às drogas e à violência, à proteção da vida desde a concepção”, entre outros.

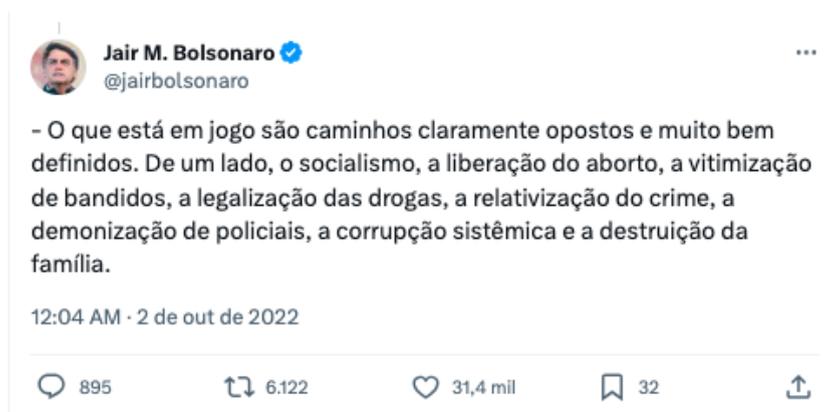


Imagem 28

¹¹¹ Há muitos exemplos que sustentam essa afirmação. No primeiro dia de campanha, 16 de agosto de 2022, o ex-presidente utilizou do mesmo artifício. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1559550052477042689>. No dia seguinte, 17 de agosto de 2022, Jair Bolsonaro afirmou que o aborto e as drogas são "as pautas mais íntimas" do Partido dos Trabalhadores. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1559550052477042689>. No segundo turno, o termo "aborto" é utilizado de forma associada a outros temas reacionários em tuítes publicados nos dias 6, 7, 12, 16, 19, 21, 24 e na véspera do segundo turno, dia 29 de outubro de 2022. Acesso em: 13 de out. 2023.

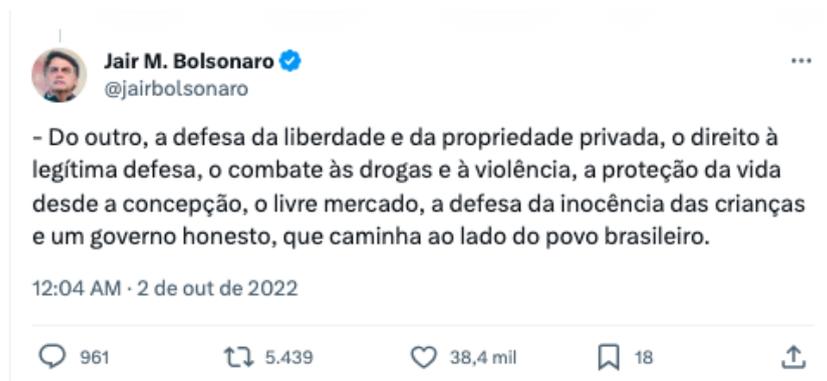


Imagem 29



Imagem 30

Imagens 28 a 30: Tuítes sobre “caminhos opostos” em que Jair Bolsonaro posiciona-se como a favor de sistemas que reproduzem desigualdades. Publicado em 2 out. 2022. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1576407738149933061> Acesso em: 15 de out. 2023.

Notamos na prática a "política do silêncio" (ORLANDI, 2018, p. 29) pelo silêncio constitutivo, "que nos indica que para dizer é preciso não dizer" (*Ibid.* p. 24). Em outras palavras, o não-dito pelo ex-presidente é que ele apoia a concentração de renda e de bens e que é contra a reforma agrária. Mas, para não dizer isso, ele diz que apoia a "defesa da propriedade privada". Ele apoia o armamento de civis - que cresceu 7x¹¹² durante os quatro anos de seu mandato -, mas chama isso de "legítima defesa". Ele apoia a política de guerra às drogas - que tira a vida de jovens negros nas periferias brasileiras¹¹³ - e apoia a criminalização de mulheres que

112

Disponível

em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/01/22/numero-de-brasileiros-com-autorizacao-para-ter-arma-aumenta-7-vezes-durante-mandato-de-bolsonaro.ghtml> Acesso em: 20 de out. 2023.

¹¹³ Para saber mais sobre este tema, recomendamos a leitura de CIRILLO, SERRA e SOUZA, "Guerra às drogas no Brasil contemporâneo: proibicionismo, punitivismo e militarização da segurança", publicado na Revista Teoria e Cultura, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFJF v. 15 n. 2 Julho. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/29332/21543> Acesso em: 12 de jan. 2023.

buscam seus direitos reprodutivos até mesmo em casos de estupro - mas chama isso de proteção da vida desde a concepção¹¹⁴.

Cabe notar que os temas de valores reacionários, em que o aborto figura como o mais recorrente, cresceram sobremaneira na comparação entre os três períodos - pré-eleitoral, primeiro turno e segundo turno. Quanto mais se aproximava o dia derradeiro do segundo turno, dia 30 de outubro de 2022, mais Jair Bolsonaro recorria à FD “Guardião da Moral”.

Assim, para finalizar a análise da FD Guardiã da Moral, analisaremos agora algumas ocorrências em que o ex-presidente utiliza o aborto como um chafariz para jorrar outras pautas reacionárias. Na **Imagem 31**, que foi publicada ainda na pré-campanha, em 4 de agosto de 2022, podemos notar um tuíte com diversas características de discurso populista reacionário, como Religiosidade, Nacionalismo e oposição entre Nós *versus* Eles. Porém, chama atenção como é atribuído ao Partido dos Trabalhadores todas as pautas reacionárias que vimos nas **Imagens 28 a 30** e, além disso, o ex-presidente finaliza o enunciado dizendo que o PT defende “diálogos cabulosos”.



Imagem 31: Tuíte com o uso de paráfrase. Publicado em 4 ago. 2022.
Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1555376931058622464>
Acesso em: 19 de out. 2023.

O objetivo é retomar a memória discursiva do seu público leitor/eleitor, (re)suscitando tudo o que já se disse sobre aborto, sobre criminalidade (drogas, desencarceramento, ladrões de celular) e sobre ditaduras para que estes temas signifiquem juntos.

¹¹⁴ Está em discussão no Congresso Nacional um Projeto de Lei que ficou conhecido como Estatuto do Nascituro. Ele reconhece direitos fundamentais e de personalidade ao nascituro, entendendo-o como um "ser humano não nascido". Desta forma, o Estatuto cria uma prevalência do embrião sobre a mulher. Ao pé da letra, isso significa que mesmo em caso de feto natimorto ou em caso de anomalia que inviabilize a vida extrauterina, a mulher será obrigada a levar a gestação até o fim. É sobre esta memória discursiva que Bolsonaro suscita ao afirmar que é a favor da vida desde a concepção: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2270201>
Acesso em: 20 de out. 2023.

Neste enunciado, Jair Bolsonaro faz um uso de intertexto, a relação de um texto com outros textos (ORLANDI, 2005, p. 34), e de paráfrase, que é "o retorno aos mesmos espaços do dizer" (p. 36). Assim como as **Imagens 28 a 30**, notamos "diferentes formulações do mesmo dizer" (p. 36). Em resumo, o então candidato Lula, o Partido dos Trabalhadores e a esquerda representam um risco para as famílias e as crianças¹¹⁵.

Porém, a paráfrase utilizada ao citar "diálogos cabulosos" aponta para outras regularidades do discurso que promovem violência cultural contra jornalistas através da instrumentalização do gênero jornalístico, estratégia que analisaremos a seguir.

6.2. Captura e desintermediação

Enquanto as pautas reacionárias ativam a memória discursiva de um público mais amplo, a citação aos "diálogos cabulosos" só poderá ser realmente compreendida por pessoas que já estivessem informadas sobre o assunto que foi tema de reportagens em 2019 e que foi (re)utilizado por Jair Bolsonaro em tuíte do dia 19 de julho de 2022 (**Imagens 32 e 33**) - ou seja, as diversas comunidades discursivas que compõem o bolsonarismo e o anti-petismo.

¹¹⁵ Notamos que a defesa das crianças, das famílias e da vida desde a concepção são centrais para a agenda bolsonarista. Por esta razão, o episódio envolvendo o ex-presidente e as meninas venezuelanas obrigou a equipe de Jair Bolsonaro a construir contranarrativas para dar sustento a sua figura de Guardiã da Moral. Entender o quão impactante este tema foi para campanha bolsonarista demandaria uma outra pesquisa, mas o fato do assunto ter sido abordado no Twitter já denota a preocupação da equipe de campanha. Saiba mais sobre o tema em: <https://bbc.in/3XCoGQJ> Acesso em: 12 de jan. 2023. Confira exemplo de contranarrativa em que Jair Bolsonaro utiliza da FD Paladino da Verdade, afirmando que ele estaria "reestabelecendo a verdade": <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1581651114734542849> Acesso em: 19 de out. 2023.



Imagem 32



Imagem 33

Imagens 32 e 33: Tuítes com discurso desinformativo de 19 de julho de 2022. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1549377781418655747> Acesso em: 19 de out. 2023.

Consideramos este um tuíte com característica de discurso populista reacionário desinformativo¹¹⁶, cuja regularidade discursiva está na FD Imprensa Capturada. A

¹¹⁶ Isso porque o tema foi desacreditado pelo promotor de Justiça do Grupo de Atuação Especial de Combate ao Crime Organizado do Ministério Público de São Paulo, Lincoln Gakiya. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/08/09/nao-ha-indicativo-de-negociacao-do-governo-pt-com-o-pcc-afirma-promotor.htm> Acesso em: 19 de out. 2023.

associação entre PT e PCC¹¹⁷ fazia parte de um contexto imediato maior. Houve um movimento articulado entre personalidades e deputados ou deputadas bolsonaristas após decisão do ministro e presidente do TSE, Alexandre de Moraes, que determinou a remoção de postagens de Jair Bolsonaro que faziam falsa associação entre o partido de Lula e a facção criminosa. A decisão do TSE é de 18 de julho de 2022¹¹⁸. Já a publicação de Jair Bolsonaro foi feita no dia seguinte em um flagrante movimento de insubordinação às regras eleitorais.

Interessa à esta pesquisa notar a instrumentalização que Jair Bolsonaro faz do gênero jornalístico para adaptação aos seus interesses, associada aos conhecimentos das *affordances* da Plataforma do Twitter, quando cita PT e PCC de forma cifrada. Uma das hipóteses levantadas neste trabalho é o fato da conta @jairbolsonaro compreender e administrar os conteúdos publicados com flagrante consciência das *affordances* da plataforma do Twitter.

O conceito de *affordances*, sem tradução para o português, está diretamente relacionado à arquitetura de cada Plataforma de rede social, mas soma-se a isso a importante percepção da agência que os usuários possuem ao tomar determinadas decisões quanto ao uso prático de cada Plataforma. Ou seja,

ainda que a relação entre as empresas e os seus públicos finais seja fundamentalmente assimétrica, deve-se reconhecer que é a partir dos usos e ações cotidianas que os jogos de poder são estabelecidos. [...] Artefatos tecnológicos como as plataformas emergem nos tensionamentos entre práticas e materialidades, que se constituem mutuamente (D'ANDREA, 2020, p. 47).

Em outras palavras, as *affordances* se constituem na relação entre o usuário e o uso que ele faz da Plataforma - que pode ter sido planejado previamente pelos desenvolvedores ou não. No caso aqui analisado, o ex-presidente ironizou PT e PCC¹¹⁹ sem que seja possível encontrar o tuíte em questão (Imagens 32 e 33) nem por ferramenta de busca nativa do Twitter e nem por meio de instrumentos de

¹¹⁷ Estas postagens (Imagens 49 e 50), ao contrário de outras em que o ex-presidente associa PT e PCC, não receberam decisão do TSE para que fossem apagadas. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/08/20/ministra-do-tse-nega-remocao-de-postagens-que-relacionam-pt-ao-pcc.htm> Acesso em: 19 de out. 2023.

¹¹⁸ Saiba mais sobre o tema em: https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/bolsonaro-e-apoiadores-postam-sobre-pt-e-pcc-apos-moraes-proibir-associacao-sem-provas_b00ae7409fa6d038c2534560863bcf8akw4ssowu.html Acesso em: 19 de out. 2023.

¹¹⁹ Em outro tuíte onde também é possível notar o conhecimento das *affordances* do Twitter, Jair Bolsonaro utiliza caracteres especiais para falar sobre o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Primeiro Comando da Capital (PCC). Inferimos que o tuíte foi publicado por alguém que sabe que, ao utilizar caracteres especiais, não seria possível capturar o conteúdo em uma ferramenta de IA como a utilizada neste trabalho, a **KnewIn Social**. Plataformas de monitoramento digital rastreiam postagens tanto pelo perfil - como nós fizemos - quanto por "ocorrências", como pode ser feito com as siglas PT e PCC. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1549791459636813824> Acesso em: 19 de out. 2023.

monitoramento digital - como o **KnewIn Social**, utilizado para a captura neste trabalho.

É a dimensão discursiva que nos permite compreender a instrumentalização do gênero jornalístico, uma vez que os trechos ou *prints* utilizados pelo ex-presidente advêm de "rotinas comunicativas institucionalizadas e instauradoras de estruturas de poder" (MACHADO e MORAES, 2019, p. 170).

Em outras palavras, compõe o gênero jornalístico, dentre outras particularidades, um modo discursivo particular cujos efeitos de sentido são, pretensamente, ancorados "em fatos da vida cotidiana, por meio de investigações, testemunhos e reconstituições" (*Ibid.*, p. 173). Jair Bolsonaro reconhece, por exemplo, a força de uma manchete, componente central para a apresentação do que é mais relevante em uma notícia. Por isso que ora ele utiliza manchetes para reforçar seu ponto de vista, ora para criar desavenças com a imprensa¹²⁰ e, em outros momentos, falsifica jornais reais produzindo manchetes irônicas.

Em 18 de julho de 2022, Jair Bolsonaro publicou um *foto* às 10:01. Ele foi apagado e republicado cinco minutos depois com o mesmo conteúdo, às 10:06 (**Imagens 34 e 35**). São cinco postagens atacando a quarentena, chamada por Jair Bolsonaro de "fecha tudo irracional" e, por esta razão, foram classificados como discurso populista reacionário com características anti-imprensa, anti-ciência e conteúdo desinformativo.

¹²⁰ Outro exemplo é o tuíte publicado em 5 de outubro de 2022, já no segundo turno da campanha. O ex-presidente utiliza o print de uma notícia do UOL para contrapor a outra notícia do mesmo canal. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1577855873455644672> Acesso em: 19 de out. 2023.



Imagem 34



Imagem 35

Imagens 34 e 35: Tuítes em que Jair Bolsonaro captura o gênero jornalístico para questionar o próprio jornalismo, publicado em 18 de julho de 2022.

Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1549017772021190657>

Acesso em: 19 de out. 2023.

Chama atenção que o primeiro tuíte, aquele que inicia o raciocínio do ex-presidente, faz oposição frontal à imprensa valendo-se de um retuíte do **Jornal Folha de São Paulo** que informa sobre a "'2ª pandemia' na saúde mental". A notícia da Folha é de 17 de julho de 2022¹²¹. Jair Bolsonaro associa ao tuíte da Folha um *print* com manchete de notícia de 30 de março de 2020¹²², do **UOL**, que diz "Sem dados, Bolsonaro diz que isolamento pode levar a suicídios e depressão".

Ao utilizar do gênero jornalístico para contrapor este mesmo gênero, Jair Bolsonaro demonstra a sua capacidade discursiva de "reciclar e modificar acontecimentos à

121

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2022/07/brasil-vive-2a-pandemia-na-saude-mental-com-multidao-de-deprimidos-e-ansiosos.shtml> Acesso em: 19 de out. 2023.

122

Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/30/sem-dados-bolsonaro-diz-que-isolamento-pode-levar-a-suicidios-e-depressao.htm> Acesso em: 19 de out. 2023.

vontade, dando-lhes novo formato e sentido de conclusão” (STARLING, 2022, p. 73). Nas palavras dele (**Imagem 35**), "o fecha tudo irracional" é o responsável pela "pandemia de suicídios e depressão" (FOLHA, 2022, online) e que foi apoiado "pela esquerda" e pela imprensa brasileira, "velha aliada".

O uso apenas da manchete da notícia da **Folha de SP** ignora informações da reportagem sobre as razões para o crescimento dos casos de suicídio que segue tendência de toda a América Latina e que diz respeito a temas que são de responsabilidade do Estado brasileiro, como a ineficiência de planos de prevenção e o aumento da violência.

O total de óbitos no país por lesões autoprovocadas dobrou de cerca de 7.000 para 14 mil nos últimos 20 anos, segundo o Datasus, sem considerar a subnotificação. Isso equivale a mais de um óbito por hora, superando as mortes em acidentes de moto ou por HIV. A curva vai na contramão do resto do mundo, mas segue a tendência da América Latina, de acordo com a OMS (Organização Mundial de Saúde), que atribui a piora à pobreza, à desigualdade, à exposição a situações de violência e à ineficiência de planos de prevenção (FOLHA, 2022, online).

As informações da reportagem da **Folha de SP**, na verdade, contrariam a narrativa do ex-presidente, uma vez que afirma que o isolamento pela Covid-19 não influenciou de forma significativa na tendência de aumento dos casos de suicídio. Porém, Jair Bolsonaro sabe que poucos farão a conferência de tais informações e lerão a reportagem na íntegra - principalmente porque a **Folha de SP** possui um *paywall poroso*¹²³ que exige ao leitor que pague por uma assinatura do jornal para a leitura ilimitada de conteúdos do site.

Em outra tentativa de desacreditar a **Folha de SP** utilizando um *print* com notícia do próprio jornal (**Imagem 36**) de 15 de junho de 2022¹²⁴ Jair Bolsonaro reforçou a mensagem de que a imprensa e a esquerda servem aos mesmos objetivos, porque são "eles" - que se diferenciam de "nós" que somos "contra o aborto".

¹²³ "Paywall" é um modelo de financiamento do jornalismo pós-industrial que "trata de criar diferentes tipos de bloqueio do conteúdo - do menos ao mais restritivo" (CAPOANO *et al*, 2022, p. 36). Já o modelo de "paywall poroso", o mais utilizado por jornais brasileiros, "permite o consumo de um número restrito de notícias grátis. Quando atingido o número limite, o portal trava o acesso às notícias gratuitamente e convida o leitor a escolher um plano de pagamento" (*Ibid.*).

¹²⁴

Disponível

em:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/06/entenda-por-que-lula-e-inocente-sem-ter-sido-inocentado.shtml> Acesso em: 19 de out. 2023.



Imagem 36: Tuíte em que Jair Bolsonaro captura a imprensa para descredibilizá-la, publicado na véspera do segundo turno, em 29 de outubro de 2022.

Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1586314469323448320>

Acesso em: 19 de out. 2023.

Mais uma vez, Jair Bolsonaro demonstra que conhece as *affordances* do Twitter e o fato de que, comumente, as pessoas não confirmam as informações de uma manchete. A reportagem em questão explica que Lula é inocente porque

não há nenhuma sentença válida atualmente contra o ex-presidente. Ele chegou a ser condenado pelo então juiz Sergio Moro e por tribunais superiores na Operação Lava Jato, mas os processos foram anulados pelo STF por duas razões técnicas: Moro agiu com parcialidade para punir o líder petista, e as causas deveriam ter tramitado no Distrito Federal, não no Paraná (FOLHA, 2022, online).

Ao omitir o contexto, Jair Bolsonaro protege o ex-juiz e atual senador pelo Paraná,

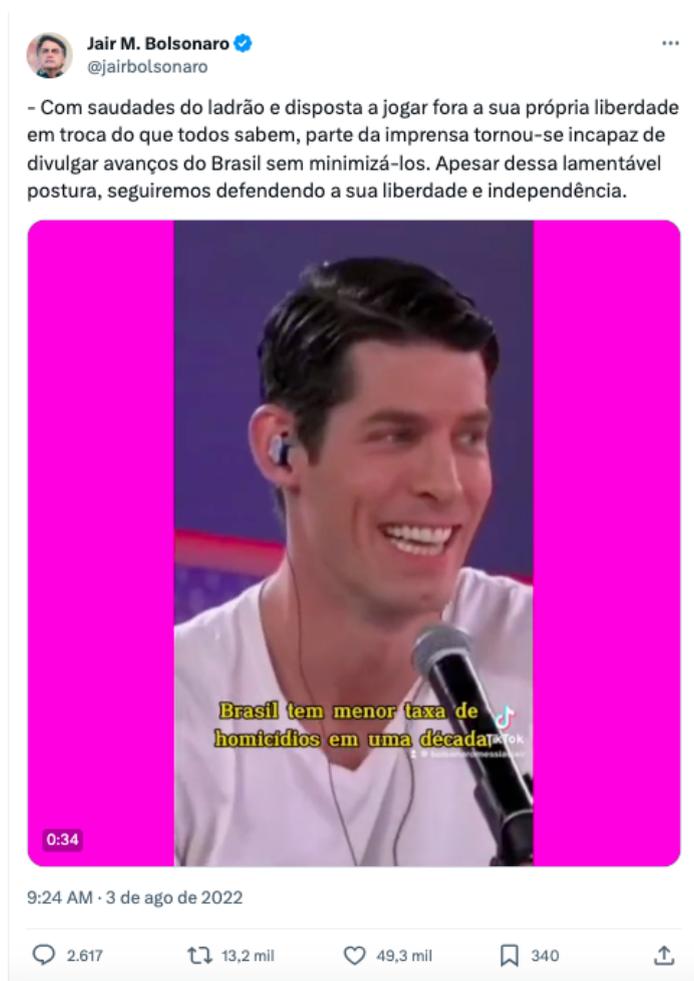
Sérgio Moro¹²⁵, seu aliado na ocasião. Mas mais importante, mantém em suspeição o Jornal **Folha de SP** sem ter que necessariamente incorrer em acusações explícitas.

Isso implica em um não dizer, mas significar (ORLANDI, 2018, p. 42) que o citado jornal não tem tratado de maneira adequada o tema da inocência do então candidato Luiz Inácio Lula da Silva. "O silêncio recorta o dizer" (*Ibid.*, p. 53) e, pela política do silenciamento, o sentido é sempre produzido de um lugar e da posição do sujeito que, ao dizer algo, está necessariamente não dizendo outra coisa. Para Eni Orlandi, essa é a dimensão política do silêncio.

Além disso, com o objetivo de controlar a circulação do tema, Jair Bolsonaro publicou o *print* (captura da imagem do tuíte) do tuíte da **Folha de SP**, tornando-o um conteúdo original da conta @jairbolsonaro (**Imagem 36**). Duas interpretações são possíveis: a primeira é que a escolha pelo *print* foi intencional para evitar que a conta de @jairbolsonaro desse ainda mais visibilidade para o link da reportagem da **Folha de SP** e a segunda é que o *print* foi capturado para garantir que o tuíte do jornal ficasse registrado ainda que ele pudesse apagá-lo depois. Ambas as hipóteses denotam o conhecimento das *affordances* da Plataforma aqui analisada.

Outras duas estratégias de descredibilização através da FD Imprensa Capturada: o uso de trechos de canais ou jornalistas parceiros (**Imagem 37**) e o falseamento de notícias, reproduzindo manchetes que nunca foram publicadas (**Imagem 39**).

¹²⁵ Acusado de parcialidade, Sérgio Moro foi o principal responsável pela prisão de Luiz Inácio Lula da Silva que o impediu de concorrer às eleições de 2018, ocasião em que Jair Bolsonaro venceu o petista Fernando Haddad. No poder, o ex-presidente nomeou Moro como ministro da Justiça, mas a parceria foi rompida por Sérgio Moro em abril de 2020 quando este deixou o Governo Bolsonaro acusando o mandatário de intervenções na Polícia Federal. Em 2022, ocasião dos tuítes analisados neste trabalho, Sérgio Moro e Jair Bolsonaro retomaram alianças. Saiba mais em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63153126> Acesso em: 19 de out. 2023.



Descrição do vídeo:

O vídeo tem a duração de 34 segundos. O apresentador principal da Rádio Jovem Pan, Emílio Surita (ES), lê em tom jocoso algumas frases que, na legenda do vídeo, são atribuídas a outros canais de imprensa. Reproduziremos abaixo o que foi dito e os emojis que acompanham a narração do jornalista.

O trecho também é acompanhado de uma trilha sonora que remete às cenas de "pegadinhas" ou outros quadros humorísticos comuns na TV aberta brasileira. Não está claro se a música foi utilizada originalmente no programa ou se foi adicionada posteriormente por aquele ou aquela que editou o vídeo. O símbolo de perfil do TikTok dá a entender que a publicação foi feita por uma conta de um fã.

ES: "As manchetes (G1 - GLOBO): Brasil melhora acesso à escola, MAS 😞 ainda precisa superar desigualdade, aponta OCDE¹²⁶. Desemprego recua para 9,3% em junho, MAS 😞 número de informais é recorde, aponta IBGE¹²⁷".

Enquadramento de câmera muda, mostrando em plano aberto o apresentador e outros participantes que riem. Depois, câmera enquadra diferentes participantes, um deles olha para o celular ignorando o que Surita continua afirmando. Os outros parecem entretidos, sorrindo.

ES: "Itaú eleva PIB para 2% em 2022, MAS 😞 alerta para desafio fiscal relevante¹²⁸. Emprego surpreende em maio, MAS 😞

126

Disponível

em:

<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/06/30/brasil-melhora-acesso-a-escola-mas-ainda-precisa-superar-desigualdade-aponta-ocde.ghtml> Acesso em: 19 de out. 2023.

127

Disponível

em:

<https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/07/29/desemprego-recua-para-93percent-em-junho-diz-ibge.ghtml> Acesso em: 19 de out. 2023.

128

Disponível

em:

<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2022/07/08/ita-eleva-pib-para-2-pontos-percentuais-em-2022-ma-s-alerta-para-desafio-fiscal-relevante.ghtml> Acesso em: 19 de out. 2023.

dúvidas persistem¹²⁹."

Enquadramento foca em outro convidado, que sorri largamente. Outros dois seguem sem prestar atenção, impassíveis, olhando para o celular.

ES: "Brasil tem menor taxa de homicídios em uma década, MAS 😞👉 está entre os 10 países mais violentos do mundo¹³⁰. Brasil volta ao 6o lugar em investimentos no mundo, MAS 😊 retomada é parcial¹³¹. Brasileiro consegue mais emprego com carteira assinada, MAS 😞 está ganhando 9% menos¹³². A economia parece melhorar MAS e o ano que vem¹³³? 😊"

O rapaz de branco (não identificado), na imagem ao lado, responde:

NI: "Essa é boa [risos], joga sempre pro hipotético".

Surita retoma:

ES: "PIB cresce, MAS 🤔 não melhora perspectivas para Bolsonaro¹³⁴. Brasil melhora em ranking de inovação, MAS não por

129

Disponível

em:

<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2022/06/29/emprego-surpreende-em-maio-mas-duvidas-persiste-m.html> Acesso em: 19 de out. 2023.

¹³⁰ Notícia não encontrada com a manchete lida por Emílio Surita. A mais próxima é a matéria da CNN que credita o texto ao Estadão. No Estadão, entretanto, não encontramos o texto original. Na CNN, a manchete informa "Brasil tem menor taxa de homicídios em dez anos, diz anuário". A informação lida como pertencente à manchete, "está entre os 10 países mais violentos do mundo", é uma afirmação do diretor-presidente do Fórum Brasileiro de Segurança Pública que é citada apenas no sexto parágrafo da reportagem. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil-tem-menor-taxa-de-homicidios-em-dez-anos-diz-anuario/> Acesso em: 19 de out. 2023.

131

Disponível

em:

<https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2022/06/09/brasil-volta-ao-6-lugar-em-investimentos-no-mundo-mas-retomada-e-parcial.htm> Acesso em: 19 de out. 2023.

132

Disponível

em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2022/06/5018710-brasil-gera-mais-vagas-de-emprego-formais-mas-salarios-estao-menores.html> Acesso em: 19 de out. 2023.

133

Disponível

em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/a-economia-parece-melhorar-mas-e-o-ano-que-vem/> Acesso em: 19 de out. 2023.

134

Disponível

em:

<https://veja.abril.com.br/coluna/clarissa-oliveira/pib-cresce-mas-nao-alivia-perspectivas-para-bolsonaro> Acesso em: 19 de out. 2023.

mérito próprio¹³⁵. 😊"

Imagem 37: Tuíte em que ele utiliza trecho da Rádio Jovem Pan para desacreditar outros canais de imprensa. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1554805448758419459>
Acesso em: 19 de out. 2023.

É interessante notar que quase todas as manchetes são verdadeiras - ou parcialmente verdadeiras, como a que cita a diminuição na quantidade de homicídios registrados no país. Isso indica que a crítica bolsonarista à imprensa não é totalmente infundada, mas não podemos ignorar que os jornais que são a fonte das manchetes citadas por Emílio Surita também são, em sua maioria, os que Jair Bolsonaro considera como "inimigos" e que eram citados pelo ex-presidente nos episódios registrados pela FENAJ como "descredibilização da imprensa" (2023, p. 49-60 - listados no **Capítulo 3**).

Os registros da FENAJ (*Ibid.*) vão além dos enunciados no Twitter, trazendo também casos registrados em discursos públicos e entrevistas. Nesses, o ex-presidente critica ou cita de forma pejorativa o Jornal ou outros canais do Grupo Folha (12), a Rede Globo ou canais afiliados ao Sistema Globo (10), o Estado de SP (2), a Revista Veja (1) e a CNN (1). No trecho descrito na **Imagem 37**, Emílio Surita faz a leitura de manchetes que referem-se à notícias do Grupo Globo (4), CNN (2), Folha/UOL (1), Revista Veja (1), Correio Braziliense (1) e o Estado de SP (1).

Por outro lado, Jair Bolsonaro nunca escondeu quais eram os canais que considerava "amigos". Em entrevista ao **Flow Podcast**¹³⁶, em 8 de agosto de 2022, o ex-presidente declarou:

Se eu puder falar aqui... **A Jovem Pan, por exemplo. Tem 'Os Pingos Nos Is'. A Jovem Pan**¹³⁷ **como um todo. Tem matérias também que entram na Record, no SBT.** Agora, naquela grande imprensa não existe boa notícia. **Quando tem uma boa notícia, tem uma vírgula, uma conjunção adversativa 'mas' depois.** (...) Se eu fosse esperar a imprensa tradicional **mostrar a verdade**, eu estava morto. (BOLSONARO, 2022, online - grifo nosso).

A entrevista no **Flow Podcast** em que Jair Bolsonaro cita "a conjunção adversativa 'mas' foi concedida cinco dias depois do tuíte publicado na conta @jairbolsonaro em que Emílio Surita faz a leitura de manchetes que utilizam essa conjunção. Além disso, a explícita afirmação de que "a Jovem Pan como um todo" é um canal confiável parece refletida também em tuíte de 26 de agosto de 2022, ocasião em

¹³⁵

Disponível

em:

<https://www.estadao.com.br/economia/brasil-melhora-em-ranking-de-inovacao-mas-nao-por-merito-prprio/> Acesso em: 19 de out. 2023.

¹³⁶ Disponível na íntegra: <https://www.youtube.com/watch?v=EToS1HBw64Q> Acesso 20 out. 2023.

¹³⁷ Para saber mais sobre a relação de Jair Bolsonaro com a Jovem Pan, acesse: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/como-a-jovem-pan-virou-a-voz-do-bolsonarismo.shtml>
Acesso em: 19 de out. 2023.

que o então candidato à reeleição concedeu entrevista ao Programa Pânico¹³⁸.



Imagem 38: Tuíte sobre entrevista concedida ao programa Pânico na Jovem Pan.

Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1563303611945615360>

Acesso em: 19 de out. 2023.

Na foto é possível notar um Jair Bolsonaro sorridente, com os pés apoiados na bancada de forma relaxada. A equipe do Programa Pânico, ao fundo, sorri para a câmera, incluindo Emílio Surita e Rodrigo Constantino. A **Imagem 38** também reforça a performatividade de gênero do ex-presidente, cuja postura descortês serve

¹³⁸ Cabe notar que trecho desta mesma entrevista foi analisado anteriormente quando tratamos da performatividade de gênero de Jair Bolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1563328742423793665> Acesso em: 19 de out. 2023.

ao propósito de chamar a atenção dos eleitores e da mídia¹³⁹ (GUAZINA, LEITE e SANTOS, 2021, p. 45).

Já sobre a estratégia de falseamento do gênero jornalístico, podemos notar que a **Imagem 39** emula uma manchete do Portal G1 que pertence ao Grupo Globo. A notícia, entretanto, nunca foi veiculada.



Imagem 39: Tuite em que Jair Bolsonaro captura a imprensa falseando uma manchete do G1. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1560801455199625218>
Acesso em 19 de out. 2023.

¹³⁹ Podemos dizer que essa estratégia funciona. Afinal, tanto o uso do discurso anti-gênero garantiu espaço de mídia para Bolsonaro durante os quase 30 anos em que ocupou o cargo de deputado federal (GUAZINA, LEITE e SANTOS, 2021, p. 45), como após sua eleição como presidente, as suas postagens no *Twitter* que mais reverberam na imprensa são justamente as que tratam de conflitos, ataques ou mensagens preconceituosas (MITOZO, 2020).

Utilizando do gênero jornalístico, Jair Bolsonaro ironiza o Grupo Globo ao publicar uma manchete que beira o absurdo¹⁴⁰. O não-dito é que, de tanto a "grande imprensa" utilizar "a conjunção adversativa 'mas' para negar potenciais notícias positivas sobre Jair Bolsonaro ou sobre seu governo, até uma recomendação de beber mais água seria relatada como "fatal" se fosse feita pelo ex-presidente.

Em paralelo à FD Imprensa Capturada, notamos outra regularidade discursiva que nomeamos como Desintermediação. São enunciados em que o ex-presidente indica um outro canal ou outra fonte de informações confiáveis, normalmente aquelas de jornalistas ou canais "parceiros", ou territórios digitais onde o controle é mais difícil, como Telegram¹⁴¹. Assim, ele busca "enquadrar seus próprios discursos, sem ser apenas uma fonte para veículos de comunicação" (MITOZO, p. 162, 2020).

Na pré-campanha, o Twitter de Jair Bolsonaro operacionalizou a FD Desintermediação seis vezes¹⁴², em quatro delas ele sugere que os leitores/eleitores acessem ao canal no Telegram, em uma delas o canal no GETTR e, em outra, que ouçam as palavras do então ministro da Economia (**Imagem 40**), Paulo Guedes, para que "prestem atenção nos fatos" ao invés das "narrativas"¹⁴³.

¹⁴⁰ Em outro *filio* de tuíte de 9 de agosto de 2022, o ex-presidente utiliza um retuíte de notícia original do UOL cuja manchete é "O que é deflação? Entenda porque a queda dos preços pode ser preocupante", e propõe outras manchetes para o jornalismo brasileiro: "Entenda por que apreensões recordes de drogas e bens do crime organizado preocupa... traficantes". Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1557043209334816770> Já no dia 19 de agosto de 2022, Jair Bolsonaro publicou um *print* de notícia cuja manchete diz: "Com imposto zerado por Bolsonaro, Whey Protein pode trazer riscos à saúde". No texto do tuíte ele afirma que "se zerarmos os homicídios [...] parte da mídia reclamará do prejuízo causado à Associação dos Assassinos e Matadores de Aluguel". Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1560705408389578752> Acesso em: 20 de out. 2023.

¹⁴¹ Para se aprofundar no tema, recomendamos a leitura da dissertação de BRAINER, Adriano C. *A esfera pública digital e o papel do Telegram na construção de novas tribos morais*. 2023. Dissertação (Comunicação Social) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2023. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/2283> Acesso em: 20 de out. 2023.

¹⁴² Disponíveis em: <https://twitter.com/#!/jairbolsonaro/status/1548328240837644289>, <https://twitter.com/#!/jairbolsonaro/status/1549698992228941825>, <https://twitter.com/#!/jairbolsonaro/status/1551872328161759233>, <https://twitter.com/#!/jairbolsonaro/status/1553514506361397248>, <https://twitter.com/#!/jairbolsonaro/status/1555132582651731968>, <https://twitter.com/#!/jairbolsonaro/status/1556090146633781249>. Acesso em: 19 de out. 2023.

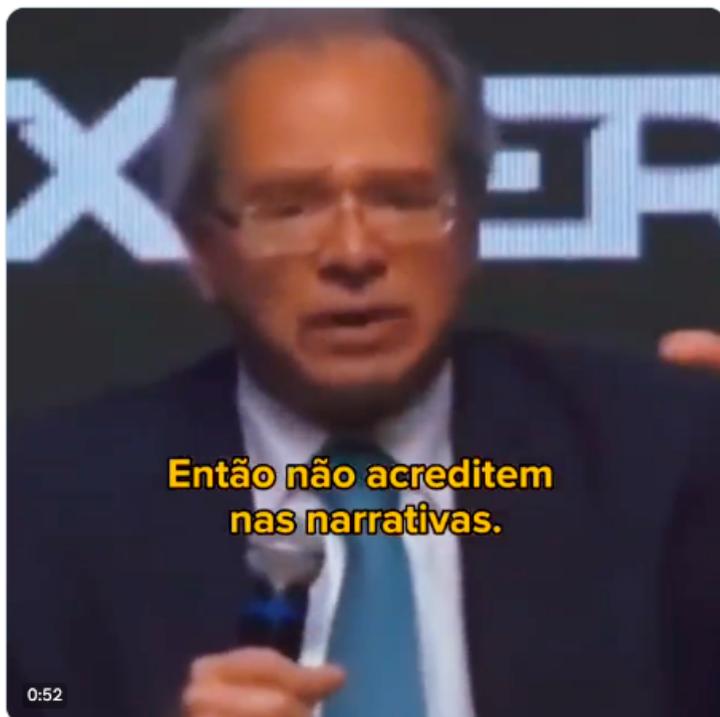
¹⁴³ Em tuíte de 1 de setembro de 2022, o ex-presidente utiliza novamente dessa fórmula "contra fatos não há argumentos" e critica o uso de "mas" pela imprensa. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1565444821434728448> Acesso em: 19 de out. 2023.



Jair M. Bolsonaro ✓

@jairbolsonaro

- Ministro Paulo Guedes: Não prestem atenção em narrativas, prestem atenção nos fatos!



7:04 AM · 4 de ago de 2022

2.706

14,2 mil

50,8 mil

320



Descrição do vídeo:

O vídeo tem a duração de 52 segundos e é um corte com enquadramento fechado no rosto de Paulo Guedes (PG), sem movimentos de câmera.

PG: "Passaram o ano passado inteiro dizendo: 'populismo fiscal'. Chegou no fim do ano, o primeiro superávit desde 2013. Cadê o 'populismo fiscal'? Onde é que tá o populismo fiscal de um Governo que pela 1a vez desde 2013 gera um superávit? Então, não acreditem nas narrativas. Olhem para os fatos. É o barulho da política que está infernal. Porque a democracia brasileira é vibrante. É polarizada no momento. Nós vamos superar isso um dia"

Corte seco na edição

PG: "Não prestem atenção nas narrativas. Preste atenção nos fatos. Crescimento econômico subindo. Inflação descendo. Desemprego descendo. Investimentos aumentando. Esses são os fatos."

Corte seco na edição

PG: "Então, graças a nossa administração, as estatais que davam um prejuízo de R\$ 40 bilhões por ano, passaram a dar um lucro de R\$ 188 bilhões por ano, são R\$ 288 bilhões a mais. Então, se você tem esses recursos vão pegar as partes dos dividendos que são nossos, do Governo, e vamos transferir para os mais pobres. Então, tá orçado. Quer dizer: o superávit do Governo será mantido. Nós tivemos superávit no ano passado, vamos ter um superávit de novo esse ano então tá tudo dentro da

responsabilidade fiscal".

Imagem 40: Tuíte de @jairbolsonaro de 4 de agosto de 2022 em que ele mobiliza as FDs Desintermediação e Paladino da Verdade.

Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1555132582651731968>

Acesso em: 19 de out. 2023.

É notável o alinhamento discursivo entre as manchetes que foram lidas por Emílio Surita no vídeo publicado no Twitter de Jair Bolsonaro em 3 de agosto de 2022, a fala de Paulo Guedes no dia 4 de agosto e a afirmação do ex-presidente ao Flow Podcast no dia 8 de agosto em que critica o uso que a imprensa faz da "conjunção adversativa 'mas'". A Desintermediação aqui aponta o efeito de sentido que a única fonte que a população deve dar ouvidos sobre a situação econômica do Brasil é ele, o ministro da Economia.

Outros nove enunciados de Desintermediação foram registrados durante o primeiro turno eleitoral, cinco deles indicando conversão para o canal do Telegram, três para canais de mídia alinhadas ao ex-presidente (SBT, Jovem Pan e Flow Podcast), e um dando destaque a um trecho de sabatina de Tarcísio de Freitas¹⁴⁴, ex-ministro de Jair Bolsonaro que foi eleito Governador de São Paulo. No segundo turno essa estratégia vai perdendo força. Notamos apenas um caso de Desintermediação que converte para o Telegram e um vídeo, novamente com Tarcísio de Freitas, "restabelecendo a verdade"¹⁴⁵.

6.3 Paladino da Verdade

Similarmente ao que fez no tuíte da **Imagem 40**, as estratégias discursivas de Jair Bolsonaro constantemente deixam o rastro de uma cena (MAINGUENEAU, 2002, p. 85) em que a "vontade da verdade" (FOUCAULT, 2014, p. 19) tem protagonismo. Como vimos no **Capítulo 5**, a cena de enunciação é fruto de um contexto e um processo (MAINGUENEAU, 2000, p. 21). No caso de Jair Bolsonaro, a cena de enunciação é, constantemente, construída a partir de uma cenografia que joga para o segundo plano o quadro cênico de discurso político/eleitoral e o gênero discursivo de publicação em rede social com objetivos eleitorais para que seus leitores-eleitores praticamente esqueçam do contexto de eleições e que pensem no candidato como um herói.

¹⁴⁴ Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1562628800172916736> Acesso em: 19 de out. 2023.

¹⁴⁵ Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1579772129720967168> Acesso em: 19 de out. 2023.

A primeira postagem que o ex-presidente fez depois de realizado o primeiro turno em que o opositor, Lula, teve 6.187.159 milhões de votos a mais¹⁴⁶ é reveladora nesse sentido (**Imagens 41 a 46**).

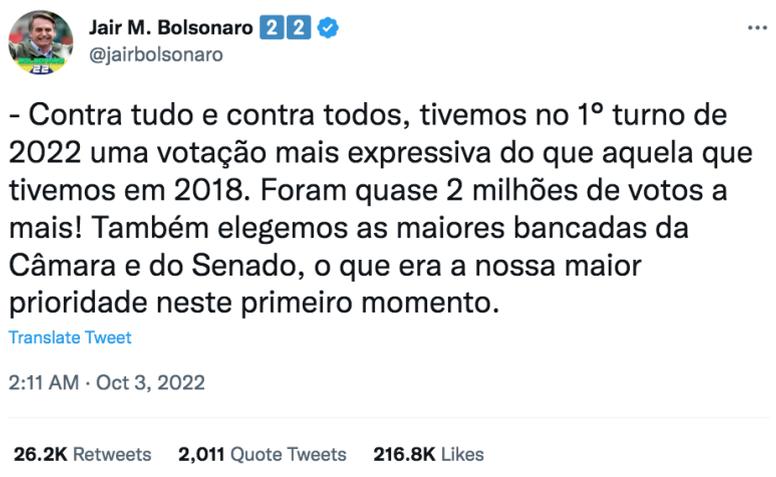


Imagem 41

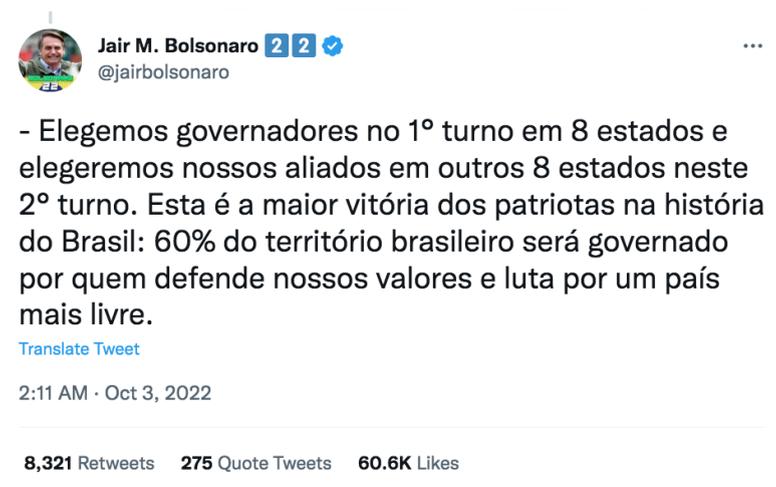


Imagem 42

¹⁴⁶ Para checagem de dados oficiais sobre o processo democrático de 2022, recomendamos o site do Tribunal Superior Eleitoral (TSE): <<http://bit.ly/3ZZvA48>>. Acesso em: 12 de jan. 2023.



Jair M. Bolsonaro 2 2 ✓
@jaibolsonaro

...

- Muita gente se deixou levar pelas mentiras propagadas pelos institutos de pesquisas, que saíram do 1º turno completamente desmoralizados. Erraram todas as previsões e já são os maiores derrotados desta eleição. Vencemos essa mentira e agora vamos vencer a eleição!

[Translate Tweet](#)

2:11 AM · Oct 3, 2022

8,158 Retweets 246 Quote Tweets 63.8K Likes

Imagem 43



Jair M. Bolsonaro 2 2 ✓
@jaibolsonaro

...

- Esta disputa não decidirá apenas quem assumirá um cargo nos próximos quatro anos. Esta disputa decidirá nossa identidade, nossos valores e a forma como seremos vistos pelo mundo e pelo próprio Deus. Lutemos pela liberdade, pela honestidade, por nossos filhos e pelo Brasil.

[Translate Tweet](#)

2:11 AM · Oct 3, 2022

8,205 Retweets 346 Quote Tweets 59.9K Likes

Imagem 44



Jair M. Bolsonaro 2 2 ✓
@jaibolsonaro

...

- Sabemos do tamanho da nossa responsabilidade e dos desafios que vamos enfrentar. Mas sabemos aonde queremos chegar e como chegaremos lá. Pela graça de Deus, nunca perdi uma eleição e sei que não será agora, quando a liberdade do Brasil inteiro depende de nós, que iremos perder.

[Translate Tweet](#)

2:11 AM · Oct 3, 2022

11K Retweets 332 Quote Tweets 93.1K Likes

Imagem 45



Imagem 46

Imagens 41 a 46: Tuítes de 3 de outubro de 2022 com cenografia da imprensa no papel de vilã.
Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1576802087693824000>
Acesso em: 20 de out. 2023.

Cada uma dessas publicações é marcada por características de discurso populista reacionário como Nacionalismo, Religiosidade Moralizante, Anti-Imprensa, Anti-Ciência e a binaridade de Nós *versus* Eles.

Logo no início (**Imagem 41**) Jair Bolsonaro afirma que "contra tudo e contra todos" ele e os seus conseguiram eleger a maior bancada na Câmara de Deputados e no Senado Federal. Podemos notar o artifício da vontade de verdade em operação. Ainda que tenha saído do primeiro turno em desvantagem, neste enunciado a cenografia é de um herói que não perdeu a guerra, apenas uma batalha - e cujo exército está mais forte do que nunca. "Esta é a maior vitória dos patriotas na história do Brasil", já que "60% do território brasileiro será governado por quem defende nossos valores", esbravejou no segundo tuíte do *filio* (**Imagem 42**).

Mas, o tuíte que mais dá pistas aos nossos objetivos é o da **Imagem 43**, quando Jair Bolsonaro expõe tanto uma crítica quanto um desejo: que a imprensa, que comumente utiliza como manchete os resultados de pesquisas eleitorais, seja "desmoralizada" e "derrotada". "Vencemos essa mentira", complementa - referenciando-se à imprensa. O jogo entre o que é mentira e o que é verdade é mantido em todos os períodos analisados - pré-eleitoral, primeiro e segundo turno.

Em 20 de agosto de 2022, o ex-presidente publicou um vídeo em que, segundo ele, Tarcísio de Freitas estaria "destruindo narrativas"¹⁴⁷. Em 30 de setembro de 2022, trecho do Debate realizado pela própria Rede Globo foi publicado no Twitter com texto que diz: "A globo não vai te mostra (sic) por livre e espontânea vontade, mas teve que deixar revelarmos!"¹⁴⁸. Em 18 de outubro de 2022, acompanhando um vídeo com trecho do debate na Band, o texto informa que serão apresentadas as "verdades sobre o petrolão"¹⁴⁹. Em 29 de outubro de 2022, trecho do Debate na Globo é descontextualizado e Jair Bolsonaro diz que pode "restabelecer a verdade dos fatos" para derrotar o "terrorismo eleitoral do PT". Além disso, o ex-presidente chama o adversário de "pai da mentira"¹⁵⁰.

Há críticas contra a imprensa também de forma explícita, principalmente contra a Rede Globo. Em 25 de agosto de 2022, por exemplo, ocasião em que Luiz Inácio Lula da Silva foi entrevistado na bancada do Jornal Nacional, o ex-presidente Jair Bolsonaro publicou um fio de Twitter com quatro postagens e é interessante notar que, enquanto ataca a emissora, também diz defender a liberdade **(Imagens 47 a 50)**.

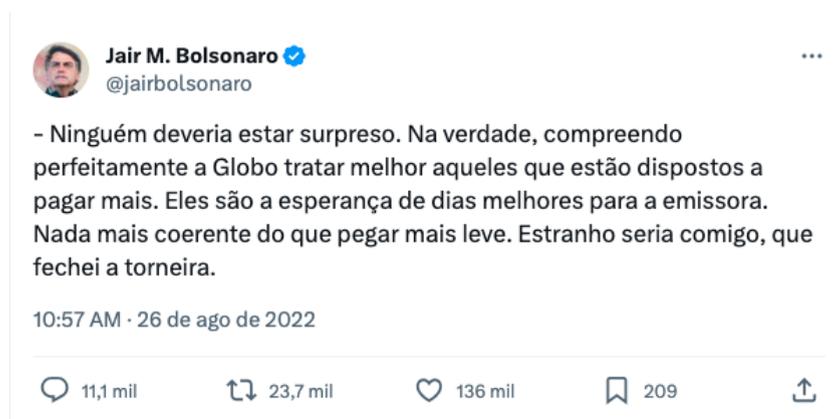


Imagem 47

¹⁴⁷ Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1561009135646392320> Acesso em: 20 de out. 2023.

¹⁴⁸ Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1576013860347138048> Acesso em: 20 de out. 2023.

¹⁴⁹ Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1582465847159058433> Acesso em: 20 de out. 2023.

¹⁵⁰ Cabe reforçar que "o pai da mentira" para a Bíblia é o Diabo (João 8:44). Então, neste enunciado, além de ser equiparado a um terrorista, Luiz Inácio Lula da Silva também é chamado de Diabo. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1586200156047028224> Acesso em: 20 de out. 2023.



Imagem 48

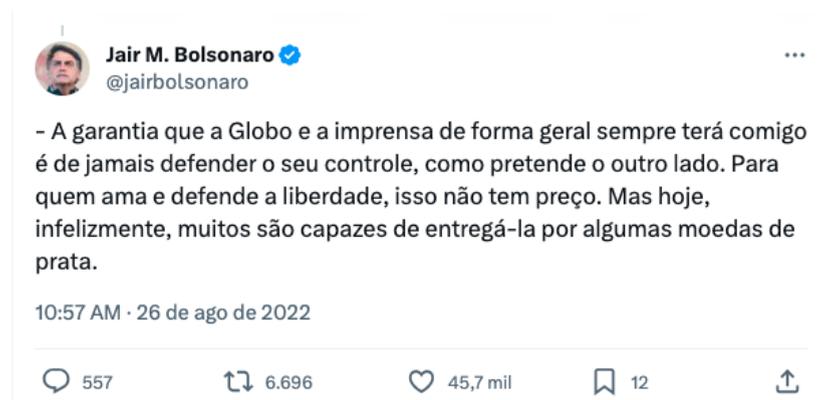


Imagem 49



Imagem 50

Imagens 47 a 50: Tuítes de @jairbolsonaro de 26 de agosto de 2022 em que ele critica a Rede Globo, enquanto afirma que defende a liberdade de imprensa.

Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1563163850727251968>

Acesso em: 20 de out. 2023.

Similarmente ao que é feito nos tuítes analisados com a FD Guardiã da Moral, aqui a Rede Globo também é implicada com as pautas reacionárias que o ex-presidente geralmente utiliza para criticar o PT e Lula, com um adendo. Segundo a lógica de

Jair Bolsonaro, ao associar-se e atuar como "linha auxiliar do PT"¹⁵¹, a Globo e a imprensa estariam também abrindo mão de sua própria liberdade¹⁵².

A defesa da liberdade de imprensa serve aos propósitos de Jair Bolsonaro e ativa a memória discursiva do leitor-eleitor que, depois de anos recebendo informações contrárias à regulação da mídia, inclusive pela própria Rede Globo, encara o debate - comum ao campo ideológico da esquerda - com olhos desconfiados.

Entretanto, falar sobre o assunto da maneira que Jair Bolsonaro fez, esvazia o debate que não é ideológico, mas de ordem de segurança profissional. O Código de Ética do Jornalista (CEJ) foi elaborado pela própria categoria em um exercício de auto-regulamentação. Ou seja, ele tem valor moral mas não tem valor jurídico e é isso que está em jogo. Ele atesta que "a divulgação da informação precisa e correta é dever dos meios de comunicação e deve ser cumprida independentemente da linha política de seus proprietários e/ou diretores ou da natureza econômica de suas empresas" (CEJ, art. 2º, I)¹⁵³. Na prática, porém, esta não é uma resolução pactuada com empresas e grupos patronais e é neste sentido que instituições de defesa da liberdade de imprensa e de expressão, tais como FENAJ, advogam por uma regulação que dê segurança aos jornalistas sobre o cumprimento do Código de Ética.

A discussão sobre censura e regulação da mídia reflete a ausência, na Constituição Federal¹⁵⁴, de termos específicos acerca do jornalista e que garantam a eles as liberdades civis e profissionais.

¹⁵¹ Boa parte das publicações de Jair Bolsonaro sobre os atos de 7 de setembro de 2022 foram apagadas, como vimos, por decisão judicial. Uma ocorrência que não foi deletada é a de um vídeo com diversas cenas de crianças e famílias vestidas de verde e amarelo nos desfiles da ocasião e, no áudio, ouvimos a chamada do Jornal Nacional com William Bonner e Renata Vasconcellos relatando como os eventos do dia promoviam discursos antidemocráticos. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1568678055710806017> Acesso em: 20 de out. 2023.

¹⁵² Em longo *filio* de Twitter, publicado às 20h34 do dia 4 de outubro e com 13 publicações no total, Jair Bolsonaro apresenta exemplos do que é "o caminho do Lula" e o "caminho do Bolsonaro". No décimo *tuíte*, o ex-presidente afirma que, com sua eleição, o Brasil terá a "garantia de que, *apesar de críticas*, a mídia jamais será controlada pelo governo". Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1577442046322802689> Esta ideia é utilizada mais uma vez no dia anterior ao segundo turno, em 29 de outubro às 19h14, no maior *filio* de Twitter analisado no *corpus*, composto por 21 *postagens*. O candidato apresentou 22 tópicos de porque deveria ser reeleito e, no número 21, afirmou que não iria "controlar e nem interferir na imprensa". Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1586481694294835200> Acesso em: 20 de out. 2023.

¹⁵³ FENAJ. Código de Ética dos Jornalistas. Disponível em: <https://fenaj.org.br/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros/> Acesso em: 29 de nov. 2023.

¹⁵⁴ A Constituição Federal trata da liberdade de expressão e manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato (art. 5.º, IV, CF) - o que refere-se tanto à liberdade de pensamento, como à liberdade de informação jornalística e liberdade artística, por exemplo. É assim assegurada a plena liberdade de informação jornalística em qualquer veículo de comunicação social (art. 220, §1º, CF/88) e é vedada a censura de natureza política, ideológica ou artística (art. 220, §2º, CF/88). Entretanto, não diz respeito especificamente aos profissionais jornalistas e não prevê liberdades e direitos.

Já a justificativa, repetida algumas vezes¹⁵⁵ no *corpus*, de que Jair Bolsonaro teria "fechado a torneira" é outra forma de falsear a verdade. Segundo Nélia del Bianco e Sonia Moreira (2022), desde que assumiu o governo, Bolsonaro alterou os critérios de distribuição de publicidade governamental, desvinculando-os dos números de audiência (p. 9). De acordo com dados do Tribunal de Contas da União (TCU), a TV Globo, maior grupo do setor audiovisual, teve o seu *share* de publicidade governamental reduzido de 48,5% em 2017 para 16% em 2019. Enquanto isso, duas redes de TV passaram pelo processo inverso. Os investimentos publicitários na TV Record, da igreja neopentecostal Universal do Reino de Deus, subiram de 26,7% em 2017 para 42,6% em 2019. Já para o SBT avançou de 24,8% em 2017 para 41% em 2019.

Ainda sobre a defesa da liberdade, Jair Bolsonaro publicou um vídeo em 21 de outubro de 2022 em que defende que o povo brasileiro seja aquele responsável por regular a imprensa e que este povo estaria apto para reconhecer o "jornalismo de qualidade" e fazer a "mentira perder espaço" (**Imagem 51**).

¹⁵⁵ Em tuíte de 30 de setembro de 2022, Jair afirma que "é compreensível a Rede Globo torcer e trabalhar pela volta do Ladrão. Comigo, gastos com publicidade nesses veículos, que chegavam a bilhões, caíram drasticamente! A preocupação não é com democracia, é com \$\$\$". Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1576021661039534080> Acesso em: 20 de out. 2023.



Descrição do vídeo:

O vídeo tem a duração de 34 segundos e é um corte com enquadramento fechado no rosto de Jair Bolsonaro (JB), sem movimentos de câmera e sem nenhum tipo de corte.

JB: "Não tem que inventar *fake news*, quem seria o sensor das *fake news*? Meu Deus do céu. Eu acho que quem vai dizer se a [Revista] Veja continua ou não de pé, é a qualidade da matéria de vocês. Se vocês, por exemplo, começam a publicar certas coisas que não são verdadeiras, a própria população deixa a Veja de lado. Eu entendo que o melhor controle da mídia, é deixar a mídia livre. E a população, hoje em dia, com as informações que tem com a liberdade das mídias sociais, é que façam esse controle de vocês **não assinando e não comprando esse tipo de produto**".

Imagem 51: Tuíte de 21 de outubro de 2022 em que ele encena o papel de Paladino da Verdade. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1583645320801505280>
Acesso em: 19 de out 2023.

Michel Foucault (2020) afirma que os discursos "dão lugar a certas organizações de conceitos, a certos reagrupamentos de objetos, a certos tipos de enunciação que formam, segundo seu grau de coerência, de rigor e de estabilidade, temas ou teorias" (p. 76). São estes temas e teorias que o autor entende como "estratégias discursivas" (Ibid.).

Notamos a estratégia discursiva manifesta no tipo de enunciação que proclama algo como fake news em oposição à "qualidade do jornalismo" mas que orienta à população que não assine e não compre "esse tipo de produto". Ao mesmo tempo, "a liberdade das mídias sociais" reforça a teoria de uma ambiência "neutra" - estratégia que, como vimos, foi crucial para a naturalização do discurso da extrema direita norte-americana (alt-right) (DANIELS, 2018; OTT, 2017). Assim, Jair

Bolsonaro continua a perpetuar a "desintermediação", sugerindo que as redes sociais são melhores para o acesso às informações do que a imprensa.

Os enunciados mais apelativos de todo o corpus foram publicados no dia 16 de outubro, às 01h02 da madrugada. Com três postagens, o ex-presidente publicou duas vezes imagens e textos que formam um mosaico de fotografias, prints de manchetes e apelos à moralidade do leitor-eleitor (**Imagens 52 a 54**).

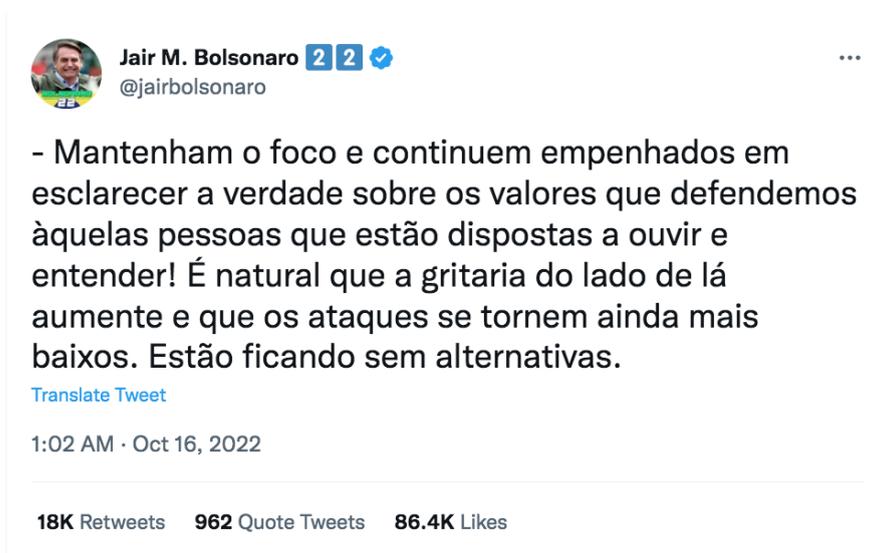


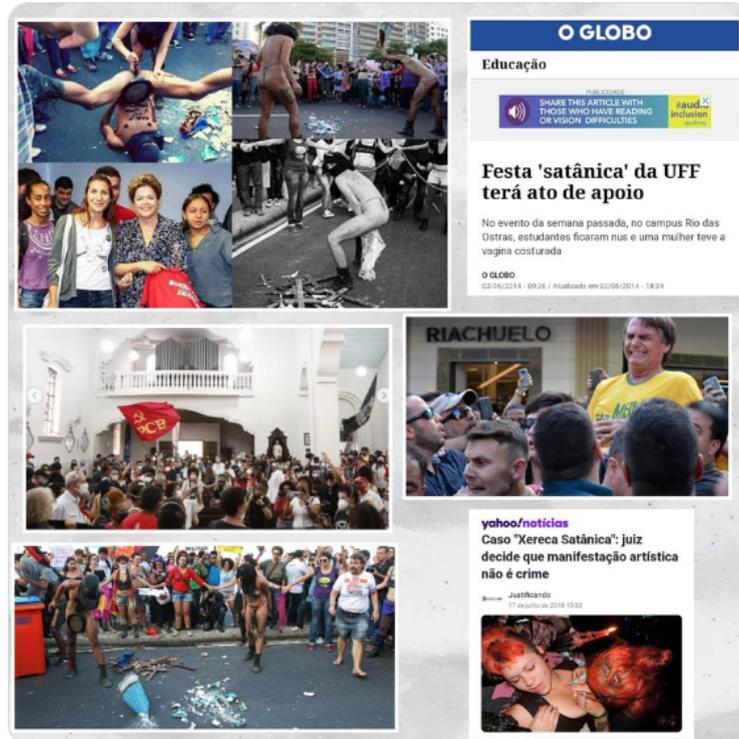
Imagem 52



Jair M. Bolsonaro 2 2 ✓
@jairbolsonaro

- Foram eles que tentaram assassinar o candidato que liderava a corrida presidencial em 2018, foram eles que invadiram igrejas, são eles que promovem festas satânicas e "performances" como a realizada durante a visita do Papa, quando intrudizam objetos sagrados em seus orifícios.

[Translate Tweet](#)



1:02 AM · Oct 16, 2022

11.2K Retweets 398 Quote Tweets 42.3K Likes

Imagem 53



Imagem 54

Imagens 52 a 54: *Fio* de tuíte de 16 de outubro de 2022 com textos e imagens de enquadramento moral, associados a manchetes de jornais e ao pedido para que bolsonaristas possam "esclarecer a verdade". Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1581495797828681728>
Acesso em: 20 de out. 2023.

Há uma articulação de formações discursivas que geram efeitos de sentido anti-gênero e anti-imprensa. A começar pelo pedido para que seus apoiadores "continuem empenhados em esclarecer a verdade". O "lado de lá" é associado a informações como a tentativa de assassinato que Jair Bolsonaro sofreu em 2018, invasão de igrejas, festas satânicas e introdução de objetos sagrados em "seus orifícios". Personagens como Dilma Rousseff, Manuela D'Ávila e Débora Diniz - três mulheres atuantes na defesa de pautas de gênero e que não foram candidatas em

2022 - foram expostas em associação aos demais temas.

As manchetes utilizadas, apesar de verdadeiras¹⁵⁶, são parte da estratégia de desinformação. Afinal, a falta de contexto e o volume de temas levantados impossibilitam a checagem das informações e o diálogo democrático. Ou seja, servem apenas à polarização e à ampliação do mal-estar que tornou possível a projeção política de Jair Bolsonaro (CASSIMIRO e LYNCH, 2022, p. 19).

Para além disso, também podem suscitar a crítica aos valores-notícias que os canais O Globo, Gazeta do Povo e Yahoo!Notícias seguiram para que os termos "festa satânica" e "xereca satânica" pudessem estar na manchete de uma notícia e, no caso da reportagem sobre Débora Diniz, a manchete induz o leitor a compreender que a antropóloga teria defendido pedófilos. No entanto, o que ela disse em seu perfil no Twitter foi:

A pauta prioritária de Bolsonaro no Congresso Nacional é de armar em casa e na rua mais gente; crianças em ensino domiciliar; perseguição a pedófilos; vantagens para agronegócios até perseguição aos povos indígenas. A perversidade parece complexa, mas não é. Segue a mesma lógica paranóica do patriarca que amplifica o medo para justificar a truculência. Por isso armas e pedófilos estão na mesma agenda: o patriarca espalha o pânico para justificar seu abuso de poder. Inclusive de ser ele mesmo um violentador sexual de crianças ou mulheres. (DINIZ *apud* GAZETA, 2021, online).

O tuíte de Débora Diniz foi apagado na fonte. Então, as informações acima são da própria matéria do Jornal Gazeta do Povo. Já as manchetes atribuídas ao site do Partido dos Trabalhadores, sobre a exposição no *Queermuseu*¹⁵⁷ e a solidariedade do grupo armado FARC à Lula, são verdadeiras, mas foram ilustradas com imagens diferentes das selecionadas pelo PT no momento da publicação.

¹⁵⁶ As notícias sobre a FARC e sobre o caso "Xereca Satânica" já não estão mais publicadas em suas fontes originais (dos *prints* publicados por @jairbolsonaro), mas encontramos referências à elas em outros sites de notícias que comprovam a veracidade. Disponíveis em: <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/caso-xereca-satanica-juiz-decide-que-manifestacao-artistica-nao-e-crime/601941226>, <https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/festa-satanica-da-uff-tera-ato-de-apoio-12687369>, <https://exatanews.com.br/grupo-terrorista-farc-se-solidariza-com-lula-o-que-nao-e-bem-uma-surpresa-712441>, <https://pt.org.br/secretaria-lgbt-do-pt-repudia-cancelamento-da-mostra-queermuseu/> e <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/breves/ativista-pelo-aborto-debora-diniz-acusa-bolsonaro-de-perseguido-a-pedofilos/> Acesso em: 20 de out. 2023.

¹⁵⁷ A exposição *Queermuseu - Cartografias da Diferença na Arte Brasileira* esteve em cartaz por um mês, em setembro de 2017, no Santander Cultural, em Porto Alegre. Ela foi cancelada prematuramente após uma onda de ataques e críticas nas redes sociais que pregavam que as obras promoviam a blasfêmia, a pornografia, a zoofilia e a pedofilia. O episódio mais conhecido é o da imagem presente no tuíte de Jair Bolsonaro (**Imagem 54**), de crianças interagindo com um artista nu durante uma performance no museu. O debate sobre o cancelamento da mostra *Queermuseu* reacendeu a chama de reacionários de todo o país que passaram a defender a perspectiva de que a arte deve ser censurada revelando o crescimento da articulação dos grupos reacionários que, como vimos, deram sustentação ao projeto eleitoral de Jair Bolsonaro em 2018. Para saber mais, indicamos: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425_555164.html Acesso em: 29 de nov. 2023.

6.4. Enquadrando mulheres jornalistas

Entre 15 de julho e 30 de outubro de 2022, três mulheres jornalistas foram particularmente ou implicitamente ofendidas na conta do Twitter de @jairbolsonaro. Por outro lado, uma jornalista foi elogiada e outra foi tratada com certa camaradagem. Vamos analisar cada um desses registros a seguir.

A primeira referência direta à uma mulher jornalista em nosso *corpus* é de 22 de agosto de 2022 e trata-se de uma crítica à âncora do Jornal Nacional, Renata Vasconcellos. A entrevista de Jair Bolsonaro na bancada do Jornal Nacional¹⁵⁸ foi a primeira de uma série realizada com todos os candidatos nos quatro primeiros lugares em pesquisa de intenção de votos.

Os últimos três tuítes do dia e um tuíte publicado à 00h41 do dia 23 de agosto de 2022 são marcados pela característica anti-imprensa e nos permitem notar as diferenças do discurso de Jair Bolsonaro quando faz críticas à William Bonner daquelas feitas contra Renata Vasconcellos.

A primeira diferença notável é que a imagem de Bonner não aparece, enquanto a de Vasconcellos, sim. Para atingir Bonner (**Imagem 55**), Jair Bolsonaro utiliza de ironia: "foi uma enorme satisfação participar do pronunciamento de William Bonner Kkkkk".

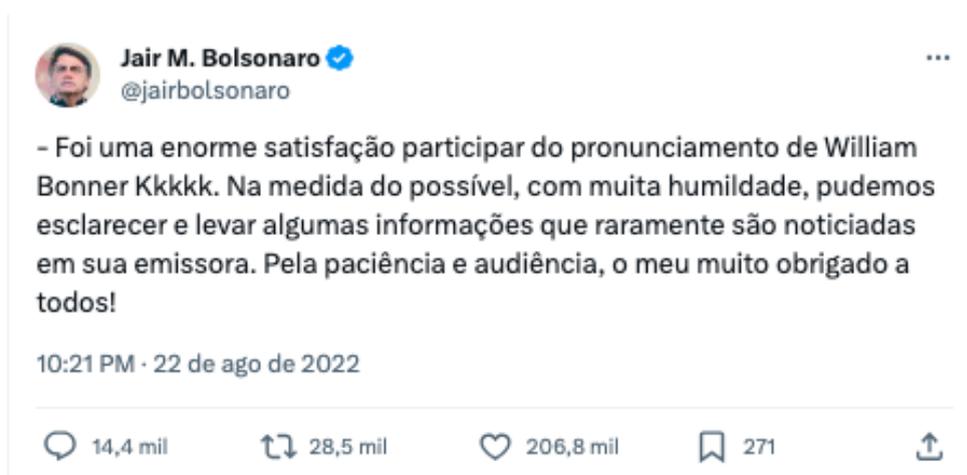


Imagem 55: Tuíte de @jairbolsonaro de 22 de agosto de 2022 com característica de discurso populista reacionário "anti-imprensa" sobre Sabatina na Globo.

Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1561886323870400515>

Acesso em: 12 de out. 2023.

¹⁵⁸ Acesse a entrevista na íntegra pelo link: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/22/jair-bolsonaro-pl-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml> Acesso em: 12 de out. 2023.

Maingueneau (1997) orienta que a ironia “não é um fenômeno sutil” pois trata-se de um “gesto dirigido a um destinatário” (1997, p. 99) e que pode ter um caráter agressivo ou defensivo, bem como de desqualificação e/ou ridicularização (1997, p. 100). Esses quatro tipos de ironias foram utilizados por Jair Bolsonaro no *corpus* analisado para esta pesquisa.

A FD "Paladino da Verdade" atua na construção de uma cenografia em que Bonner fez um "pronunciamento" enquanto ele teve "muita humildade". A Rede Globo "raramente" noticia as informações que Jair Bolsonaro ajudou a "esclarecer". Na próxima postagem (**Imagem 56**) o jogo de cena continua, mas ao efeito anti-imprensa também é somado o efeito de sentido anti-gênero.



Descrição do vídeo:

Renata Vasconcellos (RV): "Nos momentos mais dramáticos o senhor imitou pacientes com Covid com falta de ar".

Corte de edição seco

RV: "Imitando pacientes com falta de ar, muitos viram isso como um sinal de falta de compaixão"

Jair Bolsonaro (JB), interrompendo a pergunta: "Eu queria que colocasse no ar eu imitando com falta de ar".

Corte de edição seco com transição para a cena de 18 de março de 2021 de *live* em que JB imita um paciente com falta de ar:

JB: "Mas pelo o que eu faço aí que aqui é contra, tu segue aí a receita do ministro Mandetta. Você vai para casa, quando você ficar [imita falta de ar] na falta de ar, vai pro Hospital. O cara com falta de ar, ele vai pro Hospital para fazer o quê? Pra ser entubado, meu Deus do céu".

Imagem 56: Tuíte de @jairbolsonaro de 22 de agosto de 2022 com característica de discurso populista reacionário "anti-imprensa" sobre Sabatina na Globo.

Disponível em: <https://twitter.com/#!/jairbolsonaro/status/1561899185175232516>

Acesso em: 12 de out. 2023.

A edição do vídeo não demonstra o todo nem do diálogo entre a jornalista e Jair Bolsonaro, nem do vídeo de 18 de março de 2021 quando ele simula pacientes com

falta de ar¹⁵⁹. O diálogo foi marcado por interrupções do ex-presidente à jornalista e, em um dos episódios, William Bonner intervêm propondo mudar de assunto.

Nas eleições de 2018, Jair Bolsonaro e Renata Vasconcellos também tiveram um embate sobre desigualdade salarial entre mulheres e homens¹⁶⁰. Na ocasião, o então candidato afirmou que a jornalista ganhava menos do que o colega de bancada, Bonner, silenciando o tema que ela havia suscitado: uma pergunta sobre desigualdade salarial baseada em gênero. Renata lembrou, naquele momento, que Jair Bolsonaro já havia dito que não contrataria mulheres pelo fato de elas engravidarem e tirarem licença maternidade.

O debate sobre gênero aqui suscitado remonta à discussão que abordamos no **Capítulo 2**, especialmente no âmbito dos sistemas patriarcais. Como vimos, o patriarcado converte a diferença sexual em uma diferença política e econômica (SAFFIOTI, 2015, p. 59). Na prática, pelo fato de engravidar e de ser injustamente responsabilizada pelo trabalho de cuidado com os filhos e com o ambiente doméstico/privado, mulheres são desvalorizadas no ambiente público e no mercado de trabalho. Disso advém a divisão sexual do trabalho e a hierarquização da relação social entre mulheres e homens, cuja estrutura de poder baseia-se tanto na violência como na ideologia (*Ibid.*, p. 60).

A diferença salarial entre homens e mulheres também é característica da cultura organizacional das redações jornalísticas (LELO, 2019, P. 5), como vimos no **Capítulo 3**, e é uma manifestação de violência estrutural, aquela caracterizada como permanente e fruto de uma não-ação. Ou seja, não há um único responsável mas também não pode ser compreendida como algo "natural" ou inevitável (GALTUNG, 1981, p. 94).

Ao dizer, em 2018, que Renata Vasconcellos recebia menos do que William Bonner, Jair Bolsonaro falseou seu próprio posicionamento anti-gênero que, como vimos em diversos exemplos em nosso *corpus* e, em especial, no subcapítulo 6.1.3, também é caracterizado por uma defesa da mulher como "ventre da nação" (MUDDE, 2022, p. 163), posicionando-as como as mães e boas esposas que devem ser amadas, sem que ele aluda às questões sociais, políticas e econômicas que mantêm o *continuum* da violência contra as mulheres (FALQUET, 2022, p. 14).

O tema da desigualdade salarial pautou a imprensa e as redes sociais em 2018. Mas, ao revés, em 2022, a pergunta sobre a falta de sensibilidade de Jair Bolsonaro para com as vítimas do Covid-19 e a forma como o ex-presidente reagiu à ela saiu

¹⁵⁹ Disponível na íntegra em: <https://www.poder360.com.br/eleicoes/assista-aos-2-videos-com-bolsonaro-imitando-ter-falta-de-ar/> Acesso em: 12 de out. 2023.

¹⁶⁰ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/08/28/bolsonaro-dribla-polemicas-no-jn-e-leva-bronca-de-renata-vasconcellos.htm> Acesso em: 12 de out. 2023.

pela culatra, pautando a imprensa e fazendo com que os episódios em que ele simulou falta de ar retornassem à agenda de discussão¹⁶¹.

Além de Renata Vasconcellos, outra mulher que foi exposta por Jair Bolsonaro pelo Twitter foi a advogada e apresentadora da CNN Gabriela Prioli, no dia 01 de setembro de 2022 (**Imagem 64**).



Imagem 57: Tuíte de @jairbolsonaro de 01 de setembro de 2022 com característica de discurso populista reacionário "anti-imprensa" sobre Gabriela Prioli.

Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1565517028206813186>

Acesso em: 12 de out. 2023.

As estratégias são similares às utilizadas na postagem sobre Renata Vasconcellos que analisamos anteriormente. Ao invés de retuitar a postagem original da Revista VEJA¹⁶², ele publicou um *print*. No texto que acompanha a imagem, "Tabajara Futebol Clube diz por que não quer Neymar em seu time", o ex-presidente utiliza novamente do artifício da ironia comparando Prioli ao time de futebol fictício "Tabajara Futebol Clube"¹⁶³ - um quadro humorístico do programa Cassetta e

¹⁶¹

Disponível

em:

<https://www1.folha.uol.com.br/blogs/hashtag/2022/08/bolsonaro-imitou-pessoas-com-falta-de-ar-ao-contrario-do-que-disse-no-jn-assista.shtml> Acesso em: 12 de out. 2023.

¹⁶² Disponível em: <https://twitter.com/VEJA/status/1564944590364295168> Acesso 13 out. 2023.

¹⁶³ Para saber mais sobre a origem do Tabajara Futebol Clube, recomendamos: <https://www.terra.com.br/esportes/lance/ideia-de-bussunda-tabajara-fc-deixou-satiras-atuais-ate-hoje.4d3a954600fda073e0c42f5230361b57rsk9gob2.html> Acesso em: 12 de out. 2023.

Planeta, idealizado pelo humorista Bussunda e lançado em 1999. O time é autointitulado como o "pior do mundo". Por outro lado, o próprio Bolsonaro compara-se a Neymar, jogador que foi indicado ao prêmio de melhor do mundo cinco vezes, mas nunca recebeu a premiação. Neymar é um apoiador declarado de Jair Bolsonaro.

O episódio de Prioli teve repercussão considerável tanto nas redes sociais como na imprensa¹⁶⁴, suscitando mensagens de apoio de candidatos presidenciais, como Lula e Simone Tebet, entre outros políticos. A apresentadora, em seu perfil pessoal no Twitter¹⁶⁵, comentou que o objetivo de Bolsonaro foi o de "direcionar a sua militância para um ataque" e que isso atingiu "uma mulher grávida de seis meses de uma menina". Gabriela Prioli também relatou que recebeu centenas de ofensas e ameaças e que "o ódio de Bolsonaro às mulheres é tão forte que, mesmo precisando conquistar o eleitorado feminino, ele não consegue se controlar".

Como vimos no **Capítulo 3**, o que aconteceu com Prioli é comum em ambiências digitais quando os alvos são mulheres jornalistas. Dos ataques a mulheres registrados pela ABRAJI em 2022, mais da metade deles tiveram origem no ambiente digital e três tiveram repercussão no meio *online*. Apenas uma ocorrência não teve qualquer relação ou efeito nas redes sociais. Além disso, das oito ocorrências que se relacionam com o ambiente digital, cinco ocorreram no **Twitter** e duas no **YouTube**.

Os ataques contra mulheres jornalistas são "fortemente marcados pelo gênero" (INTERNETLAB *et al*, 2022, p. 66), inclusive com ameaças misóginas. Contra elas, as ofensas trazem mais termos sexuais e mais frequentemente questionam a capacidade delas de exercer a profissão (Ibid., p. 65). Os termos mais usados sugerem que elas são incapazes e/ou abordam características físicas: "ridícula", "canalha", "louca", "mulherzinha", "descontrolada", "jumenta" e "puta" (Ibid.).

O episódio com Vera Magalhães, ocorrido no dia 28 de agosto de 2022, durante o primeiro debate nacional entre presidentiáveis exibido pela TV Band e TV Cultura¹⁶⁶, é um exemplo dessa característica de violência que distingue-se pelo gênero, por referências sexuais e por questionar a capacidade profissional da jornalista. Na ocasião, Vera Magalhães fez uma pergunta para o candidato Ciro Gomes sobre cobertura vacinal e afirmou que houve desinformação sobre a

¹⁶⁴ Saiba mais em: <https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/a-reacao-de-bolsonaro-a-critica-de-gabriela-prioli-lula-se-manifesta/> Acesso em: 13 de out. 2023.

¹⁶⁵ O tuíte de Gabriela Prioli pode ser conferido em: <https://twitter.com/GabrielaPrioli/status/1565699129682132992> Acesso em: 13 de out. 2023.

¹⁶⁶ CAVALCANTE, Isabella. Vera sobre ataque de Bolsonaro: "não gosta de ser questionado por mulheres". UOL, 29 ago. 2022. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/08/29/vera-magalhaes-ataque-de-bolsonaro-o-prejudicou.htm> Acesso em: 13 de out. 2023.

vacinação disseminada por Jair Bolsonaro. No momento de réplica do ex-presidente, ele afirmou:

Vera, não pude esperar outra coisa de você. Acho que você dorme pensando em mim. Você tem alguma paixão em mim. Não pode tomar partido num debate como esse. Fazer acusações mentirosas a meu respeito. Você é uma vergonha para o jornalismo brasileiro.

"*Você dorme pensando em mim*" e "*você é uma vergonha para o jornalismo brasileiro*" induz à interpretação de uma Vera que toma decisões irracionais e descontroladas e que, por isso, não seria uma jornalista de qualidade. Em outras palavras, Jair Bolsonaro responderia a um jornalista homem que ele "dorme" pensando no ex-presidente?

Essa permanência no discurso violento contra mulheres jornalistas de relacionar críticas de ordem moral e sexual com questionamentos quanto a capacidade delas exercerem a profissão comprova, em primeiro lugar, que há um *continuum* entre a violência *on-line* e *off-line* cujos efeitos trafegam de uma ambiência para a outra (VALENTE, 2023, p. 25) e, em segundo, que os atos individuais são formas de manutenção e reprodução de sistemas de opressão (BUTLER, 2019, p. 221).

O âmbito discursivo aqui analisado apoia-se e retroalimenta-se nos mesmos argumentos que, como vimos, impediram o acesso de mulheres ao voto e à educação formal no Brasil até meados do Século XX. Eles têm o objetivo de regular o papel das mulheres com ofensas morais e misóginas e criticam a capacidade profissional para que seja possível a manutenção social dos homens no domínio da cultura e do mundo público, e as mulheres no domínio doméstico, privado, e remetendo à natureza (MARTINEZ, LAGO e LAGO, 2016, p.4).

Notamos ainda uma vontade de verdade reiterada de Jair Bolsonaro tentar expressar respeito e admiração por mulheres jornalistas em suas postagens no Twitter, como o episódio em que ele elogia abertamente os jornalistas da Rede TV, Luís Ernesto Lacombe e Erica Reis (**Imagem 58**). A postagem foi publicada uma hora antes daquela ironizando Gabriela Prioli (**Imagem 57**).



Imagem 58: Tuíte de 01 de setembro de 2022 com elogio aos profissionais da Rede TV.
Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1565499520615677953>
Acesso em: 13 de out. 2023.

Entre a publicação do ex-presidente assistindo à própria sabatina na **Rede TV** e o tuíte sobre Gabriela Prioli, Jair Bolsonaro publicou o trecho final de sua entrevista ao canal com 59 segundos (**Imagem 59**) em que reforça as posturas reacionárias que, como vimos, tem o objetivo de exercitar "a revitalização do ativismo religioso na política nacional" (GUAZINA, LEITE e SANTOS, 2021, p. 45) e promover "coalizões entre novos e velhos grupos políticos conservadores, reacionários ou extremistas" (*ibid.*, 2021, p. 45) que sustentam o projeto político do bolsonarismo.



Descrição do vídeo:

Todo o vídeo está em um superclose, ou seja, com enquadramento fechado no rosto de Jair Bolsonaro (JB):

JB: "Vamos nas pautas aí que tem a ver com nossa alma, com o nosso futuro eterno. O meu governo não admite sequer a discussão sobre a questão de legalizar o aborto. Nós respeitamos a vida desde a sua concepção. O nosso governo também não quer discutir a legalização das drogas. Quem age dessa maneira não sabe a dor de uma mulher, de uma mãe que tem um filho no mundo das drogas. O nosso Governo também é contra o que começou em 2009 no Brasil, da chamada i-de-o-lo-gi-a [*fala a palavra pausadamente reforçando cada sílaba*] de gênero. O patrimônio meu, teu, do Lacombe. De qualquer um que está nos assistindo [*olha profundamente para a câmera*], não interessa que ele seja rico, pobre, a cor da pele ou região que ele mora no Brasil. O grande patrimônio nosso são os nossos filhos. Nós queremos nossos filhos frequentem a escola atrás de conhecimento e não atrás de certas práticas [*corte de edição seco*] onde se bota na cabeça da criança que ele pode ser feminino hoje e pode ser menino amanhã e vice versa. Acabou?"

JB olha para o lado.

Erica Reis: "Acabou o tempo, presidente" [*A frase de Erica não aparece na legenda*]

JB, interrompendo a jornalista e olhando novamente para a câmera, com sorriso no rosto: "Muito obrigado. Deus, pátria, família. Um abraço a todos".

Imagem 59: Tuíte de @jairbolsonaro de 1 de setembro de 2022 com diversas características de discurso populista reacionário, como discurso de ódio contra pessoas LGBTQIAPN+, religiosidade moralizante e binarismo entre nós *versus* eles.

Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1565509466828800006>

Acesso em: 13 de out. 2023.

É notória a postura de Guardiã da Moral e a centralidade dos assuntos relacionados à gênero: aborto, identidade de gênero e "ideologia de gênero"¹⁶⁷. Mas para o contexto deste subcapítulo, importa notar a postura confortável e confiante do ex-presidente que é muito diferente da adotada durante a sabatina da **Rede**

¹⁶⁷ Para compreender a força desse tema na política nacional, recomendamos a leitura de MONTARGIL, G. da S. e REMENCHE, M. de L. R. Construindo sombras com "ideologia de gênero": deslizamentos discursivos no Twitter de atores políticos da Nova Direita. Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 55, e -124033, 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/124033> Acesso em: 24 de jan. 2023.

Globo. Ao final do vídeo, a âncora da **Rede TV**, Erica Reis - elogiada por Jair Bolsonaro pelo profissionalismo -, é condescendente e refere-se a ele como "presidente", diferentemente de William Bonner e Renata Vasconcellos que utilizaram a palavra "candidato" durante toda a entrevista do dia 22 de agosto daquele ano.

Em seguida, a última postagem do dia, às 22h48, é aquela de comparação entre Gabriela Prioli e o Tabajara Futebol Clube (**Imagem 57**). Ou seja, notamos uma tentativa de posicionar Erica Reis como a jornalista que merece respeito, enquanto outras não são. Enquanto Prioli é "Tabajara" e Vera é "uma vergonha para o jornalismo", Erica recebe os parabéns pelo "profissionalismo" - sem ter feito uma pergunta desconfortável para o ex-presidente. Ao contrário, a impressão é que a sabatina da **Rede TV** foi um esquema para o presidente rebater as "narrativas" de que não gostava de mulheres e não priorizava políticas públicas para elas¹⁶⁸.

No dia seguinte, 2 de setembro de 2022, Jair Bolsonaro tuitou, às 18h38, um *filio* de cinco tuítes caracterizado por seu caráter anti-imprensa (**Imagens 60 a 64**).

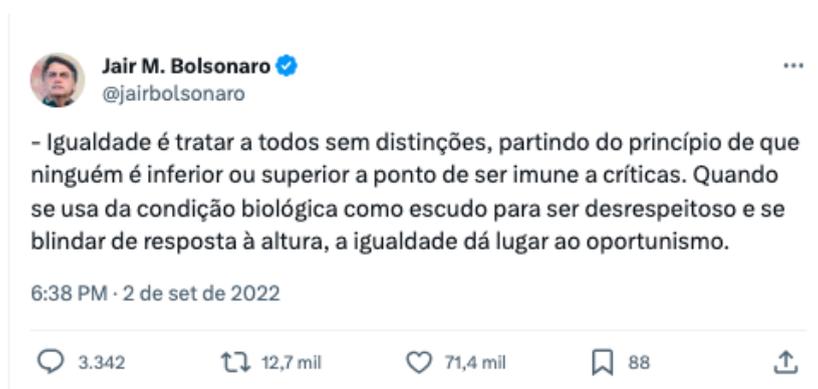


Imagem 60



¹⁶⁸

Imagem 61



Imagem 62



Imagem 63



Imagem 64

Imagens 60 a 64: Tuítes de 2 de setembro de 2022 com características anti-imprensa em resposta a Gabriela Prioli.

Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1565816488015151106>

Acesso em: 13 de out. 2023.

Neste fio, Jair Bolsonaro utiliza as FDs "Guardião da Moral" e "Paladino da Verdade" e coloca-se acima de qualquer divisão motivada por gênero, classe social ou raça - contrariamente ao que é debatido no interior dos grupos de esquerda que, desde os

anos 2000 abordam sobremaneira as questões socioculturais como cultura, raça/etnia e, principalmente, religião (MUDDE, 2022, p. 22). A mensagem também o coloca em diametral oposição em relação aos grupos feministas que, como vimos no **Capítulo 2**, debatem a igualdade entre mulheres e homens desde o final do século XIX e início do XX (MARTINEZ, LAGO e LAGO, 2016, p.3) e a diferença entre mulheres desde a década de 1980 (DAVIS, 1981; GONZALEZ, 1983; LAURETIS, 1987; CRENSHAW, 1989; BUTLER, 1990).

Pelo contexto e pelas frases "quando se usa da condição biológica como escudo para ser desrespeitoso e se blindar de resposta à altura, a igualdade dá lugar ao oportunismo" (**Imagem 60**) e "está num momento frágil e isso lhe afeta? Respeite e será respeitado" (**Imagem 62**), inferimos que Jair Bolsonaro refere-se principalmente ao episódio envolvendo Gabriela Prioli - que estava grávida -, mas a crítica também é interpretada como direcionada à Vera Magalhães - ou, ao menos, os comentários de apoiadores em resposta ao ex-presidente são direcionados às duas.

O jogo de cena entre as mulheres que valem admiração ou não continua na frase "Princesa Isabel e Anita são mulheres, a diferença está no que elas decidiram fazer pela humanidade" (**Imagem 63**). A cantora Anitta, além de fazer oposição a Bolsonaro, também é amiga de Gabriela Prioli.

Por fim, a última jornalista mulher que tem destaque nos tuítes do *corpus* analisado é Madeleine Lackso (**Imagem 65**) em 7 de outubro de 2022 - que escreve em colunas para o Antagonista, UOL e Gazeta do Povo. Madeleine também é youtuber e autora dos livros "Cancelando o cancelamento: Como o identitarismo da militância tabajara ameaça a democracia" (2023), "Identitarismo, a militância Tabajara: Como o parque de areia antialérgica da sociedade esculhambou as lutas identitárias" (2022); "Tratamento de Choque: Desprogramando tias do zap, tios do churrasco, justiceiros sociais e zumbis da internet" (2020), entre outros.



Imagem 65: Tuíte de 7 de outubro de 2022 em resposta à jornalista Madeleine Lackso.
Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1578482105075781633>
Acesso em: 13 de out. 2023.

A busca pelo contexto deste enunciado revelou complexidades que apontam para o mesmo jogo de cena que encontramos na comparação do tratamento entre Erica Reis e Gabriela Prioli. Madeleine Lackso fez duas publicações idênticas que, segundo ela, tinham o objetivo de "ver a resposta da militância" (**Imagens 66 e 67**).

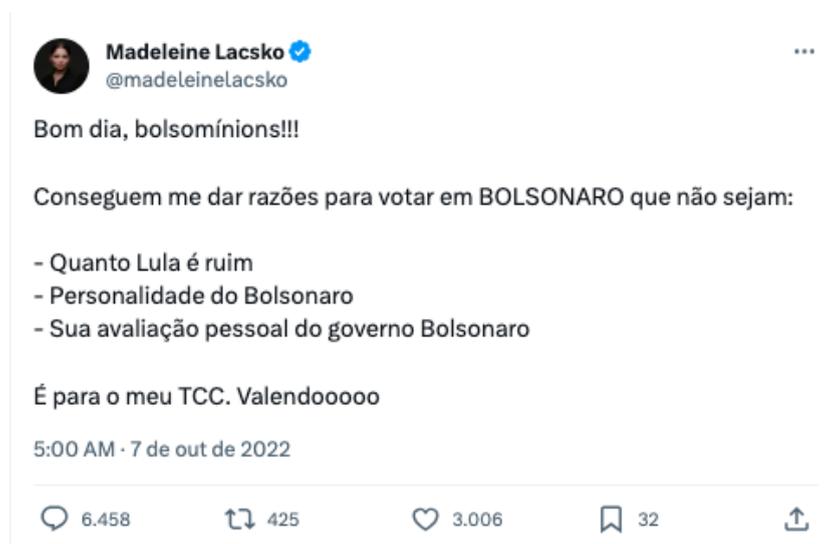


Imagem 66

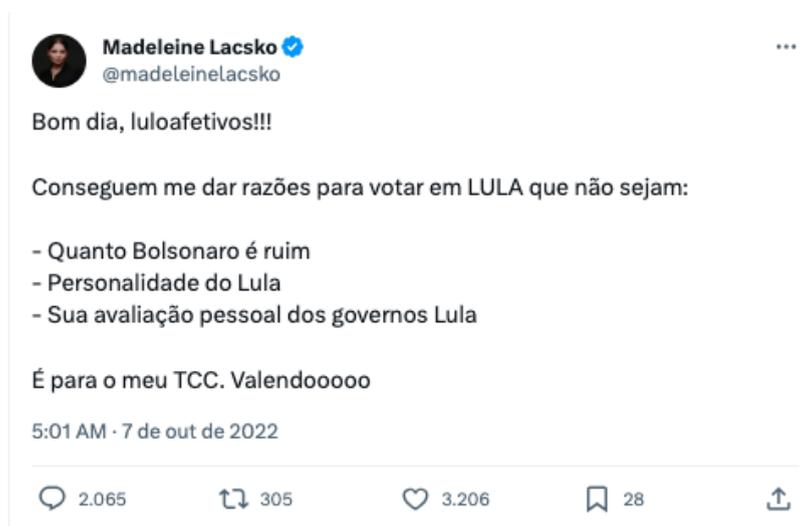


Imagem 67

Imagens 66 e 67: Tuítes de @madeleinelacsko de 7 de outubro de 2022 para provocação da militância dos dois principais candidatos, Jair Bolsonaro e Luiz Inácio Lula da Silva. Disponíveis em: <https://twitter.com/madeleinelacsko/status/1578294127862509568> e <https://twitter.com/madeleinelacsko/status/1578294392837709824>
Acesso em: 13 de out. 2023.

O objetivo de Madeleine Lackso foi divulgado em sua coluna no **UOL** em texto publicado às 11h26¹⁶⁹ cuja manchete promete responder "Quem convence mais indecisos, bolsomínions ou luloafetivos? Confira". Alguns pontos na coluna chamam atenção como, por exemplo:

Num primeiro momento, a pergunta aos *luloafetivos* engajou muito mais. O algoritmo do Twitter privilegia tretas e eu fui muito mais xingada pelos influencers lulistas. O tweet direcionado aos *bolsomínions* começou a crescer quando fui xingada por um influencer grande do bolsonarismo, mas ainda assim ficou atrás (LACKSO, 2022, online).

O questionamento possível, levando em consideração o que explicamos no **Capítulo 4** sobre o funcionamento do Twitter é: Como Madeleine poderia concluir o que está descrito acima em apenas seis horas (de 5h da manhã até às 11h26)? O então presidente, Jair Bolsonaro, respondeu o questionamento de Madeleine às 17h27 utilizando a função de retuíte - ou seja, sem se preocupar com o fato de que isso faria a postagem dela ter ainda mais visibilidade¹⁷⁰.

No fio de resposta de Jair Bolsonaro há, ao final, um tom de respeito e camaradagem. Ao contrário da forma como reagiu à pergunta de Vera Magalhães

¹⁶⁹

Disponível

em:

<https://noticias.uol.com.br/colunas/madeleine-lacsko/2022/10/07/quem-convence-mais-indecisos-bolsomínions-ou-luloafetivos-confira.htm> Acesso em: 13 de out. 2023.

¹⁷⁰ Nas **imagens 66 e 67** é possível notar que aquela sobre Jair Bolsonaro possui 6458 comentários, enquanto aquela sobre Lula possui menos da metade, 2065.

ou Renata Vasconcellos, o ex-presidente não encarou a pergunta de Madeleine como uma ofensa, ainda que a jornalista tenha chamado os apoiadores de Bolsonaro pejorativamente de "bolsominions". Na resposta de Jair Bolsonaro, uma longa lista de tópicos com ações que, supostamente, seu governo entregou, ele finaliza com "um forte abraço"¹⁷¹ e um emoji de jóia (👍).

Como já destacamos, a AD francesa diz respeito à interdiscursividade e buscar o não-dito é uma responsabilidade do analista. Ao pesquisarmos sobre a jornalista Madeleine Lackso encontramos um vídeo de 27 de julho de 2017, publicado no Youtube do Jornal Gazeta do Povo, cuja manchete chama atenção: "Fim do mistério: Madeleine Lacsko x Jair Bolsonaro"¹⁷². O vídeo, com quase 3 minutos de duração, exhibe a jornalista sentada em uma poltrona vermelha. Ela inicia:

Vocês, *trêtistas* profissionais da internet, têm feito uma grande polêmica entre o deputado Jair Bolsonaro, presidenciável, e eu. Eu conheço o deputado Jair Bolsonaro de outros carnavais, antes de ele se tornar esse ídolo pop de vocês, quando ele era só deputado mesmo (LACSKO, 2017, *online*).

Mais tarde, Madeleine Lacsko pergunta "O que será que Jair Bolsonaro acha da minha pessoa? [...] Vamos lá, com a palavra, ele, Jair Bolsonaro". O então deputado federal aparece sorrindo em um ambiente marcado por símbolos patrióticos, como bandeiras do Brasil e condecorações do exército, sem terno, apenas com uma camisa social branca.

Jornal Gazeta do Povo. Madeleine Lacsko, A Protagonista. Mais que o dom da palavra, uma mente brilhante. Quem ganha? Todos aqueles que pautam as suas informações na verdade. Madeleine, a nossa imprensa livre e responsável. Boa sorte! (BOLSONARO, 2017, *online*)

Inferimos, pelo contexto, que a resposta à Madeleine em 2022 serviu ao propósito de permitir ao ex-presidente afirmar que "nem sempre" ele age de forma reativa contra jornalistas mulheres. Conforme ele tuitou em 2 de setembro de 2022 (**Imagem 61**), "respeite e será respeitado". Para Jair Bolsonaro, Erica e Madeleine são dignas deste respeito, enquanto outras jornalistas não são.

Isso remete à ideia de que cabe às mulheres "se dar ao respeito". Porém, no caso de Jair Bolsonaro e de sua relação com mulheres jornalistas, o respeito só é oferecido aquelas que não tocam nos pontos frágeis de sua gestão ou nas incoerências de sua vida pública, podendo ser substituído com "não me provoque e será respeitado".

¹⁷¹ Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1578482148193234944> Acesso em: 13 de out. 2023.

¹⁷² Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/a-protagonista/fim-misterio-madeleine-lacsko-x-jair-bolsonaro/> Acesso em: 13 de out. 2023.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca por compreender as estratégias discursivas e os efeitos de sentido anti-imprensa e anti-gênero gerados por Jair Bolsonaro no período pré-eleitoral e eleitoral de 2022 em sua conta pessoal no **Twitter**, encontramos na literatura sobre o discurso populista reacionário as características que melhor deram conta de explicar o método do discurso bolsonarista - que se diferencia pela linguagem que exerce e pelo meio que utiliza.

Há três eixos principais que caracterizam o discurso populista reacionário: uma visão binária de nós *versus* eles; a promoção de valores nacionalistas e o desprezo por qualquer meio de informação que possa ser considerado como "de oposição". Além disso, o uso de conteúdo desinformativo, mensagens com discurso de ódio, críticas ao saber científico e mensagens de religiosidade moralizante.

No total, 57% dos tuítes analisados foram classificados como conteúdo com características de discurso populista reacionário, com crescimento dos discursos desinformativos, de polarização e de religiosidade moralizante em relação à pré-campanha no primeiro e, principalmente, no segundo turno. Por outro lado, o discurso anti-imprensa apresentou uma queda de 20,2% na pré-campanha para 12,1% no primeiro turno e manteve-se assim no segundo.

A linguagem bolsonarista busca polarizar o debate ampliando o mal-estar, rejeita valores democráticos e a liberdade de imprensa, usa de mentiras e prega uma sociedade hegemônica masculina, reacionária, contrária aos direitos e liberdades das mulheres e das pessoas LGBTQIAP+. Já o meio utilizado por Jair Bolsonaro, as plataformas de redes sociais, é caracterizado por sua lógica algorítmica que automatiza os fluxos de informação de acordo com critérios como a capacidade de viralização (*shareability*), independentemente do conteúdo ser verídico.

Em outras palavras, a arena de atenção das redes sociais tende a limitar a dieta midiática dos usuários brasileiros que, como vimos nos dados do Relatório *Digital News Report* de 2023, cada vez mais recorrem a aplicativos de mensagens e redes sociais para consumir notícias. Sabendo disso e tendo ao entorno de si uma equipe que domina ferramentas de produção, gestão e análise de plataformas digitais, Jair Bolsonaro modula suas mensagens de acordo com as características específicas de cada rede social.

Neste sentido, o **Twitter** revelou-se um local privilegiado para a geração de efeitos de sentido anti-imprensa e anti-gênero no discurso bolsonarista, o que vai ao encontro dos resultados da pesquisa do INTERNET.LAB que apontou esta rede social como "arena preferencial para os ataques contra jornalistas" (2022, p. 65). A Plataforma coloca o usuário permanentemente na posição de endossar e/ou disseminar conteúdos e a lógica do valor-algoritmo dá preferência a discursos simplistas, impulsivos, incivilizados (OTT, 2017, p. 60) e sensacionalistas.

Em resumo, as características da arquitetura do Twitter favorecem a hemofilia, ou seja, o agrupamento de indivíduos com afinidades entre si e que se isolam do resto da sociedade. Por conta disso, o **Twitter** serve tanto ao propósito de potencializar o alcance da desinformação bolsonarista como para desacreditar a imprensa, tornando Jair Bolsonaro a única fonte confiável para a sua comunidade discursiva.

Através das formações discursivas “Paladino da Verdade”, “Desintermediação” e “Imprensa Capturada”, demonstramos que Jair Bolsonaro e sua equipe compreendem não apenas o valor-algoritmo do **Twitter**, como também os valores-notícia utilizados por jornalistas, uma vez que ele instrumentaliza e usa de fragmentos do gênero discursivo jornalístico para, ao fim, descontextualizar informações e expor apenas o que o interessa.

Outra regularidade discursiva é o convite que o ex-presidente faz para que seus seguidores busquem outra fonte de informações confiáveis ou outros territórios digitais por ele controlados, como o canal no Telegram. O jogo entre o que é mentira e o que é verdade também é mantido em todos os períodos analisados no *corpus*. Como “Paladino da Verdade”, Jair Bolsonaro busca desencontros, pontuando como narrativas, ataques, meias-verdades tudo aquilo que é dito sobre ele mas que não o convém.

Já para sustentar a imagem de “Guardião da Moral”, o ex-presidente constrói uma cenografia que joga para o segundo plano o quadro cênico de discurso político cujo objetivo é angariar votos para que seus leitores-eleitores praticamente esqueçam do contexto de eleições e que pensem no candidato como um messias, um homem viril, um salvador da pátria e um protetor das mulheres e crianças. É nesta formação discursiva onde estão manifestos os efeitos de sentido anti-gênero.

O debate sobre gênero é utilizado por Jair Bolsonaro como resposta às conquistas sociais e políticas de mulheres e pessoas LGBTQIAP+, como aquele em que o ex-presidente posiciona-se contra a linguagem neutra. Ou como um chafariz para jorrar pautas reacionárias como “ideologia de gênero”, “estatuto do nascituro” e a “destruição das famílias e da inocência das crianças” que, ao cabo, mantêm unificadas ao redor do ex-presidente diferentes comunidades discursivas que o levaram ao poder em 2018.

Não por acaso, os temas de valores reacionários, em que o aborto figura como o mais recorrente, cresceram sobremaneira na comparação entre os três períodos - pré-eleitoral, primeiro turno e segundo turno. Quanto mais se aproximava o dia 30 de outubro de 2022, mais Jair Bolsonaro recorreu à FD “Guardião da Moral”. No segundo turno, a FD “Guardião da Moral” correspondeu a mais de 72% do total de ocorrências das formações discursivas.

Uma vez que o gênero não é binário e nem uma propriedade da natureza humana, ao alimentar a percepção essencialista da mulher como “ventre da nação”, sempre associando-a à família e ao trabalho não-remunerado de cuidado, Jair Bolsonaro

constrói seu arsenal discursivo apontando-o diretamente contra as mulheres e às demais pessoas que não seguem o script da "tradicional família brasileira".

Os sistemas patriarcais são sociais e maleáveis e funcionam em paralelo a outros sistemas de opressão. O modelo neoliberal exerce a sua cota de violências especialmente contra mulheres, imigrantes, idosos e pessoas racializadas. Enquanto isso, a persistência da violência contra mulheres na sociedade brasileira denota o que os homens são capazes de fazer, e o fazem, para manter para si seu poder hegemônico. Como a violência é sempre interpretada e funciona como um instrumento para o poder, a união das agendas reacionárias e neoliberais tornam o debate de gênero uma arena de guerra.

Afinal, definir o que é ou não violência cabe ao poder, ou seja, aquele que controla o discurso. Uma vez que os homens são os sujeitos que firmaram o acordo social-sexual sobre as mulheres, eles precisam continuar a exercer esse poder e o fazem através da performatividade de gênero associada ao exercício da violência.

Porém, como vimos, nosso objetivo inicial era analisar apenas os tuítes em que há referência ao jornalismo ou a jornalistas. O corpus da análise, entretanto, demonstrou estratégias menos explícitas, com mais ironias e silenciamentos. Em consequência, um dos objetivos gerais não deu o resultado aguardado e não foi possível relacionar os episódios de violência com as notícias ou coberturas realizadas pelas profissionais vítimas dos ataques. Isso porque notamos que o **Twitter** não era o ambiente onde a violência praticada por Jair Bolsonaro contra mulheres jornalistas ocorria. Ao menos, não explicitamente.

Frente a este desafio, a tipologia da violência de Johan Galtung nos permitiu alargar a percepção de violência para além da violência como acontecimento, manifesta e direta e buscar na interdiscursividade as estratégias que diziam - sem dizer - que o jornalismo e as jornalistas brasileiras eram inimigas da família Bolsonaro, da verdade e da moral. Entendemos que a violência como acontecimento - casos em que uma mulher jornalista foi diretamente vítima de Jair Bolsonaro - é sustentada, por um lado, pelas violências estruturais - como o *continuum* da violência contra mulheres e as violências de gênero no exercício profissional delas - e, por outro lado, pela violência cultural, uma estratégia de Governo de Jair Bolsonaro a que a FENAJ chama de "descredibilização da imprensa".

A violência cultural revelou-se como tipologia mais comum encontrada nos tuítes analisados. Assim, efeitos de sentido anti-gênero e anti-imprensa funcionam como um movimento regulatório consciente. Um jogo em que o troféu é a vontade de verdade. Em outras palavras, as estratégias discursivas de Jair Bolsonaro miram mulheres jornalistas em razão de seu gênero porque estão sustentadas tanto em violências estruturais como em narrativas de violência cultural.

O objetivo é desacreditá-las e, ao mesmo tempo, designar o lugar das mulheres na sociedade. Basta notar as diferenças entre a maneira como ele dirige-se às mulheres da maneira como ele interpela homens jornalistas. O principal efeito de sentido é a naturalização da violência contra mulheres jornalistas a partir da permanência e repetição de questionamentos quanto à vida pessoal, sexual e moral das profissionais da área. Além dos questionamentos quanto à capacidade delas de exercerem a profissão.

Isso comprova que há um *continuum* entre a violência *online* e *offline*, uma vez que o discurso é o mesmo nas duas ambiências, e que os ataques de Jair Bolsonaro a jornalistas específicas são formas de manutenção e reprodução de sistemas de opressão cujo objetivo é regular o papel das mulheres.

Outro efeito é a validação de uma hierarquização entre jornalistas em que algumas merecem respeito pois “se dão ao respeito”, ou seja, conformam-se aos papéis sociais de gênero e desempenham uma vivência profissional que não coloca em risco a relação de poder existente entre mulheres e homens e que Jair Bolsonaro vê ameaçada por conta das conquistas sociais e civis de mulheres e pessoas LGBTQIAP+.

Além disso, ao pregar uma só identidade para os brasileiros, falseando essa mensagem através de valores nacionalistas, o efeito de sentido gerado é a negação de características que são utilizadas como justificativa para a manutenção de violências estruturais, como gênero, raça, etnia e fé. Portanto, se essas narrativas promovem violências, elas também são violência em si.

Concluimos que, a exemplo de Hannah Arendt, para quem a violência necessita de implementos para efetivar-se (2022, p. 18), e como sugere Wieviorka, as violências ocorrem, principalmente, nas percepções e representações (1997, p. 8); o **Twitter** é um **instrumento** para a violência cultural de populistas radicais, já que funciona como uma “poderosa caixa de ressonância de ódio” (TRINDADE, 2022, p. 19).

No decorrer de nossa pesquisa, também nos deparamos com provocações que não foram abordadas mas que podem orientar pesquisas no futuro. É o caso de uma análise discursiva comparativa sobre as mudanças discursivas da campanha de Jair Bolsonaro em 2018 para a de 2022 e quão reativa uma foi em relação a outra.

Também revelamos a baixa produção sobre a violência estrutural de gênero que ocorre na atividade laboral de mulheres jornalistas e que é naturalizada no dia-a-dia das redações. Outro tema que nos provocou foi uma análise dos efeitos da violência cultural na prática jornalística de mulheres, já que os dados sobre o Perfil do Jornalista no Brasil revelaram o aumento da sensação de insegurança por parte dos jornalistas e que isso afeta a sociabilidade e gera adoecimento psíquico e físico (LIMA e MICK et al, p. 24).

Indicamos que mais pesquisas debruçam-se nos efeitos que a divisão sexual do trabalho impõe às jornalistas, uma vez que ela gera obstáculos à necessidade humana de descanso e, ao mesmo tempo, limita as potencialidades de mulheres realizarem o seu pleno potencial. Por fim, há muitos enquadramentos possíveis para a análise de conteúdo desinformativo no **Twitter** de Jair Bolsonaro, uma vez que ele falseia ou ignora parte da verdade de forma contumaz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAJI e UNESCO. Relatório Violência de Gênero Contra Jornalistas: Dados sobre os ataques com viés de gênero e casos que vitimaram mulheres no Brasil em 2021. Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo - ABRAJI, 2022. 39 p. Disponível em:

https://abraji-bucket-001.s3.sa-east-1.amazonaws.com/uploads/publication_info/details_file/fd562733-fde3-42d5-b763-0974253a3207/Relat_rio_Viol_ncia_de_g_nero_co_ntra_jornalistas_PT.pdf Acesso em: 16 de jul. 2022.

ABRAJI. Monitoramento de Ataques a Jornalistas no Brasil. Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo - ABRAJI, mar. 2023. 47 p. Disponível em: <https://abraji.org.br/projetos/monitoramento-de-ataques-a-jornalistas> Acesso em: 9 de jul. 2023.

ADORNO, Luis. Não há indicativo de negociação de governo do PT com o PCC, afirma promotor. UOL, 9 ago. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/08/09/nao-ha-indicativo-de-negociacao-do-governo-pt-com-o-pcc-afirma-promotor.htm>. Acesso em: 21 de out. 2023.

AGGIO, Camilo. (2020). A eficácia da Hidroxicloroquina. Compolítica-Especial Coronavírus, 2020. #2. Disponível em: <http://compolitica.org/novo/especial-coronavirus-2/> Acesso em: 5 de mai. 2022.

ALEGRETTI, Laís e IDOETA, Paula A. 'Pintou um clima': como a fala de Bolsonaro sobre meninas venezuelanas repercutiu no WhatsApp. BBC. 24 out. 2022. Disponível em: <https://bbc.in/3XCoGQJ>. Acesso em: 12 de jan. 2023.

ALEIXO, Isabela. Ministra do TSE nega pedido para que Bolsonaro apague post ligando PT e PCC. UOL, 20 ago. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/08/20/ministra-do-tse-nega-remocao-de-postagens-que-relacionam-pt-ao-pcc.htm>. Acesso em: 21 de out. 2023.

ALVES, Paula. Como funciona a rede social GETTR. Tecnoblog, mar. 2023. Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/como-funciona-a-rede-social-gettr/>. Acesso em: 1 de out. 2023.

AMADEU, Sergio.; ZANETTI, Andrea. Democratização da Internet e o enfrentamento político nas redes digitais. Youtube, Cultura Audiovisual e Tecnologia

(CAT), 19 ago. 2022. Disponível em: <https://youtu.be/9vTq59uBXRg>. Acesso em: 5 de mai. 2022.

AMADEU, Sergio. Democracia e os códigos invisíveis: como os algoritmos estão modulando comportamentos e escolhas políticas. Editora SESC, 2019. Coleção Democracia Digital. (E-book Kindle).

ANDRADE, Hanrrikson. Sem dados, Bolsonaro diz que isolamento pode levar a suicídios e depressão. UOL, 30 mar. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/30/sem-dados-bolsonaro-diz-que-isolamento-pode-levar-a-suicidios-e-depressao.htm>. Acesso em: 21 de out. 2023.

ARAÚJO, Willian F.; SILVA, Mozart L. de. Biopolítica, racismo estrutural-algorítmico e subjetividade. Educação Unisinos 24 (2020) ISSN 2177-6210 Unisinos. DOI: 10.4013/edu.2020.241.40. Acesso em: 21 de out. 2023.

ARENDT, Hannah. Sobre a violência (1969). 15ª edição. São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 2022.

ARENDT, Hannah. Verdade e Política, In: Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, p. 282-325, 1972.

ARENDT, Hannah. Origens do totalitarismo. Rio de Janeiro: Editora Companhia de Bolso, 2013.

ARRUZZA, Cinzia. Considerações sobre gênero: reabrindo o debate sobre patriarcado e/ou capitalismo. Revista Outubro, n. 23, 2015.

BANDEIRA, Lourdes. Violência de Gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. Revista Sociedade e Estado, [s. l.], v. 29, ed. 2, 2014.

BARBIÉRI, Luiz Felipe. Conselho abre processo sobre deboche de Eduardo Bolsonaro à tortura sofrida por Miriam Leitão. G1, 4 mai. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/05/04/conselho-abre-processo-sobre-eduardo-bolsonaro-por-deboche-a-tortura-sofrida-por-miriam-leitao.ghtml> Acesso em: 21 de out. 2023.

BARBON, Júlia e VIZONI, Adriano. Brasil vive '2a pandemia na saúde mental', com multidão de deprimidos e ansiosos. Folha de SP, 17 jul. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2022/07/brasil-vive-2a-pandemia-na-saude-mental-com-multidao-de-deprimidos-e-ansiosos.shtml>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BARROS, Duda Monteiro. 'Broxonaro': os memes que viralizaram no 7 de setembro. Veja, 7 set. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/virou-viral/broxonaro-os-memes-que-viralizaram-no-7-de-setembro>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BBC. Menine, meninx ou menin@: os países onde a linguagem neutra enfrenta resistência. BBC Brasil, 6 jul. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-62025281>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BEAUVOIR, Simone. O Segundo Sexo: Fatos e Mitos. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980.

BEHNKE, Emily. Em sabatina na “Rede TV!”, Bolsonaro fala 4 vezes sobre mulheres. Poder 360, 1 set. 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/em-sabatina-na-rede-tv-bolsonaro-fala-4-vezes-s-sobre-mulheres/>. Acesso em: 29 de nov. 2023.

BIANCO, Nélia., MOREIRA, Sonia. Estratégias políticas de captura de mídia: o caso do Brasil (2019-2021). XVI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIIC), Buenos Aires, set. 2022. Disponível em: <https://alaic2022.ar/memorias/index.php/2022/article/view/100> Acesso em: 10 de set. 2023.

BIANCONI, Giuliana e ROMEU, Artur (Coord.) O impacto da desinformação e da violência política na internet contra jornalistas, comunicadoras e LGBTQ+. Gênero e Número e Repórteres Sem Fronteiras (RSF), abr. 2022. Disponível em: https://desinformacao.generonumero.media/wp-content/uploads/2022/04/PesquisaDesinformacaoGN_RSFR_relatorio-final.pdf Acesso em: 23 de set. 2023.

BIGMOTTO, Newton; LAGO, Miguel e STARLING, Heloisa Murgel. Linguagem da destruição: A democracia brasileira em crise. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BILENKY, Thais. Alexandre. Piauí, 31 ju. 2023. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/radio-piaui/alexandre/>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BIROLI, Flávia; MACHADO, Maria e VAGGIONE, Juan. Gênero, Neoconservadorismo e Democracia: disputas e retrocessos na América Latina. 1ª ed. São Paulo: UBU Editora, 2020.

BORGES, AMON. Bolsonaro assina termo de posse com caneta tipo bic e marca se manifesta. Folha de SP, 3 jan. 2019. Disponível em: <https://inteligenciademercado.blogfolha.uol.com.br/2019/01/03/bolsonaro-assina-termo-de-posse-com-caneta-tipo-bic-e-marca-se-manifesta/>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BUENO, Samira, *et al* (org). Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil. Fórum Brasileiro de Segurança Pública e Instituto Datafolha. 4ª ed, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/03/visiveleinvisivel-2023-relatorio.pdf> Acesso: 13 de mar. 2023.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade (1990). Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista (1998). In: HOLLANDA, Heloísa Buarque. Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

BUTLER, Judith. A força da não-violência: Um vínculo ético-político. São Paulo: Editora Boitempo, 2021.

BRAGA, José. A prática da teoria na pesquisa em comunicação. Revista Galaxia, São Paulo, n. 41, ago. 2019, p. 48-61. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542019239896> Acesso em: 8 de out. 2023

BRAINER, Adriano C. A esfera pública digital e o papel do Telegram na construção de novas tribos morais. 2023. Dissertação (Comunicação Social) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2023. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/2283> Acesso em: 20 de out. 2023.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Projeto de Lei nº 434, 11 fev. 2021. Institui o Estatuto do Nascituro, que dispõe sobre a proteção integral do nascituro e dá outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados, 2021. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2270201>. Acesso em: 15 de out. 2023.

BRASIL. Lei nº 11.340, 7 ago. 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências.. Brasília: Presidência da República, [2006]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 22 de out. 2023.

BRITO, Aline. Internautas repercutem entrevista de Bolsonaro ao JN; veja os memes. Correio Braziliense, 22 ago. 2023. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/08/5031269-internautas-repercutem-entrevista-de-bolsonaro-ao-jn-veja-os-memes.html>. Acesso em: 21 de out. 2023.

CAMPAGNA, T. G., & KUTZKE, L. P. (2019). Mudanças na rotina profissional de mulheres jornalistas devido ao assédio sexual, verbal e moral. In: Paradoxos, Uberlândia, v. 4, n. 2, p. 38 a 52, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/par-v4n2-2019-50618> Acesso em: 8 de ago. 2022

CAPOANO, E, *et al.* (Ed.). Como se banca o jornalismo? Modelos, tendências e reflexões sobre financiamento de mídia. Atena Editora, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.22533/at.ed.285221602> Acesso em: 8 de ago. 2022

CASTRO, Julio Cesar Lemes. Plataformas algorítmicas e economia da desinformação. Revista Estudos em Jornalismo e Mídia (UFSC), 2022, v. 18. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/1984-6924.2021.e77485>> Acesso em 19 de fev. 2023.

CANO BUSQUETS, M. Violencia contra los periodistas: Configuración del fenómeno, metodologías y mecanismos de intervención de organizaciones internacionales de defensa de la libertad de expresión. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2019 (E-book-Kindle).

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *In*: ASHOKA Empreendedores Sociais; TAKANO Cidadania (org.). Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Tanako, 2003. p. 49-58.

CARVALHO, Denise. O legado do sistema colonial escravagista como base para o sistema capitalista no Brasil: A persistência do racismo no cotidiano da população negra. Cadernos CEMARX, v. 14, 2021.

CASSIMIRO, Paulo Henrique, LYNCH, Christian. O Populismo Reacionário: ascensão e legado do bolsonarismo. São Paulo, SP: Editora Contracorrente, 2022.

CAVALCANTE, Isabella. Vera sobre ataque de Bolsonaro: "não gosta de ser questionado por mulheres". UOL, 29 ago. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/08/29/vera-magalhaes-ataque-de-bolsonaro-o-prejudicou.htm>. Acesso em: 13 de out. 2023.

CHADE, Jamil. Brasil volta ao 6º lugar em investimentos no mundo, mas retomada é parcial. UOL, 9 jun. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2022/06/09/brasil-volta-ao-6-lugar-em-investimentos-no-mundo-mas-retomada-e-parcial.htm>. Acesso: 21 de out. 2023.

CIRILLO, SERRA e SOUZA. "Guerra às drogas no Brasil contemporâneo: proibicionismo, punitivismo e militarização da segurança", publicado na Revista Teoria e Cultura, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (UFJF) v. 15 jul. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/29332/21543> Acesso em: 12 de jan. 2023.

CNN, Brasil tem menor taxa de homicídios em dez anos, diz anuário. CNN, 29 jun. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil-tem-menor-taxa-de-homicidios-em-dez-anos-diz-anuario/>. Acesso em: 21 de out. 2023.

CRENSHAW, Kimberle. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color Author(s). Stanford Law Review, Vol. 43, nº 6, 1991.

D'ANDREA, Carlos. Cartografando controvérsias com as plataformas digitais: apontamentos teórico-metodológicos. *Galáxia* (PUCSP), v. 1, p. 28-39, 2018.

D'ANDREA, Carlos. Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos. Salvador, EDUFBA, 2020. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/32043>> Acesso em: 30 de abr. 2022.

D'ANDRÉA, Carlos; GOMES, Karina; MASSAROLO, João. Plataformização da Cultura #08: O que são os estudos de plataformas?. [Online], Youtube, Curso EAM UFSCar, 27 set. 2022. Disponível em: <https://youtu.be/1XNyy_Ljcwg>. Acesso em: 05 de mai. 2022.

DANIELS, Jessie. The algorithmic rise of the “alt-right”. *Contexts*, fev. 2018. V. 17, no. 1 (Epub).

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe* (1981). Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DORLIN, Elsa. *Autodefesa: Uma filosofia da violência*. São Paulo: Crocodilo/Ubu Editora., 2020.

ESTADAO. Brasil melhora em ranking de inovação, mas não por mérito próprio. O Estado de SP, 2 set. 2022. <https://www.estadao.com.br/economia/brasil-melhora-em-ranking-de-inovacao-mas-nao-por-merito-proprio/>. Acesso em: 21 de out. 2023.

ESTADAO. Ataques a jornalistas são constantes no Governo Bolsonaro, relembre os principais casos. O Estado de São Paulo, dez. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3XTbExZ> Acesso em: 12 de jan. 2023.

ESTADAO. Bolsonaro e o 'gabinete do ódio': entenda as investigações da PF. O Estado de São Paulo, 11 fev. 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/bolsonaro-e-o-gabinete-do-odio-entenda-as-investigacoes-da-pf/> Acesso em: 26 de out. 2023.

EXATANNEWS. Grupo terrorista FARC se solidariza com Lula, o que não é bem uma surpresa. *Jornal Livre*, 13 abr. 2018. Disponível em: <https://exatanews.com.br/grupo-terrorista-farc-se-solidariza-com-lula-o-que-nao-e-bem-uma-surpresa-712441>. Acesso em: 21 de out. 2023.

FALQUET, Jules. *Pax Neoliberalia: mulheres e a reorganização da violência neoliberal*. São Paulo: Sobinfluência Edições, 2022.

FEENBERG, Andrew. *What Is Philosophy of Technology? Lecture for the Komaba undergraduates*, 2003.

FENAJ. *Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil: Relatório 2023*. 1. ed. Brasília: Federação Nacional dos Jornalistas – FENAJ, jan 2023. 70 p. Disponível em:

<https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2023/01/FENAJ-Relat%C3%B3rio-2022.pdf>

Acesso em: 23 de set. 2023.

FENAJ. Código de Ética dos Jornalistas. Disponível em: <https://fenaj.org.br/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros/> Acesso em: 29 de nov. 2023.

FERNANDES, Anais. Itaú eleva PIB para 2% em 2022, mas alerta para desafio fiscal relevante. Valor Econômico, 8 jul. 2022. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2022/07/08/ita-eleva-pib-para-2-pontos-percentuais-em-2022-mas-alerta-para-desafio-fiscal-relevante.ghtml>. Acesso em: 21 de out. 2023.

FERREIRA, Flávio. Entenda por que Lula é inocente sem ter sido inocentado. Folha de SP, 15 jun. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/06/entenda-por-que-lula-e-inocente-sem-ter-sido-inocentado.shtml>. Acesso em: 21 de out. 2023.

FERRIER, Michelle. “Attacks and Harassment: The Impact on Female Journalists and Their Reporting”. International Women’s Media Foundation e TrollBusters, 2019. Disponível em: <https://www.iwmf.org/wp-content/uploads/2018/09/Attacks-and-Harassment.pdf>. Acesso em: 8 de ago. 2021

FLOW Podcast. BOLSONARO [PRESIDENTE DO BRASIL] - Flow #89. YouTube, 8 ago. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EToS1HBw64Q>. Acesso em: 21 de out. 2023.

FOUCAULT, Michel. Em Defesa da Sociedade. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. Estratégia, Poder-Saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do Saber. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2020.

FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. 24. ed. Rio de Janeiro: Editora Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. A Coragem da Verdade. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2014.

FOUCAULT, Michel. A história da sexualidade I: a vontade de saber. 11. ed. Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra, 2021.

GABRIEL, Ruan de Souza e LIBÓRIO, Bárbara. Bolsonaro faz do Twitter seu palanque virtual. O Globo, mai. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/bolsonaro-faz-do-twitter-seu-palanque-virtual-23572419>. Acesso em: 4 mai. 2022.

GALTUNG, Johan; RUGE, Mari. The Structure of Foreign News: The Presentation of the Congo, Cuba and Cyprus Crises in Four Norwegian Newspapers. *Journal of International Peace Research* 2: 64–90. 1965.

GALTUNG, Johan. Violência, paz e pesquisa para a paz (1969) in ORGANICOM, Ano 15, n.o 28, 1o sem. 2018. p. 36-53

GALTUNG, Johan. Contribución específica de la irenología al análisis de las causas de la violencia: la transdisciplinariedad. in *La violencia y sus causas*. UNESCO, Paris. 1981. p. 91-106

GALTUNG, Johan. *Journal of Peace Research*, Vol. 27, No. 3. Ago. 1990, p. 291-305.

GARCIA, Tyrza M. A análise do discurso francesa: uma introdução nada irônica. *Working Papers em Linguística: UFSC, São Carlos*, ed. 7, p. 121-140, 2003.

GAZETA do Povo. Ativista pelo aborto, Débora Diniz diz que Bolsonaro persegue pedófilos. *Gazeta do Povo*, 5 fev. 2021. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/breves/ativista-pelo-aborto-debora-diniz-acusa-bolsonaro-de-perseguido-a-pedofilos/>. Acesso em: 21 de out. 2023.

GILLESPIE, Tarleton. The relevance of algorithms. In: GILLESPIE, Tarleton; BOCZKOWSKI, P. J.; FOOT, Kirsten A. *Media technologies: essays on communication, materiality, and society*. Cambridge: The MIT Press, 2014, p. 167-193.

GILLESPIE, Tarleton. A Relevância dos Algoritmos. In: *Parágrafo*, v. 6, n. 1, p. 95-121, 2018.

GLOBO. Festa 'satânica' da UFF terá ato de apoio. *O GLOBO*, 2 jun. 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/festa-satanica-da-uff-tera-ato-de-apoio-12687369>. Acesso em: 21 de out. 2023.

GONÇALVES, Rafaela. Brasil gera mais vagas de empregos formais, mas salários estão menores. *Correio Braziliense*, 29 jun. 2022. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/economia/2022/06/5018710-brasil-gera-mais-vagas-de-empregos-formais-mas-salarios-estao-menores.html>. Acesso em: 21 de out. 2023.

GONZALEZ, Lélia. "Racismo e sexismo na cultura brasileira". In: SILVA, L. A. et al. *Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos*. Ciências Sociais Hoje, Brasília, ANPOCS n. 2, p. 223-244, 1983.

GONZALEZ, Lélia. A Categoria político-cultural da amefricanidade (1988). In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Pensamentos feministas: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 1-440.

GUAZINA, Liziane; LEITE, Gabriela e SANTOS, Ébida. A normalização da agenda anti-gênero de Jair Bolsonaro. Em *Sur le journalisme*, n. 1, p. 44-61, 2021. Disponível em: <<http://bit.ly/3R5DIS7>>. Acesso em: 12 de jan. 2023.

GUAZINA, Liziane *et al.* Respeita As Mina! Análise discursiva sobre os desdobramentos da crônica “A estagiária/O primeiro dia de trabalho de Melissinha” do Correio Braziliense. *Brazilian Journalism, Research*, v. 14, n. 1, 2018.

GUAZINA, Liziane. Populismos de direita e autoritarismos: apontamentos teóricos para estudos sobre a comunicação populista. In *Mediapolis: Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público*. n.º 12 – 2020.

GUIMARÃES, Arthur. A Intrincada Face do Marketing Político Digital: um estudo sobre o direcionamento de propagandas políticas por meio de plataformas digitais. Faculdade Casper Líbero. Disponível em: <https://static.casperlibero.edu.br/uploads/2022/08/Arthur-Guimara%CC%83es.pdf>. Acesso em: 26 de out. 2023.

HARCUP, Tony; O'NEILL, Deirdre. “What is News? Galtung and Ruge Revisited.” *Journalism Studies* 2 (2): 261–280. 2001.

HARCUP, Tony; O'NEILL, Deirdre. What is News? News values revisited (again). *Journalism Studies*, 18:12, 1470-1488, 2017. Disponível em: <<https://eprints.whiterose.ac.uk/95423/>> Acesso em: 19 de ago. 2023.

HOLLANDA, Heloísa Buarque. *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

INTERNETLAB; INCT.DD; INSTITUTO VERO; DFRLAB; AZMINA; VOLT DATA LAB. Como operações de influência entre plataformas são usadas para atacar jornalistas e enfraquecer democracias? São Paulo, 2022. Disponível em: https://internetlab.org.br/wp-content/uploads/2022/09/COMPLETO-Como-operacoes-de-influencia-entre-plataformas-sao-usadas-para-atacar-jornalistas-e-enfraquecer-democracias_4.pdf Acesso em: 9 de jul. 2023.

JORNAL NACIONAL. Jair Bolsonaro (PL) é entrevistado no Jornal Nacional; veja íntegra. G1, 22 ago. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/22/jair-bolsonaro-pl-e-entrevista-do-no-jornal-nacional.ghtml>. Acesso em: 21 de out. 2023.

JUSBRASIL. Caso “Xereca Satânica”: juiz decide que manifestação artística não é crime. Justificando, sem data. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/caso-xereca-satanica-juiz-decide-que-manifestacao-artistica-nao-e-crime/601941226>. Acesso em: 21 de out. 2023.

KALTWASSER, C. R.; MUDDE, Cas.. *Populism: a very short introduction*. Nova York, Oxford University Press, 2019 (Ebook Kindle).

LACLAU, E. (2005). *On populist reason*. Londres: Verso.

LACSKO, Madeleine. Quem convence mais indecisos, bolsominions ou lulafetivos? Confira. UOL, 7 out. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/madeleine-lacsko/2022/10/07/quem-convence-mais-indecisos-bolsominions-ou-luloafetivos-confira.htm>. Acesso em: 21 de out. 2023.

LACSKO, Madeleine. Fim do mistério: Madeleine Lacsko x Jair Bolsonaro. Gazeta do Povo, 27 nov. 2017. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/a-protagonista/fim-misterio-madeleine-lacsko-x-jair-bolsonaro/>. Acesso em: 21 de out. 2023.

LAGO, Felipe. Como explicar a resiliência de Bolsonaro? In: Linguagem da destruição: A democracia brasileira em crise (E-book Kindle). 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LANKES, Ana. Buenos Aires proíbe linguagem de gênero neutro em escolas. Folha de SP, 22 jul. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/07/buenos-aires-proibe-linguagem-de-genero-neutro-em-escolas-e-abre-batalha-com-ativistas.shtml>. Acesso em: 21 de out. 2023.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero (1987) in HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org). Pensamento Feminista - Conceitos Fundamentais. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2020. P. 121-155.

LELO, Thales. A feminização do jornalismo sob a ótica das desigualdades de gênero. Florianópolis: Revista Estudos Feministas, v. 27, n. 2, e54225, 2019.

LELO, Thales. A naturalização do assédio moral no jornalismo digital. Media & Jornalismo, 21(38), 207-221, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.14195/2183-5462_38_10 Acesso em: 23 de set. 2023.

LELO, Thales; CAMINHAS, Lorena. Desinformações sobre gênero e sexualidade e as disputas pelos limites da moralidade. Revista Matrizes, vol. 15, núm. 2, 2021, pp. 179-203 Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v15i2p179-203> Acesso em: 23 de set. 2023.

LIMA, Samuel e MICK, Jacques, *et al* (Coord.) Perfil do jornalista brasileiro 2021: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho. 1. ed. Florianópolis: Quorum Comunicações, 2022. Disponível em: <https://perfildojornalista.paginas.ufsc.br/files/2022/06/RelatorioPesquisaPerfilJornalistas2022x2.pdf> Acesso em: 10 de jul. 2023.

LINDBERG, Staffan *et al*. Autocratization Turns Viral. Democracy Report 2021. University of Gothenburg: V-Dem Institute. Disponível em: https://www.v-dem.net/documents/12/dr_2021.pdf. Acesso em: 26 de out. 2023.

LIPPELT, Vanessa. Acesso negado a informações sobre a presidência por sigilo aumentou 663,08%. Congresso em Foco, 14 abr. 2022. Disponível em: <<https://bit.ly/3XFWht5>>. Acesso em: 12 de jan. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MACHADO, Liliane Maria Macedo e MORAES, Ângela Teixeira de. Comunicação e discursividade: teoria e dispositivos analíticos da AD. Goiânia: Editora FAC/UnB, Kelps, 2019.

MAINGUENEAU, Dominique. Novas tendências em análise do discurso. 3ª ed. Campinas, SP: Editora Pontes, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. Análise de Textos de Comunicação. 2ª ed. São Paulo, SP: Editora Cortez, 2002.

MANSSEL, Eduardo e PERAZZINI, Vinícius. Ideia de Bussunda, Tabajara FC deixou sátiras atuais até hoje. Terra, 17 jul. 2016. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/lance/ideia-de-bussunda-tabajara-fc-deixou-satira-s-atuais-ate-hoje,4d3a954600fda073e0c42f5230361b57rsk9gob2.html>. Acesso em: 21 de out. 2023.

MARTINEZ, Monica.; LAGO, Cláudia.; LAGO, Mara. C. de S. Estudos de gênero na pesquisa em jornalismo no Brasil: uma tênue relação. Revista FAMECOS, v. 23, n. 2, 2016.

MATOGROSSO, Ney. Homem Com H (Ao Vivo). YouTube, 1 nov. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Kw-6mm6Uu7c>. Acesso em: 21 de out. 2023.

MELLO, Patrícia Campos. Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp. Folha de SP, out. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contr-a-o-pt-pelo-whatsapp.shtml> Acesso em: 23 de set. 2023.

MELLO, Patrícia Campos, e RODRIGUES, Artur. Fraude com CPF viabilizou disparo de mensagens de WhatsApp na eleição. Folha de SP, dez. de 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/12/fraude-com-cpf-viabilizou-disparo-de-mensagens-de-whatsapp-na-eleicao.shtml> Acesso em: 23 de set. 2023.

MELLO, Patrícia Campos. A máquina do ódio: Notas de uma repórter sobre fake news e violência digital. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MENDONÇA, Ana. Bolsonaro sobre inflação: 'Ninguém vai usar caneta BIC para tabelar nada'. Estado de Minas, 8 set. 2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/09/08/interna_politica,1183494/bolsonaro-x-inflacao-ninguem-vai-usar-caneta-bic-para-tabelar-nada.shtml. Acesso em: 21 de out. 2023.

MENDONÇA, Heloísa. *Queermuseu*: O dia em que a intolerância pegou uma exposição para Cristo. El País, 13 set. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425_555164.html. Acesso em: 29 de nov. 2023.

MITOZO, Izabele. et al. Como os media incorporam declarações de atores políticos nas redes? Uma análise do enquadramento dos tweets de Jair Bolsonaro pelo jornalismo impresso brasileiro. In: *Brazilian Journalism Research*, vol. 16 - n. 1, 2020.

MONTARGIL, G. da S. e REMENCHE, M. de L. R. Construindo sombras com “ideologia de gênero”: deslizamentos discursivos no Twitter de atores políticos da Nova Direita. *Intexto*, Porto Alegre, UFRGS, n. 55, e -124033, 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/124033> Acesso em: 24 de jan. 2023.

MOROZOV, Evgevy. *Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política*. São Paulo, SP: Ubu Editora, 2018.

MOUFFE, Chantal. *Por um populismo de esquerda*. 2020, São Paulo: Editora Autonomia Literária (Ebook Kindle).

MUDDE, Cas. *A extrema direita hoje*. 1 ed., Rio de Janeiro: EDUERJ, 2022, 212 p.

NAIME, Laura e SILVEIRA, Daniel. Desemprego recua para 9,3% em junho, mas número de informais é recorde, aponta IBGE. *G1*, 29 jul. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/07/29/desemprego-recua-para-93percent-em-junho-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: 21 de out. 2023.

NATALE, Simone. *Inteligência Artificial, Comunicação e Enganação*. *Fronteiras*, v. 23, n. 3, 2021, p. 2-15.

NEWMAN, Nic. Overview and key findings of the 2023 Digital News Report. Reuters Institute for the Study of Journalism, 2023. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2023/dnr-executive-summary> Acesso em: 19 de ago. 2023.

NORRIS, P.; INGLEHART, R. *Cultural backlash: Trump, Brexit and Authoritarian Populism*. 2019, Cambridge: Cambridge University Press.

O'CONNOR, T (2020). A Typology of Violence. Mapping structural and cultural violence. Disponível em <<https://medium.com/skilluped/a-typology-of-violence-6abc98247355>>. Acesso em: 9 de jul. 2023.

O ESTADO DE SÃO PAULO. Ataques a jornalistas são constantes no Governo Bolsonaro, relembre os principais casos. *O Estado de São Paulo*, dez. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3XTbExZ> Acesso em: 12 de jan. 2023.

OLIVEIRA, Clarissa. PIB cresce, mas não alivia perspectivas para Bolsonaro. *VEJA*, 2 jul. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/clarissa-oliveira/pib-cresce-mas-nao-alivia-perspectivas-para-bolsonaro>. Acesso em: 21 de out. 2023.

OLIVEIRA, Elida. Brasil melhora acesso à escola, mas ainda precisa superar desigualdade, aponta OCDE. G1, 30 jun. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/06/30/brasil-melhora-acesso-a-escola-mas-ainda-precisa-superar-desigualdade-aponta-ocde.ghtml>. Acesso em: 21 de out. 2023.

OLIVEIRA, Fabiana. Triangulação metodológica e abordagem multimétodo na pesquisa sociológica: vantagens e desafios. Revista Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, Vol. 51, N. 2, p. 133-143, mai/ago 2015.

ORLANDI, Eni. Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni. As formas do silêncio: No movimento dos sentidos. 6ª ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2018.

OTT, Brian L. The age of Twitter: Donald J. Trump and the politics of debasement. In: Critical Studies in Media Communication, 2017, 34:1, p. 59-68.

PAGOTO, Lia Gabriela; LONGHI, Raquel. Plataformização, tecnopopulismo e desintermediação das fontes em ataques ao jornalismo no Instagram. Revista Latinoamericana de Comunicación, Quito, ed. 147, p. 181-200, 2021. Disponível em: <http://bit.ly/3R5d1Y7>. Acesso em: 12 de jan. 2023.

PASQUALE, Frank A., The Automated Public Sphere (November 8, 2017). U of Maryland Legal Studies Research Paper No. 2017-31, Disponível em: <<https://ssrn.com/abstract=3067552>>. Acesso em: 13 de fev. 2023.

PASSOS, Paulo; SOPRANA, Paula e WIZIACK, Julio. Como a Jovem Pan virou a voz do bolsonarismo. Folha de SP, 17 set. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/como-a-jovem-pan-virou-a-voz-do-bolsonarismo.shtml>. Acesso em: 21 de out. 2023.

PATEMAN, Carole. O Contrato Sexual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

PAULINO, Fernando; WAISBORD, Silvio. Las narrativas del populismo reaccionario: Bolsonaro en Twitter durante la pandemia. Mediapolis: Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público, Coimbra, v. 1, ed. 12, p. 33-48, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3XEixUm>> Acesso em: 16 de jul. 2022.

PENA, Felipe. Teoria do Jornalismo. 2ª ed. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2008.

PODER 360. Assista aos 2 vídeos com Bolsonaro imitando ter falta de ar. Poder360, 23 ago. 22. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/eleicoes/assista-aos-2-videos-com-bolsonaro-imitando-ter-falta-de-ar/>. Acesso em: 21 de out. 2023.

PODER 360. Veja fotos e vídeos da Convenção do PL de Bolsonaro no Rio. Poder360, 24 jul. 2022. Disponível em:

<https://www.poder360.com.br/governo/veja-fotos-e-ideos-da-convencao-do-pl-de-bolsonaro-no-rio/>. Acesso em: 21 de out. 2023.

POSETTI, Julie. *et al.* The Chilling: Global trends in online violence against women journalists. International Center for Journalists (ICFJ) e Unesco, abr. 2021. Disponível em: <https://en.unesco.org/sites/default/files/the-chilling.pdf> Acesso em: 8 de ago. 2021.

POSETTI, Julie *et al.* The Chilling: Global trends in online violence against women journalists. International Center for Journalists (ICFJ) e Unesco, abr. 2022. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000383788> Acesso em: 23 de set. 2023.

PT. Secretaria LGBT do PT repudia cancelamento da mostra Queermuseu. PT, 13 set. 2017. Disponível em: <https://pt.org.br/secretaria-lgbt-do-pt-repudia-cancelamento-da-mostra-queermuseu/>. Acesso em: 21 de out. 2023.

RAMOS, Daniela e SAAD, Elizabeth. Jornalistas, assédios e violências nos ambientes digital e físico: o cenário brasileiro. in Estudos em Jornalismo e Mídia v. 19, n. 2, jul./dez. 2022. p. 37-47

RAMOS, Daniela e SAAD, Elizabeth. A violência cultural contra jornalistas no Brasil: uma proposta de tipologia e análise do período 2020-2021. in 31o Encontro Anual da COMPÓS, Universidade Federal do Maranhão. Imperatriz - MA. 06 a 10 de junho de 2022.

RAMOS, Marcella. Muito gasto para pouca curtida. Piauí, 31 ago. 2018. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/muito-gasto-para-pouca-curtida/>. Acesso em: 26 de out. 2023.

RECUERO, Raquel; GRUZD, Anatoliy. Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no Twitter. Revista Galaxia. São Paulo, online, n. 41, mai-ago., 2019, p. 31-47. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542019239035>. Acesso em: 30 de jun. 2022.

RECUERO, Raquel; SOARES, Felipe. O Discurso Desinformativo sobre a Cura do COVID-19 no Twitter: Estudo de caso. Revista E-Compós, 24, 2021. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2127>. Acesso em: 30 de abr. 2022.

RECUERO, Raquel; SOARES, Felipe; ZAGO, Gabriela. Polarização, hiperpartidarismo e câmaras de eco: como circula a desinformação sobre COVID-19 no Twitter. Contracampo, Niterói, v. 40, n. 1, 2021.

RIBEIRO, Andrei. Bolsonaro no JN: vídeo sobre falta de ar volta a circular. Folha de SP, 23 ago. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/blogs/hashtag/2022/08/bolsonaro-imitou-pessoas-com-falta-de-ar-ao-contrario-do-que-disse-no-jn-assista.shtml>. Acesso em: 12 de out. 2023.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017.

RIOS, Aline; BRONOSKY, Marcelo. Violência contra jornalistas, ameaça à sociedade. Mosaico, v. 11, n. 17, p. 86 a 103, 2020.

ROSADO, Cid; SILVA, Marluce. "O furo a qualquer preço": Práticas discursivas de poder e resistência ante atitudes machistas em cenário de democracia frágil". In: Dossiê Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas: Unicamp, n(59.3): 2050-2070, set./dez. 2020.

RUDNITZKI, Ethel. Bolsonaro e apoiadores postam sobre PT e PCC após Moraes proibir associação sem provas. Terra, 19 jul. 2022. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/bolsonaro-e-apoiadores-postam-sobre-pt-e-pcc-apos-moraes-proibir-associacao-sem-provas,b00ae7409fa6d038c2534560863bcf8akw4ssowu.html>. Acesso em: 21 de out. 2023.

SAFFIOTI, Heleieth I. B.; ALMEIDA, Suely Souza. Violência de gênero: poder e impotência. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revinter, 1995.

SAFFIOTI, Heleieth. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. In Dossiê: Feminismo em Questão, Questões do Feminismo. Cadernos Pagu, v. 16, 2001, p. 115-136. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332001000100007>. Acesso em: 21 de out. 2023.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Gênero, patriarcado, violência. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTANA, Jamile. Mulheres jornalistas recebem mais que o dobro de ofensas que colegas homens no Twitter. Revista AzMina, 23 nov. 2021. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/mulheres-jornalistas-recebem-mais-que-o-dobro-de-ofensas-que-colegas-homens-no-twitter/> Acesso em: 12 de jan. 2023

SANTOS, Nina. Invisibilização como estratégia: Como a desinformação pode se esconder nos caminhos tecnológicos? In: OLIVEIRA, Carlos A. A. de; MENEZES, Heloísa R. G. de (Ed.). Fundação Dom Cabral, 2021. Disponível em: <http://bit.ly/3jMUBzu> Acesso em: 05 de mai. 2022.

SCARDOVELLI, Eliane. Em Guarulhos, fiscais da prefeitura multam comerciantes que desrespeitam restrições. Globo, 14 mai. 2022. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9434363/> Acesso em: 21 de out. 2023.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil para análise histórica (1986) in HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org). Pensamento Feminista - Conceitos Fundamentais. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2019. p. 49-82.

SCHUMAHER, Schuma e CEVA, Antonio. Mulheres no poder: trajetórias na política a partir da luta das sufragistas no Brasil. 1 ed. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015, 512 p.

SCHNEIDER, Victor. Leia e assista ao discurso de Bolsonaro na convenção do PL. Poder360, 24 jul. 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/eleicoes/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-no-m-aranazinho/>. Acesso em: 21 de out. 2023.

SCHREIBER, Mariana. Com carga tributária recorde, Bolsonaro usa corte de impostos como trunfo eleitoral. BBC Brasil, 20 jul. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62187160>. Acesso em: 21 de out. 2023.

SCHREIBER, Mariana. Eleições 2022: as metamorfoses de Moro, de acusador de Bolsonaro a retorno como aliado. BBC Brasil, 6 out. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63153126>. Acesso em: 21 de out. 2023.

SENRA, Ricardo. Imbrochável? 'Discurso hipersexualizado de Bolsonaro é típico da masculinidade frágil', diz psicanalista. BBC Brasil, 7 set. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62795997>. Acesso em: 21 de out. 2023.

SILVA, Sivaldo. Democracia, Inteligência Artificial e desafios regulatórios: direitos, dilemas e poder em sociedades datificadas. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação da Câmara dos Deputados, v. 13, p. 226-248, 2020.

SIMÃO, Edna e VÁZQUEZ, Raquel. Emprego surpreende em maio, mas dúvidas persistem. Valor Econômico, 29 jun. 2022. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2022/06/29/emprego-surpreende-em-maio-mas-duvidas-persistem.ghtml>. Acesso em: 21 de out. 2023.

SINDERSKI, Rafaela. Ataques misóginos a mulheres jornalistas triplica no período pós-eleição. ABRAJI - dez. 2022. Disponível em: <https://abraji.org.br/noticias/ataques-misoginos-a-mulheres-jornalistas-triplica-no-periodo-pos-eleicao> Acesso em: 10 de jul. 2023.

STABILE, Arthur. Número de brasileiros com autorização para ter arma aumenta 7 vezes durante mandato de Bolsonaro. G1, 22 jan. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/01/22/numero-de-brasileiros-com-autorizacao-para-ter-arma-aumenta-7-vezes-durante-mandato-de-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 21 de out. 2023.

STARLING, Heloisa Murgel. Brasil, país do passado. In: Linguagem da destruição: A democracia brasileira em crise (E-book Kindle). 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

TRAQUINA, Néelson. Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística - uma comunidade interpretativa e transnacional. Vol. II. Florianópolis: Insular, 2005.

TRINDADE, Valério Luiz. Discurso de ódio nas redes sociais. São Paulo: Editora Jundiáira, 2022.

TSE. 100% das seções totalizadas: confira como ficou o quadro eleitoral após o 1º turno. TSE, 4 out. 2022. Disponível em:

<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Outubro/100-das-secoes-totalizadas-confirma-como-ficou-o-quadro-eleitoral-apos-o-1o-turno>. Acesso em: 21 de out. 2023.

UOL. Bolsonaro dribla polêmicas no "JN" e leva bronca de Renata Vasconcellos. UOL, 28 ago. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/08/28/bolsonaro-dribla-polemicas-no-jn-e-leva-bronca-de-renata-vasconcellos.htm>. Acesso em: 21 de out. 2023.

UOL. Bolsonaro ironiza uso de linguagem neutra na Argentina: 'Agora há pobreza'. UOL, 3 ago. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/08/03/bolsonaro-ironiza-uso-de-linguagem-neutra-na-argentina-agora-ha-pobreze.htm>. Acesso em: 21 de out. 2023.

URIBE, Gustavo. Bolsonaro insulta repórter da Folha com insinuação sexual. Folha de SP, fev. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/02/bolsonaro-insulta-reporter-da-folha-com-insinuacao-sexual.shtml> Acesso: 23 de set. 2023.

VALE, Sérgio. A economia parece melhorar, mas e o ano que vem?. CNN, 14 jul. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/a-economia-parece-melhorar-mas-e-o-ano-que-vem/>. Acesso em: 21 de out. 2023.

VALENTE, Mariana. Misoginia na Internet: uma década de disputa por direitos. 1ª edição. São Paulo: Editora Fósforo, 2023.

VERGÉS, Françoise. Um feminismo decolonial. São Paulo: UBU Editora, 2020.

VERGÉS, Françoise. Uma teoria feminista da violência: Por uma política antirracista da proteção. São Paulo: UBU Editora, 2021.

WIEVIORKA, Michel. O novo paradigma da violência. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 9 (1): 5-41, mai. 1997.

WILLIAMS, Zoe. Totalitarianism in the age of Trump: lessons from Hannah Arendt. The Guardian, fev. 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2017/feb/01/totalitarianism-in-age-donald-trump-lessons-from-hannah-arendt-protests> Acesso em: 23 de set. 2023.

WOLF, Mauro. Teorias da Comunicação. Lisboa: Editorial Presença, 1995.

LISTAS DE TUÍTES CITADOS

BOLSONARO, Jair. Rebater matérias enviesadas não é atacar a imprensa, é se defender. Atacá-la é controlar, prender e censurar como uns fazem e outros desejam. Se crítica for ataque, alguns jornalistas fazem pior, pois mentem, inventam e distorcem informações para manipular e enganar as pessoas. 11, jun., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1535723406364233728>. Acesso em: 25 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Nossa linda bandeira verde e amarela, que representa, acima de tudo, a soberania e os valores de nosso povo, não foi tomada por "um lado", ela foi RESGATADA. Nós lutamos durante todos esses anos para reviver o amor pelo Brasil, enquanto o "outro lado" seguia destrudindo-o. 15, jul., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1547919592277782528>. Acesso em: 25 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Atualizações deste sábado realizadas em nosso canal no Telegram: <https://t.me/jairbolsonarobrasil>. 16, jul., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1548328240837644289>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. 30/03/2020. 18, jul., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1549017769987002369>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Lider da facção criminosa [irraaa] reclama de Jair Bolsonaro e revela que com o Partido dos [irruuu] o diálogo com o crime organizado era "cabuloso". 19, jul., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1549377781418655747>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Em 2018, o apontado de Lula venceu disparado nos presídios; Em 2019, um líder do PCC reclamou de nossa postura para com o grupo e disse que com o PE o diálogo era bem melhor. Não sou eu, mas o próprio crime organizado que demonstra tê-lo como aliado e a mim como inimigo. 20, jul., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1549791459636813824>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Para mais informações sobre o assunto acesse nosso Telegram: <https://t.me/jairbolsonarobrasil>. 20, jul., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1549698992228941825>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Somos um só povo, uma só nação. Entre nós não há essa ou aquela cor; não há esse ou aquele sexo; não há essa ou aquela classe social. Entre nós há brasileiros, que temem a Deus, que defendem a nossa Pátria amada chamada Brasil, que respeitam a família e que amam a liberdade!. 26, jul., 2022.

Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1552095192035086336>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Saiba mais informações sobre este e outros assuntos em nosso canal no Telegram: <https://t.me/jairbolsonaro>. 26, jul., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1551872328161759233>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Atualização diária realizada com mais informações em nosso canal no Telegram: <https://t.me/jairbolsonaro>. 30, jul., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1553514506361397248>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Lamento a oficialização do uso da "linguagem neutra" pela Argentina. No que isso ajuda o seu povo? A única mudança provocada é que agora há "desabastecimento", "pobreze" e "desempregue". Que Deus proteja os nossos irmãos argentinos e os ajude a sair dessa difícil situação. 2, ago., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1554650786260475906>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Com saudades do ladrão e disposta a jogar fora a sua própria liberdade em troca do que todos sabem, parte da imprensa tornou-se incapaz de divulgar avanços do Brasil sem minimizá-los. Apesar dessa lamentável postura, seguiremos defendendo a sua liberdade e independência. 3, ago., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1554805448758419459>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Soube que o PT agora reza o Pai Nosso e usa bandeiras do Brasil em seus eventos. É um bom começo. Só falta parar de defender aborto, drogas, ideologia de gênero, desencarceramento, controle da mídia/internet, ladrões de celular, financiamento de ditaduras e diálogos cabulosos. 4, ago., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1555376931058622464>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Ministro Paulo Guedes: Não prestem atenção em narrativas, prestem atenção nos fatos!. 4, ago., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1555132582651731968>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Informações atualizadas em nosso GETTR: <https://gettr.com/user/jairbolsonaro>. 6, ago., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1556090146633781249>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Após registrarmos a maior queda de preços em quase MEIO SÉCULO no país, os que me atacavam por conta da inflação gerada pelo fecha tudo e pela guerra agora alertam para o risco de baixarmos o índice. Não adianta, se zerássemos os assaltos, lamentariam o desemprego dos bandidos. 9, ago., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1557043209334816770>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. "Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá" - Êxodo 20:12 - Cada pai continua vivendo um pouco em seu filho. - Sr. Percy Geraldo Bolsonaro, meu pai e meu herói. - Feliz Dia dos Pais a todos! 14, ago., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1558988652193218566>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. É preciso estar atento. A partir de hoje, mais do que nunca, os que amam o vermelho passarão a usar verde e a amarelo, os que perseguiram e defenderam fechar igrejas se julgarão grandes cristãos, os que apoiam e louvam ditaduras socialistas se dirão defensores da democracia. 16, ago., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1559550050296004611>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Visita ao Parque Tecnológico de São José dos Campos/SP e cidade. (18/08/2022). 18, ago., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1560289705987641344>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. 19, ago., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1560589356548636672>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Se eu pedir que as pessoas bebam água regularmente. 19, ago., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1560801455199625218>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Não adianta. Se zerarmos os homicídios - que em nosso Governo já foram reduzidos ao menor índice em mais de uma década - parte da mídia reclamará do prejuízo causado à Associação dos Assassinos e Matadores de Aluguel. 19, ago., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1560705408389578752>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Capitão @tarcisiogdf, um dos maiores Ministros da Infraestrutura que o Brasil já teve, destrói narrativas e mostra o que o Governo Federal fez por São Paulo. 20, ago., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1561009135646392320>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Foi uma enorme satisfação participar do pronunciamento de William Bonner Kkkkk. Na medida do possível, com muita humildade, pudemos esclarecer e levar algumas informações que raramente são noticiadas em sua emissora. Pela paciência e audiência, o meu muito obrigado a todos!. 22, ago., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1561886323870400515>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Na ocasião em que Renata diz que sumilei falta de ar por deboche, eu estava DENUNCIANDO o "Protocolo Mandetta", que só recomendava ir ao hospital após sentir falta de ar. Foi justamente o contrário: EU DEFENDI ESSAS PESSOAS. Quem mandou ficar em casa é que desprezou suas vidas!. 22, ago., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1561899185175232516>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Bastidores Rede Globo. Boa noite a todos! 23, ago., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1561921419147186177>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Por incrível que pareça, existem pessoas que acham mais constrangedor palavras descontextualizadas do que apoiar um sujeito que estava preso por promover o maior esquema de corrupção de nossa história e que, junto com sua indicada, quebrou o BR sem pandemia e sem guerra. 24, ago., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1562628800172916736>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Existem aqueles que vivem de aparências e aqueles que são imperfeitos, mas que buscam fazer o que é certo e justo. Palavras bonitas agradam. Palavras sinceras edificam. Boa noite a todos! 26, ago., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1563328742423793665>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Obrigado também aos que acompanharam nossa ida à Academia Ironberg em São Caetano do Sul. Oportunidade de aprendizado sobre o mundo gigantesco do fisiculturismo e a importância do esporte para a vida e saúde das pessoas. Parabéns Dr. Muzy e Renato Cariani pelo grande trabalho! 26, ago., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1563304345768054785>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Mais um recorde de audiência, dessa vez no Programa Pânico. Foram quase 3 horas de entrevista, abordando os mais variados temas. Obrigado a todos pelo apoio e consideração! 26, ago., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1563303611945615360>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Ninguém deveria estar surpreso. Na verdade, compreendo perfeitamente a Globo tratar melhor aqueles que estão dispostos a pagar mais. Eles são a esperança de dias melhores para a emissora. Nada mais coerente do que pegar mais leve. Estranho seria comigo, que fechei a torneira. 26, ago., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1563163850727251968>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Festa do Peão de Boiadeiro, 26/08/2022. - MUITO OBRIGADO BARRETOS! 27, ago., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1563367721416683527>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Tabajara Futebol Clube diz por que não quer Neymar em seu time. 1, set., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1565517028206813186>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Agora há pouco. Acompanhando a sabatina realizada hoje, na Rede TV. Parabéns Lacombe e Erica Reis pelo profissionalismo!. 1, set., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1565499520615677953>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Somos a favor da vida desde a concepção. Somos contra a escravidão da droga. Defendemos a inocência das crianças nas salas de aula, que o filho do seu João e da dona Maria aprenda português, matemática, física, biologia, e não a ser um militante de esquerda. Boa noite a todos!. 1, set., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1565509466828800006>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Brasil crescendo acima das expectativas e superando países do G7 (OCDE). Inflação menor que EUA e Alemanha (IPCA). Desemprego caindo (Caged). Investimentos em alta (Banco Central). Violência em queda (estados/DF). São fatos! Contra fatos não há argumentos. Que comece o "mas"! 1, set., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1565444821434728448>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Igualdade é tratar a todos sem distinções, partindo do princípio de que ninguém é inferior ou superior a ponto de ser imune a críticas. Quando se usa da condição biológica como escudo para ser desrespeitoso e se blindar de resposta à altura, a igualdade dá lugar ao oportunismo. 2, set., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1565816488015151106>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Hoje, mais do que nunca, pudemos assistir e sentir o despertar do patriotismo e do profundo amor pelo Brasil. As ruas foram tomadas pelas cores

de nossa linda bandeira e nosso glorioso hino nacional foi cantado por milhões de homens e mulheres, de todas idades, classes e cores. 7, set., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1567644559202566144>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. - Obrigado?!. 8, set., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1567729791800836096>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Quando se coloca junto as cenas que predominaram no último 7 de setembro, mais forçado se mostra o tom apocalíptico e dramático adotado pela rede Globo para causar medo e manipular as pessoas. O que deveria ser um jornalismo sério e imparcial se tornou uma linha auxiliar do PT. 10, set., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1568678055710806017>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. É comum um jovem, por inexperiência ou influência, confundir liberdade com um mundo sem regras e acabar se rebelando contra os próprios pais. Sei disso porque também já fui um. Porém, fiquei do lado deles, pois percebi que eram os únicos capazes de dar a própria vida por mim. 13, set., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1569525523185020929>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. A globo não vai te mostra por livre e espontânea vontade, mas teve que deixar revelarmos! 30, set., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1576013860347138048>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. É compreensível a Rede Globo torcer e trabalhar pela volta do Ladrão. Quem é roubado é o povo, não ela, e quem fatura é ela, não o povo. Comigo, gastos com publicidade nesses veículos, que chegavam a bilhões, caíram drasticamente! A preocupação não é com democracia, é com \$\$\$\$. 30, set., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1576021661039534080>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. O que está em jogo são caminhos claramente opostos e muito bem definidos. De um lado, o socialismo, a liberação do aborto, a vitimização de bandidos, a legalização das drogas, a relativização do crime, a demonização de policiais, a corrupção sistêmica e a destruição da família. 2, out., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1576407738149933061>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Contra tudo e contra todos, tivemos no 1º turno de 2022 uma votação mais expressiva do que aquela que tivemos em 2018. Foram quase 2 milhões de votos a mais! Também elegemos as maiores bancadas da Câmara e do

Senado, o que era a nossa maior prioridade neste primeiro momento. 3, out., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1576802087693824000>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Sempre existirá alguém que não gosta de você ou que você não gosta, é impossível agradar a todos. Agora, quando se trata de decidir os rumos de uma nação, é preciso ir além dessas questões. A disputa não é entre palavras duras e palavras doces, é entre caminhos bem distintos. 4, out., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1577442046322802689>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Matéria de vocês, ó. 5, out., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1577855873455644672>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. - Maior redução e menor índice de homicídios de toda a série histórica - Política contínua de redução e zeramento de impostos - Redução de estupros - Inflação menor que EUA e Reino Unido - Menor índice de desemprego desde a recessão causada pelo PT em 2015 (com pandemia e guerra). 7, out., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1578482105075781633>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Capitão @tarcisiogdf restabelece a verdade. 11, out., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1579772129720967168>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Assim como em anos anteriores, fui hoje à Aparecida celebrar o dia de Nossa Senhora Aparecida, data especial para a fé de muitos brasileiros e profundamente marcante para nossa nação. Que Deus siga nos dando força para lutar pelos valores da Virgem e de seu filho Jesus Cristo. 12, out., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1580382691572477955>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Meninas venezuelanas: compartilhe e restabeleça a verdade!. 16, out., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1581651114734542849>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Mantenham o foco e continuem empenhados em esclarecer a verdade sobre os valores que defendemos àquelas pessoas que estão dispostas a ouvir e entender! É natural que a gritaria do lado de lá aumente e que os ataques se tornem ainda mais baixos. Estão ficando sem alternativas. 16, out., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1581495797828681728>. Acesso em: 21 de out. 2023.

out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Verdades sobre o petróleo, o maior esquema de corrupção da história. 18, out., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1582465847159058433>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Fake News se combate com a verdade! Quando um veículo realiza um trabalho sério, com um jornalismo de qualidade, ele ganha credibilidade perante o público. Logo, cada vez mais, a mentira perde espaço. É assim que se constrói um ambiente saudável e ao mesmo tempo livre! 21, out., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1583645320801505280>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. No Brasil que estamos construindo não há divisão entre essa ou aquela cor, esse ou aquele sexo, essa ou aquela classe, existem brasileiros que amam e querem o melhor para o seu país. Sempre trabalharemos pelo bem estar, pela segurança e pela liberdade de TODOS OS BRASILEIROS!. 23, out., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1584367345656827905>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Implementar uma Política Nacional de Fortalecimento dos Laços Familiares, um conjunto de medidas e diretrizes que visam incentivar a criação e preservação das famílias, que são a base da sociedade. 29, out., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1586481706739154946>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. É preciso reconhecer que eles estão se esforçando. Ainda dá tempo de explicarem também como Lula é contra o aborto sendo a favor... 29, out., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1586314469323448320>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. Muito brigado a você que nos acompanhou até essa hora! Pudemos restabelecer a verdade dos fatos sobre o que de bom fez o nosso Governo e acabar com o terrorismo eleitoral do PT. Ficou claro quem é o pai da mentira, segundo o próprio. 29, out., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1586200156047028224>. Acesso em: 21 de out. 2023.

BOLSONARO, Jair. É preciso compreender aqueles que ainda não decidiram e lhes oferecer segurança para que façam a melhor escolha para o futuro da nossa nação. Mais do que promessas vazias e abstratas, o Brasil precisa de um caminho sólido, pautado em ações concretas e, sobretudo, em princípios. 29, out., 2022. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1586481694294835200>. Acesso em: 21 de out. 2023.

FARIA, Fábio repostado por BOLSONARO, Jair. FATO RELEVANTE: A diferença de tratamento nas entrevistas do JN. Importante assistir!. 22, ago, 2022. Twitter: @fabiofaria *apud* @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1562484115995504640>. Acesso em: 21 de out. 2023.

LACSKO, Madeleine. Bom dia, luloafetivos!!! Conseguem me dar razões para votar em LULA que não sejam: - Quanto Bolsonaro é ruim - Personalidade do Lula - Sua avaliação pessoal dos governos Lula É para o meu TCC. Valendooooo. 7, out., 2022. Twitter: @madeleinelacsko. Disponível em: <https://twitter.com/madeleinelacsko/status/1578294392837709824>. Acesso em: 21 de out. 2023.

LACSKO, Madeleine. Bom dia, bolsomínions!!! Conseguem me dar razões para votar em BOLSONARO que não sejam: - Quanto Lula é ruim - Personalidade do Bolsonaro - Sua avaliação pessoal do governo Bolsonaro É para o meu TCC. Valendooooo. 7, out., 2022. Twitter: @madeleinelacsko. Disponível em: <https://twitter.com/madeleinelacsko/status/1578294127862509568>. Acesso em: 21 de out. 2023.

PRIOLI, Gabriela. Ontem, o Presidente da República publicou no seu Instagram uma materia sobre mim fazendo piada. Sentiu, Bolsonaro? Sabemos o propósito: direcionar a sua militância para um ataque. A convocação atinge, no meu caso, uma mulher grávida de seis meses de uma menina. 2, set, 2022. Twitter: @GabrielaPrioli. Disponível em: <https://twitter.com/GabrielaPrioli/status/1565699129682132992>. Acesso em: 21 de out. 2023.

VEJA. Coluna [#VEJAGente](#) | Gabriela Prioli diz por que não quer Bolsonaro em seu programa na CNN. 29, ago., 2022. Twitter: @VEJA. Disponível em: <https://twitter.com/VEJA/status/1564944590364295168>. Acesso em: 21 de out. 2023.